



# Quando Ele entra no meu bar

Autora best-seller do *New York Times*

LAUREN BLAKELY

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

A close-up photograph of a man with light brown hair, smiling and looking towards the camera. He has several tattoos on his right shoulder and upper arm, including a large one with horizontal stripes. He is wearing multiple rings on his fingers. The background is bright and out of focus.

# Quando Ele entra no meu bar

Autora best-seller do *New York Times*

LAUREN BLAKELY

# Quando Ele entra no meu bar

LAUREN BLAKELY

TRADUÇÃO:  
**SARA LEMOS**

1ª EDIÇÃO – 2022  
RIO DE JANEIRO

**ALLBOOK**  
EDITORA

*Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.*

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**CIP - BRASIL. Catalogação na Publicação**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**  
**Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643**

---

B568q

Blakely, Lauren

Quando ele entra no meu bar [recuso eletrônico] / Lauren Blakely ;  
tradução Sara Lemos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2022.

Tradução de: A guy walks into my bar

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-86624-97-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Lemos, Sara. II. Título.

22-78923

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA  
contato@allbookeditora.com  
[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)

**Este livro é dedicado às mulheres que insistiram nesta história. Se não fosse por Kim você-me-avisou B, assim como Kara, Kim L, Kelley, Jen, KP, Candi, Viviana, Helen e tantas outras, essa história não existiria. Vocês me entendem e eu amo todas vocês.**

**E, claro, a Laurelin, por tudo. Eu me recuso a fazer isso sem você.**

**Para os leitores e ouvintes, vocês poderão perceber ao vivenciarem esta história que Dean e Fitz vivem em um mundo com zero homofobia. Isso é intencional e esse é o meu desejo para todos. Ter histórias de amor épicas e toda a aceitação e alegria que todos merecem. Amor é amor.**

# SUMÁRIO

Capa

Créditos

Dedicatória

SEXTA-FEIRA

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

SÁBADO

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

DOMINGO

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

SEGUNDA-FEIRA

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

## TERÇA-FEIRA

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

## QUARTA-FEIRA

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

## QUINTA-FEIRA

Capítulo 36

Capítulo 37

## SEMANA SEGUINTE

Capítulo 38

Capítulo 39

## UMA SEMANA DEPOIS

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42



O DIA SEGUINTE

Capítulo 43

ALGUNS DIAS DEPOIS

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

OS POUCOS DIAS SEGUINTE

Capítulo 49

ANO SEGUINTE

Capítulo 50

Capítulo 51

Primeiro Epílogo

Epílogo da Maeve

NAQUELA NOITE E NOS PRÓXIMOS ANOS

Um último epílogo

ALLBOOK EDITORA

# Sexta-feira

**Também conhecido como o dia em  
que conheci o homem que me deixa  
totalmente louco.**



# Capítulo 1

## Dean

A culpa é da Maeve.

Ela me viciou nesse jogo.

São quatro horas de uma sexta-feira. Cheguei no trabalho há quinze minutos e já estou com vontade de jogar.

Ainda nem abrimos, mas já estou meio que num clima de vitória.

A vitória está ao meu alcance.

Ultimamente, minha oponente está fraquejando. Eu vi isso nos olhos dela.

Senti isso em sua atitude sedutora.

Hoje à noite, é hora de ir fundo, remover todos os obstáculos e pegar a droga do prêmio.

O que posso dizer? Eu sou viciado, e tenho uma excelente sequência de não-dormir-com-clientes. Nós dois temos.

Hora de provocar um pouco.

— Você viu a multidão lá fora? Todos aqueles turistas americanos estão aqui pro festival de música *British Summer Time* — digo a Maeve enquanto limpamos e empilhamos os copos, preparando tudo para outra noite movimentada no *The Magpie*. — Aposto que vai ser noite de casa cheia.

— Hm. Eu não tinha notado — ela diz, de uma forma que revela que certamente notou.

— Cheio de homens solteiros e fortões. Seu tipo favorito. Acho que está chegando a hora de você perder a batalha.

— Você sempre diz isso — Maeve argumenta, olhando para mim com aqueles grandes olhos castanhos e cara de *you're so wrong*. — E você nunca está certo.

— Isso não é verdade — protesto, pegando um copo novo. — Além disso, sei que já chegou muito perto. Na outra noite você gostou daquela mesa de empresários de ternos caros. Na noite anterior,

estava flertando com o *bad boy* que ficou pedindo doses de tequila.

Um sorriso malicioso ilumina seu rosto enquanto ela verifica se todas as garrafas estão com os rótulos virados para fora.

— Ele era muito pegável. Além disso, era de Nova York. Eu amo um sotaque americano. — Ela faz uma pausa e arqueia uma sobrancelha. — E mesmo assim, resisti.

— E muitos americanos vão estar por aqui hoje à noite, provavelmente — respondo, apontando para a porta que abriremos em breve. — Vai ser muuuito difícil pra você. Se não fosse tão teimosa...

— Teimosa ou inteligente? Eu acho que é a segunda opção — ela fala toda atrevida.

— É uma pena, sua cabeça-dura — continuo, mantendo minha estratégia de lembrá-la do que está perdendo. — Pense em quantos pegáveis você deixou sair por aquela porta. Sem falar nos beijáveis. Tudo por causa desse jogo bobo que a gente joga. — Balanço a cabeça como se estivesse de luto por todos os encontros de uma noite que ela deixou passar.

Exagerado, sim, mas perder uma chance com um cara fantástico é motivo para chorar no copo de cerveja.

Mas jogo é jogo. Aposto é aposta.

E eu não vou ceder.

Maeve coloca duas taças de martini na prateleira atrás dela.

— E você, Sr. De Olho em Todos os Gatos Sem Dar Bandeira? Eu vi os caras que chamaram sua atenção. É só uma questão de tempo até escolher um deles e, puf, ficar louco de amor, o jogo acabar e eu pegar meu prêmio.

— E é aí que você se engana — retruco, defendendo minha posição. — Porque eu não acredito em toda essa bobagem.

— Você não acredita no amor? Fala sério.

Dou de ombros, passando da organização dos copos para a limpeza do balcão.

— Ah, eu acredito no amor. Mas certamente não tenho tempo ou interesse nisso.

O amor é complicado. Prejudica a lógica, os fatos e o trabalho duro.

— Todo mundo tem um interesse inerente no amor — diz Maeve, dirigindo-se às mesas para arrumar os porta-copos. — E algum dia isso vai te jogar de bunda no chão. E eu vou rir muito quando isso

te acertar bem no meio da cara.

— Qual vai ser, Maeve? Caio de bunda ou levo na cara?

Ela ajeita o porta-guardanapos, apoia a mão no quadril e olha para mim com uma firmeza de aço.

— No seu caso, as duas coisas. Especialmente porque você está muito focado em negócios, negócios, negócios desde que compramos este lugar.

— Como tem que ser. Porque... empréstimos. Além disso, quem tem tempo pra distrações, quando temos um império pra construir? Primeira parada, *The Magpie*. Depois, dominar o mundo no ramo dos bares.

— Mas no caminho pra dominação mundial, você pode ir pra casa com um gostoso, e aí vai pagar a conta do meu bem mais caro — ela diz com um brilho esperançoso em seus olhos.

— Quando eu ganhar, e eu *vou* ganhar, vou te dar uma semana pra arrumar um espaço pra mesa de sinuca que você vai ter que comprar pra mim. — Aviso enquanto limpo o balcão. — Só pra suavizar o golpe.

Ela não hesita.

— Quando eu ganhar, deixo você fazer um empréstimo pra comprar a *jukebox* vintage que estou querendo. Pesquisei on-line, sabe, e o preço está aumentando. Tem certeza de que não quer comprar agora e economizar algum dinheiro?

— Sua preocupação é muito fofa, mas completamente desnecessária. — Aponto para o meu peito. — Já viu minha força de vontade? É ferro puro.

— Algo me diz que sua força de vontade vai derreter, e logo — diz Maeve, sorrindo, enquanto pega o pano da minha mão e bate com ele na minha perna. — E quando isso acontecer, você não vai perder só dinheiro. Vai perder seu coração.

— Até parece.

— Espera pra ver.

Ela se afasta, passa pelas garrafas de bebidas caras que revestem as paredes do nosso bar *clean*, mas elegante. Prepara a música para essa noite, o mesmo jazz de costume, e então abre a porta.

Em breve, os clientes virão. Imagino alguém que é exatamente o tipo de Maeve, mandíbula esculpida, senso de humor espirituoso, boa aparência, entrando.

Entrando e reservando minha mesa de sinuca. Pensar nisso me

dá uma ideia.

Talvez eu tenha que direcionar essa aposta a meu favor. Talvez seja hora de eu criar uma armadilha para conquistar a vitória.

Uma armadilha alta e sexy que é o conto de fadas perfeito para Maeve.





# Capítulo 2

## Dean

Nas horas seguintes, sirvo e converso, e estudo os caras que entram no *The Magpie*. Eu olho cada um deles de cima a baixo enquanto procuro o tipo de que preciso para finalmente derrotar Maeve.

Um empresário com um terno justo e cabelos loiros e curtos?

Não, ela vai achar que é bonito demais.

Ou talvez aquele cara de óculos hipster e jeans rasgados? Ele é fofo e tem estilo, mas ela vai achar que é muito relaxado.

Mais caras entram e saem, pedem cerveja e uísque, todos muito básicos ou muito sem graça, muito barulhentos ou muito impressionados com as próprias piadas.

E então, eu o vejo.

Um cara com tanto potencial que a possibilidade praticamente irradia dele.

Ele chega como se entrasse no próprio quarto em casa, com um charme sem esforço nos movimentos. É grande e está entre duas mulheres que riem muito, já um pouco embriagadas, pelo jeito. Com os braços tatuados e barba aparada, ele tem aquele jeito robusto e perigoso que ela adora, até no jeans escuro e na camisa branca apertada.

É o tipo de homem que Maeve chamaria de “sexo no espeto”. Resumindo? Ele é meu novo alvo.

Olho para Maeve, que prepara um gim tônica a alguns metros de distância. Atraio seu olhar e movo a boca sem emitir nenhum som, “Você vai cair”, depois inclino a cabeça na direção do homem em questão, levantando uma sobrancelha.

— Seu tipo — sussurro.

Ela responde com um revirar de olhos épico antes de retornar aos clientes.

Ela acha que ninguém aqui vai ser uma tentação hoje.

E estou prestes a mostrar como está errada. Se beijar esse cara,

tem uma lista de tarefas esperando por ela – pintar aquela parede, lixar aquela mesa, estofar aquele banco. Se for para casa com ele, já posso me considerar dono da mesa de bilhar. O sistema de duas camadas nos mantém sob controle. Com um bar instalado em uma casa velha, a lista de tarefas é interminável. A ameaça de um sábado perdido para a faxina me manteve bem casto, pelo menos em relação aos clientes.

E pretendo continuar assim.

Eu verifico meu alvo. Ele se move no meio das pessoas, afastando-se das mulheres que vão ao banheiro, enquanto ele vem direto para mim. Vejo o sujeito caminhar com passos cadenciados, o jeans colado ao corpo, abraçando as pernas musculosas.

Ah sim, ele tem uma nota de exibicionismo no jeito de andar. E sim, essa noite Maeve vai perder.

Especialmente quando ela puser os olhos nas tatuagens. Tenho a sensação de que essas tatuagens tribais continuam em algum lugar além dos ombros largos.

E eu não me incomodaria de ver onde.

Merda, onde estou com a cabeça?

Preciso me concentrar. Essa é uma aquisição para Maeve. Não é colírio para os meus olhos.

Paro de pensar naquela boca carnuda quando o homem se aproxima e senta na banquetta na minha frente.

— Bem-vindo ao *Magpie*. O que vai querer?

— Depende do que tem de bom por aqui — o cliente responde com voz rouca.

Sotaque americano. Seus olhos azuis-escuros examinam os barris.

Estou prestes a fazer uma sugestão, quando ele olha para mim. Vejo um brilho em seus olhos quando ele diz:

— Acho que vou de Bud?

Sou duramente atingido por esse sacrilégio.

— Não. Nem pensar.

Seus lábios se distendem.

— Talvez uma Corona, então?

— Também não vai rolar — respondo sério. — Temos padrões aqui.

— Uma *Pabst*?

A pergunta é feita com um tom completamente inexpressivo, e é aí que percebo que ele está brincando comigo.

E eu também sei brincar.

Aponto para a porta.

— Se continuar assim, vou ter que pedir pra ir embora.

Ele ri, um som quente e retumbante.

— Esnobe com cerveja. Gosto disso.

— E sejamos francos, todo mundo tem esse direito.

— Concordo completamente. E quanto à música? Também acha que todo mundo tem o direito de ser esnobe?

— De jeito nenhum. Ouça o que faz seu barco balançar. Jazz, trilhas de musicais, rap ou qualquer coisa de Sam Smith, Daley ou Leon Bridges.

— Excelentes escolhas. E com os livros? Dá pra ser esnobe?

— Nunca. Ler é estar no paraíso, algo que todo mundo deveria fazer com frequência e indiscriminadamente. — Percebo que ainda não servi a bebida do homem, porque estou me divertindo muito conversando com ele. Mas é pela Maeve. Ainda assim, pigarreio e digo: — Vamos providenciar sua bebida.

— O que tem na seleção de stout? Quando na Inglaterra, sabe como é.

Achei uma mina de ouro. Maeve não só é maluca por sotaque americano e homens com senso de humor e inteligentes, mas tem um interesse especial por americanos que fazem suas pesquisas e escolhas clássicas.

Claro, eu também gosto de tudo isso, mas não vem ao caso. Não vou ser manipulado por seu charme fácil novamente.

— Temos algumas ótimas — digo. — Qual é o seu estilo?

Ele passa a mão pela barba. Como seria sentir essa barba em meu rosto?

Droga, saia dessa.

— Surpreenda-me — ele diz como se me desafiasse.

Olha nos meus olhos e pisca.

E, ah, não. Ah, não, não, não.

Cometi um erro crucial na minha escolha para Maeve.

Ele pode ser a mistura perfeita de sexy, forte e charmoso para ela, mas considerando o jeito faminto como está olhando para mim, *ela* não é a pessoa certa para ele.

Sendo assim, melhor eu ficar longe.

Pega a bebida do cara e esquece.

— Vou escolher uma boa pra você — digo.

— Estou ansioso por isso.

Mas não consigo parar de flertar, e parece que ele sofre do mesmo mal em relação a mim.

Enquanto pego um copo para a cerveja, digo a mim mesmo o que não fazer.

Não flertar mais.

Não trocar gracinhas e brincadeiras.

E não trocar telefones, ou qualquer outra coisa.

Ele pode ser só simpático. Os bares costumam ter esse efeito nas pessoas.

Além disso, essa é a noite de Maeve cair, não eu.

Viro e entrego a bebida para ele. Eu deveria estar examinando a multidão em busca de outro alvo para Maeve, mas ele se inclina sobre o balcão para pegar o copo, contraindo os músculos dos bíceps e me impedindo de olhar para outro lugar. Eu não resisto a braços maravilhosos.

— Essa é excelente — ele diz com um sorriso. — Parece que você tem bom gosto.

— Sim — respondo, mas estou completamente distraído com aqueles bíceps ridículos que flexionam novamente quando ele coloca a bebida em cima do balcão.

Ele me pega olhando e sorri.

Um sorriso torto e malicioso.

Olha, eu sei que efeito causo nos homens. Com o jogo, nunca foi um problema a questão da oferta. Muitos caras pediram, e muitos tentaram. Mas desde que decidi não me distrair, comecei uma sequência que não pretendo quebrar. O que está em jogo é muito grande. Claro, temos nossas regras, mas as criamos porque o negócio é muito importante e, se começarmos a dormir com todo mundo, o *Magpie* pode ganhar uma reputação. Não queremos ser esse tipo de bar.

E eu sei o preço que as distrações fazem a gente pagar. Não vou deixar que elas entrem na minha vida.

Esse homem e seus braços de dar água na boca não vão ser diferentes.

— Então, você está aqui a negócios ou lazer? — Eu me ocupo limpando um copo, mantendo a conversa tão normal quanto pode ser um bate-papo com o barman.

O americano se inclina para trás e toma outro gole de cerveja.

— Lazer — responde com um brilho nos olhos azuis. — Felizmente, não tenho muito trabalho a fazer por aqui.

É isca. Ele quer falar dele mesmo. Eu deveria odiar essa abertura óbvia, mas ele dá à resposta um charme insuportável.

— Qual é sua área? — Pergunto, levantando o queixo. — Parece se exercitar muito. Vamos ver se adivinho... trabalha com mudanças?

Ele sorri.

— Não exatamente.

Arqueio uma sobrancelha, estudando-o como se estivesse considerando outras profissões.

— Ah, aposto que carrega bebedouros. Trabalha pra *Water Cooler Association*?

— Existe uma *Water Cooler Association* e, se existe, como entro nela?

— Ah, tenho certeza de que a gente consegue encontrar um formulário de inscrição para você em algum lugar — falo, e caramba, por que escolhi esse cara?

Preciso parar agora. Mas não paro.

— Vou tentar de novo... carpinteiro. Você é carpinteiro, com certeza. Espera. Não. Trabalha em um depósito de lenha.

— Todas excelentes escolhas. Todas erradas. Eu jogo hóquei na NHL. Defensor em Nova York.

Então é daí que vem o corpo musculoso. Hóquei profissional. E se os braços dele são assim, só posso imaginar o que o esporte fez com o peito. Com o abdômen. Com a bunda.

Melhor me afastar desse homem que é muito meu tipo.

— Ah, aquele esporte com tacos — digo, dando um passo para trás, uma ligeira mudança na linguagem corporal em relação a outros clientes.

Ele toma outro gole da bebida.

— Então, você é esnobe com esportes.

— Sim. Eu gosto de polo. Apenas polo — provoco. — E críquete.

— Aposto que você ficaria bem sobre um cavalo.

E de alguma forma isso soa sacana e atraente.

Preciso ativar o escudo defletor.

— Eu prefiro meus pés firmes no chão, obrigado — falo, e um ardor revelador esquenta minha nuca.

— Bem, sempre tem o hóquei. É definitivamente no chão.

— Claro. É sim. Eu devia tentar.

Ele ri.

— Você já viu uma partida?

Não consigo resistir ao desafio em seu tom de voz. Olho diretamente para ele.

— Francamente, nunca vi nada de interessante nisso.

Ele sorri.

— Aposto que posso fazer você mudar de ideia.

— E por quê?

— Porque é o melhor esporte que existe, e porque é incrível quando eu jogo.

Ele é arrogante, e é sexy demais para eu descrever com palavras.

Mas não vou deixar que ele me supere nessa batalha de provocação.

— Não sei — digo. — O hóquei não é meio incivilizado?

Espero que ele recue diante da resposta, mas ele apenas ri.

— Beleza, antes de começar a detonar meu esporte, preciso saber qual é o seu nome.

Falar meu nome para ele parece pessoal. Falar meu nome para ele leva isso tudo a uma nova etapa, passamos de sedutor a perigoso.

Mas um nome não vai quebrar as regras ou me fazer perder o jogo. E eu posso recuar.

Sempre recuo.

— Dean — eu me apresento. — E não pretendia ofender seus sentimentos. Acho que estou surpreso por não ter perdido alguns dentes, ou alguma coisa assim. Aposto que seu dentista está chateado por não precisar dele.

Ele ri tão alto que parece encher o bar.

— Obrigado por notar meus dentes brancos. Eu tenho o hábito de estar sempre por cima em tudo, dentro e fora do gelo.

Ignora... ignora a imagem que ele acabou de criar. Não importa quanto seja difícil.

— Se for por aí, você não deveria estar fazendo martinis pro

James Bond e bebendo chá? Se for pra encarnar estereótipos — ele continua.

— Esse é o seu jeito de dizer que quer um martini? Porque eu faço um fantástico que vai mexer com a sua cabeça.

Um gemido parece retumbar em seu peito, e ele murmura alguma coisa em sinal de apreciação. E agora estou patinando em gelo fino.

Preciso parar de flertar.

— Deve ser meu tipo de martíni.

Volto à conversa sobre esporte, antes que essa história de martíni mexa com a minha cabeça. Além disso, hóquei é um assunto bem inofensivo, já que não sei nada sobre isso.

— Falando em esportes com tacos, o objetivo do hóquei não é só levar umas pancadas bem fortes o tempo todo?

— O objetivo é bater no disco com muita força — ele me corrige. — Acertar os jogadores é só um bônus.

— E você acha esse tipo de contato pesado empolgante, não é?

O cara sorri, se debruça sobre o balcão.

— Ah, eu me empolgo com todo tipo de contato pesado. Se for com o parceiro certo, é claro.

Merda. Acabamos de ultrapassar o limite do perigo. E eu preciso voltar atrás. Seja como for.

Não vou para casa com o homem mais gostoso que já vi entrar no meu bar.

Mesmo que tenha que recorrer a poderes de resistência sobre-humanos.





# Capítulo 3

## Fitz

Eu não vim para a Inglaterra para ter sorte.

Vim para apoiar Emma, minha brilhante irmãzinha, que teve uma chance única de estudar arte em seu lugar favorito no mundo. Estou aqui só para ser o melhor irmão mais velho que puder.

Mas ter sorte enquanto isso? Bem, eu certamente não recusaria.

Afinal, trabalhei muito duro para chegar aqui.

O hóquei deveria ser a razão para eu ter sorte na Inglaterra. Estamos a apenas uma semana da concentração para treinamento, e é aí que nosso pacto começa.

O pacto que vai proibir expressamente esse tipo de golpe de sorte.

Então, sim, embora eu não tenha vindo à Inglaterra em busca de ação, não me oponho à pré-temporada.

De jeito nenhum.

Praticamente nunca me oponho à atividade física, especialmente na modalidade quarto.

Mas posso dizer que vou ter um pouco de trabalho com Dean, e é exatamente assim que eu gosto.

Algum desafio.

Ter que me esforçar.

Isso é o que mais me excita.

Eu me acomodo no bar, pronto para fazer o que for preciso para levar esse homem ao meu quarto de hotel.

Ele é todo Michael B. Jordan – gostoso demais, e ainda melhor de se ouvir com aquele sotaque louco de sexy. Não sou imune a um sotaque gostoso, ou a um homem com uma língua rápida como um raio.

Porque aprendi uma coisa sobre um homem que não tem medo da troca em uma conversa. Um homem assim?

Ele vai trocar do mesmo jeito na cama.

Meu celular vibra no bolso, e vejo que recebi uma mensagem.

**Emma:** Pelo jeito, você encontrou alguém divertido.

Olho para a ponta do balcão e vejo que minha irmã e amiga se instalaram lá. Uma garçonete morena e bonita está fazendo piadas com elas enquanto prepara uma bebida.

Emma chama minha atenção antes de apontar para onde Dean está atendendo outros clientes. Depois ela digita no celular.

**Emma:** Eu vi assim que entramos. Você está muito a fim dele.

Reviro os olhos. Estou acostumado com as piadinhas sobre minha vida amorosa. Minhas três irmãs queriam me apresentar a todos os amigos que já tiveram.

Mas fico feliz quando estou na pista.

Principalmente quando tem lindos bartenders britânicos esperando que alguém os escolha.

Dean pega duas garrafas diferentes e as vira para fazer um coquetel. Ele as manipula com facilidade, rapidez, quase como se fizesse um truque de magia. Os clientes na frente dele são cheios de oh e ah, batendo palmas enquanto ele serve a mistura. Quando termina, ele entrega o copo para uma mulher mais velha do outro lado do balcão. Depois vira e vem em minha direção. Quando ele se aproxima, meus lábios se distendem em um sorriso. Claro, sou cliente, mas ele poderia ter enviado outra pessoa para ver se eu precisava de alguma coisa.

Eu sabia. Ele está completamente a fim de mim.

É o cara perfeito para extravasar antes da concentração. Antes do pacto.

Ele se inclina sobre o balcão na minha frente, olhando para o meu copo vazio.

— E aí, achou melhor que uma Bud?

— Acho que sim. Você escolheu bem — respondo, cruzando os braços e exibindo os músculos conquistados com inúmeros treinos pesados.

— Eu faço isso há anos. Sei ler bem os clientes.

— Sim, deve ser muito bom nisso.

— Algumas coisas são fáceis de ler. — Os olhos dele estão em

mim, onde eu os quero.

— Gosto quando isso acontece — digo, e pelo jeito como essa conversa está se desenvolvendo, é hora do próximo passo.

Olho em volta e falo:

— Ainda bem que vim pra cá hoje. Estou gostando do *clima*.

Ênfase em clima.

Os olhos castanhos de Dean brilham na luz.

— Vou dizer ao proprietário que você gostou do *The Magpie*.

— Gostei. E os bartenders também são ótimos. Muito... atenciosos.

Dean sorri, e o sorriso é tão atrevido que quero beijar aquela boca de um jeito punitivo, devorador.

— Ele é muito prático, o dono — diz Dean. — Gosta de saber o que está acontecendo na linha de frente.

— É o meu tipo de cara.

Dean pega meu copo para encher sem eu pedir. Volta momentos depois com o copo cheio.

— Tive a sensação de que queria mais.

— É exatamente isso que eu quero. — Bebo um gole da cerveja. — Até que horas esse seu chefe te obriga a trabalhar?

Outro sorriso malicioso de Dean, e minha cabeça gira quando ele diz:

— Tarde. Meu chefe faz a gente trabalhar muito duro.

Eu queria trabalhar duro para ele.

— Eu devia conversar com esse cara. Falar pra ele como estou impressionado com a dedicação de sua equipe.

— Tenho certeza de que ele adoraria ouvir isso. — Dean ri. — Principalmente porque você já está falando com ele. Eu sou o dono.

— Ah, muito inteligente. Bem jogado. Não tive chance de defesa, confesso. — Faço uma pausa rápida, e parto para a conclusão. — Tem outras coisas contra as quais é difícil me defender — digo, baixando o tom para deixar claro o significado.

Por um segundo, parece que ele tem dificuldade para dizer as próximas palavras, mas quando elas saem, são graves, roucas.

— Que tipo de coisas?

— Fala que horas você sai, e eu mostro.

Ele ri, balança a cabeça, mas não é um não. É mais como um

“onde foi que eu me meti?”

— Mas eu nem sei o seu nome.

Estendo a mão para me apresentar. Ele olha para ela como se hesitasse, depois a aperta.

Se eu dissesse que havia uma faísca, seria clichê. Afinal, é só uma droga de aperto de mão. Troquei um milhão deles.

Mas gosto da sensação da mão dele na minha.

E não me importaria de sentir aquelas mãos em cima de mim.

— Fitzgerald.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Fitzgerald? Isso não é sobrenome?

Ele fala como se me desmascarasse, e gosto disso, do jeito como ele parece querer questionar tudo.

— Sim. É sim. Mas é como todo mundo me chama.

— E como sua irmã te chama? James, talvez?

Acho que acabei de ficar vermelho com o jeito como ele disse isso, todo sedutor. Olho para a ponta do balcão e vejo minha irmã rindo com a moça que a serve, as duas olhando na minha direção. Dean deve ter passado por elas quando atendia outros clientes e ouviu Emma falar meu nome.

— Minhas irmãs me chamam de James, sim. Mas você pode me chamar de Fitz.

Dean olha para a minha bebida, depois para o balcão. A garçonete está olhando para ele, sorrindo, como se estivesse muito satisfeita com alguma coisa. Talvez até um pouco presunçosa. Dean revira os olhos para ela, depois me encara.

— Olha, Fitz. Eu vou ser franco. Você é praticamente o homem mais gostoso que já entrou no meu bar. É como um daqueles memes do cara gostoso entrando em um bar e todas as mulheres jogando as calcinhas nele.

— Não quero a calcinha delas.

— É, eu sei que não — ele diz rindo. — Mas a questão é que não posso sair com você. Não durmo com os clientes.

Eu sorrio.

— Então, está dizendo que *quer* dormir comigo.

— Você não dá um tempo — ele comenta como se segurasse um sorriso.

E está certo. Seja um homem em um bar ou uma brincadeira no

gelo, eu não desisto. E *sempre* marco o ponto.

O sorriso de Dean desaparece quando ele olha para mim, um olhar quente, um olhar que amo e odeio ao mesmo tempo.

Sabe por quê?

Porque aquele olhar promete aquele desafio que me empolgou logo no início.

E também me promete que não vai acontecer nada esta noite.

— A questão é que isso é uma regra — ele diz. — E é uma regra que pretendo seguir.

Por um segundo, deixo ele pensar que venceu, que vou me afastar.

Depois respondo em voz baixa:

— Regras são feitas pra serem quebradas. Ou modificadas — e falo só para ele. — Devia mudar suas regras por mim.

Uma contração em sua mandíbula.

Ele quer tanto quanto eu, mesmo que não admita. Ele quer, porque há mais aqui do que uma insana atração física. Tem uma faísca que vai fazer da nossa conexão física uma coisa do outro mundo. E quando eu quero, eu quero. *Muito*.

— O que te faz pensar que você é a pessoa por quem devo desrespeitar a regra?

Não falo além da verdade.

— Eu faria valer a pena.

Seus olhos permanecem em mim como se ele estivesse me estudando, possivelmente até memorizando meus traços. Talvez isso seja uma ilusão. Ou talvez seja a realidade, porque ele se inclina para frente, a uns trinta centímetros de distância, apenas, o rosto esculpido muito perto do meu. E abaixa a voz até transformá-la em um sussurro sensual.

— Não tenho a menor dúvida disso, Fitz.

E eu estou oficialmente no inferno. Um inferno sem palavras, ardente, ao mesmo tempo incomodado e excitado.

Dean encolhe os ombros, sorri, pigarreja.

— Mas não vou quebrar a regra *esta noite*.

Ele se afasta para atender outros clientes, e eu o observo. Não consigo desviar o olhar.

Porque tudo o que consigo pensar é... *Dean, eu aceito seu desafio*.

Quando vou embora um pouco mais tarde, dou uma gorjeta a

ele e digo:

— Vejo você... amanhã à noite.

Ele me encara, crava os olhos nos meus.

— É mesmo?

— Sim. É mesmo. — E saio.

Tomara que amanhã chegue bem rápido.

# Sábado

**Também conhecido como o dia em  
que não espero vê-lo novamente.**

**Porque, juro, nem estou pensando  
nele. De jeito nenhum. Nem um  
pouco.**

**Tudo bem, talvez um pouco.**





# Capítulo 4

## Dean

Estou esperando meu prêmio.

Prêmio de melhor em Proezas Extraordinárias de Resistência.

Porque o que eu fiz ontem à noite? Deve ter uma galera chegando à porta do meu apartamento, todo mundo pronto para me parabenizar por resistir ao homem mais sexy que já entrou no meu bar, no país.

Felizmente, não tem nenhuma regra que me proíba de bater uma pensando em um cliente.

Nada vetando os pensamentos de seu corpo duro no meu. Ou embaixo do meu, qualquer imagem funciona para mim.

O problema é que posso imaginá-lo passando pelas portas do *Magpie* esta noite, olhando para mim.

Serei forte o suficiente para resistir a ele uma segunda vez? É melhor ser.

Eu só preciso esquecer seu humor, sua arrogância. Apagar o humor fácil.

Tenho muitas coisas mais importantes a que me dedicar de qualquer maneira. Como a exposição do bar hoje, um evento que eu estava ansioso para conferir.

*Apenas negócios.*

Tomo o banho mais frio que posso suportar, visto uma calça jeans e uma camisa polo casual que sei que fica muito boa, graças aos dias regulares de braço na academia, ponho o telefone no bolso e desço três lances de escada. Londres está quente como sempre neste dia de verão, e quando saio do apartamento, o sol brilha no Tâmsa a algumas ruas de distância.

É uma curta caminhada até o *Coffee O'clock*, o ponto intermediário perfeito entre o meu apartamento e o do meu pai. Lá dentro, sou recebido pelos aromas inebriantes de café, chá e delícias de confeitaria.

Ainda nem consegui passar pela porta da frente quando atraio o olhar de Penny, a proprietária de longa data do *Coffee O'clock*. Ela está atrás do balcão, preparando bebidas. Sorri para mim enquanto conversa com um cliente, depois acena me chamando quando termina de cobrar a conta do cliente.

Eu me aproximo e olho para o cardápio em um cartaz.

— Quais são as chances de eu conseguir um chá decente aqui?

— Terríveis, 100% terríveis — diz ela com um brilho nos olhos, que tem linhas nos cantos.

— Além disso, dá pra mudar o nome para *Tea O'clock*, por favor?

— Só se você parar de odiar café.

Eu finjo considerar a ideia, batendo com o dedo no queixo.

— Sem chance. Então, vou levar dois do seu especial secreto *Stonehenge Breakfast Mix*, e um dia você vai me dar o nome do fornecedor?

— Ah, como se eu fosse contar de onde vêm minhas folhas de chá — ela diz, pegando algumas.

— Algum dia você vai revelar seus segredos do chá.

— E até lá, vou ter o prazer de prepará-los pra você. Especialmente porque sei que está levando um pro seu pai — ela fala com um sorriso enquanto prepara a mistura.

— Ah, eu agradeço a deferência por causa do Martin.

— Ele ainda está aproveitando a aposentadoria?

— Considerando que não consigo fazer ele ficar longe do Tinder, acho que está se divertindo.

Ela baixa a voz para um sussurro.

— Melhor falar pra ele passar direto em mim.

— Vou transmitir a dica — respondo rindo, mas algo no brilho dos olhos de Penny me diz que talvez ela não esteja brincando.

Ela serve o chá, coloca as xícaras na mesa, depois olha para a estufa de comida. — Você sabe que vai querer um *scone* hoje. Talvez dois.

Uma rápida olhada nas opções me diz que o pudim de sementes de chia e as misturas com aveia serão a melhor aposta. Melhor para o coração para ele e, francamente, para o meu abdômen.

Penny embrulha as opções saudáveis e me diz para voltar logo.

Quando saio, já estou me sentindo devidamente distante do Sr. Hóquei é Incrível e Eu Também.

A caminhada até a casa do papai abrange alguns dos meus outros lugares favoritos.

Tem a livraria onde, anos atrás, meu pai comprou para mim uma cópia de *Harry Potter e a Câmara Secreta*, depois que eu li o primeiro livro da biblioteca. Onde, na semana passada, vi uma nova denúncia do Vale do Silício de uma start-up em alta. (Quem resiste à queda de um novato que dá o passo maior que as pernas?)

Subo a rua, passo pelo parque onde costumava jogar rúgbi com meus amigos depois da escola.

Em seguida é a loja de móveis usados que meu amigo Taron administra, um lugar onde gosto de procurar mesinhas de cabeceira velhas e mesas para reformar.

A caminhada me acalma e, quando subo o lance de escadas para o apartamento onde morava, minha mente está completamente livre de distrações.

— Fala que você não fez isso! — Meu pai exclama ao abrir a porta. Seus olhos registram a sacola na minha mão. — Você fez isso — ele conclui com uma carranca.

— Fez o quê? — pergunto com o ar inocente de sempre.

Ele me encara.

— Trouxe iogurte grego ou uma salada de sementes de chia com mirtilos e quinoa que vai me deixar vinte e cinco anos mais jovem.

— O foi que os mirtilos fizeram a você? — Pergunto ao entregar o pudim de chia e aveia.

Ele olha para a embalagem com desconfiança.

— O que é isto?

Sorrio.

— Café da manhã. Sentar. Comer. É saudável.

— É estranho.

— Sim, mas é assim que estamos fazendo agora. Vem comigo, meu velho.

Ele revira os olhos.

— É muito atrevido.

— Onde será que aprendi?

— É um mistério pra mim também.

Sentamos à mesa, e eu mergulho no pudim de sementes de chia, enquanto meu pai prefere o de aveia.

Ele mergulha a colher na mistura, olhando para mim como se eu

tivesse dito que temos que remover seu rim.

— É tão difícil assim comprar um *scone*?

— Não é difícil comprar um *scone*. É bem fácil. Você dá o dinheiro e recebe o *scone*. Mas é o seguinte, não posso comer *scones* em todas as refeições. E você também não pode. Precisa estar em boa forma pras gatas.

— E você precisa estar em boa forma pros rapazes. Falando nisso, tem alguém no seu radar atualmente? Já faz uma eternidade desde aquele último cara. Qual era o nome dele? Damian?

— Dylan, e isso foi há muito tempo.

Antes de Maeve e eu comprarmos o *The Magpie* e fazermos o pacto, nós dois éramos apenas garçons, jovens de vinte e poucos anos. E, francamente, bartenders nessa idade – especialmente os atraentes – chamam muita ação.

Como quando trabalhava no *The Old Shoe*, e Dylan apareceu por lá, cinco anos mais novo, inteligente e confiante. Ele entrou, flertou comigo a noite toda, e acabamos indo para uma boate.

Depois para a minha casa, já que ele dividia a dele com umas vinte pessoas, mais ou menos.

*Vamos manter tudo muito simples*, eu disse. *Só diversão. Claro*, ele disse.

Logo aquilo se tornou mais regular. Ele se convidava para fazer o jantar. Passava a noite e queria fazer o café da manhã, passar o dia comigo.

De repente, Dylan não estava só falando de sacanagem comigo no bar. Ele estava começando a sugerir outras coisas. Outros níveis. Níveis como amor.

Isso disparou meu alarme de “cai fora daí”.

Eu não estava apaixonado por ele. Não tinha estado por ninguém, aliás. Todos os caras pareciam querer mais do que eu estava disposto a dar.

Terminei o lance com Dylan. E quando Maeve e eu compramos o *The Magpie* alguns meses depois, ela tinha acabado de sair de um relacionamento ruim que a deixou abalada, e decidimos fazer um pacto para eliminar as distrações.

A regra número um é não misturar negócios com prazer. Você não pode correr o risco de se apaixonar por um cliente que pode aparecer com frequência excessiva, nos horários, ou fazer uma péssima avaliação. Melhor manter esses mundos separados.

Então definimos nossas regras e nossos objetivos – focamos no bar e adicionamos algumas apostas amigáveis para manter as coisas interessantes.

Não é como se eu fosse celibatário. Um lance aqui, outro ali é exatamente o que o médico receitou para algumas noites. Mas com trinta e um anos, evito os caras mais jovens que veem em mim um futuro que não estou pronto para compartilhar – eles veem alguém estável, firme, com um negócio e um apartamento que não divide com três, ou vinte amigos.

É uma vida pela qual trabalhei duro. Corri atrás. Uma vida que finalmente tenho, e que não quero correr o risco de perder.

Vou comendo meu café da manhã, enquanto meu pai continua com a rotina de cupido.

— Tudo bem, não foi o Dylan. Mas tem muitos outros homens por aí. Uma cidade inteira cheia de pessoas fascinantes. Isto é, se você sair do bar.

Eu bufo. Se meu pai soubesse sobre a noite passada...

Papai sorri.

— Ah? Talvez já tenha encontrado alguém?

Balanço a cabeça.

— Definitivamente não.

— Mentiroso.

Bufo de novo.

— Como você faz isso? Enxerga dentro de mim?

— Também queria saber. Porque criei você, talvez? Além disso, esqueceu que fui repórter por trinta e cinco anos? Sei ler as pessoas.

— Você sabe ler finanças e CEOs. Era repórter de economia.

— Sei ler meu filho. Quem é o sujeito de sorte?

Dou risada de sua persistência.

— Ninguém. Só um americano muito frustrante que entrou no meu bar ontem à noite e teve a coragem de flertar comigo.

Meu pai se faz de chocado.

— Flertar com um barman bonito, espirituoso e sarcástico. A ousadia dos ianques.

— Dá pra acreditar nisso? Tem noites em que preciso afastar os caras com um pedaço de pau.

Ele passa a mão no queixo.

— É a maldição da família, filho. Não temos escolha, a não ser

conviver com isso. Tive que passar a vida inteira me defendendo das mulheres.

— É, parece que Penny quer usar a magia dela em você. Ela tentou me fazer comprar um *scone* pra você.

— Eu sabia que tinha um bom motivo pra gostar dela. Mas você não vai me distrair. — Papai balança a colher coberta de aveia na minha direção. — Vai ver esse americano totalmente frustrante de novo?

Eu dou de ombros.

— Acho que não. É melhor assim. Tem muita coisa acontecendo no trabalho. Não tenho tempo pra americanos frustrantes. Especialmente os muito arrogantes.

— Só estou dizendo pra não deixar passar todas as oportunidades. Sempre admirei sua ética profissional, mas não tem problema em sair de vez em quando, conhecer uma pessoa especial.

Reviro os olhos. Saio quando quero. Não saio quando não quero, e estou perfeitamente contente com isso.

— E não tem problema nenhum em esquecer o *scone*. Nós dois estamos cheios de conselhos sábios hoje. Agora tenho que correr, ou vou me atrasar.

— Obrigado pelo café da manhã. Eu acho — ele diz, e empurra a tigela de aveia. Tenho a sensação de que ela vai acabar coberta de açúcar mascavo ou esvaziada na lixeira logo depois que eu sair.

— De nada. Acho.

Ele se despede de mim com um último comentário sobre “manter meus olhos abertos”. O homem é teimoso, tenho que reconhecer. Talvez eu tenha herdado isso dele.

Melhor ele do que a outra pessoa responsável por metade dos meus genes.

Saio e percorro a pé a distância até o metrô. Durante a caminhada, penso nos conselhos dele, pesando os prós e os contras. Eu amo o homem, mas é um pouco irônico ele estar tentando me incentivar a encontrar alguém especial, quando ele mesmo não namorava há anos, até que finalmente o convenci a entrar nos aplicativos recentemente. Parte disso é um velho hábito para ele, provavelmente, pensar que ainda precisa cuidar de mim e só de mim. Desde que minha mãe foi embora para a Austrália depois de um romance relâmpago com um homem de Sydney quando eu tinha 13 anos — um caso que acabou alguns anos depois — somos papai e eu contra o mundo. Ele fazia tudo que era preciso para nos sustentar,

fosse aceitar serviços extras como freelancer ou evitar envolvimento românticos, coisa que ele afirma que não fez, mas eu o conheço – seu foco naqueles anos era um só, e suponho que funcionou como ele esperava. Ele criou um bom filho e, sem ele, sei que teria sido muito fácil perder o rumo, me desviar do caminho.

Mais uma prova de que às vezes você só precisa manter o curso e se concentrar no que é importante.

Negócios.

Amizades.

Família.

Mas amor?

Acho que seguir o coração é tolice e leva a decisões estúpidas, como abandonar a família para ir para o outro lado do mundo.

Minha mãe está no quarto casamento agora. Todas as vezes ela disse que tinha encontrado o cara certo. Como se houvesse *um*.

Por isso não vou perder esse jogo com a Maeve. E é nisso que eu deveria me concentrar. Derrotá-la no nosso jogo, já que suspeito de que ela tentou me dar uma rasteira ontem à noite.

É como se ela ouvisse meus pensamentos, porque no segundo em que saio do metrô e piso na calçada, meu celular vibra anunciando uma mensagem.

**Maeve:** Tem certeza de que não precisa comprar material pruns servicinhos mais tarde? Você e aquele americano pareciam muito íntimos.

**Dean:** Mais uma prova de que você vai perder esse jogo. Se resisti àquele homem, posso resistir a qualquer coisa.

**Maeve:** Como pode ter tanta certeza de que foi a última vez que o viu?

**Dean:** Porque hoje estou focado nos negócios. E sobre a exposição dos bares. O que devo procurar?

**Maeve:** Você só trabalha e não se diverte, Dean. O que eu te falei sobre isso?

**Dean:** Que assim vou acabar ganhando

nosso jogo?

**Maeve:** Você quase perdeu ontem à noite. Mas não se preocupe. Eu entendo. Ele é bem fofo. Difícil não notar. Mais difícil ainda não olhar. Mas estou curiosa. Descobriu se a tatuagem dele ia além dos ombros? Nas costas? Descia pela barriga?

**Dean:** Alguém já disse que você é má? Pura maldade. Além disso, também é completamente pervertida.

**Maeve:** Só você diz isso, desde a universidade. E a verdade é que vou ganhar. Você pensa que é de gelo, mas eu te conheço.

**Dean:** Inabalável é meu nome do meio. Agora, o que está na sua lista de desejos, Oh, Pervertida Cruel?

**Maeve:** Vê se consegue encontrar algumas opções legais de comidas e bebidas especiais. Vou mandar uma lista de verificação. E fique atento a qualquer coisa americana. Tudo que é estrangeiro vende bem. Você sabe como os produtos americanos são QUENTES. Ou devo dizer QUENCHIS?

**Dean:** Esta noite sou um homem com uma missão a cumprir. O radar foi recalibrado pra te derrubar, bruxa.

No momento em que chego à exposição no limite de *Bankside*, o movimento é grande em torno das diferentes barracas. Observo tudo, passo por um estande que vende álcool com infusão de canabidiol, outro com comida vegana de boteco, mas nada me atrai.

O estande seguinte exhibe uma *jukebox* antiga, com músicas dos anos 50 brotando dos alto-falantes.

Eu tiro uma foto e envio para ela, junto com uma nova mensagem.

**Dean:** Tenho certeza de que você adoraria esse bebê. Pena que vai ter que



comprar minha mesa de sinuca, em vez disso.

Ainda estou rindo sozinho quando olho por cima do telefone e vejo ombros familiares.

Talvez eu esteja vendo coisas no final da fila. Talvez seja apenas o que eu *queria* estar vendo.

A mesma pessoa que invadiu meus pensamentos de forma tão inconveniente depois que fui para casa ontem à noite.

Mas quando ele se vira, tenho certeza de que é o americano frustrante.

E ele parece ainda melhor do que ontem à noite.



# Capítulo 5

## Fitz

Esse festival de cachaça não seria minha primeira opção para passar uma tarde de sábado em Londres. Visitar a Torre ou relaxar em um cruzeiro de barco no rio é mais a minha cara para as férias.

Mas Emma insistiu, disse que sentir o ambiente a ajudaria a se estabelecer na cidade, e não tem mais “ambiente” que isso, ir a um bairro que parece muito *Old Blighty*.

— Então, depois disso, acho que vou até aquele sebo por onde passamos mais cedo, vou ver se eles têm os livros de que preciso para minha aula de história da arte — diz ela quando passamos por um estande que anuncia arte típica de bares. — Além disso, o clima era muito *Um lugar chamado Notting Hill*. Talvez eu conheça meu Hugh Grant.

— Não vai querer um Hugh Grant. Ele está velho demais.

Emma ri, e o rabo de cavalo balança quando ela caminha na minha frente.

— Quis dizer um Hugh Grant jovem e fofo. É claro. E não finja que esses sotaques não te encantam.

— Reconheço, me encantam.

— Eu sei.

— E olha só, eu sou a favor de você encontrar um Hugh Grant mais jovem, mas não precisa comprar livros usados. Pode pagar o preço dos novos.

— Sim, mas prefiro apoiar um negócio local bacana. Além disso, o fato de você agora ter dinheiro não significa que precisamos gastar.

Das minhas três irmãs, Emma sempre foi a mais direta. Talvez por ser a caçula da família, mas ela nunca teve nenhuma dificuldade para me dizer exatamente o que pensa sobre alguma coisa, especialmente quando se trata de dinheiro.

— Só estou dizendo que não precisamos ser tão frugais o tempo todo — explico. — Velhos hábitos são difíceis de superar, mas você pode se dar ao luxo de esbanjar um pouco. Quero que pare de se

preocupar, Ems.

Os olhos azuis de Emma suavizam um pouco.

— Poder fazer o curso de arte dos meus sonhos é uma ostentação. E por isso, James, também conhecido como o melhor homem da defesa da NHL, sou extremamente grata.

Bato de leve com meu ombro no dela enquanto caminhamos.

— Não fala isso. Ninguém merece estar lá tanto quanto você. Além disso, agora pode viver na *National Gallery*, como sempre disse que queria fazer.

— Escuta bem o que vou dizer. Você vai me encontrar acampada perto dos Vermeers algum dia — ela avisa, e vai conferir uma barraca que está oferecendo minissanduíches grátis.

Adoro ver Emma desse jeito. Ela está aqui e não precisa mais se preocupar com uma bolsa de estudos para a faculdade, como se preocupava na infância, quando sabia que queria cursar história da arte e quanto custaria a mensalidade.

Nos últimos seis anos, consegui pagar essa conta, graças ao contrato como jogador profissional.

Ainda estamos nos acostumando, minhas três irmãs, minha mãe e eu. Mas nada vai superar a compra de uma casa para minha mãe na praia de *La Jolla*, muito longe de onde crescemos em *Lakeside*.

E caramba, não vou mentir – foi muito bom dizer à minha irmãzinha no ano passado que ela poderia ir para a Inglaterra, sem ter que fazer um empréstimo.

Ela tira uma foto com o celular, depois digita alguma coisa, sorri e corre em minha direção.

— Entãããooo — fala meio acanhada, e sei o que vem a seguir.

A coisa de que ela mais gosta. Tentar conseguir informações.

— Então o quê, Ems?

— Então, quais são seus planos pra hoje à noite? — ela pergunta com ar sugestivo. — Com o cara. Aquele barman sexy. O rosto dele tem uma perfeição de capa de revista.

— Simmm. Muito GQ.

— Como se Idris Elba e Angelina Jolie tivessem um filho feito com muito amor.

Dou risada.

— Essa é a imagem que você está espalhando por aí?

— Idris é a perfeição masculina. — Toca o rosto com a ponta do

dedo. — E Angelina tem maçãs do rosto lindíssimas.

— Você percebe que ele não tem nada da Angelina Jolie e que, na verdade, não sinto atração nenhuma por Angelina Jolie?

— Não sente? Eu não fazia ideia.

Eu a puxo e dou um cascudo em sua cabeça, e é merecido.

— Engraadinha.

Quando a solto, ela diz:

— Só estou dizendo que ele parece duas das celebridades mais lindas de todos os tempos. Dá pra concordar comigo nisso, os dois são muito bonitos?

— Sim, ambos são muito bonitos — digo, imitando-a. — Mas talvez a gente possa mudar pra Idris e Chris Hemsworth?

Os olhos dela se iluminam.

— Sim. Que sonho!

Suspiro satisfeito.

— Sim, meu sonho também.

Penso nessa imagem por mais alguns segundos, e acho que ela também – porque quem poderia resistir? – antes de me reconectar ao presente.

— Você vai mesmo voltar lá?

Assinto decidido.

— Com certeza. Vou ver o cara e vou dar um jeito nisso.

Emma revira os olhos.

— Ah, vai fechar negócio, James? E como exatamente planeja fazer isso, já que ele já meio que te rejeitou?

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Ele me rejeitou?

Emma dá risada.

— Acho que o que você me contou ontem à noite foi que ele disse que não ia rolar. Portanto, parece que ele te rejeitou, sim.

Eu dou de ombros.

— Tecnicamente. Mas ele também fez questão de dizer que não ia quebrar sua regra *ontem à noite*. Deixou aberto pra *hoje à noite*. Só preciso fazer minha mágica.

Olho para ela, esperando o retorno fraternal que conheço e amo, mas Emma nem está ouvindo. Ela olha em volta como se estivesse procurando alguma coisa.

Paro de falar e balanço os braços.

— Terra chamando Emma.

Ela vira e me dá um sorriso adorável.

— Certo, por favor, me conte tudo sobre o cara que está querendo pegar. Não suporto a ideia de perder um único detalhe, embora tenha passado os últimos doze anos ouvindo falar dos gostosos de quem estava a fim.

— Você nunca reclamou disso antes.

— Porque ainda acho você muito divertido.

— Viu? Sou meio irresistível pra todo mundo, inclusive pra minha irmã. Portanto, vou fazer esse cara dizer sim pra mim.

E tenho o plano certo para esta noite. As roupas certas. O pós-barba certo. Eu vou apostar na minha mistura clássica de arrogância e charme, e então, antes mesmo de entender o que está acontecendo, ele vai estar morrendo de vontade de aceitar minha proposta.

Sexo gostoso no hotel, vamos lá.

— Bem — Emma diz com um tom encantado — parece que essa é chance. Ele está bem ali.

— O quê?

Meu trabalho é antecipar. É me preparar com antecedência pro que vier.

Mas isso me surpreende.

Viro para trás com ar surpreso. Estou olhando para o homem que queria levar para o hotel ontem à noite. E ele está sorrindo para mim.

— Melhor que Hemsworth. Melhor que Elba — digo para minha irmã.

Emma se aproxima e sussurra:

— E acho que agora é a hora perfeita para eu ir àquela livraria.

— Ela faz um gesto como se me enxotasse e adota seu melhor sotaque britânico. — Preparar. Apontar. Fogo.

E antes que eu possa falar alguma coisa, ela já foi. E não sinto falta dela.



# Capítulo 6

## Fitz

Dean se aproxima. Ele para a trinta centímetros de distância, me analisa, seus olhos escuros percorrem meu corpo de cima a baixo.

Sim, aproveita a paisagem, barman sexy. Sinta-se à vontade para curtir a vista.

— Parece que você não consegue ficar longe de mim — diz ele com expressão quase indecifrável.

E isso pode ser um problema se ele achar que eu o segui. Não é assim que funciona.

— Eu não esperava te ver aqui — respondo, balançando a cabeça e tentando corrigir o curso.

— Tudo bem, Fitz. Admita. Você estava meio que me *stalkeando*. Levanto as mãos sinalizando para ele parar.

— Não, eu juro. Não tinha ideia de que você estaria aqui.

Dean inclina a cabeça para a próxima fila de barracas e sorri.

— Beleza, então. Vou seguir meu caminho.

Como se eu fosse deixar ele escapar. Especialmente depois do sorrisinho anunciando que não quer me deixar. Sim, agora eu leio os sinais nitidamente.

— Isso não é necessário. — Dou um passo à frente, toco o braço forte e musculoso que fica fantástico nessa camisa. — Só não queria que você pensasse que arquitetei alguma coisa.

Seu olhar desce até onde minha mão o toca. Porra, o contato é delicioso, mas se insistir nele, vou parecer muito ansioso.

Abaixo a mão.

Seus olhos voltam ao meu rosto.

— Por que eu pensaria isso? Você é estratégico nesse nível? Ou é só determinado nesse nível?

Endireito as costas, mordendo a isca.

— Sou determinado. Não se engane em relação a isso. Mas não



preciso de estratégia. Meu palpite é que minha irmãzinha está brincando de intermediária. Ela estava olhando em volta alguns minutos atrás, e aposto que sabia que você estaria aqui.

— Ah, sim, claro. Mandeí uma mensagem para sua irmã para avisar onde eu estaria.

Olho diretamente para ele.

— Fala sério, cara. Ela fez amizade com a bartender. Lembra? Aposto que as duas estão por trás disso. Minha irmã estava conversando com ela ontem à noite, e Emma tem uma casamenteira escondida dentro dela.

Dean ri, um som sexy que me excita, e me desmancho quando ele se inclina para mais perto, baixando aquela voz profunda.

— Vai culpar sua irmã? Desculpa estranha, quando pode simplesmente admitir que estava morrendo por outra oportunidade de se encontrar comigo.

— Eu sei que é óbvio, mas posso falar na cara, se você quiser.

Ele dá um tapinha na parte de trás da calça jeans e sorri aquele sorriso torto.

— Precisa de uma caneta?

— Claro. Papel também? Ou quer que eu te dê meu cartão-chave do hotel agora mesmo?

Dean ri.

— Então, isso é um sim tanto para estratégico, quanto para determinado.

— Deu certo. Aliás, sim é minha palavra favorita.

— Não tenho dúvidas disso.

A imagem de Dean já está sendo preenchida. Ele é o tipo de cara que eu tenho que ler nas entrelinhas. E talvez queira que eu o leia.

Porque o jeito como ele diz alguma coisa revela mais do que o que ele diz, às vezes. O timbre da voz, a maneira como se aproxima de mim, isso tudo me dá muito o que ler.

— Alguém já disse que você é um flerte insano pra um homem que já recusou outro homem?

Dean acaricia o queixo, olhando para o céu como se estivesse imerso em pensamentos.

— Não, acho que ninguém. É isso que está tentando dizer?

— Estou dizendo que você não consegue resistir a flertar comigo.

Dean fica quieto por um momento, olha nos meus olhos.

— Se for esse o caso, é só porque você me dá várias oportunidades.

— Bom, pode acreditar, pretendo te dar muito mais.

— É mesmo? — Caminhamos até a próxima barraca, onde ele dá uma olhada nas misturas para coquetéis.

— Sim, é isso. E foi o que eu disse a minha irmã alguns minutos atrás — admito, porque sou fácil de ler. Coloco as cartas na mesa.

Dean parece muito satisfeito com esse novo detalhe enquanto vai andando verificando outras barracas no caminho.

— E o que exatamente você disse a ela?

Exagero o choque.

— Dean, você está querendo biscoito? Tentando me fazer contar cada pequeno detalhe do que falei à doce Emma?

Claro, eu poderia revelar isso a ele – ou as coisas que não contei à minha irmã. As coisas que guardei para mim. Como estou morrendo de vontade de colocar minhas mãos nele. De senti-lo. Aposto que ele gostaria mais de ouvir tudo isso do que deixa transparecer.

Mas agora não é o momento.

Ele olha para mim com o canto do olho.

— Hm. Quero uma recapitulação com todos os detalhes? Isso é um dilema.

Balanço a cabeça, me divertindo com como ele se faz de difícil, às vezes, outras nem tanto.

— Que dilema, é verdade.

Paramos perto de duas barracas com copos. Dean não está olhando para mim, porque está examinando copos de shot.

Mas não vou abandonar o assunto.

Eu me aproximo, passo por ele para pegar um copinho. Deixo o braço encostar no dele.

Ouçó uma leve alteração em sua respiração, então ele olha para mim, por um segundo um pouco mais sério.

Espero ele falar.

E ele fala.

— Acho que quero saber alguns detalhes. Conta os bons. Os melhores.

Minha pele esquenta quando deslizo o dedo pelo copo.

— Falei para ela que ia voltar ao seu bar hoje à noite. Que queria te ver de novo. E que tinha certeza de que você queria me ver de novo também.

Os lábios de Dean se contraem.

— Você acha?

— Sim.

— Sua palavra favorita.

— Especialmente nessa situação.

— E por que acha que eu quero te ver de novo, Fitz?

A pergunta dele não sai como um desafio. É um convite. Ele quer que eu fale, que jogue aberto.

— Porque eu senti a química, e você também. E você sabe que vai ser muito bom para nós dois. Portanto, saia comigo hoje à noite depois do trabalho, vai.

Aquele sorriso novamente.

— Sair com você, ou ir pro seu hotel? Qual dos dois?

— Ambos, Dean. Ambos. — Deixo o copo sobre o balcão da barraca e o encaro. — Não sei como deixar isso mais claro. Quando vejo algo que quero, faço qualquer coisa pra conseguir.

Nós dois ficamos quietos por um momento, enquanto ele me olha de um jeito que diz que está me estudando, tentando me entender.

Ou tentando descobrir o que ele quer de mim. O que vai se permitir ter.

Finalmente, Dean pergunta:

— E eu sou esse algo?

— Você é esse algo, e você é esse alguém.

Ele dá de ombros casualmente.

— Pode não gostar de mim, se me conhecer.

Ele segue para outra barraca, e eu o sigo.

— Podia deixar essa decisão pra mim.

Dean parece considerar a sugestão, enquanto segue para outro estande.

— O que está fazendo na Inglaterra, afinal? Você e sua irmã vieram passar as férias de verão?

Tem mais alguma coisa por trás da pergunta. Não tenho certeza do que é, exatamente, mas tenho a sensação de que ele quer confirmar

se vou embora. Apenas um palpite. Engraçado ele saber tão pouco sobre hóquei a ponto de pensar que eu poderia ficar. Ou até passar o verão todo aqui.

— Não se preocupe. Eu tenho um E-M-P-R-E-G-O gritando meu nome nos Estados Unidos. Meu time não vai se mudar pra Londres. Volto pra Nova York em... — paro, fingindo olhar para o meu pulso, embora não use relógio — cinco dias. Quinta-feira caio fora daqui.

Os olhos de Dean parecem brilhar quando menciono o dia, ou melhor, a data de validade. Arquivo essa informação, porque ela revela ainda mais sobre ele.

— Mas estou aqui porque Emma se matriculou em um incrível programa de arte na Universidade de Londres. Pensei em vir com ela pra ajudar, enquanto ela se instala, e me divertir.

— Que gentileza — ele comenta com tom sincero. — Cuidar dela.

— Bom, Emma é incrível. E é minha irmã caçula. As outras são um pouco mais velhas.

— Quantas irmãs você tem?

— Três.

— Como é isso? Além de barulhento, imagino.

— Você é filho único?

— Sim. É tão óbvio assim?

— Agora é. Filhos únicos são conhecidos pela teimosia, e às vezes se fazem de difíceis... especialmente quando são perseguidos pelo penúltimo de uma família de quatro filhos.

Uma risada explode de seu peito.

— Tem algum estudo sobre isso?

— Sim. Do *American Journal* do “Por Que Diabos Você Não Quer Jantar Comigo?”. Mas o estudo descobriu que, quanto mais persistente o penúltimo, maior a chance de um sim.

— Estudo fascinante. Me mostra um dia desses — Dean pede, e seu sorriso se alarga.

— Vou procurar e te mando.

Andamos um pouco mais, e ele volta ao tema da família.

— Então, penúltimo de quatro. Você parece ser bem próximo de todas elas.

— Eu sou. Amo loucamente todas as idiotas das minhas irmãs, e consegui perdoá-las pelo inferno em vida, também conhecido como

tentar tomar banho de manhã em uma casa cheia de cromossomos X duplos. Somos minha mãe, minhas irmãs e eu desde que meu pai morreu, quando eu tinha dez anos.

O rosto de Dean fica mais suave.

— Sinto muito por isso.

Eu aceno como se não fosse importante, já que essa é a única vida que conheci.

— Não poderia ter pedido pra ser criado por mulheres melhores. Todas elas tinham um interesse muito pessoal em garantir que eu não me transformasse em um idiota total. Aposto que Emma está pessoalmente ofendida por você não demonstrar interesse por meus encantos.

Ele desvia o olhar, depois olha para mim de novo, abaixa a voz e parece pessoal, como se o que dissesse fosse só para mim.

— Não acho que isso seja completamente verdade.

Um sorriso se espalha por meu rosto, e meu peito aquece.

— Então você reconhece...

Sou interrompido por gritos e música alta da cabine à frente. Uma pequena multidão cerca o estande e aplaude. Dean e eu nos aproximamos, e não demora muito para eu descobrir o que está acontecendo.

Eles montaram uma pequena demonstração de softball, com taco de plástico e bola de borracha. Diferentes clientes estão se aproximando para tentar acertar um *homerun* – acertar o alvo no fundo do estande – para ganhar uma bebida grátis.

Uma morena com um boné de beisebol com a inscrição “A Bola Venenosa” se aproxima de Dean saltitando, segurando o taco de plástico.

Ela sorri para ele.

— Parece que alguém leva jeito! Quer tentar?

Ele balança a cabeça.

— Eu vou passar, obrigado.

— Não é muito fã de softball?

— Não, na verdade. Muito menos na modalidade bar.

— Você já jogou? Softball é um jogo incrível.

Dean arqueia uma sobrancelha.

— Pensei que hóquei fosse o grande esporte.

— Muitos esportes são ótimos, pode acreditar. Claro, hóquei é o

melhor. Mas softball também é incrível.

Faço uma pausa para examinar seus braços, garantindo que ele veja para onde estou olhando.

— E essa moça pode estar certa. Com esses braços fantásticos, você pode levar jeito. E se levar jeito, pode gostar do esporte.

O elogio o faz sorrir, e seus olhos deslizam por meus braços cobertos de tatuagens.

— Talvez eu tenha jeito, mas acho que não é minha praia.

Atrás de nós, alguém acerta a bola de borracha no alvo, provocando uma onda de aplausos.

Adoto o pior sotaque inglês que consigo reproduzir.

— Ah, você passa o dia todo jogando críquete?

Ele olha para mim.

— Vai debochar do meu país por suas escolhas esportivas?

— Foi você quem começou o deboche esportivo ontem à noite, não foi, ou preciso te lembrar do seu esnobismo, além do deboche?

— Deveria. Porque foi o que acabou de fazer.

— Você começou com isso.

— E sustento meu ponto de vista. Não precisamos de softball aqui em Londres. Por que precisaríamos? Nunca tivemos isso antes; não é coisa de inglês. Não é coisa nossa.

— Mas pode ser, porque está aqui — eu digo, pegando um panfleto da mesa. — Olha pra isso — uma quadra de softball na cobertura. Imagina só, se você fosse lá todos os dias, poderia se tornar o mestre britânico do softball.

Dean dá uma gargalhada, uma risada profunda e sincera que eu curto.

— Sim, é exatamente o que eu pretendo fazer. Vou largar tudo e focar nisso.

— Tudo? — Eu arqueio uma sobancelha. — O que exatamente é tudo?

— Coisas que envolvem roupas. — Dean balança a cabeça. — Coisas que eu faço. O bar. Aulas de culinária com meus amigos. Restauração de móveis com meu pai.

Estalo os dedos, porque o último comentário dele desperta uma lembrança.

— Esse é um hobby incomum. Meus amigos Summer e Logan têm um primo em Nova York que gosta dele. Um cara chamado Leo.

— Sim. Eu o conheço. Somos todos amigos, todos nós que restauramos móveis pelo mundo. Talvez você tenha alguns amigos por lá que também gostam de cozinhar?

— Acho que sim. E todos achamos que softball é melhor que clube de culinária — digo.

Ele ri indignado.

— Não é uma porcaria de clube de culinária. São aulas. Eu vou com uns amigos, eles são donos de um restaurante indiano. Aprendemos culinárias diferentes, novos pratos. Você não gosta de comida, Fitz?

— Adoro. E adoro podcasts sobre mistérios não resolvidos, e gosto de ir a shows de bandas locais de indie e rock, quando não estou no gelo. Também jogo *paintball* com meus amigos em Nova York. Aposto que você odeia *paintball*.

— Talvez isso te choque, mas não jogo *paintball*. E talvez isso também te choque, porque parece pensar que não tenho propensões atléticas, mas posso acabar com você na sinuca.

— Ahhh — respondo, e o puxo para continuar andando, amando a direção desta conversa. — Essa eu ia gostar de ver.

— Aposto que ia.

Olho de novo para seus braços. Em seguida, meus olhos descem pelo peito, onde posso adivinhar pelo ajuste da camisa que ele guarda um tanquinho.

— Parece que você pratica esportes. E isso é um elogio.

Ele fica quieto por um instante, como se estivesse entregue aos próprios pensamentos. Talvez pensando em seus desejos.

— Você certamente tem essa aparência, e isso também é um elogio — diz ele, olhando para minhas tatuagens, a voz atingindo aquela nota grave que parece demorar quando ele olha para mim, e tanto o elogio quanto o olhar faminto não passam despercebidos. — De qualquer maneira — acrescenta ele —, sou corredor. Jogo rúgbi de vez em quando. Futebol, se puder.

— E com “futebol”, você quer dizer futebol mesmo.

— Quero dizer, o esporte jogado inteiramente com os pés. Ou seja, futebol.

Percebo uma abertura e decido aproveitar a brecha.

— Tudo bem. Nem vou tentar te convencer sobre futebol versus futebol americano ou futebol versus rúgbi. Mas insisto, softball é um jeito muito divertido de extravasar.

Dean ri.

— Claro que é.

— Quer apostar? Aposto que, nesse momento, seria a maneira perfeita de se livrar do estresse.

— Como sabe que estou estressado? — ele pergunta, e ainda está rindo, e adoro isso.

Posso fazer esse cara rir, e o som me ilumina, me faz querer continuar porque, em sua risada, posso sentir que está se dobrando. Eu posso dizer que ele gosta de falar comigo tanto quanto eu gosto de falar com ele.

E quero sentir esse cara embaixo de mim? Com toda certeza, porra! Mas também curto isso? A conversa? Claro que sim. E essa é uma das razões pelas quais eu sei que vai ser elétrico quando eu conseguir o que quero com ele.

Porque já temos um ritmo. É como estar no gelo, de certa forma. Ele alinha o tiro, e eu jogo direto para a rede.

Abro a carteira e pego algumas notas.

— Que tal agora? Aposto dez libras que vai adorar. E se não gostar, ainda pago umas bebidas com o dinheiro.

— Você lembra que sou dono de um bar, não lembra? As bebidas são literalmente por minha conta todas as noites.

Passo a mão na barba.

— É verdade. Um jantar, então? Aquele estudo dizia que era uma boa ideia.

— Ainda estou esperando você me mostrar o estudo.

— Ah, eu gostaria de te mostrar um monte de coisas.

Ele joga a cabeça para trás, dá risada.

— Fitz, você já aceitou um não como resposta?

— Você não disse não. E se disser, vou embora em um segundo, e você nunca mais vai ter notícias minhas. Respeito os limites. Tenho o maior respeito pelo não. Se quer dizer não, diga. — Espero. Braços cruzados. Paciente.

Ele olha para mim, me prende com um olhar intenso, um olhar por trás do qual tem muita coisa.

Se ao menos eu soubesse o quê...

Ele dá um passinho à frente, chega mais perto de mim, e inferno, eu amo estar tão perto. Esse não é o contato acidental de antes. Ele sabe exatamente o que está fazendo. Porque, mesmo que não tenha



me tocado, posso dizer pelo jeito como engole, pela respiração difícil, que ele é afetado pela minha proximidade.

Bom.

Comigo acontece a mesma coisa.

Dean hesita por um momento, como se estivesse se recompondo antes de responder.

Quando fala, sua voz é baixa, só para mim.

— Você deve ter notado que não estou dizendo não. Na verdade, estou enfrentando uma tremenda dificuldade pra recusar sua oferta, Fitz.

Eu quase gemo com o jeito que ele diz meu nome. Como se quisesse mais disso, mais de mim.

— Bom. Eu não quero o seu não. Eu quero o seu sim. Mas agora, me contentaria em te mostrar como o softball é incrível. — Pego um taco. — A bola está no seu campo, barman sexy.

Ele pega a bola e joga para mim.

— Isso, atleta arrogante — diz. — Me mostra por que você gosta de softball.

— Com prazer.

Estou dando um tapinha mental nas minhas costas por ter o autocontrole de não dar um soco no ar. Mas é assim que me sinto agora. Como se eu tivesse acabado de criar uma bela jogada.



# Capítulo 7

## Dean

Ele vai tirar o meu prêmio.

Toda essa resistência, toda essa atitude com Maeve, e o que estou fazendo agora?

Seguindo esse americano extrovertido, determinado, sexy como o pecado e em excelente forma para um bar brega e temático.

Eu detesto bares temáticos tanto quanto detesto piña colada. Esse tipo de bar é uma afronta a tudo que eu quero para o *The Magpie*.

Cartazes de jogadores revestem as paredes, todos eles arremessando ou agachados atrás de uma base, ou correndo. Muitos bigodes grossos. Toneladas de listras.

Talvez isso acabe com o crush que eu tenho no Fitz.

O efeito intoxicante que ele tem sobre mim.

Talvez eu devesse me concentrar na atmosfera deste bar, que pode servir para reforçar minha resistência – como o neon em todos os lugares, e toda essa cerveja horrível, infinitos barris de Bud e Corona. Se alguém me visse aqui, eu teria que abaixar a cabeça de vergonha. Para minha sorte — ou azar, considerando que me meti em uma aposta que tenho que vencer, de alguma forma — Fitz não demonstra interesse em ficar no bar.

Pagamos o recepcionista na base da escada, depois Fitz me leva lá para cima, seguindo as placas para o “Campo de softball do telhado”.

Ele sobe olhando para trás, me observando com aqueles olhos azuis que parecem ficar mais pesados de desejo a cada passo.

— Gostou da vista?

— Não é ruim.

— Na mesma aqui.

Eu rio de seu jeito de falar, dos americanismos meio cativantes.

Tudo o que estou fazendo é extravasar. Deixar ele me ensinar um pouco de softball. Não significa que alguma coisa vai acontecer a

partir disso.

Ele é apenas um homem.

Um homem de fala mansa, com uma risada fantástica e uma barba tentadora.

Um homem a quem tenho que resistir, a menos que eu queira passar o fim de semana esfregando paredes.

Na cobertura, pegamos o taco e as bolas sozinhos, já que esta é uma configuração do tipo faça você mesmo, depois seguimos para a pista improvisada e sua base. Talvez a dez ou doze metros de distância, redes para pegar as bolas evitam que os londrinos que passam pela rua sejam atingidos. Muito bem-pensado.

É silencioso aqui, exceto pelo zumbido do bar lá embaixo.

Pego o bastão e balanço uma vez para treinar.

— Fácil.

— Fácil e divertido, certo?

— Certo. É fácil e divertido — repito, e o peso das minhas palavras é registrado.

Tem algo de fácil em estar com Fitz. Tudo em estar com Fitz é divertido. Aposto que deixá-lo sem roupa também seria fácil e divertido.

E em um instante de sacanagem, minha resistência esfarrapada começa a se desintegrar.



# Capítulo 8

## Fitz

Concentração intensa enrugou sua testa. Dean balançou o taco novamente com a mesma graça e poder que exibiu misturando bebidas.

Exceto...

— Sua pegada está errada — digo, e porque esportes são como uma segunda natureza para mim, paro atrás dele, os braços sobre os dele, ajustando a posição.

Droga, ele cheira bem. Como sabonete, pinho e o homem em quem quero pôr as mãos, a boca. O homem com quem quero fazer tudo.

Respiro. Tenho que fazer isso valer a pena.

Algo me diz que, se é para conquistar Dean, é agora ou nunca. E esta é uma partida que não pretendo perder.

— Pronto — digo, movendo a mão direita mais um centímetro. — Deixa as mãos assim. Segura essa posição. A força vem da postura.

Dean não diz nada, mas posso sentir que ele respira com dificuldade contra mim. Deslizo as mãos ao longo de seus braços, movendo as mãos dele levemente. Apertando seus dedos em torno do bastão.

— A partir daí, você só precisa bater o mais forte que puder — explico, e quase nem estou pensando em softball agora.

Quase não penso no que estou dizendo. Apenas sinto, sinto a atração inevitável do contato.

— É isso.

— Parece bem simples — diz ele, distraído e claramente tão desinteressado em softball quanto eu.

Sei que estou chegando nele – pouco a pouco.

Sei ser bem convincente.

— É muito simples — confirmo, e deslizo o nariz ao longo de sua nuca.

— Tenho certeza de que isso não faz parte do jogo — diz Dean naquele tom que revela seu desejo.

Um tom que diz que ele quer mais.

— Não, não faz. Mas talvez devesse fazer. Especialmente quando os jogadores se sentem assim.

Deixo as mãos escorregarem para baixo do bastão, ousando roçar seus antebraços.

— Ah, sim — responde Dean, como se quisesse rir. — Todos os jogadores deveriam ter homens americanos corpulentos e insistentes por trás...

Ele para de falar assim que minha boca encontra um lado de seu pescoço. Começa como um beijo suave. Um segundo.

Mas depois eu mordo, porque ele tem um gosto muito bom. Aproximo os dentes e mordo. Seu cheiro invade meu olfato, me faz perder a cabeça.

Eu o aperto com meu corpo, com a virilha encostada em sua bunda, os braços em volta dele, beijando, mordendo e chupando seu pescoço, e o tempo todo ele fica tenso em meus braços.

Mas não exatamente. Não exatamente.

Ele vai cedendo devagar, mas deliberadamente, seu corpo se aproximando um pouco mais. Recua contra mim, e a sensação quase me leva ao limite.

Então um barulho alto de metal agride meus ouvidos. Ele deixa cair o bastão – ou talvez eu o solte, jogue no chão.

Dean se vira, e em um segundo, suas mãos estão no meu peito, e ele me empurra contra a da quadra.

Ah, sim, eu gosto de comandar Dean. Eu gosto muito!

— Alguém já te disse que é bom terminar o que começa? — Seus lábios são uma linha reta, a mandíbula está rígida e os olhos brilham muito.

— É isso que eu quero com você. Não sabe?

— Não vem com provocação, Fitz, não brinca de beijar. — Dean me encara. — Beija de verdade. Beija até o fim, como eu vou te beijar.

Então ele segura meu rosto, cola a boca na minha e me beija. Seus lábios devoram famintos, e ele me beija como se estivesse faminto por mim.

Que bom, porque é exatamente assim que me sinto com ele.

Ele me agarra com força, me beija com paixão. É ávido e começa

a demonstrar toda a emoção reprimida, e eu sou o objeto dessa sua luxúria selvagem. Ele transborda tudo isso em um beijo punitivo.

É profundo, desinibido e muito gostoso.

Normalmente eu gosto de comandar, mas caramba, nesse momento eu sigo o Dean para qualquer lugar. Sigo e sigo e sigo seus comandos, seu corpo longo e esguio colado ao meu. O contorno do pau grosso e duro é completamente tentador contra minha pélvis, roçando na minha ereção, e é incrivelmente bom.

Como uma promessa sacana do que está por vir. E a boca... meu Deus, aqueles lábios.

Estou ferrado. Completamente ferrado. O jeito como ele me beija!

Ele fode minha boca com a língua, possui meus lábios, me consome.

Minhas mãos deslizam por ele, agarram aquela bunda firme e dura, e eu o puxo para mais perto enquanto ele devora meus lábios... e o encaixe acontece. Nós nos encaixamos e é elétrico.

E não tenho dúvidas de que, quando finalmente chegarmos ao quarto – e vamos chegar ao quarto – vou fazer o sexo mais incrível da minha vida.

Porque minha cabeça fica nebulosa e meu corpo atinge temperaturas de supernova só com o jeito como ele me beija. Como segura meu rosto e me puxa para perto. Como quer resistir a mim, mas não consegue.

E os gemidos que ele deixa escapar a cada movimento da língua perversa.

Os lábios são famintos e as mãos são fortes, me agarram do jeito que eu gosto, ásperas e exigentes. Esse beijo está fritando meus circuitos, e não há nada que eu queira mais do que levá-lo de volta ao hotel e fazer coisas muito sujas com ele.

Parece que ele quer a mesma coisa.

A necessidade de sair daqui entra em guerra com a minha necessidade de beijá-lo até tirar seu fôlego.

A porta do andar de baixo range, seguida por vozes, depois passos na escada.

Nós nos afastamos ofegantes, descontroladamente excitados.

Eu sorrio, olho para minha virilha.

— Espero que isso diminua rapidamente, mas provavelmente não vai acontecer.



Dean ri, balançando a cabeça.

— Um dos muitos riscos de ter um pau.

Aquele senso de humor seco novamente. Como é possível passar da vontade de rasgar suas roupas à delícia de saborear sua risada?

Mas isso parece normal perto de Dean.

As vozes soam bêbadas, instáveis, mas continuam subindo a escada.

Eu me afasto mais dele, pego o taco no chão, e nesse momento um grupo de mulheres de vinte e poucos anos entra na cobertura, falando entre elas. Um barman as segue e olha em nossa direção. Isso não ia continuar privado por muito tempo de qualquer maneira.

— Aqui está — digo, e ofereço o taco a uma loira.

Ela olha para mim e pisca.

— Ei, você não é aquele cara de... — Estala os dedos, tentando me localizar. — De, ahhh... Está na ponta da língua.

Ela é americana e talvez fã de hóquei, mas é difícil dizer.

Minhas preferências não são segredo, então, não estou tentando esconder. Acho que Dean também não. Mas prefiro não conversar com um fã enquanto estou ostentando esse tipo de ereção.

— Não. Tudo bem, eu entendo. Vai dar umas tacadas, moça. — Pisco para o grupo a caminho da escada, e Dean vem atrás de mim.

— Isso acontece muito? Ser reconhecido ou quase reconhecido?

Eu dou de ombros.

— Às vezes. Mas não tanto quanto com os jogadores de basquete ou beisebol. — Aponto para o meu rosto. — Já que usamos máscaras e tudo.

— Sim, conheço essa característica do hóquei. Máscaras e tudo — Dean repete, imitando minha voz.

Sorrio para ele.

— Aaahhh, mas que atrevidinho.

— Encantador, Fitz. Sou encantador. Fale do jeito certo — ele diz. Depois fica sério, olha para cima, para onde deixamos as garotas. — Mas o que eu queria dizer quando falei sobre ser reconhecido é... você recusou por algum motivo? Está no armário?

Começo a rir enquanto descemos a escada, balançando a cabeça.

— Nem fodendo.

Dean passa a mão na testa.

— Bom, porque não preciso lidar com isso.

— Nem eu. Estive lá, sei como é, não estou interessado. Armário não é minha praia.

— Idem. Por um segundo, pensei que talvez você tivesse vindo para a Inglaterra para aproveitar as oportunidades de estar... fora dos holofotes.

— Não é segredo. — Sorrio. — Sou meio conhecido por isso, um dos poucos jogadores da NHL.

— Isso é bom.

O sorriso em seu rosto me diz que é muito bom, e fico muito feliz por ele estar na mesma situação. Mas é bom ter certeza.

— Deduzi que você também já tenha saído do armário. Mas se isso faz de você e de mim dois idiotas, melhor falar agora.

Ele ri.

— Você pode ser um idiota em outros aspectos, mas não nesse. Não me importo se alguém me vir te deixando excitado. Como claramente acontece.

Reviro os olhos, paro no fim da escada e o seguro pela cintura. Passo uma das mãos em torno do.

— Você gosta de complicar as coisas para mim.

O olhar de Dean desce até meu jeans e sobe novamente.

— Parece que sou muito bom nisso também.

— Por isso falei para a loira ir dar umas tacadas. Porque ainda estou muito excitado depois de como você me pegou, e não precisava de mais ninguém vendo o que você fez comigo.

Seus olhos passeiam por meu corpo mais uma vez.

— É. Você parece estar bem afetado.

— Eufemismo do século. — Eu o solto e vou para o bar, onde aponto a saída. — Vamos sair daqui.

— Mesmo assim, ainda não vou para o seu hotel.

— Provocador — digo quando nos aproximamos da rua.

— O quê? Não gostou de me beijar, Fitz? — Ele pergunta debochado, sabendo muito bem que eu adorei.

Mas acredito em dizer o que quero dizer e ser fiel ao que penso.

— Adorei cada momento — respondo, e Dean engole em seco, depois massageia a nuca como se estivesse processando a informação.

— É recíproco — ele diz em voz baixa.

Sou invadido pelo orgulho.

— Vou te convencer a examinar quantos fios têm os lençóis do meu hotel hoje à noite.

Ele ri, passa a mão no cabelo curto e murmura:

— Por que não estou surpreso?

— Ah, eu tenho muitas surpresas para você. E quando você vier comigo, eu vou te mostrar.

Paramos na rua.

Dean ri, mas quando olha para mim novamente, aquela maldita máscara voltou. Ele olha para o relógio.

— Olha só. Por mais que eu quisesse aceitar, preciso ir trabalhar. Está na hora.

Eu o estudo e me pergunto se é verdade, ou se é uma desculpa.

Me pergunto se ele está se fazendo de difícil, ou se realmente é difícil. Porque, por mais que eu goste do jogo de sedução, tenho meus limites.

Eu quero Dean. Mas também quero que ele queira essa coisa entre nós tanto quanto eu.

Tenho mais uma cartada, digamos assim. Deixar bem claro que isso teria um começo e um fim. Tenho a sensação de que é isso que ele quer – uma cláusula de escape sem brechas.

— Isso foi divertido. E eu sei melhor do que ninguém como o trabalho é importante. Se quer ter um desempenho no mais alto nível, precisa eliminar as distrações.

Ao ouvir isso, ele inclina a cabeça, curioso.

— O que você quer dizer exatamente?

Eu dou de ombros como se não fosse nada, mesmo que isso seja muito importante – o pacto que tenho com meus companheiros de equipe.

— Chegamos muito perto dos *playoffs* na última temporada e perdemos por isso aqui. — Eu ergo o polegar e o indicador. — Tudo porque saímos fracos da pré-temporada. Perdemos vários jogos no início e, apesar de termos tido uma segunda metade da temporada matadora, não foi suficiente. Então, fizemos um pacto, alguns dos outros caras e eu. Sem distrações. Nada de se envolver durante a pré-temporada e no início dela. Isso vai permitir que a gente mantenha a cabeça no jogo.

— O foco é importante. Um homem precisa ser capaz de fazer seu trabalho.

— Exatamente. Meu trabalho é tudo para mim, porque significa

que posso cuidar da minha família. Facilitar a vida da minha mãe. Dar a ela todas as coisas que ela nunca teve quando éramos crianças.

— Você faz tudo isso por ela?

— É isso aí. Tenho feito, desde que comecei na NHL depois da faculdade. Seis anos depois, ela está vivendo a vida que merece na casa dos seus sonhos e se casou novamente com um cara legal que a respeita e a adora. Como tem que ser. Então, sim, garantir que vou poder me apresentar no gelo no máximo da minha capacidade é a coisa mais importante do mundo para mim.

— Que bom que pode fazer isso. Ela deve estar orgulhosa de você.

Não há brincadeiras ou provocações agora, só seriedade, e gosto disso, então continuo apostando nele.

— Estou aqui com Emma sendo o irmão mais velho que dá apoio. Mas não me importaria com uma ou duas noites bem quentes antes de me fechar para a pré-temporada. — Olho para o céu, acariciando meu queixo. — Se eu pudesse encontrar o cara certo. Talvez alguém que também não queira se amarrar.

Meus olhos estudam Dean.

Ele respira fundo.

— Sem se amarrar?

— Nada de se amarrar.

— E você disse que vai ficar só uma semana?

— Nem isso. Só mais cinco dias, e vou embora. — Sacudo os braços como se fossem asas.

Um lampejo de sorriso ilumina o rosto bonito de Dean quando ele pergunta:

— Volta pros Estados Unidos?

— Eu e todo meu charme. Vazamos, gato, vazamos.

— Você é persistente. Tenho que admitir. Deve ser um trunfo para o seu trabalho.

Estico os braços acima da cabeça, a camisa sobe e revela outras das minhas vantagens profissionais. Ou melhor, uma prévia de parte delas. Deixo ele dar uma olhada no que está acontecendo no departamento dos abdominais. Sei quanto isso me custou em flexões e tempo de academia. Tudo valeu a pena, considerando o fogo em seus olhos.

Abaixo os braços, porque já dei colírio suficiente para aguçar o apetite dele.

— Falando em trabalho, você tem que ir cuidar do seu. E enquanto estiver preparando martinis, devia pensar um pouco na minha proposta.

— É isso que acha que eu vou fazer?

— Você é alguém que pensa. Sim, é isso que vai fazer.

— E você é o tipo de cara que avança em alta velocidade.

— Sim. Sim, eu sou.

Dean cantarola, e posso ver que ele está refletindo sobre minha oferta, então, jogo a última isca.

— Além disso, vou ter um dia cheio amanhã. Não vou poder ficar fora até muito tarde, de qualquer maneira. Emma e eu vamos tomar um chá da tarde na *Fortnum & Mason*. Ficou orgulhoso? Tão britânico da nossa parte.

Ele ri, voltando instantaneamente para aquela zona fácil em que vive a maior parte do tempo. Todo seu corpo se move com a risada.

Só quero que ele faça isso de novo e de novo.

— Estou muito impressionado — diz Dean, seus lábios se curvam em um sorriso, e eu juro que posso sentir ele se dobrando. — Mas chá não é algo que tratamos sem a devida importância. Vai ter que se preparar.

Aí está.

Uma faísca.

— Você tem toda razão — concordo, me agarrando a essa possibilidade. — Vou ficar completamente perdido. E se eu estragar alguma coisa?

— É verdade. Eu odiaria saber que ficou sobrecarregado com as opções.

Seu sorriso me diz que esse é o caminho para o que eu quero — outra chance com ele, sem ele admitir completamente que está aceitando. Talvez por causa de suas regras, talvez por algum outro motivo. Não sei por que ele ainda está relutante, considerando que temos uma química louca, mas sei que tem uma dificuldade cada vez maior para me rejeitar.

— Você sabe como é difícil para um americano tomar chá sem um britânico pra ajudar? Café da manhã inglês, *Earl Grey*, blá, blá, blá. Quem pode distinguir tudo isso sem a ajuda de um britânico?

O sorriso de Dean se alarga.

— Verdade. É como estar na França, no Japão ou em Portugal e precisar de um tradutor.

— Viu? Eu sabia que você ia entender.

— Entendo completamente. Você precisa de um inglês para ajudá-lo a decidir se é o creme ou a geleia que vai primeiro no seu *scone*.

Eu não tinha ideia de que havia uma ordem definida.

— Isso. Exatamente. Como pode ver, de que outra forma um bárbaro como eu poderia desfrutar de um bom chá da tarde?

— Eu não consigo nem imaginar como você faria — Dean responde, e sussurra, — O *scone* tem o mesmo gosto de qualquer jeito.

— Se você diz... — Sorrio, porque parece que ele está dizendo sim.

Ficamos na rua, enquanto as pessoas passam com suas sacolas de compras e falam sobre como o clima está ótimo.

É isso, minha chance de selar esse tipo de encontro com Dean. O homem não parece se opor a demonstrações públicas de afeto, então eu vou em frente.

Seguro a parte de trás de sua cabeça e o trago para perto para um beijo quente, duro e faminto que espero que o deixe querendo mais.

Sussurro contra seus lábios:

— Vejo você amanhã.

Dean pisca, parecendo atordoado, talvez tão abalado quanto me sinto.

Depois ele assente.

— Sim. Você vai me ver.

E eu quero dar um soco no ar. Mas me contenho, mantenho a calma.

— Vou precisar do seu número para mandar uma mensagem com as informações.

Dean digita no meu telefone e respira fundo.

— Tudo bem. Amanhã então. — Ele lambe os lábios. — Fitz.

Sim, meu nome de novo, e soa muito bem do jeito como ele o diz – como sexo e desejo em sua língua.

Ele vira para ir embora, mas antes de percorrer um metro e meio, vira para trás e retorna. Com uma expressão decidida e olhos escuros fixos em mim, pega a carteira e procura alguma coisa. Encontra uma nota e a coloca na minha mão, fechando meus dedos em torno dela.

— Você ganhou a aposta. O softball é ótimo. — Uma pausa breve, e ele bate o dedo no lábio inferior, cantarolando pensativo. — Ou, na verdade, acho que alguma coisa em como jogamos o jogo funcionou bem para mim.

Por mais que vá contra a minha natureza, não toco nele. Eu não o beijo e não digo uma palavra. Deixo meu sorriso torto falar, enquanto ele sente o gostinho de ter dado a última palavra – uma admissão de que ele me quer do mesmo jeito que eu o quero.

E dessa vez, quando ele se afasta, fico olhando.

Uma excelente paisagem.

Só não posso aproveitar muito, porém, porque uma voz familiar ecoa atrás de mim.

— Eu diria que foi um sucesso.

Viro, e lá está Emma com sacolas de compras cheias de livros usados.

— Que sorte que havia um sebo aqui na rua, logo ali embaixo — ela diz. — E que acabei de ver meu irmão dando uns amassos na rua.

Eu sorrio.

— Por que esconder meus talentos quando o público deveria vê-los?

Ela ri.

— Você é insuportável.

— E você é um pouco xereta.

— Não sou xereta. Sou um excelente cupido, só isso.

Eu quero discordar, mas ainda posso sentir o gosto do beijo de Dean na minha boca. E, é claro, tem o número dele no meu telefone.

E o chá amanhã.

E a promessa de outra coisa também, se meu beijo funcionou como espero que tenha funcionado.





# Capítulo 9

## Dean

Um homem não pode sobreviver a uma força da natureza sem reforços.

Quando um furacão se aproxima da sua cidade, você fecha as janelas.

A mesma estratégia se aplica ao furacão Fitz.

Então, garanto algum tempo para uma corrida antes de ir para o *The Magpie*. Correr me ajuda a focar. Limpa minha cabeça. É um tempo para pensar. Afinal, sou um pensador, como ele disse.

Dou risada desse rótulo enquanto corro ao longo do Tâmis, registrando mais um quilômetro e meio.

Mas ele tem razão. Esse é o meu estilo – eu penso.

Enquanto corro, imagino uma folha de papel e vou esboçando os prós e contras de algumas noites quentes com um visitante que vai decolar em breve.

Por um lado, eu não namoro caras mais jovens.

Por outro lado, não vamos ter um relacionamento. Além disso, ele é apenas quatro anos mais novo, como descobri hoje.

Por um lado, ele é um cliente, e isso é contra as regras.

Por outro lado, ele não pode mais ser cliente depois deste final semana.

Por um lado, ele vai embora em cinco dias.

Por outro lado, ele vai embora em cinco dias.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer em tão pouco tempo?  
— Eu pergunto em voz alta.

— Essa é uma excelente questão. Mentes curiosas querem saber.

Viro e diminuo o ritmo, esperando meu companheiro Sam me alcançar. Começamos a corrida juntos, mas me distanciei, e agora ele me alcançou.

— Pensando alto? Ainda ouvindo vozes em sua cabeça?

Os olhos escuros de Sam brilham como de costume. Ele sorri como se tivesse um segredo que ninguém mais sabe.

— Eu estava chegando a uma conclusão importante — eu digo.

— Conta. Era sobre bebidas, culinária ou a situação do mundo? Ah, espera! Era sobre algum móvel de segunda mão que você não consegue decidir se compra ou não? Ou talvez um livro, e quer ler vinte resenhas antes de concluir uma compra de nove libras?

— Você é meu amigo? Ou passou a ser inimigo?

Ele me dá um tapinha nas costas enquanto corremos.

— Só dois anos que te conheço, e aprendi que você reflete sobre tudo — diz ele.

Diminuo a velocidade quando nos aproximamos dos limites do *Jubilee Gardens*.

— Se quer saber, eu estava pensando se queria jogar sinuca no seu pub novamente.

— E decidiu que *Sticks and Stones* é o único caminho a seguir. Muito bom, meu amigo. Muito legal. — Ele estreita os olhos. — Mas aposto que está mentindo.

— Cuzão — murmuro.

— Vejo que você está aprendendo nossa linguagem americana. Excelente.

— A gente fala “cuzão” aqui no Reino Unido também — lembro meu amigo que abriu um pub alguns anos atrás com a mulher com quem era casado na época, uma inglesa que acabou de arrancar tudo dele em um divórcio infernal. Mas ei, ele ficou com o bar. — Porque tem muitos por aqui — concluo, e levanto e abaixo as sobrancelhas.

— Ai. Quem é o inimigo agora?

— Desculpa, mas não me arrependo. Você começou.

— Isso é verdade. De qualquer forma, não me conta em que está pensando. Vou imaginar se você deve comprar utensílios novos para a cozinha ou o mais recente thriller político.

— O deboche. Meu Deus, o deboche. — Eu gemo, passando a mão no rosto antes de olhar para ele. — Se quer saber, estava pensando em pegar alguém.

Ele ri.

— Para que pensar? Se você gosta da pessoa e tem uma energia, se joga. Mas não se apega, ok?

— Nunca mais.

Ele aponta para a entrada do parque e o caminho que leva ao seu apartamento.

— Vai lá essa semana. Joga uma partida. Tenta não espantar todos os meus clientes.

Ponho a mão no peito.

— Eu? Espantar seus clientes? Nunca.

— Você é o que mais ganha. A gente se vê depois, cara.

Depois da corrida, continuo pensando enquanto tomo banho.

Embora o chuveiro não seja o lugar mais propício para pesar prós e contras.

Chuveiros e a liberdade de exercitar a imaginação geralmente levam a decisão para a coluna dos prós.

Vestido, vou para o trabalho, onde, com ou sem aventura, tenho que encarar a ameaça.

A ameaça olha para mim a noite toda enquanto prepara as bebidas, fazendo aquela cara de “eu sei o que você fez hoje à tarde” quando passa rapidamente por mim. Mas é sábado à noite, e não sobra um momento para conversar ou para ela me atormentar antes de fecharmos.

Estou contando as comandas, mas perco as contas algumas vezes.

Muito obrigado, Furacão Fitz.

— Ei, terra para Dean. Você vai me ajudar na limpeza?

Levanto os olhos do laptop e me deparo com Maeve. Ela já colocou todas as cadeiras em cima das mesas.

— Você esteve com a cabeça em outro lugar a noite toda, e acho que sei o porquê.

— Ah, sabe?

Seu sorriso é malicioso.

— Alguém está pensando em um certo cliente.

Dou risada.

Se ela soubesse...

Mas... espera. Ela sabe. Lanço para ela meu olhar mortal.

— Você tentou me enganar.

Maeve se atreve a olhar para mim com cara de inocente.

— Eu, por que pedi para limpar o chão?

— É, você. Planejou a coisa toda na feira hoje. Você estava

conversando com Emma ontem à noite.

— Ah. Você sabe o nome da irmã dele.

— Sei, ele mencionou hoje...

Maeve começa a rir.

— É muito fofo você saber o nome dela.

— Ele estava falando sobre a irmã. Seria difícil não saber o nome dela.

— E agora você está falando sobre ela. Qual é o próximo passo, escolher as toalhas com ele para bordar o monograma? — Ela pisca algumas vezes.

Balanço a cabeça determinado.

— Coisas que nunca vão acontecer.

— Tudo bem. Talvez não toalhas. Que tal compartilhar camisas?

Eu arqueio uma sobrancelha para ela.

— Você já foi minha amiga, lembra? Era uma vez, tipo, na idade das trevas?

— Você achou que ele era meu tipo e tentou me fazer cair na armadilha. Essa coisa de “você vai ficar maluca” e “é muito seu tipo”. Bem feito, agora não consegue desencanar dele.

— Não passa nem perto disso.

Ela aponta para mim, e vejo a alegria estampada em seu rosto.

— É isso, sim. Fala sério. Você já transou com ele?

— Não — respondo, e fecho o laptop.

— Não? Estou chocada. Mesmo assim, você tem uma dívida comigo.

Toco meu queixo.

— Tem alguma coisa nas regras sobre o que acontece quando sua sócia e ex-melhor amiga tenta fazer você perder? Quero dizer, por que mais ele teria aparecido em uma feira do ramo de bares?

Ela faz cara de inocente, fazendo um esforço enorme para controlar a expressão.

— Eu não faço ideia do que você está falando.

Continuo olhando para ela.

— Sério? Isso é o melhor que consegue fazer? — Eu a imito: — *Eu não faço ideia do que você está falando...*

— Dean, talvez esteja trabalhando demais. Você está começando a imaginar coisas. Mas se está admitindo que algo aconteceu entre

você e aquele cara... — Ela aponta para o esfregão.

Balanço a cabeça.

— Não estou admitindo nada. Não até você admitir que você e Emma armaram essa para mim. Se eu pegar seu celular agora, aposto que vou encontrar uma troca de mensagens sobre eu ter ido à exposição hoje.

Maeve sorri satisfeita.

— Se essa troca de mensagens tivesse existido, ela já teria sido excluída.

— Você sabe que isso é jogar sujo. Me enrolar desse jeito.

Ela dá de ombros.

— Foi o que você tentou fazer comigo ontem à noite. Acontece que sou melhor no jogo. — Ela me entrega o esfregão. — E você pode começar a esfregar. E enquanto faz isso, pode me contar tudo sobre sua sessão de pegação pelas ruas de Londres. Quero viver indiretamente através de você. Conta. Deu para ficar sem ar? Ele te derreteu? Te deixou com as pernas tremendo?

— Minhas pernas não tremeram. E eu não derreti. Nada a ver. Além disso, foi só um beijo.

— Ah! Então você admite. Começa a esfregar.

Com um suspiro aflito, pego o esfregão e admito que ela ganhou essa rodada. Pelo menos essa é uma das tarefas mais fáceis na lista de consequências que ela fez. E sinceramente, eu acabaria contando tudo a ela de qualquer maneira.

— Quero detalhes — diz ela enquanto limpa o balcão. — Quando vai ver ele de novo?

Eu mergulho o esfregão no balde.

— Não é assim. Foi só um lance, uma vez — digo, apesar de sentir que essa possibilidade parece horrível. Alguns beijos excitantes não foram suficientes. Quero o furacão inteiro, com tempestade e tudo.

Maeve sorri.

— Mentiroso.

Ela sempre foi capaz de enxergar dentro de mim, desde que nos conhecemos na universidade há mais de dez anos e nos demos bem imediatamente.

— Por que não sai com ele? Quero dizer, sim, você teria que comprar minha *jukebox*. E cumprir um monte de tarefas. Mas não seria tão ruim. Ele é gostoso. Além disso, eu pesquisei o cara. Ele tem uma

excelente reputação e contribui para muitas instituições de caridade. Resgate de animais, pesquisa de câncer, adolescentes LGBTQ...

Levanto os olhos do chão polido e a encaro, impressionado com essa nova informação.

— É mesmo?

— Sim. Ele gosta de retribuir. O que eu acho lindo. Como o rosto dele — ela fala brincando.

— Sim, as duas qualidades são muito adoráveis, Maeve — concordo, e estou falando sério.

Seu passado é atraente, mesmo que não importe muito para uma aventura. Ainda assim, é bom saber que ele não é um babaca egoísta.

— Mas ele é novo — acrescento, e volto a esfregar o chão. — Eles sempre querem mais, e mais não é meu estilo. O bar, o empréstimo... Sabe como é, o mais é uma distração.

Maeve interrompe sua limpeza e adota um tom mais suave.

— Não pode olhar para todo cara por quem se interessa como se fosse outro Dylan.

Posso, e olho.

— Eu não quero, mas o Dylan não começou dizendo que queria mais. Ele começou casualmente. Como posso acreditar que não vai ser a mesma coisa? Que mais cedo ou mais tarde Fitz não começaria a falar de amor?

Eu tremo só de pensar. O amor faz as pessoas fazerem coisas estúpidas. Faz com que percam de vista o que é importante.

Maeve diminui a distância entre nós, coloca a mão no meu ombro.

— Mas isso não tem a ver com amor, essa palavrinha que odiamos, meu amigo.

Ela apoia a cabeça no meu ombro e suspira. Eu acaricio seu cabelo, sabendo que ela tem os próprios problemas com essa palavra. Quando o último cara partiu seu coração, precisei de todo o meu autocontrole para não deixar ele inconsciente quando entrou aqui tentando uma reconciliação. Em vez disso, simplesmente o pus para fora e disse para nunca mais voltar.

— Com certeza odiamos. — concordo.

Ela levanta a cabeça, apagando a onda temporária de tristeza, os olhos brilhando.

— Tem a ver com outras palavrinhas, certo? As boas. Aquelas que significam diversão.

— Certo, é claro — concordo depressa.

Ela acertou de novo.

— E nesse sentido, quanto tempo ele vai passar aqui? Acho que Emma falou que ele ficaria na cidade só por uns dias.

— Uma semana. Acho que cinco dias, para ser mais preciso.

Olho para o relógio como se ele estivesse cronometrando sua partida. Ruidosamente. Insistentemente.

Com os olhos arregalados, ela aponta para a porta me expulsando.

— Cai fora. Agora. Vai atrás desse homem. Vai! Vai! Vai.

Eu rio.

— Você quer muito aquela *jukebox*.

— Sim, mas eu também vi o jeito como vocês dois se olharam.  
— Ela leva o dedo à língua e o levanta como se tocasse o ar, fazendo um ruído crepitante. — Vocês dois são fogo. E você tem muito tempo para uma aventura divertida. Além disso, pense em como o bar vai ficar ótimo, quando ele for embora e você ficar com todas as suas tarefas. Uma situação em que todo mundo sai ganhando.

— Então, eu transo com ele para que a gente possa finalmente terminar o bar?

— Isso. — Então ela adota um tom mais sério. — Olha, eu te conheço há mais de dez anos. Inventamos essa aposta para evitar distrações, e sei que você quer fugir delas, mas também tem medo de ser como sua mãe, e você não é.

— Eu não sabia que ia me psicanalisar.

Ela encolhe os ombros.

— É o que os amigos fazem. E os amigos também lembram os amigos para se divertirem. Afinal, quantas vezes um jogador de hóquei americano gato e generoso vai aparecer aqui? Alguém que, segundo todos os relatos, está loucamente a fim de você. A escolha é fácil. Sem compromissos, sem condições.

Ela joga uma toalha por cima do ombro e me deixa com meus pensamentos. Continuo limpando o chão e pensando na possibilidade. Claro, perder a aposta acaba com meu orgulho, mas mais do que tudo, preciso manter o foco porque esse bar – meu negócio, a coisa que eu mais queria fazer desde a universidade – é meu sonho. Algo meu. Algo que é minha responsabilidade.

E namorar pode ser uma distração.

Mas se ele vai ficar só por alguns dias? Não pode ser uma

distração, porque ele não pode ser nada mais do que uma aventura. Termino de limpar o chão, guardo o balde e volto para o balcão, onde Maeve está quase terminando de polir os copos.

Pego meu telefone e abro minha playlist.

— Quer um martini e uma música excelente?

— Sempre. Mas você cuida disso, da playlist e da bebida. As suas são lendárias.

— Isso é verdade. Eu sou o mestre do martini e o maior DJ que este bar já conheceu.

Escolho Miles Davis, já que é disso que eu gosto no bar, e preparo as bebidas. Depois abro meu aplicativo de mensagens, decidindo já começar a esquentar o chá de amanhã.





# Capítulo 10

## Fitz

Estou sozinho no quarto do hotel depois de me exercitar, tomar banho e jantar com Emma. Vou para a cama sem nada e pego meu telefone, tentando a mandar uma mensagem para ele.

Mas não mando. Em vez disso, recorro a um podcast em que estou viciado, *Someone Knows Something*, e converso com alguns dos meus amigos em Nova York enquanto ouço.

Primeiro, vejo uma mensagem de texto da minha amiga Summer, que acabou de abrir uma academia para atender o público de mais de cinquenta e cinco anos. Abro a imagem que ela enviou, sorrindo ao ver alguns de seus clientes praticando *kickboxing*, depois leio o texto. Ela diz que poderia me recrutar para ensinar hóquei a eles.

Eu respondo.

**Fitz:** Vou ensinar para eles como lutar no gelo também.

Eu mudo para uma mensagem de seu irmão gêmeo, Logan, um dos meus grandes amigos.

**Logan:** Tem gente em contagem regressiva para concentrar e começar a treinar. Eu estou em contagem regressiva até a liga de *paintball*.

**Fitz:** Porque sabe que tem uma arma secreta comigo em sua equipe.

**Logan:** Shh. Não conta para ninguém. Ah, Amélia mandou um oi e pediu uma foto sua na *London Bridge*, para ter certeza de que ela não está caindo. Acho que ela gosta de você. Não sei porquê.

**Fitz:** Porque sua filha de sete anos tem muito bom gosto. Prometo que vou tirar a foto para ela. Amo essa menina.

Fecho a conversa, depois troco mensagens com Ransom, um dos meus amigos mais próximos do time.

**Ransom:** Faltam seis dias. NÃO QUE EU ESTEJA CONTANDO para o início do treinamento.

**Fitz:** Mas isso não é contar, cara?

**Ransom:** Contando as gatas.

**Fitz:** Não esperava menos de você.

**Ransom:** Vou para uma boate hoje à noite no Soho. Me deseje sorte. Espera, não preciso de sorte.

**Fitz:** Boa sorte, filho da mãe feio.

**Ransom:** As moças amam essa careta.

**Fitz:** Algumas pessoas não têm bom gosto. De qualquer forma, trata de se preparar para arrebentar no gelo em seis dias.

**Ransom:** Nada menos, meu irmão. Nada menos que isso, porra.

Envio um emoji de um dedo médio, e ele manda cinco de volta, e é nesse momento que chega uma mensagem do Dean. Fecho a conversa com o Ransom, já que isso é muito melhor do que conversar com meus amigos.

**Dean:** O café da manhã inglês tem um sabor forte e robusto. *Earl Grey* é mais sutil.

Tem uma mensagem oculta nisso. Respondo tentando ler nas entrelinhas.

**Fitz:** Tem um favorito entre os dois?

**Dean:** Geralmente, prefiro um chá forte.

Sim, eu tinha a sensação de que ele ia dizer isso. Ou esperança, porque sei que posso chegar forte. Mas esse sou eu.

**Fitz:** Bom saber. Muito bom saber disso.

**Dean:** Achei que podia achar essa informação útil. Como uma cartilha, se entende o que quero dizer.

**Fitz:** Eu entendo o que você quer dizer, e acho essa dica muito, muito útil.

**Dean:** Bom. Fico feliz em saber que é útil.

**Fitz:** Muito mesmo. Além disso, caso ainda tenha alguma dúvida, ainda estou pensando em como me pegou hoje à tarde.

**Dean:** Claro que está.

**Fitz:** E você também, aposto.

**Dean:** É possível.

**Fitz:** Você gosta de brincar comigo.

**Dean:** Você gosta quando eu brinco.

**Fitz:** É claro que sim. Adorei o jeito como pegou o que queria hoje.

**Dean:** Eu imaginei que pudesse ter gostado. Mas fica tranquilo, você não foi o único.

**Fitz:** Ah, foi recíproco, então?

**Dean:** Foi, sim. E também gostei muito do que senti.

**Fitz:** Você não tem freio.

**Dean:** E isso te incomoda?

**Fitz:** Não, isso me excita. Esse é o problema. Estou aqui na minha cama king-size, sozinho, sem uma peça de roupa.

**Dean:** Se você acha que vou pedir uma foto do seu pau, não é meu estilo.

**Fitz:** Se você acha que vou mandar uma, esse não é meu estilo.

**Dean:** Bom. Agora que isso ficou claro, muito obrigado por plantar essa imagem fantástica na minha cabeça. Você na sua cama sem nada, e agora não posso fazer um martini decente.

Eu sorrio. Um sorriso espontâneo que toma conta de todo meu ser. Ele está tão a fim quanto eu.

**Fitz:** E agora, tenho negócios para cuidar, te vejo para o chá.

Fecho o aplicativo de mensagens antes de dizer qualquer outra coisa, porque é melhor deixar ele querendo mais. E tenho certeza de que é exatamente assim que ele está se sentindo agora.

Do mesmo jeito que eu.

# DOMINGO

**Também conhecido como o dia em  
que criamos as regras que temos  
certeza de que nunca vamos quebrar.**



# Capítulo 11

## Fitz

Minha manhã está lotada.

Primeiro, um longo treino na academia do hotel, onde me exercito com pesos, faço abdominais e flexões.

Depois vou para a rua, com os *AirPods* explodindo minhas playlists habituais de *hard rock* enquanto corro dez quilômetros pela cidade, absorvendo as paisagens de *Battersea Park* e do *Peace Pagoda*.

À medida que a playlist se repete, imagino a temporada à minha frente, o desempenho que quero ter, as estatísticas que quero conquistar.

O foco de que preciso.

Meu contrato termina no final do ano que vem, então, isso é fundamental. Quanto melhor for meu desempenho, mais seguro posso tornar o futuro da minha mãe, de Emma, Carrie e Sarah, bem como dos filhos delas.

Quando termino o treino, retorno uma ligação da minha agente enquanto esfrio, andando os últimos quarteirões de volta ao hotel.

— Só curiosidade. O que você acharia de um contrato de patrocínio com uma marca de roupas esportivas? — ela pergunta.

— O que você ia achar de um fornecimento vitalício de chocolate? — respondo, lembrando que Haven e eu fizemos um acordo uma vez, se atingíssemos uma meta definida, eu daria isso a ela. — Hm. Deixa eu pensar sobre isso por alguns segundos. Espera. Combinado. Estou dentro.

Revemos os detalhes quando entro no saguão.

— Você é incrível. Da minha parte, tudo ótimo.

— Este acordo vai te manter muito ocupado quando não estiver jogando. Não se importa com isso?

— Você me conhece...

— O cara sem compromisso.

— Exatamente. — Eu me despeço dela ao entrar no quarto.



Dou uma olhada no relógio do celular e levanto um punho para comemorar, porque é quase hora do chá. Depois rio de mim mesmo, porque mereço ser ridicularizado.

*Que beleza, cara. Você está empolgado com um chá... Bom, para tudo tem uma primeira vez.*

Tiro o short e vou para o chuveiro.

Mas Dean não é a única razão para a minha empolgação com essa visita à *Fortnum & Mason*. Sendo uma anglófila a vida toda, Emma teve o chá da tarde em sua lista de desejos por muito tempo.

Depois do banho, me visto e examino meu reflexo ao sair do banheiro. Estou elegante – calça social, camisa. Bem-arrumado.

Eu vou para o quarto de Emma no mesmo corredor, bato duas vezes na porta. Quando ela abre, me olha de cima a baixo com aprovação.

— Não vejo você tão elegante há muito tempo.

Gesticulo para minhas roupas.

— Tenho que usar um terno antes de cada jogo. Isso nem conta como arrumado.

Ela dá um tapinha no meu ombro.

— Sei. Certo. O terno é só obediência ao código de vestuário do clube.

Reviro os olhos.

— Não foi você quem me enviou o link para o código de vestuário esporte fino para o chá?

— Hm. É a minha cara. Mas sei que você tem segundas intenções para se arrumar tão bem.

— Sim. Eu tenho segundas intenções. Que você construiu com a precisão de uma engenheira.

Ela levanta o queixo e responde atrevida:

— De nada. — Depois pega a bolsa, pendura no ombro e alisa o vestido cor de rosa. — Vamos, gostosão. Estou animada por você ter encontrado um homem para convidar para o chá.

Levanto as mãos em sinal de rendição.

— Eu não o convidei, Ems. Ele deu a ideia. Já falei. Seu irmão mais velho é irresistível.

Ela despenteia meu cabelo enquanto andamos pelo corredor.

— Uma lenda dentro da própria cabeça. Mas sabe que, na verdade, não precisamos de um inglês para viver a experiência do chá,

não sabe?

— Claro que sim — respondo quando entramos no elevador.

Ela balança o dedo para mim.

— Passei minha vida inteira me preparando para isso. Estudei todos os cardápios das casas de chá da cidade e li os comentários. Mas isso vai ser muito especial. Eu posso ir com meu irmão — ela balança uma sobrancelha — e seu novo amigo cavalheiro.

Ela pisca para mim, quando chegamos ao saguão.

— Sim, ele é um amigo. Eu vim para Londres para fazer novos amigos — comento inexpressivo quando chegamos à rua.

— E mal posso esperar para conhecer seu novo amigo. E saber tudo sobre essa fabulosa amizade.

Olho para o céu.

— Por que irmãs têm que ser assim?

Ela cutuca minha barriga.

— Tenho que representar não só os meus interesses em baixar um pouco sua bola, mas também os da Carrie e da Sarah. Não é um trabalho fácil lidar sozinha com todas as provocações. Tenho que canalizar as delas também.

— Você parece estar indo muito bem nesse departamento.

— Vou falar para elas — Emma responde enquanto caminhamos entre as pessoas em um belo dia de verão em Londres.

Ela encaixa o braço no meu.

— Acho que não conheci ninguém de quem você gostasse desde aquele cara na faculdade. Marco.

Esse nome é outro lembrete do por que não entro em relacionamentos.

Ele foi a última pessoa com quem estive por mais que algumas noites. Quase um semestre inteiro. Ele até conheceu Emma quando ela e minhas outras irmãs visitaram o campus para assistir a um jogo.

Mas a verdade é que ele estava mais interessado em experimentar. E voltou para as meninas depois de mim.

E pediu o número de Carrie. Sim, isso foi divertido.

Quando chegamos à *Fortnum & Mason*, meu estômago revira. Não estou preocupado com a possibilidade de Dean estar interessando em Emma, não, nem por um segundo. Nem acho que ele pode ser um bi-curioso. Mas é um erro convidá-lo para uma coisa de família? Merda. Talvez eu tenha me envolvido demais no desafio e no jogo de

sedução ontem. Não pensei no fato de estar misturando um lance com um evento familiar – algo que nunca faço.

Devo cancelar? Remarcar?

Mas quando entro e o vejo em uma das mesas, esqueço todos os pensamentos sobre erros. Porque pego fogo.

Ele se levanta, e está incrivelmente delicioso de camisa e calça social.

— Aí, sim, viu, é casual elegante — Emma sussurra.

— Mais para gostoso da porra.

— É, isso também.

Enquanto nos aproximamos, ele me olha de cima a baixo como se eu fosse sua próxima refeição, e isso me deixa muito excitado.

Então ele sorri para Emma e abre os braços para um abraço e um beijo no rosto.

Quando eles se separam, ela exhibe seu melhor sorriso tímido.

— Espero que possa me perdoar pelos meus modos maquiavélicos ontem.

— Você é mestre em marionetes — ele responde com um brilho nos olhos. — E, obviamente, está perdoada. — Seu olhar se volta para mim novamente. — Ou eu não estaria aqui.

— Você está aqui — confirmo, e nem me importo se meus pensamentos são transparentes.

Ele abaixa a cabeça, engole, depois aponta para a mesa, onde nos sentamos.

— Vamos ao seu chá da tarde, Emma. O que vai querer? Jubileu? *Royal Blend*? *Earl Grey*?

Emma se inclina para frente e recita cinco ou seis combinações diferentes nas quais ela está pensando, e tudo que posso fazer é me recostar na cadeira e ficar olhando.

Dean é espirituoso comigo, rápido nas respostas. Com Emma, ele é mais charmoso e curioso. Atencioso. Realmente interessado. É uma mudança de ritmo interessante, ver como ele trata minha irmã, como se envolve com essa pessoa que eu adoro.

Honestamente, é mais excitante do que se ele tivesse aparecido sem camisa. Embora eu queira tirar aquela camisa. Isso é fato.

No momento em que eles servem nosso chá e sanduíches, Dean conquista totalmente a atenção de Emma com seu conhecimento sobre os tempos adequados de infusão e suas opiniões sobre diferentes

sabores.

— Então, seu programa de arte — diz ele, levantando a xícara de chá inglês do tipo café da manhã. — Me conta, o que está te deixando mais animada?

Emma fala sobre as diferentes aulas que fará, os simpósios, os períodos de arte que deseja estudar.

— Adoro o período moderno, mas, no fundo, acho que sou mais atraída pela arte dos séculos XVIII e XIX. Eu sinto que realmente expressou a sociedade e todos os seus desejos e vontades tácitas.

— Isso vale para muitos artistas ingleses, com desejos tácitos e tudo. Consigo ver isso JMW Turner. Gainsborough também. Você já esteve na Galeria Nacional?

Ema ri.

— Foi o primeiro lugar que fui! O trabalho de Nicolaes Maes? Esplêndido. Normalmente, não gosto das obras do século XVII, mas por algum motivo...

— Ele fala com você, certo? — Dean se inclina para frente. — Você deveria ter vindo para a exposição de Vermeer recentemente. Lealdade aos meus compatriotas à parte, sou apaixonado pela arte holandesa. Adoro o realismo que eles tentaram capturar – quase um hiper-realismo.

Emma olha para mim e começa a rir.

— James, você não me disse que ele conhece arte!

— Estou aprendendo coisas novas também — digo.

Dean coloca a xícara de chá na frente de seu rosto para esconder a risada.

Emma alisa o guardanapo.

— Como você sabe tanto sobre arte? Ninguém, exceto os geeks da arte como eu, conhece bem os artistas holandeses.

Ele acena com a mão com desdém.

— Mamãe trabalhava no campo. Aprendi com ela. Antes de ela ir embora, quero dizer.

Meus ouvidos ficam mais atentos. Isso é informação nova.

— Quando foi isso? — Ema pergunta.

— Emma — eu a repreendo.

O sorriso de Dean diz que ele não se importa com a pergunta.

— Eu tinha treze anos. Ela foi para a Austrália. Tudo bem. Meu pai é ótimo, e ficamos bem sem ela. Ele mora na minha rua, e eu o

vejo sempre. Felizmente, ele também gosta de arte, e às vezes vamos juntos à *National Gallery*. Ela não arruinou nosso amor por museus.

— Talvez eu encontre vocês dois lá em algum momento — ela diz, e uma pontada momentânea de ciúme aperta meu peito, porque ela tem a sorte de encontrar Dean algum dia, quando eu for embora.

— Talvez. E você pode me ensinar o que aprendeu. Então, já estive na Galeria Nacional. O que acha da minha cidade natal, fora isso? Vocês dois estão gostando de Londres?

— Acho óbvio que James está gostando. — Emma cutuca meu cotovelo. — Porque você é o guia.

— Ainda bem que encontrei um para nós — provoco. — Se você estivesse no comando, estaríamos perdidos e teríamos pedido o chá errado.

Emma levanta sua xícara de chá, rindo.

— Ok, tenho uns probleminhas com meu senso de direção. Me processa.

— Probleminhas? Tenho certeza de que algumas décadas de férias em família me permitem discordar. — Passo um braço em volta dos ombros dela. — Quando éramos pequenos, ela se perdeu na Disney.

— Ei, é um lugar grande! — Ela levanta as mãos assim que o telefone toca.

Pega o celular da bolsa, olha para a tela e depois para nós, um pouco séria.

— Puxa. É o cara da empresa com quem estou alugando o apartamento. Ele quer que eu ligue para ele. Vocês dois vão ter que dar um jeito nos *scones* sem mim. James, pode me encontrar na estação de metrô em quarenta minutos para ir comigo buscar a chave?

— Não vá sem mim. Quero ter certeza de que está tudo bem.

— Eu sei, eu sei — diz ela, depois vira para Dean. — Ele não vai me deixar pegar a chave até ter certeza de que o cara que está alugando para mim merece sua aprovação. Ele é protetor.

Dean assente aprovador.

— Isso é inteligente da parte dele. Além disso, pode muito bem usar de maneira útil essas habilidades de defensor do gelo, ou seja lá o que for.

Ela balança os dedos para se despedir e, acenando, levanta da cadeira. Não sei dizer se ela está falando sério sobre precisar dar um telefonema agora, ou se isso é outra armação, mas com aquele jeito

típico, ela dá um abraço rápido em cada um de nós e sai correndo do salão de chá antes que eu possa perguntar alguma coisa.

E, honestamente, não me importo, especialmente quando olho para Dean.

— Defensor do gelo? Sério?

Ele simplesmente dá de ombros.

— O que posso dizer? Hóquei não é minha praia. — Ele não diz isso com desdém.

Diz... deliciosamente. Como se estivesse me deixando ler nas entrelinhas novamente, dizendo sem dizer que não está a fim de mim pelo número nas costas da minha camisa, como muitos caras em Nova York.

E esse é outro ponto a seu favor. Dean não está tentando pegar um atleta profissional. Eu meio que amo isso. Mas não vou falar para ele. De jeito nenhum, não vou revelar isso ainda. Em vez disso, falo outra coisa inteiramente verdadeira.

— Obrigado por conversar com Emma. Isso significa muito para mim.

— Ela é adorável. Mente curiosa, dá para perceber.

— Sim, isso a descreve perfeitamente. Ela também está sempre em movimento. Nunca desacelera.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Ela parece estar sempre atenta aos detalhes. É uma ótima armadora para você.

Dou risada.

— Acho que vamos ver se ela é boa nisso.

Seus olhos passeiam para cima e para baixo no meu corpo daquele jeito faminto que ele tem de olhar para mim.

— Tenho a sensação de que ela vai ser um sucesso nisso.

Sinto a temperatura subir novamente, as chamas ardendo dentro de mim quando ele começa a conversa que quero ter.

— Isso significa que você está me dando outro sim?

— Sua palavra favorita, Fitz. Eu me pergunto se isso é o que eu vou dizer para você hoje — ele fala, e caramba, esse homem é sexy demais no jeito de falar, no jeito de me provocar.

Eu me inclino para trás na cadeira, estico na direção da beirada da cadeira dele, brincando como ele brincava comigo.

— Eu também me pergunto. Talvez ainda esteja planejando

resistir.

Ele nunca desvia o olhar. Mantém aqueles olhos escuros fixos nos meus.

— Como eu disse, tenho uma regra sobre dormir com os clientes.

— Ah, mas eu não sou mais um de seus clientes.

— Mas era, e agora eu perdi a aposta com Maeve.

Eu franzo a testa, confuso.

— Que aposta?

— Maeve e eu temos uma aposta contínua. Uma espécie de acordo sobre não ir para casa com os clientes. Se um de nós fizer isso, devemos ao outro tarefas extras.

— Interessante. Você teve que pagar ontem só por aqueles beijos?

— Ela me fez esfregar o chão. Uma carrasca.

— Isso te incomodou? A faxina?

Ele acaricia o queixo, como se estivesse considerando a pergunta.

— Não. Nem um pouco. Talvez eu tenha que cumprir outras tarefas, no entanto.

Isso desperta muito meu interesse.

— Então, você realmente tem que pagar, se dormir comigo? — Apenas dizer isso em voz alta, chegar mais perto do que eu quero, faz minha pele arrepiar e meu pau latejar.

Especialmente porque ele não tem pressa, lambe os lábios antes de responder e pontua cada palavra.

— Então. Muitas. Tarefas.

Seu jeito de olhar está me deixando maluco. O desejo que vejo em seus olhos combina com o meu.

Engulo em seco, minha garganta tão seca quanto o Saara, a luxúria martelando meu corpo. Abaixo o braço, deixo-o escorregar para baixo da mesa e apoio a mão aberta na coxa dele.

— Vale a pena.

É como se um som contido retumbasse em seu peito quando ele afasta um pouco as pernas.

— Possivelmente.

— Definitivamente.

Ele respira fundo, e de repente adota um tom sério.

— Mas escuta, isso é só um lance. Nada mais. Quero ter certeza de que estamos na mesma sintonia.

— Estamos totalmente na mesma sintonia.

— Tive alguns ex-namorados um pouco... apegados. Não quero isso. Tenho que pensar no bar. Maeve e eu estamos pagando um empréstimo. Não quero que nada atrapalhe os negócios.

Eu sorrio.

— Conheço o sentimento. Mas acredite em mim, Dean. Vou me concentrar para treinar, depois disso. E estou fechando um novo contrato de patrocínio. Estarei tão ocupado em Nova York que você nem vai ouvir falar de mim, depois que eu pegar o avião na quinta-feira às duas. Eu vou entrar e sair da sua vida assim.

— Nesse caso, tem mais uma coisa que precisamos resolver.





# Capítulo 12

## Dean

As regras são importantes. É bom defini-las com antecedência. Mas as expectativas também, para estarmos na mesma frequência no quarto.

Retribuindo o favor, deslizo a mão por sua perna, sabendo que isso o deixa louco porque, evidentemente, eu o deixo louco. É inebriante, esse poder. Viciante também.

Os olhos de Fitz escurecem quando eu o toco. Então faço a pergunta necessária.

— Então, como vai ser se a gente for em frente?

Ele sabe o que estou perguntando e responde instantaneamente.

— Eu quero te foder, Dean.

Eu tive essa sensação. Ficou claro desde o segundo em que seus olhos deslizaram por meu corpo no bar. E por algumas coisas que ele disse também. Mas é melhor jogar aberto.

— Eu imaginei que seria assim.

Ele levanta uma sobrancelha com ar curioso.

— Isso não é um problema, é?

— E se for? — Devolvo.

Não resisto a jogar com ele.

— Diz que não é. — É quase uma ordem, sua voz quente, desesperada.

Ele parece que pode morrer de desejo, se não colocar as mãos em mim logo. É uma boa perspectiva, uma boa sensação.

E eu sinto a mesma coisa, mas posso dizer que Fitz gosta do jogo, então dou o que ele quer.

Sorrio, dou de ombros e ainda não revelo nada.

Ele grunhe, aproxima o rosto do meu pescoço e fala com aquela voz baixa e rouca perto do meu ouvido.

— Eu te quero muito. Quero tirar sua roupa. Pôr minhas mãos em você. Sentir você debaixo de mim. — A barba de Fitz arranha meu

pescoço.

Ele toca minha orelha com a língua e baixa a voz para um sussurro sacana.

— Eu quero estar dentro de você.

As palavras incendeiam meu sangue, me deixam em brasa.

Solto um suspiro, olho nos olhos dele e entrego o que ele quer. Felizmente, é o que eu quero também.

— Sorte sua, Fitz, sou bastante versátil.

Seu sorriso é largo, o gemido é profundamente satisfeito.

— Essa é a coisa mais sexy que você já disse, e tudo o que você diz é sexy. Já contei quanto gosto de ouvir você falar? Seu sotaque me excita.

— Parece que tudo o que faço te excita.

— Sim. É exatamente o que acontece.

Olho para o relógio, os segundos estão passando rápido demais.

— Você vai ter que encontrar a Emma daqui a pouco. Onde fica o seu hotel?

— Perto. A alguns quarteirões daqui.

— Que bom. — Tiro a mão dele da minha perna e a coloco sobre a mesa. — Então, é o seguinte: você pode querer me foder agora, mas não vai acontecer. Quer saber o porquê?

Ele responde sem perder tempo.

— Porque vamos fazer tudo sem pressa, vamos fazer durar, trepar a noite toda.

— Exatamente. Quero aproveitar cada segundo disso. Quero sentir você dentro de mim. E não quero uma rapidinha. Eu quero ficar maluco de tesão enquanto você me fode até a gente chegar no limite do prazer. E isso vai levar mais que trinta minutos.

Seus olhos estão inebriados de desejo, escuros de luxúria.

— Muito mais que trinta minutos.

— Mas meus cálculos indicam que temos tempo suficiente para outras coisas. — Abaixo a voz. — Muito tempo para eu ficar de joelhos e te chupar. Vamos nessa?

Fitz passa a mão na nuca, a voz rouca.

— Você está me matando. É o homem mais sexy que eu já conheci. Você sabe disso, não sabe?

As pessoas dizem coisas no calor do momento, mas ele parece estar falando sério.

— Acho que vai ter um pouco de dificuldade para andar agora. E se eu for na frente e te encontrar no saguão, e você pode pensar em bolos, chá ou na rainha, ou alguma coisa assim no caminho?

Ele balança a cabeça.

— Não. Nem pensar. E não vou deixar você longe do alcance dos meus olhos.

Ele paga a conta e se levanta, e tem um volume impressionante em sua calça.

Bom, não estou reclamando disso.

No hotel, as portas do elevador se fecham e nossos corpos se chocam. Fitz me empurra contra a parede e me beija com força.

— Você me deixa maluco — ele murmura quando interrompe o beijo.

— Você quer que eu te deixe maluco.

— Eu quero, Dean. Quero muito.

Esta confirmação é necessária. Necessária para mim. Preciso ter essa vantagem verbal com ele. Isso me mantém seguro, me protege da tempestade. Porque ela é poderosa com Fitz, e parte de mim quer ser puxada para o olho desse furacão.

Um minuto depois, ele bate a porta do quarto e nos agarramos de novo. As mãos dele estão no meu rosto, e as minhas estão em sua calça, agarrando a ereção através do tecido.

Fitz geme de prazer e abaixa as mãos, segura a bainha da minha camisa e a puxa. Nós nos afastamos um pouco e eu a desabotoo rapidamente, jogando a camisa longe enquanto tiramos os sapatos e as meias. Depois eu o puxo para mim novamente, beijando-o com violência e rispidez, do jeito que eu já sei que ele gosta. Eu o conduzo até a cama, acariciando sua ereção insistente enquanto me movo, saboreando cada centímetro quente e duro. Ele tira a camisa, e quero passar horas admirando sua tatuagem, traçando cada contorno com a língua, mas vamos ter tempo para isso mais tarde. Chegamos na beirada do colchão, e eu seguro o zíper de sua calça, precisando tirá-la de cima dele agora mesmo.

— Tudo bem, Sr. Regras-são-feitas-para-serem-quebradas, vamos ver se você é de verdade ou é só da boca para fora — provoco.

Fitz ri.

— Ah, acho que sua boca vai descobrir rapidinho.

Quando tiro as roupas dele, inclusive a cueca boxer, não são só meus olhos que gostam do que vejo. Meu corpo inteiro está maluco por isso.

Seu pau me saúda, grosso, duro e ansioso para me conhecer. Minha palma o envolve, se curva em torno dele. No segundo em que o toco, sou recompensado por um suspiro quase selvagem, e o som de seu desejo provoca um arrepio que sobe por minhas costas.

— Você me deixa louco — ele murmura.

— Sim, dá para perceber. — Aperto seu pau, sorrindo ao deslizar a mão por todo o comprimento.

Saboreio a sensação de sua excitação e os ruídos que ele faz também, enquanto me entrego à vontade de tocá-lo.

— Tão louco que você precisa ajoelhar agora mesmo.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Ah, preciso, é?

— Você quer — Fitz provoca enquanto projeta o quadril, empurrando o membro em minha mão, ansioso por mim.

Sua luxúria é como uma droga, e eu quero outra dose dela, dele.

— Você sabe que quer, Dean.

Com a outra mão, dou um aperto de leve em suas bolas, depois a deixo cair sobre o meu próprio pau embaixo da calça.

— Hm. Será que sabe? Parece que sim.

Ele estreita os olhos e senta na cama, me empurrando para o chão, mantendo minha mão em seu pau o tempo todo. Abre as pernas, segura meu queixo e me puxa para mais perto.

Queria cair de boca nele agora. Levar ele até o fundo da garganta e mostrar o que posso fazer. Quase como se quisesse castigá-lo com prazer por me fazer quebrar essa regra. Como se eu quisesse mostrar para ele por que cedi.

Ou talvez eu queira provar isso para mim mesmo.

*Precise provar isso para mim mesmo.*

Mas não quero parar de brincar. Esse jogo que Fitz e eu jogamos, essa provocação é muito mais divertida do que qualquer outro jogo. E não quero parar de jogar. Inclino a cabeça para mais perto, atraído pelo cheiro inebriante dele, pela sensação dele. Minha boca saliva, mas eu resisto ao impulso de abocanhar tudo de uma vez e, em vez disso, beijo sua coxa.

— Hmmm... e você diz que gosta de tudo que eu faço. E aí,

gosta disso?

Traço com a língua um caminho até a parte interna da perna, provocando, resistindo com minha evidente vontade de ferro ao pau grosso e duro que eu quero chupar.

Ele estremece, segura meu rosto com as duas mãos, e a voz é um apelo estéril e exigente.

— Me põe na boca e para de falar.

Eu estreito meus olhos, me aproximo, roço o queixo em todo seu comprimento pulsante.

— Mas eu pensei que você gostasse do meu sotaque.

— Amo, exceto quando tem um boquete em jogo.

Meus lábios se distendem em um sorriso.

— Bem, talvez você devesse me dar um. Seria o melhor dos dois mundos.

— Pensando bem — ele diz, e antes que eu registre o que ele está fazendo, o homem se move com a velocidade e a graça de um atleta — é claro — me levantando do chão, me jogando na cama, tirando minha roupa e caindo de boca no meu pau.

Ele me leva até a garganta em um movimento rápido. A eletricidade corre por meu corpo.

Sua boca é especialista.

Inferno, essa boca deliciosa e experiente está ocupada comigo, me chupando profundamente, e não me surpreende que Fitz vá com tudo, e ah, sim, é isso que eu quero.

Minhas mãos agarram seu cabelo, uma delas tocando a parte de trás de sua cabeça.

— Isso. Vai fundo.

Juro que posso sentir seu sorriso no meu pau enquanto ele me chupa com vontade, como se estivesse faminto por ele.

Mas Fitz não é simplesmente força bruta ou uma garganta mágica que aguenta uma boa foda.

Sua língua é puro feitiço, e a maneira como ele a movimenta em volta do falo, o jeito como lambe e acaricia enquanto chupa faz minhas coxas tremerem e minha respiração acelerar, ficar ofegante.

— Porra — eu gemo quando Fitz desliza as mãos grandes ao longo das minhas coxas, para cima, para baixo e para cima novamente. Ele segura minhas bolas, brincando com elas enquanto me devora.

— Isso. Isso, porra — eu digo, e não há muito mais que eu possa falar enquanto ele faz isso, porque não consigo formar as palavras.

Palavrões, gemidos, grunhidos, é só isso que consigo produzir.

Com as coisas que ele está fazendo, em breve não vou conseguir nem emitir sílabas. O desejo percorre todo meu ser, uma onda punitiva de prazer agonizante enquanto ele chupa meu pau com tanto entusiasmo que é como se estivesse tentando chupar minha alma também.

Bom, está funcionando. Com certeza está funcionando.

Meus dedos se enroscam em seu cabelo enquanto meu quadril se projeta para frente, para cima, penetra sua boca talentosa e implacável – esse homem é implacável quando me chupa até o fundo da garganta.

Estou perdendo todo o controle e adorando, amando o calor em meu corpo, o prazer em minhas veias, as mãos nas minhas pernas, minhas bolas, minha barriga.

Em toda parte.

Ele me toca em todos os lugares enquanto leva meu pau em uma viagem pelo mundo do prazer, e o orgasmo cresce na base da minha coluna, uma coisa pulsante e faminta que tem vida própria, que tem o poder de me puxar para baixo.

— Isso é bom para cacete — digo, enquanto a língua dele desce e sobe, gira em torno do meu pau, a mão segura a base, o desejo vibra loucamente dentro de mim, cada vez mais forte. — Tô perto. Agora.

E com essas palavras, sinto ele gemer contra meu pau, ouço o grunhido do desejo em sua garganta. O som, o zumbido e a vibração fazem meus pés formigarem, meu peito arder, me fazem jorrar com tanta força em sua boca que não tenho certeza se ainda estou na Terra.

O prazer me joga em outro mundo com a intensidade do clímax que pulsa em mim.

Está irradiando por meu corpo, pulsando em cada canto dele enquanto eu gemo sem parar – gemo até que ficar apenas ofegante, respirando, gemendo.

Isso é literalmente tudo que posso fazer enquanto os tremores secundários se espalham por cada molécula, cada átomo. Fitz me deixa cair de sua boca com um pop alto e molhado e um sorriso satisfeito em seu rosto lindo.

Ele se levanta e passa a mão pela boca. Tento enxergar direito enquanto minha cabeça está zumbindo, minha mente encharcada de

endorfinas.

Ele deixa o olhar descer por seu corpo até o pênis, grosso e pulsante. Segura o próprio membro e desliza a mão pelo comprimento, empurrando com força na direção da cabeça, passando o polegar sobre uma gota de líquido na ponta.

Lambo os lábios, querendo, minha língua implorando pelo que ele tem para dar. Ele atende ao chamado, estica o braço, passa o polegar na minha boca. Lambo seu polegar, e fecho os olhos ao sentir aquele primeiro gosto inebriante dele.

Abro os olhos e vejo que ele continua se acariciando.

— Acho que agora é a minha vez — ele diz.

Deslizo o corpo para trás, pego um travesseiro extra e o coloco atrás da cabeça.

— Então vem cá e fode minha boca.





# Capítulo 13

## Fitz

Vai com calma.

Vai devagar. Curte.

Repito essas orientações. Não que eu precise de um lembrete para curtir um boquete – porra, boquete é vida.

Repito essas coisas porque não quero explodir cedo demais. E também não quero ser muito ríspido.

Eu quero ter tempo para aproveitar tudo.

Monto nele, me acomodo sob os ombros de Dean, um joelho de cada lado do travesseiro. Estou tão excitado depois de chupar esse cara, esse homem delicioso e tentador, que não sei como ir devagar. Não sei se quero.

Quero alívio. Quero extravasar. Quero gozar em sua garganta enquanto ele olha para mim. Mas também sei que esta posição é brincar com fogo.

Eu não quero fazer o Dean engasgar. Mas também quero muito foder sua boca. Com força.

Seguro com uma das mãos a base do meu pau dolorido e ofereço a ele apenas a ponta, esfregando a cabeça em seus lábios.

Sua língua aparece e ele geme enquanto me lambe. Seus gemidos e murmúrios são os sons mais sensuais que já ouvi, e eles fazem meu pulso acelerar.

Com uma das mãos apoiada na parede atrás dele, dou pequenos impulsos, deixando-o lambe e chupar a cabeça. Isso dura um minuto, talvez mais, enquanto eu queimo de desejo.

Então ele grunhe, um som frustrado. Suas mãos deslizam em volta das minhas pernas, palmas grandes apertando minha bunda, me agarrando. Ele abre mais a boca, me puxa um pouco mais fundo, os lábios envolvendo a coroa do meu pau. Juro, é um milagre eu não gozar logo.

— Que boca fantástica — falo.

Ele sorri no meu pau, recua um pouco.

— Mas eu mal pus você na boca, Fitz.

— E daí? Ela ainda é sexy demais. Olha para você. Caramba. É só olhar como você é sexy com meu pau nessa sua boca linda.

É como se essas palavras fizessem algo com ele. Elas o afetam de uma maneira que eu não antevi, não esperava. Seus olhos escurecem, transformados por uma intensidade totalmente nova. Ele lambe a ponta, seus olhos nunca se desviam dos meus, e eu também não desvio o olhar.

Meu Deus, como eu consigo?

— Não se segura — Dean ordena. — Dá tudo para mim. Se eu posso lidar com seu ego enorme, posso lidar com seu pau enorme.

Eu solto meu pau, passando minha mão sobre seu rosto, e falo com sinceridade do meu desejo insaciável por ele. Porque é sério — não estou brincando.

— Não. Sou eu. Não sei como lidar com o quanto você é gostoso. Seus lábios se contraem.

— Aposto que você consegue, Fitz. Aposto que é capaz de lidar com tudo. Aposto que você está morrendo de vontade de gozar na minha garganta.

Eu gemo enquanto o desejo me rasga. Esse homem. Suas palavras. Ele segura minha bunda com força, me puxa para sua boca quente. Mostra que consegue, que pode me engolir inteiro. Seus lábios envolvem meu membro, e estou exatamente onde quero estar. E puta merda. Faíscas percorrem todo meu corpo.

Juro, minha pele está pegando fogo. O prazer me inunda, tocando em todos os lugares enquanto deslizo para o fundo de sua garganta, observando enquanto ele me engole. Enquanto ele dá toda atenção ao meu pau.

Encontro um ritmo, estabeleço um ritmo, bombeio em sua boca.

— Você está me matando. Porra, me matando com essa boca. Essa língua.

Seus olhos brilham de desejo, de satisfação, avisam que ele vai me dar o melhor boquete da minha vida. E sem dúvida ele vai, porque já está. Adoro o que ele está fazendo comigo.

Adoro suas mãos na minha bunda. Adoro o rosto dele. Adoro sua boca pecaminosa trabalhando em mim e, acima de tudo, adoro que ele queira assim, que ele me queira desse jeito, fodendo sua boca sexy.

Empurro um pouco mais forte, bombeio um pouco mais fundo, e

ele responde a cada movimento enterrando os dedos em minha carne.

E de repente todo meu corpo se ilumina como uma máquina de *pinball*, alcançando um novo recorde quando o prazer pulsa em mim, se acumula em minhas veias. Gemo:

— Vou gozar. Vou gozar agora.

Estremeço quando meus olhos se fecham e o orgasmo explode. Dean bebe até a última gota.

E quando estou descendo do topo, saio de sua boca, escorrego por seu corpo e provo seus lábios com um beijo feroz e possessivo. Ele tem o nosso gosto, e isso me deixa um pouco mais louco.

Mãos em torno dele? Isso é louco e parece ser meu novo estado de espírito.



# Capítulo 14

## Dean

O relógio está correndo enquanto fecho a calça. Dou uma olhada no espelho, verificando meu reflexo.

— Bem, parece que vou ter que confessar para Maeve — digo, abotoando a camisa.

— É assim que a aposta funciona? Você entra no bar e despeja tudo, como se ela fosse seu padre confessor?

Olho para Fitz atravessando o quarto de cueca, mas ainda sem camisa.

— Eu não sei como funciona, já que esta é a primeira vez que quebro a regra.

Seu sorriso é do tamanho de um rio, enorme e cheio de orgulho. Ele para atrás de mim, coloca as mãos em meus braços e dá um beijo possessivo no meu pescoço.

— Que bom. Eu gosto de saber disso. Gosto muito disso.

Fecho os botões, tentando corajosamente não me deixar afetar pelo que ele está fazendo no meu pescoço.

— Mas se quer saber, ela praticamente me quebrou na noite passada e me forçou a admitir isso. E disse que tinha armado para mim.

— Eu devia mandar um suprimento vitalício de bebida de primeira linha para ela só por isso. — Outro beijo no meu pescoço. Outra onda de desejo atravessando meu corpo.

Olho para o nosso reflexo, para o jeito como ele me toca mesmo quando precisa sair daqui.

— Você não precisa se vestir para ir encontrar sua irmã?

— Hmm. Sim, mas você tem um gosto muito bom. — Fitz desliza os lábios mais para baixo no meu pescoço. — Também tenho uma noção de tempo fantástica. Sei exatamente quanto tempo leva para atravessar o gelo. Pelas minhas contas, tenho cento e vinte segundos para deixar você querendo mais antes que eu tenha que ir.

Gemendo, eu me inclino contra meu amante americano, aceitando seus beijos, saboreando sua atenção. Nesse ritmo, porém, nunca vou sair do quarto dele. Endireito as costas, fecho mais um botão.

— Desconfio que, dessa vez, Maeve vai ler tudo isso na minha cara. Ela é inteligente demais.

Ele ri enquanto deixa a impressão de seus lábios em minha pele, esfregando a barba em mim.

— Ou você que é muito transparente, Dean?

Eu arqueio uma sobrancelha no espelho enquanto fecho o último botão.

— O que você acha?

Fitz levanta a cabeça, me analisando atentamente.

— Eu diria que esse é o rosto de alguém que deu bem e recebeu bem.

— Excelente. Ótimo — murmuro, mas não estou nem um pouco irritado. Não dá para ficar aborrecido em momentos como este.

Ele desliza a mão até minha bunda e aperta com força.

— Eu falo o que eu vejo. E, Dean, você está com cara de quem foi bem chupado por um homem que te quer.

Esse comentário não devia fazer nada além de provocar outro ataque de tesão. Mas a intensidade de seu desejo é uma força vital. É uma luz que me atrai, e eu quero mais.

— Por isso meu plano de confissão preventiva — respondo, e posso sentir um sorriso distendendo meus lábios, a admissão de que não me importo de limpar o chão ou pintar as paredes ou transportar lixo ou cortar madeira ou qualquer coisa, se for para ter outra rodada com ele.

Não é só sua língua ou sua boca, ou seu pênis fantástico. São as outras coisas que ele faz com a boca, as coisas que ele diz e a maneira como somos um com o outro.

Ele é o melhor momento que eu já tive.

Viro para que ele não possa mais me distrair com aqueles beijos no meu pescoço.

— Escuta, tenho que ir para o bar. Resolver umas coisas. — Olho para o meu relógio. — Termina antes das sete. Me encontra no no *Sticks and Stones* às oito e meia. Fica perto e abre nas noites de domingo, ao contrário do *The Magpie*. Vou te mandar o endereço. Acho que tinha um estudo para me mostrar, da sociedade de “Por Que

Diabos Você Não Vai Jantar Comigo?”. Aproveita esta noite e me mostra, e depois me mostra todas as outras coisas que quer fazer comigo.

Ele segura meu rosto, me puxa para perto e me beija como se fosse o dono da minha boca. E se eu ficar aqui por mais tempo, ele vai perder a hora de seu compromisso.

Interrompo o beijo, caminho até a porta e seguro a maçaneta. Estou prestes a sair, quando paro, viro e percorro a distância entre nós novamente.

Há momentos para jogos e há momentos para a verdade. Não vou mais vê-lo de novo depois de quinta-feira. Ele vai sair da minha vida para sempre. Então, se estou cedendo agora, quero experimentar todo o prazer, o caminho completo. E quero que ele experimente o vício que está criando em mim, que sinta seu poder, conheça sua capacidade de atração. Deslizo a mão por seu peito, apoio a palma sobre o peitoral firme.

— Quero mais de você, Fitz. Eu quero tudo de você. E quero desde a noite em que te conheci.

Seus olhos brilham com desejo e gratidão.

— Estou muito feliz por você ter dito sim para mim.

— Eu também. — Inclino a cabeça para a porta. — Agora tenho que ir.

Eu saio, contando os segundos até vê-lo novamente. Isso é uma coisa boa, essa impaciência, essa intensidade, mas tenho a sensação de que também pode se tornar uma coisa ruim. Uma coisa muito ruim mesmo.





# Capítulo 15

## Dean

Depois de trabalhar um pouco e correr, vou para casa, tomo banho e me troco para hoje à noite. Jeans e uma polo. Telefone e carteira. Isso é tudo de que preciso.

Pego o metrô e, quando ele me deixa perto do *Sticks and Stones*, envio uma mensagem para meu pai, pergunto o que ele está fazendo. Ele responde imediatamente.

**Pai:** Pôquer. Pretendo limpar meus amigos do antigo escritório. Eles são péssimos com as cartas.

**Dean:** E você não é.

**Pai:** Sei blefar como ninguém, e sempre percebo quem está tentando blefar. O que vai fazer hoje à noite?

**Dean:** Só encontrar um amigo. Te vejo na terça-feira para o jantar, certo?

**Pai:** Amigo??? É hilário que você pense que eu não sei o que isso significa. Divirta-se com esse iaque.

Eu rio enquanto percorro a pé a distância curta até o pub de Sam, conversando com meu pai por mensagem enquanto caminho.

**Dean:** Como você sabia?

**Pai:** Amigo. Você chamou ele de amigo. Não de companheiro. Boa sorte no encontro.

**Dean:** É oficial. Eu vou te deserdar.

**Pai:** Tarde demais. Você não vai se livrar de mim.

**Dean:** Vou ver se consigo ir ao jantar essa semana, velho.

**Pai:** Você vai aparecer, não tenho dúvidas. Você sempre aparece.

Levanto os olhos do telefone e vejo o homem do momento caminhando em minha direção. Ele acabou de tomar banho, pelo jeito, as pontas do cabelo castanho um pouco molhadas. Usa jeans e uma camiseta um pouco mais que casual, revelando as faixas tribais que envolvem os bíceps e se estendem em raios de sol pelos ombros.

— Oi. Alguma coisa engraçada? — Fitz aponta para o telefone.

— Meu pai. Estávamos conversando por mensagem.

— Ah — diz Fitz. — Já ia esquecendo... — Ele segura meu rosto e me beija. Dura dois segundos, mas sobe à minha cabeça.

Quando ele encerra o beijo, aponta de novo para o celular.

— Como está seu pai?

— Tudo bem — digo sorrindo, guardando o celular no bolso. — Ele estava me atormentando por causa desta noite.

— Por quê?

— Porque ele é a pessoa mais sarcástica do mundo.

Os olhos de Fitz brilham.

— Isso explica muito sobre você.

— Ah, sim, herdei minha boa aparência dele — digo sem mudar de expressão.

Ele ri.

— Exatamente. Então, por que ele estava te atormentando sobre hoje? Ele não te apoia?

É minha vez de rir.

— Ele está me infernizando porque chamou isso de encontro antes de eu ter chamado de encontro.

Fitz sorri e coloca a mão nas minhas costas.

— Gosto do seu pai. Além disso, sim, isto é um encontro. Vou chamar assim também. E seu pai é um homem inteligente.

— Ele é brilhante — digo, tentando conter o sorriso que pode revelar o quanto quero estar exatamente onde estou agora com o

defensor do gelo, o atleta arrogante, o cara que entrou no meu bar.

Ele aponta para a porta.

— Quer comer alguma coisa?

— Como suspeito que vamos abrir o apetite, a resposta é sim.

Entramos no *Sticks and Stones*, um lugar onde já estive várias vezes com Maeve, ou com Naveen e Anya, meus colegas do curso de culinária que têm um restaurante indiano em *Notting Hill*. Ou mesmo com Taron, que dirige uma das lojas de móveis antigos que frequento. Eles são minha turma – as pessoas que encontro para beber ou rir no fim do dia.

Sam está atrás do bar falando ao telefone, e ele gesticula avisando que vem falar comigo em breve.

Por sorte, Naveen e a esposa estão aqui, e eles acenam do bar. Faço um resumo rápido do casal para Fitz.

— São meus amigos. Ele nasceu em Mumbai; ela cresceu em Auckland. Eles se conheceram há vários anos em um café em *Covent Garden*, quando a equipe confundiu seus pedidos.

— Isso é muito fofo.

— Imagine se o garçom tivesse dado a ela o sanduíche de cogumelo e a ele a sopa de lentilha, como tinha que ser.

— Acho que você já ouviu a história da lentilha-cogumelo algumas vezes.

Sorrio.

— Só algumas vezes. Mas é linda. Vem, vamos dar um oi para eles.

— Eu adoraria.

Eu me aproximo, beijo o rosto de Anya e dou um tapinha nas costas de Naveen.

— Não vejo você há séculos — diz Naveen.

— É, porque você some — Anya concorda com um movimento do cabelo loiro.

— Eu vi você na semana passada. Mas eu entendo – parecem séculos em que vocês devem sentir minha falta terrivelmente. — Descanso a mão no ombro de Fitz. — Este é o Fitz. Ele mora em Nova York, veio passar uns dias aqui. É muito divertido, joga hóquei, e se virem Taron por aí, é melhor avisarem para ele não olhar duas vezes para o Fitz, porque ele já está comprometido até o fim da estadia.

Naveen ri.

— Vou avisar que você agarrou o americano primeiro. — Ele estende a mão para o meu... encontro. Fitz a aperta. — É um prazer conhecer você, Fitz — diz Naveen. — Não sei como você aguenta esse filho da puta atrevido.

— Acho que alguns dias é tudo que você consegue aguentar o Dean, de qualquer maneira — Anya reflete.

— Eu consigo lidar com ele em curto prazo. — Fitz sorri, depois beija o rosto dela à maneira europeia. — Bom te conhecer.

— O prazer é meu — diz Anya. — Está gostando de Londres?

Fitz olha para mim, e vejo a fome em seus olhos azuis.

— Até agora, estou gostando bastante da paisagem.

Isso faz Naveen e Anya caírem na gargalhada, e eu reviro os olhos enquanto o puxo para a ponta do balcão, onde sentamos em banquetas.

— Acho que você vem muito aqui — comenta Fitz.

— Venho. É que muitos amigos meus estão sempre aqui.

— E esse tal de Taron? Ele é um ex? — Percebo uma nota de ciúme em sua voz, e é cativante.

Eu rio, balançando a cabeça.

— Não. De jeito nenhum. Primeiro, ele não é meu tipo. Segundo, ele tem um relacionamento sério, eu estava só debochando dele, e o cara nem está por perto para se defender. Coitado.

— Por que ele não é seu tipo? Qual é o seu tipo?

Olho para Fitz.

— Bem, acontece que prefiro um pouco de charme robusto. — Faço uma pausa breve. — Ou muito, na verdade.

— Resposta perfeita. — Ele pega o cardápio e, ao olhar para ele, algo me ocorre. Fitz é o primeiro cara que eu trago a este lugar onde meus amigos se reúnem.

Todo o tempo que estive com Dylan, nunca o trouxe aqui. Nunca quis. Eu o mantive, como outras relações, separado das pessoas que fazem parte da minha vida e que vejo quase todos os dias. Talvez porque este lugar e essas pessoas pareçam meus. Eu gostaria de ficar com esses amigos depois do inevitável rompimento, então, era mais simples não deixar meus mundos se encontrarem.

Não há necessidade de misturar. Mas foi o que acabei de fazer.

Mas Fitz e eu temos uma separação natural vindo em nossa direção na quinta-feira. Deve ser por isso que estou confortável com

ele aqui. Como ele vai embora, este lugar sempre será meu.

Fitz bate com o dedo no cardápio.

— O que você recomenda? Tenho que admitir, eu não ouvi coisas muito boas sobre a comida inglesa. Exceto *scones*, é claro.

— Que você perdeu por causa da sua pressa exagerada hoje mais cedo.

— Você também perdeu os *scones* — ele aponta.

Eu arqueio uma sobrancelha, fazendo uma pausa antes de responder.

— Não, Fitz. Não senti nenhuma falta dos *scones*, nem um pouco.

— Você tem uma mente muito suja, e eu adoro isso — ele fala, passando a mão na barba por fazer.

Ainda me lembro de como foi sentir aquela barba em minhas coxas. Algo que eu não preciso pensar agora. E no entanto...

— E quando você faz isso — digo, apontando para sua mandíbula — meus pensamentos imundos se multiplicam.

Seus olhos parecem brilhar com um prazer sacana, e ele solta um gemido baixo de apreciação.

— Você gosta da minha barba.

— Você sabe que sim — confirmo, depois consigo levar a conversa de volta para o tópico original. — E para responder ao seu comentário, Sam não serve comida típica de pub. Ele era chef antes de entrar no ramo de bares. E é ianque, como você.

— Ah! Eu sabia. Então a comida inglesa é terrível.

Eu reviro os olhos.

— Não foi isso que eu disse.

Fitz sacode o dedo.

— Então, por que foi preciso um americano para dar jeito nela?

Ele está deliberadamente tentando me irritar, e eu adoro isso. Tudo o que posso fazer é rir.

— Então, você admite que a comida aqui é uma droga? — ele pressiona.

— Olá? Quem está menosprezando minha comida boa? — A interrupção vem de Sam, que desligou o telefone e se juntou a nós do nosso lado do balcão.

Levanto as mãos em rendição, depois aponto meu acompanhante.

— Desculpa, amigo. Vamos ter que processar o cara por calúnia.

Sam aponta a porta com o polegar.

— Hora de ir.

Fitz aperta meu ombro.

— Culpa dele, cara. Ele não te defendeu.

— Defendi, sim — protesto.

— Não, você não defendeu. Você só disse que ele era um chef. Não disse que a comida dele era ótima.

— Sua comida é ótima. — Eu praticamente grito.

— Talvez eu precise expulsar Dean — Sam sugere.

— Você nunca faria isso.

— Parece que ele é capaz de fazer — diz Fitz.

Sam sorri, inclinando a cabeça em direção ao homem ao meu lado.

— Você é da Califórnia?

Fitz sorri.

— San Diego. Nasci e cresci lá.

Ele e Sam trocam um cumprimento completamente americano, uma batida de mãos fechadas.

— Eu cresci em Nova York, mas morei em Los Angeles por dez anos. O que te traz aqui?

Fitz explica sobre Emma e seu curso de arte, e os dois conversam sobre tacos e burritos, praias e surf, se dão bem instantaneamente.

Apoio um cotovelo no balcão e assisto à conversa, ouvindo seu jeito descontraído de falar, todos aqueles *caras* e *irmãos* e *manos*.

— Sinto muita falta das praias, mano. — Sam suspira um pouco melancólico.

— Não tenho muito tempo para ir à praia hoje em dia, morando em Nova York. Mas quando vou para casa, aproveito o sol.

— Seu trabalho é o oposto de ir à praia, não? — Comento.

— O que você faz? — Sam pergunta.

— Eu jogo hóquei.

Sam abre a boca e solta um longo:

— Ahhh! Parceiro! Eu sabia que te conhecia de algum lugar. Aquele último jogo... vocês quase me mataram.

— Pode acreditar, quase morremos também. Não queríamos que a temporada terminasse daquele jeito.

— Mas este ano, vocês vão até o fim?

— É a única opção.

— Traz a taça para nós. Traz a taça — repete, batendo com o punho no balcão.

Eles trocam aquele cumprimento dos socos de novo, e Fitz olha para mim.

— Você não me disse que Sam era fã de hóquei.

— Chocante, nunca discutimos hóquei antes.

— Bom, discutimos agora. Posso falar sobre hóquei a noite toda — Fitz anuncia, e eu rio porque tenho certeza de que ele pode, mas não mencionou isso nem uma vez.

E eu meio que amo que ele não seja de impor suas paixões para outra pessoa, e que tenha muitas outras coisas para falar, além delas.

Sam muda de assunto e aponta para mim.

— Ele te disse que é um profissional do bilhar? Eu o conheci quando ele estava apostando com alguns dos meus clientes, há cerca de dois anos.

— É mesmo? — Fitz pergunta, interessado nesses detalhes.

— Não consigo resistir a uma aposta de vez em quando. — E olho para Sam. — E quem é você para falar? Apostou comigo que eu não conseguiria ganhar de você, e ganhei. E o prêmio foi... olha só...

Sam bufa irritado, mas não muito, e aponta para mim.

— Esse idiota pode comer de graça aqui para sempre.

Fitz acena para mim em sinal de aprovação.

— Puxa, Dean, você é um ficante gostoso, um ficante inteligente e barato. Excelente.

Sam dá risada.

— Falando nisso, avisem quando quiserem pedir.

Fitz escolhe o sanduíche de frango com metade do pão, e explica:

— Tento evitar os carboidratos durante a temporada.

— Nesse caso, traz todo o pão extra que você tiver — digo a Sam. — Só para provocar.

— Quer que eu conte para ele que você também é maluco com boa forma? — Sam pergunta com um sussurro forçado.

— Não, por favor, guarde meus segredos — digo, e murmuro: — E traz o salmão com legumes. E uma cerveja.

Fitz geme frustrado.



— Agora vai me tentar com meu carboidrato favorito. Tudo bem, eu desisto. Cerveja para mim também.

— Trago já, senhores. — Sam acena com a cabeça e olha para Fitz. — Não esquece, traz a taça para nós.

— Estou trabalhando nisso.

Quando Sam se afasta, batuco com os dedos no balcão.

— Então, o hóquei. Como você entrou nessa?

— Achei que hóquei não era sua praia, Dean.

— Não é, mas eu ainda quero saber como você começou, o que te faz vibrar.

— Meu pai era canadense. Adorava o esporte. Quando se mudou para San Diego, não conseguiu ficar longe do rinque. Ele me levou lá quando eu tinha quatro anos. Calçou os patins em mim e disse: “Vamos ver o que você consegue fazer”.

— E foi amor à primeira... lâmina?

Fitz sorri.

— É assim que minha mãe conta a história. Ela não queria que ele me levasse, mas ele insistia, já que, aparentemente, eu fazia questão de aprender desde bem pequeno.

— Ah, isso diz muito sobre você também. Teimoso desde pequeno.

— Persistente — ele corrige.

— E você adorou?

Ele estala os dedos.

— Instantaneamente. Eu tinha muita energia quando criança, e canalizá-la para os patins foi perfeito. Aquilo exigia foco, mas também intensidade, e era isso que eu tinha.

— E ainda tem, imagino?

— Com toda certeza. E meu pai era obcecado por hóquei. Ele me ensinou alguns dos meus melhores movimentos. Quando atacar e quando recuar. Como dar a tacada. E, claro, ele me ensinou a sempre colocar o time em primeiro lugar. É quando os melhores jogadores dão o melhor que têm.

O garçom volta com as cervejas, e eu levanto a minha.

— Ao seu pai.

Fitz responde.

— Ao meu pai. — Ele bebe um gole, parecendo um pouco distraído.

— Você ainda sente falta dele?

— De tempos em tempos. Mas penso nele quando entro no gelo. Sou um desses caras que sempre faz... — ele bate no peito e aponta para o céu — antes de cada jogo.

Esse tipo de homenagem aquece meu coração.

— Que bom que ainda o reverencia desse jeito.

Falamos um pouco mais sobre sua família, e quando o garçom traz a comida, agradecemos e comemos. Entre uma garfada e outra, volto a algo que Fitz disse.

— Então, ele era canadense, e sua mãe é americana?

— Sim. Ele se mudou de Vancouver para San Diego depois que a conheceu. Ficou completamente apaixonado.

— Parece meu pai quando conheceu minha mãe. Ficou de cabeça virada, como ele diz.

— Ela é australiana? Você disse que ela foi para lá.

Balanço a cabeça.

— Não, ela é suíça. Eu me pareço mais com meu pai. Mamãe é branca, papai é negro.

Fitz dá de ombros.

— E você é gostoso.

Dou risada.

— Obrigado. Igualmente.

Enquanto comemos, ele olha em volta, apreciando a decoração contemporânea e elegante, um pub moderno e bem iluminado em ricos tons de azul e verde.

— Gosto deste lugar. Mas não tanto quanto do *The Magpie*.

— Você só está dizendo isso porque quer me pegar — falo entre um bocado e outro.

Ele ri alto e balança a cabeça.

— Não quero ser arrogante, mas acho que isso já é certo. Estou dizendo isso porque é o que eu penso. Gosto do que está fazendo com o *The Magpie*. Parece único, um pouco vintage, um pouco moderno. Como se você tivesse construído tudo do seu jeito.

Não consigo evitar um sorriso. Derramei meu sangue, suor e lágrimas naquele lugar.

— Eu amo aquele bar.

— Dá para perceber. O que te fez escolher esse caminho?

— Maeve e eu planejamos tudo na universidade. Sempre quisemos ter um negócio próprio, um lugar onde pudéssemos ter clientes regulares e conversar com eles, conhecer as pessoas, dar a elas um lugar para ir no final do dia. E estou satisfeito por termos conseguido fazer tudo isso.

— Não é fácil conseguir algo assim — diz Fitz. — Há quanto tempo?

— Um ano. Antes disso, eu era só um barman. Mas agora tenho algo que é meu.

— Caramba, sim — diz Fitz. — Um homem no comando do próprio destino.

Quando terminamos de comer, vários gritos ecoam das mesas de sinuca no fundo do bar. O grupo que estava lá jogando sai andando pelo bar.

Fitz esfrega as mãos.

— Beleza, acho que você disse que ia acabar comigo no bilhar. Mostra como é competente com esse taco.

Não consigo resistir.

— Não é você que vai me mostrar isso mais tarde?

Ele balança a cabeça com admiração.

— É, eu vou. Pode ter certeza disso. Mas primeiro... eu te desafio para uma partida. E acho que vai gostar da aposta.

— Eu vou? Por quê?

Ele levanta a sobancelha, lambe o canto da boca, olha para mim com uma expressão maliciosa.

— O vencedor escolhe a posição.

Uma coleção de favoritas desfila diante dos meus olhos.

— Bom, se é assim que vai ser, é melhor eu ganhar.

Vamos para a mesa, e eu domino a partida, encaçapo uma bola atrás da outra e acabo com ele. Depois de aniquilar o atleta americano, guardo o taco, enlaço seu pescoço com uma das mãos e falo.

— Eu avisei que ia ganhar.

Ele passa um braço em volta da minha cintura.

— Tenho certeza de que nós dois ganhamos aqui.

— Sim. Aposto tudo nisso.

Ele aproxima os lábios dos meus, mas não me beija. Sussurra com voz rouca e quente:

— Vamos sair daqui.

— Vamos. — Pisco para ele de um jeito provocante. — Porque sei exatamente como pretendo usar o que ganhei.



# Capítulo 16

## Fitz

Deixo a porta do quarto se fechar, e o som da batida leve é muito satisfatório. Significa o início do resto da noite – a coisa que eu queria desde que vi esse cara pela primeira vez, duas noites atrás. Quarenta e oito horas.

Mas no tempo da libido, são eras. Passei cada segundo do dia esperando por ele, tenso com a intensidade desse desejo.

E o quero ainda mais agora depois de jantar com ele, de conhecê-lo melhor. Falar com Dean é uma das coisas mais fáceis que já fiz. E essa facilidade só alimenta meu desejo.

Quero agarrá-lo, prendê-lo, fazer tudo com ele. Mas também sei que temos a noite toda, e pretendo fazê-la durar.

Dentro do quarto, tiro os sapatos. Ele faz a mesma coisa. Olhamos um para o outro, preparados, sabendo o que está por vir.

Essa é a calmaria antes da tempestade, o momento de antecipação antes do gongo soar.

Não estamos frenéticos como estávamos hoje cedo. Não tem aquele choque louco como quando nos jogamos um em cima do outro. Mas posso sentir no ar: uma pulsação, uma necessidade. É palpável.

Como a batida baixa de uma música. Alguma melodia sexy e sacana que te deixa no clima.

Eu já estou no clima. Não saio do clima há quarenta e oito horas. Ainda assim, pego o celular e abro uma playlist, algo que acho que Dean vai gostar, o tipo de música sexy e provocante de artistas que ele me disse que estavam entre seus favoritos na noite em que nos conhecemos. Sam Smith, Daley, Leon Bridges. Música de sexo, simplesmente.

— Ainda bem que você tem uma musiquinha à mão. Não sabia se ia conseguir ficar excitado sem isso — diz ele, olhando para o volume na calça jeans, depois para o volume na minha calça.

— É, aqui é a mesma coisa.

— Boas músicas. — Seus olhos ardentes mergulham nos meus.

— Sim, imaginei que gostaria. — Mas não estou falando da música.

— Eu gosto. Gosto de tudo. — Dean também não está falando de música.

Ele está parado a alguns metros de mim, brincando com a bainha da camisa, me dando uma pequena amostra, uma prévia daqueles abdominais. Eu me apoio na cômoda, cruzo os braços e deixo meus olhos passearem pelo homem com quem vou transar.

Já estou pegando fogo só de olhar para ele. Seu queixo, os olhos, os lábios. O corpo.

— Tira a camisa — digo, e minha voz já soa rouca.

Ele segura a parte de baixo e puxa para cima, revelando aqueles abdominais marcados, os peitorais firmes.

Solto o ar expirando mais forte que de costume.

Em seguida, repito a expiração quando a camisa ultrapassa o peito, os ombros, depois a cabeça.

Meu Deus, ele é lindo. Toda minha determinação de ir devagar voa pela janela, e eu percorro a distância até Dean em um piscar de olhos. Não dá para manter as mãos longe dele.

Seguro seu rosto e saboreio sua boca.

— A noite toda. Estou te querendo a noite toda — digo ofegante.

— Eu também, Fitz.

Juro que meu corpo está pegando fogo. Não há nenhum canto de mim que não esteja queimando por ele. Inclino o rosto, beijo seu pescoço de um jeito que o deixa louco. Ele se alonga, me oferecendo mais acesso.

Vou devagar, espalho beijos mais suaves e carinhosos, arranho com a barba, até que seus murmúrios se transformam em gemidos, sons tão eróticos que meu pau força a braguilha da calça.

— Gosta disso?

— Você sabe que sim.

— Hmm. Eu também. Muito — digo, fechando os olhos novamente, me perdendo no gosto dele. Minha boca viaja por seu ombro até o peito, onde passo a língua e mordo um mamilo.

Dean resmunga um sim provocante.

— Faz de novo — ele pede.

Sorrio, mordo, depois passo para o outro mamilo, repetindo o tratamento. Desço um pouco mais, ajoelho e beijo os gomos do

abdômen, desenhando um caminho até o cócs da calça jeans. Passo a língua por seu ventre, lambendo, chupando e deixando ele louco.

E a mim também.

Juro que estou tonto. Sou inundado por sensações, de desejo, isso é diferente de tudo que já senti. De joelhos, desabotoo sua calça, puxo o zíper para baixo e desço a cueca boxer junto com o jeans.

Seu pênis se projeta, me cumprimentando com um oi muito ansioso. Minha boca fica cheia de água quando o vejo, o sinto. Seguro a base com uma das mãos e o ponho na boca, sentindo seu gosto salgado e sexy. Gemendo com ele na boca. Me embriagando dele.

— Nããão — diz ele, e empurra minha cabeça.

Ainda segurando seu mastro, olho para cima, sorrindo quando seu pênis pulsa contra minha boca.

— Seu pau parece dizer que sim.

As mãos de Dean seguram minha cabeça, a imobilizam.

— Meu pau não tem permissão pra tomar decisões.

Sorrio para aquela gota intoxicante de líquido na cabeça de seu membro.

— Deixa eu ver se não, mesmo — digo, pondo a língua para fora e lambendo o gosto de sua excitação.

— Porra... você — ele resmunga.

— Sim, esse é o plano. — Eu gemo, reviro os olhos de prazer quando beijo a coroa, passando a língua sobre ela. — Mas simplesmente não sei se posso parar de chupar seu pau, Dean.

— É melhor você dar um jeito de parar — ele grunhe.

Outra lambida.

— Por quê? — Eu sei a resposta, mas meu Deus, estou muito excitado.

Estou com tesão, prestes a explodir. E quero sentir que ele está ficando louco por mim também, que está sentindo o mesmo tipo de insanidade.

Dean me puxa para cima, me levanta do chão.

— Porque se continuar fazendo isso com essa sua língua sacana e essa boca atrevida, vou gozar em segundos. Quer carregar isso na sua consciência?

— Talvez não — admito, incapaz de conter um sorriso.

Ele segura meu queixo, olha dentro dos meus olhos.

— Agora, faz o que eu pedi. Faz durar com o jeito que você vai



me foder. Me faz ficar maluco por você. E não se atreva a tocar meu pau novamente até eu dizer que pode, porque não quero acabar com tudo cedo.

Mas eu posso acabar explodindo antes da hora, se Dean continuar falando assim comigo. Já estou no limite com o tom de suas palavras, com a autoridade nelas.

— Vou tentar ser bonzinho, mas não prometo nada — aviso com um sorriso torto.

— Não acho que seja capaz disso — ele brinca, e desabotoa minha calça, desliza a mão para dentro da minha boxer e cobre minha ereção com a palma da mão.

Balanço na mão dele.

— Porra, gostoso. Isso é bom demais.

Dean acaricia meu pau enquanto eu tiro a roupa, saboreando a sensação de sentir seu toque o tempo todo. Então ele me solta e tira o jeans e a cueca.

Quando não temos mais nada para tirar, nos atiramos um sobre o outro e caímos na cama, dois tigres prontos para devorar. Nós nos beijamos como se fôssemos consumir um ao outro. Ou talvez eu já esteja consumido quando nossos corpos se encontram, e o puro prazer do contato com ele é como uma descarga elétrica percorrendo minha pele.

Continuamos assim por alguns minutos, trocando beijos quentes que fazem a gente se esfregar mais e mais, até que ele me empurra de costas na cama e vem para cima de mim, o pau roçando ao lado do meu. Agarro sua bunda firme e musculosa, a terra prometida onde quero estar esta noite.

Ele desliza para cima de joelhos, monta em mim, as palmas das mãos no meu peito, o olhar tão quente quanto a superfície de Mercúrio.

— Escute o que eu vou falar. A gente vai trepar, trepar e trepar. Eu quero tudo com você. Já que ganhei o jogo, eu decido o que vou fazer com o que ganhei.

— Fala.

— Vou te dar três opções, e você pode escolher o que preferir — ele me diz, balançando a bunda perfeita contra minha ereção. — Eu posso montar você, Fitz. Montar nesse seu pau fantástico até a gente gozar com tanta força que vamos passar dias sem conseguir pensar direito. Ou eu posso ficar de quatro para você, e você pode me foder até a beirada da cama. Ou talvez, só talvez, você pode me deitar de

costas e me penetrar até eu implorar para me fazer gozar.

Engulo em seco, tentando processar essas imagens, o filme sacana de pegar Dean de todos esses jeitos passando diante dos meus olhos.

Mas mal consigo me mexer. Mal consigo falar. Não consigo respirar.

Não sei como ele faz isso. Acho que estou no controle, mas é uma ilusão que dura até ele me superar com suas palavras, sua boca suja. Ele fala as coisas mais sensuais com aquele sotaque inglês, e eu mal consigo me controlar. Não posso conter esse desejo. Nem quero.

Eu expiro com força, querendo, precisando, desejando.

— Eu quero tudo — murmuro.

— Eu sei que você quer — ele responde, balançando aquele corpo lindo contra mim, me mostrando o que vai fazer quando me deixar entrar inteiro.

Dean pressiona seu peito contra o meu, e o contato é uma tortura erótica. Assim como escolher como trepar com ele primeiro.

— Mas é melhor escolher logo — ele sussurra. — Ou eu vou ter que bater uma na sua frente, porque estou excitado demais.

Meu corpo estremece, tomado de assalto pelo desejo descomunal. Esse homem está me matando.

Mas eu sei o que quero. Sei como quero tê-lo. Preciso ver seu rosto lindo enquanto enterro meu pau em seu corpo.

Com um movimento rápido, eu empurro para cima, agarro seu quadril e o viro de costas. Eu prendo seus pulsos acima de sua cabeça, aproximando o rosto de seu pescoço. E então sussurro em seu ouvido:

— Preciso ver seu rosto quando entrar em você, quando fizer você gozar tão forte que vai ver estrelas.

Solto as mãos dele, pego o lubrificante da mesa de cabeceira e me movo entre suas pernas depois de afastá-las com os joelhos.

Ele cruza as mãos atrás da cabeça. Por um momento, aprecio a imagem do corpo longo e esguio, dos braços tonificados e barriga lisa. Seu pau perfeito, grande, grosso e delicioso. Mas isso não é tudo. Há muito o que admirar.

As pernas. Fortes e musculosas. As coxas. Derramo lubrificante em meus dedos, deslizo-os ao longo do comprimento de seu membro, e o vejo estremeecer quando me movo mais para baixo e, em seguida, pressiono um dedo contra sua bunda.

A expressão em seu rosto é nirvana. É uma tortura deliciosa

quando introduzo um dedo, deixando ele pronto. Despejo mais lubrificante e uso dois dedos, o terceiro. Meu pau se contrai, a ponta fica úmida.

Dean está de olhos fechados, e ele deixa uma das mãos escorregar pelo peito, a outra se movendo na direção do pênis.

— Ah, não. Não toca. Você não pode gozar cedo demais. Quer que eu te foda até o limite do prazer, lembra?

Ele abre os olhos, se apoia sobre um cotovelo, os olhos cheios de intenção e fogo.

— Então entra em mim agora. É sério, não dá mais para esperar, vou acabar fazendo justiça com as próprias mãos.

Ele pega a camisinha do criado-mudo, abre a embalagem e aproxima de mim.

— Coloca em mim — eu falo.

Com um sorriso satisfeito, meu britânico sexy senta, desliza o preservativo sobre a cabeça e a desenrola pelo comprimento. Gemo ao sentir seu toque, mesmo desse jeito, mesmo com essa ação necessária.

Quando estou protegido, ele se deita. Seguro suas coxas, o abro mais e esfrego a cabeça do meu pau contra ele. Ele empurra o quadril para cima, deixando escapar o gemido mais carnal que já ouvi. Por isso. Por essa provocação de um toque. Por causa da pressão que faço contra ele.

Minha pele está arrepiada. Meu peito é uma fornalha, e estou muito excitado enquanto empurro um pouco mais, penetrando-o.

Nós dois gememos ao mesmo tempo. Aquele momento elétrico quando passo por aquele anel de músculos, quando sua bunda me envolve apertada e eu não quero ir embora nunca mais.

Estou apoiado sobre as mãos abertas, posicionadas dos dois lados de seu peito. As mãos dele viajam até meu peito e se apoiam nele. Seus olhos brilham de desejo.

— Me dá tudo — Dean ordena.

— Com prazer.

Eu empurro, penetro com tudo que tenho, e nós dois parecemos animais. Gemendo, grunhindo, rosnando.

— Isso é muito bom — digo, e meus ossos vibram com a intensidade.

— Muito — ele arfa, suas mãos me envolvendo, agarrando com força minha bunda, me puxando mais para dentro dele. — É assim que eu quero você, Fitz. Gostoso, profundo e bem duro.

Este homem. Mal consigo me controlar perto dele. Mesmo quando tento, ele tira tudo de mim com aquela boca suja e linda. Se achei sexy quando ele disse meu nome antes, aquilo não foi nada perto de como ele diz agora, no calor do momento, enquanto estou dentro dele.

Mas tento me controlar, penetro mais fundo, acaricio. Encontramos o ritmo perfeito em segundos e continuamos. Mas a necessidade de me aproximar me consome. Eu me abaixo e apoio sobre os cotovelos, o peito a centímetros do dele. Faíscas passeiam por meu corpo, e é assim que eu transo com ele, empurrando, bombeando. Preenchendo. Enquanto as mãos dele apertam minha bunda. Enquanto seu rosto lindo se contorce de prazer.

Enquanto seus lábios, carnudos e provocantes, se abrem com a força de cada inspiração, cada penetração. Dean se permite saborear cada segundo disso, de nós. E os ruídos que ele faz me incendeiam. Isso. Bom demais. Isso, porra. Quase não consigo me controlar.

Desse jeito não vou aguentar muito tempo, não com o jeito como ele responde, com quanto me quer. Ele parece me querer tanto quanto eu o quero, e isso é muito.

Não existe um número grande o bastante para definir quanto eu quero esse homem.

O prazer ruge em meu corpo, onda e mais ondas intensas, e eu só quero trepar até esquecer tudo, até a gente estar se afogando em orgasmo.

Mas Dean estabeleceu um padrão elevado, e eu não vou falhar. Não vou gozar cedo demais.

Ergo o corpo e, de joelhos, seguro seu quadril e o puxo com força para o meu pau. O que não ajuda em nada.

Mas tudo bem. Sei o que estou fazendo. Sei como desacelerar. É isso que eu faço, roubando o controle dele. Reduzo o ritmo como a música, como a cadência mais lenta da playlist.

Agora o penetro devagar, com movimentos longos e vagarosos, sem pressa, entrando e saindo dele quase completamente, quase até sair, mas não exatamente.

Durante todo o tempo eu o observo, saboreando o prazer nos olhos de Dean, a forma como seus lábios se abrem, como seu peito se move, e quanto seu pau é loucamente quente, duro e perfeito. Seguro seu membro, fecho os dedos em torno dele e o acaricio enquanto o penetro. A sensação de tê-lo em minha mão é deliciosa, e sua expressão aflita me diz tudo.

— Gosta disso? Quando faço isso enquanto te fodo? — Aperto com mais força seu membro duro, deslizando minha mão até a cabeça, depois descendo novamente.

Dean geme.

— Sim, só um pouco.

— E se eu fizer isso... — digo, deslizando para fora até o meio do caminho, ainda acariciando-o.

Ele empurra o quadril para cima, tentando me levar de volta.

— Provocador — ele geme.

Balanço as sobrancelhas.

— Gosta só da pontinha? — Soltando seu pau, saio dele quase completamente e paro, mantendo essa posição. — Você gosta assim, quando eu te deixo louco?

Dean se apoia nos cotovelos, e seu olhar é furioso.

— Eu gostava mais quando você estava completamente dentro de mim — diz, deslizando a mão pelo peito perfeito, indo direto para o pau. Ele se toca, brinca com o membro, me provoca. — Você gosta de ser provocado, Fitz?

Olho fixamente para o homem embaixo de mim, para a mão que segura frouxa o membro grosso, se move devagar, deslizando preguiçosa para cima e para baixo por todo seu comprimento. Um arrepio percorre meu corpo. Estou tremendo, rasgado pelo desejo. Ver esse homem acariciar seu pau lindo está acabando comigo.

Qualquer que fosse o pouco controle que eu tinha enquanto trepava com ele, esse domínio desaparece quando Dean me provoca. Sou praticamente uma causa perdida.

Minhas bolas se contraem, e o prazer desce por minhas costas.

— Você quer forte? Você me quer bem fundo?

— Quero.

— Então vem comigo. Goza comigo — rosno, e volto para dentro dele, enterro meu pau tão fundo que o som que ele faz é obsceno.

É o ruído mais delicioso e quente que já ouvi, um gemido arrancado do fundo de seu peito.

— Porra. — Dean ofega. — Isso, sim, isso é muito bom.

É mais do que bom. É elétrico e selvagem e alucinante quando tiro seu pau da mão dele e o acaricio, bombeio enquanto o orgasmo avança por meu corpo.

Sem reservas. Sem nenhum controle.

— Vou gozar — ele geme.

— Eu também, gato. E vou gozar forte. — Resmungo quando a explosão acontece, minha visão fica turva, o cérebro dispara milhões de receptores de prazer enquanto o corpo inteiro sucumbe ao alívio.

E Dean está ali comigo, gozando na minha mão, em seu peito. E quando desabo em cima dele, no meu peito também. Não consigo pensar. Não consigo falar. Só posso sentir. E me sinto incrível. Como eu sabia que seria. Porque eu sabia desde o segundo em que o conheci que sexo com Dean seria o sexo mais quente da minha vida.

Nós dois estamos ofegantes, suando, e eu enterro meu rosto em seu pescoço, sentindo seu cheiro que me deixa louco. Nem sei do que é. É só o sabonete dele misturado ao cheiro dele, mas meu Deus, o que isso faz comigo. Eu o beijo, vou beijando até chegar na orelha.

— Mal posso esperar para fazer isso de novo.

— Eu também, Fitz. Eu também.

Ele me abraça, e ficamos quietos assim por alguns segundos, talvez mais. Eu poderia me acostumar com isso. Eu poderia me acostumar com ele. Mas antes de ficarmos muito confortáveis, preciso cuidar de algumas coisas.

— Já volto. — Vou ao banheiro, me limpo, descarto a camisinha e pego uma toalha. Molho a toalha com água morna e volto para o homem embriagado de sexo estendido na cama.

Limpo seu peito, a barriga. Aproximo o rosto dele, beijo com delicadeza seu peito limpo antes de voltar ao banheiro e jogar a toalha no chão.

Segundos depois, estou de volta na cama e preciso senti-lo em mim. Preciso do contato. Eu o abraço, puxo para perto, de costas para o meu peito, e suspiro. Feliz. Muito feliz.

— Passa a noite aqui — eu digo.

— Me mandar embora fazia parte da sua lista anterior de opções?

Dou risada.

— Não. Só não sabia se você ficaria. Pode passar a noite comigo?

Ele vira e olha nos meus olhos.

— Que parte de *vamos foder a noite toda* te fez pensar que eu ia embora?

Balanço a cabeça, ainda um pouco feliz demais para pensar

direito.

— Não sei. Só quero você aqui, transando comigo ou não.

Ele não faz nenhum comentário sobre isso, só olha para mim de um jeito atento.

— “Ou não”... o que a gente faz com essa parte do “ou não”?

Abraco ele com mais força, acariciando.

— Isso. Só isso.

— As coisas que a gente faz — diz ele, preenchendo a lacuna.

— Sim, as coisas que a gente faz — confirmo, e beijo seu rosto.

Mesmo depois do que acabamos de fazer, meu peito ainda se sobressalta só com esse beijo.

Dean se solta dos meus braços, vira de lado, de frente para mim.

— Nunca tive a intenção de ir embora.

E meu peito se contrai novamente.

— Deus, você me faz querer te beijar de novo.

Puxo as cobertas sobre nós e me aproximo dele novamente, beijando-o como se beija alguém depois desse tipo de sexo, desse tipo de intensidade.

Com ternura, carinho. E querendo mais dele. Faminto por ele.

De manhã, tudo que quero é passar o dia com ele, então pergunto da melhor maneira possível se ele vai ficar comigo.

# SEGUNDA-FEIRA

**Também conhecido como o dia em  
que isso começa.**





# Capítulo 17

## Dean

Na lista de surpresas da minha vida, isso não seria incluído – uma sessão no meio da noite com o incansável Fitz.

Eu esperava por isso. Queria isso.

Ansiava por isso.

O homem realmente aguenta continuar a noite toda, o que é um tremendo choque.

E embora ele tenha a resistência de um atleta profissional no quarto, tenho um apetite igualmente voraz entre os lençóis.

Por ele.

E para a nossa sessão das três da manhã, eu escolho a posição, uma de que gosto bastante, e fico de quatro. Funciona espetacularmente bem para nós dois, especialmente quando ele apoia a mão em minhas costas, me empurrando para o ângulo perfeito.

E logo depois eu apago.

Horas depois, quando o sol nasce e eu acordo, ele me recebe com um “Bom dia, sol” que é debochado e doce ao mesmo tempo. Ele se inclina para um beijo, e quando sinto seu hálito mentolado, balanço a cabeça.

— Acho que não vai rolar, não enquanto você cheira a primavera e eu sou um pântano. — Vou ao banheiro, escovo os dentes com uma escova extra do hotel, faço xixi e volto para a cama.

E então ele ganha o beijo de bom dia.

— Pronto. — Pego as cobertas, viro de lado e bocejo. — Volta a dormir, Fitz. Tenho certeza de que você é o cara que acorda o galo, mas eu gosto de uma manhã na cama.

— Tudo bem. Se você faz questão.

E ele me abraça, o que não me incomoda.

Mas durmo só um pouco antes de ser acordado novamente, dessa vez por algo que faz valer a pena acordar.

Fitz entre minhas pernas, me chupando. Bom, bom dia para

mim.

É o despertar perfeito, um boquete sem pressa que eu curto, aproveitando cada segundo delicioso.

Depois, ele escorrega para o lado e me olha de um jeito sedutor.

— O que vai fazer hoje?

Eu dou de ombros, feliz, enquanto me espreguiço, apreciando os efeitos do pós.

— Estou de folga.

— Passa o dia comigo.

Olho para ele desconfiado.

— Você me chupou logo cedo só para me convencer a dizer sim para a proposta de passar o dia com você?

Ele mexe as sobrancelhas.

— Isso. Funcionou?

Solto um suspiro profundo e contente.

— Parece que sim. — E me apoio sobre um cotovelo. — E a Emma?

— Ela tem orientação no campus. Vou pegá-la no início da noite.

— Tudo bem. O que quer fazer? Ansioso para conhecer o Palácio de Kensington? A Torre de Londres e as Joias da Coroa? Ou quer mais das minhas joias da coroa?

— As suas, é claro. Marquei um passeio de barco com a Ems amanhã, mas hoje esperava ir à *London Bridge*. Fui requisitado pela filha de sete anos do meu amigo Logan a tirar uma foto, e não posso decepcionar Amelia.

— Ah, ela quer ter certeza de que a ponte não caiu.

Fitz toca o nariz.

— Exatamente.

Massageio o queixo como se estivesse imerso em pensamentos.

— E você precisa de um guia turístico novamente.

Ele sorri com um pouco de malícia. Deliciosamente malicioso.

— Sim. É isso que eu quero.

Balanço a cabeça como se estivesse absorvendo essa informação.

— Deixa eu ver se entendi. Você veio a Londres para encontrar um inglês gostoso para transar. Você encontrou um imediatamente. E agora está procurando um duo. Quer que eu seja seu parceiro de cama e seu guia turístico? — Arqueio uma sobrancelha.

Ele se apoia no cotovelo.

— Acho que é vantajoso para mim. É isso, vamos fechar esse acordo.

Reviro os olhos.

— E no meio disso tudo, vou ter que cumprir um monte de tarefas.

— Mas não hoje, já que tem o dia de folga. Que melhor maneira de usar esse tempo, senão me mostrando algumas coisas por aí, antes da nossa próxima rodada?

— Outra? Só uma? Eu posso querer mais de uma. Especialmente porque vou pagar essa dívida com Maeve para sempre, pelo jeito, considerando seu apetite.

Ele desliza a mão por meu peito até o abdômen.

— Seu apetite combina com o meu.

— Hm. Isso é verdade.

Fitz abaixa a cabeça e beija meu peito.

— É tudo verdade. E você vai ter tudo que quer. Diz que vai levar o pobre ianque para conhecer os pontos turísticos de sua cidade.

Suspiro como se essa fosse a escolha mais difícil do mundo quando, na verdade, é a mais fácil. Passar o dia com esse homem, mostrar a ele um pouco da cidade que amo e depois transar de novo parece a receita para um dia de verão perfeito.

— Tudo bem, serei seu guia turístico, mas a primeira coisa que você precisa saber é isso. — Ele levanta a cabeça e assente como um aluno interessado.

Bato em seu peito.

— Não é a *London Bridge* que você quer ver. É a Ponte da Torre. Essa é a bonita.

Pego meu celular e procuro rapidamente no Google.

— Ponte da Torre — e mostro a ele o símbolo icônico da cidade, duas torres de ponte ligadas por duas passarelas. — Essa é a mais pitoresca das duas.

— Então vamos lá. — Ele sorri, tão fácil de agradar. — Espera. Podemos ver a ponte do Harry Potter também?

Dou risada.

— Você quer dizer a Ponte do Milênio? Aquele que os Comensais da Morte destruíram em O Enigma do Príncipe?

O rosto de Fitz se contorce na expressão mais estranha, talvez

empolgação, talvez emoção, e de repente ele solta um longo grito de guerreiro. Segura a cabeça, puxa o cabelo.

— Fecha a porta. Você é fã de Harry Potter?

Eu rio.

— Sim. Quero dizer, claro.

— Por que é claro? Porque você é inglês?

— Não, porque os livros são incríveis. — Então eu paro, arqueio uma sobrancelha com ar cético. — Espera. Por favor, não fala que você é fã só dos filmes. Aí, merda. Você é fã dos filmes, não é? Nunca leu os livros? Tinha uma queda por Radcliffe quando era um adolescente curioso?

Ele leva a mão ao peito nu.

— Você me magoou. Quero dizer, sim, eu tinha uma queda por Radcliffe aos doze anos, como qualquer outro adolescente gay. Mas quanto a esse insulto... — Ele cutuca meu peito. — Está dizendo que eu não sei que Hermione chantageando Rita Skeeter e Neville liderando o exército de Dumbledore em Relíquias da Morte foram duas das melhores partes dos livros que os filmes deixaram de fora?

Bato palmas devagar.

— Bravo. A redução do papel de Neville nos filmes foi uma palhaçada.

— Uma vergonha total.

Deito novamente a cabeça no travesseiro e solto um suspiro longo e aliviado.

— Tudo bem. Eu decidi. Eu vou continuar trepando com você.

— Ah, sim. Mas pensou mesmo que eu fosse um *poser*? Eu li esses livros para Emma. Todos eles. Com meu melhor sotaque inglês, muito obrigado.

Estendo o braço fazendo um convite.

— Por favor, vamos ouvi-lo.

Ele limpa a garganta e simula um som vagamente britânico.

— O Sr. e a Sra. Dursley, da rua dos Alfeneiros, nº 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado — diz ele, recitando a primeira linha do primeiro livro.

Não é ruim.

— Então esse é o seu sotaque Harry Potter?

— Sim. Falo exatamente como você, não é?

Imito o sotaque americano.

— É, cara, tipo, aquela praia era totalmente radical.

Fitz se encolhe.

— Nunca mais imite um sotaque americano.

— Vamos combinar que essa coisa do sotaque é uma via de mão dupla.

— É, justo.

Cruzo as mãos atrás da cabeça, saboreando a manhã.

— Então, quer dar um passeio por Londres, é isso? Ou só visitar todas as locações de Harry Potter?

— Tudo isso. — Seus olhos brilham. — Sério, só a *Tower Bridge* está ótimo. Mas estou disposto a ver qualquer coisa. É minha primeira vez aqui.

— Ah, é? E você gosta de Londres?

— Gosto. Gosto muito. Você sempre morou aqui?

— Nasci e cresci aqui. Fui para a universidade em *Leeds*. Essa foi a única vez que morei em outro lugar. Mas viajei pela Europa.

— Lugar favorito?

— Fui para Paris com meus pais quando tinha onze anos. E Amsterdã quando eu tinha 12, e minha mãe trabalhava para o *Rijksmuseum*. Não me lembro de muita coisa, exceto que eu amei Amsterdã.

— Eu também. Grande cidade — diz ele com um suspiro feliz.

— Quando esteve lá?

— Ano passado. A NHL tem um evento chamado *Global Series*, e meu time jogou em Amsterdã, Praga e Copenhague.

— Copenhague é ótimo. Maeve e eu fomos lá logo depois da universidade.

Ele mostra a língua, arfa.

— Os homens em Copenhague são super gostoso.

Reviro os olhos.

— Uau. Conta mais sobre seus encontros europeus. Eu adoraria saber todos os detalhes.

Ele ri e me acaricia, beijando meu queixo.

— Não peguei ninguém, idiota. Só estou dizendo que seria divertido ir com você. A gente pode aproveitar todo o colírio para os olhos, depois voltar para o hotel e transar.

Dou risada.

— Seu pervertido do cacete.

— Fala sério. Seria divertido, não seria? Ir a um bar. Tomar umas cervejas. Sentar do lado de fora, beber e conferir todos os dinamarqueses altos e fortes que passarem. Falar todas as sacanagens que faríamos com eles, depois voltar e transar muito, tipo pinguins com tesão.

— Os pinguins têm tesão?

— Já viu como eles andam? Fala que não levam muito no rabo.

Não consigo evitar uma gargalhada, depois risadas profundas que se expandem e preenchem meu corpo. Fitz sorri, satisfeito com minha reação.

Quando finalmente me recomponho, digo:

— Beleza, vamos bancar os pervertidos com os dinamarqueses gostosos nessa sua fantasia mundial. Onde mais já estive apreciando a paisagem?

— Ah, saí de férias com minha família algumas vezes, era divertido.

Aponto para mim mesmo.

— Como eu disse, você viaja com a família e aprecia a paisagem.

— Eu não costumo — ele abre aspas no ar — “apreciar a paisagem” quando estou com eles.

— Sei. Eu sou irresistível. Quebrou sua regra de olhar e não tocar comigo.

Sua expressão muda, fica séria.

— Eu não pego ninguém quando estou com minha família, então sim, você deve ser irresistível. — E passa a mão no meu quadril e ao longo da coxa bem devagar, de um jeito decadente que faz minha pele ganhar vida. — E para responder à sua pergunta, fomos a vários lugares. Nunca viajávamos quando eu era criança. Não tínhamos dinheiro nenhum. Então, nos últimos anos, tentei compensar essa falta. Levei minha mãe e minhas irmãs para esquiar no Colorado, depois para a Costa Rica há alguns anos. Minha irmã Sarah adora surfar, então, surfamos, fizemos tirolesa e trilhas, e foi incrível. Minha outra irmã, Carrie, é uma grande fã da cultura japonesa, então levei ela e todas as outras para Tóquio no ano passado. Foi ótimo conferir os templos, jardins de chá e santuários.

Há uma afeição tão genuína na voz de Fitz quando ele fala da família, que um sorriso toma conta do meu rosto.

— Você é bom para elas — digo, mantendo as coisas simples.

— Elas são boas para mim. E ei, não é difícil viajar para alguns lugares incríveis. Eu também adorei ver todas aquelas coisas em Tóquio, afinal, sou formado em história.

— Então, vou te mostrar alguns lugares aqui em Londres, e vou fingir que não estou com inveja de você ter estado em tantos lugares.

— Tenho sorte de poder viajar. Você já esteve nos EUA?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Ainda não. Mas tudo bem — digo, e passo os dedos no braço dele. — Estou sempre querendo perguntar sobre suas tatuagens, mas toda vez que ficamos nus, eu me distraio com outras coisas.

— É fácil se distrair com meu pau.

— Na verdade é. Mas não vou me distrair agora. Então, o que é isso? — Passo o dedo pela faixa tribal em um braço, linhas farpadas entrelaçadas de maneira complexa sobre o bíceps.

— Força, família, sabedoria — diz Fitz, deixando escapar um gemido suave quando o toco.

É inebriante saber que mesmo um gesto de curiosidade pode fazê-lo tremer.

— Seus pilares?

— Sim. Exatamente. Eles são o que importa.

— Não poderia concordar mais. E isto? — Meus dedos seguem um desenho geométrico como raios em espiral saindo do bíceps, envolvendo o ombro e a parte superior das costas.

— Paixão. Intensidade — ele diz, fechando os olhos e inspirando com força enquanto acompanho o traço da tatuagem.

— E isso tem a ver com como você joga hóquei?

Ele abre os olhos, aquelas íris azuis brilhando.

— Sim. É assim que tento jogar. Dou tudo de mim toda vez que estou no gelo. Nada menos que isso.

— Seus companheiros de equipe têm sorte de contar com você.

— É recíproco. Eu não poderia fazer o que faço sem eles. Eles são meus campeões. — Ele grunhe baixinho quando abro a mão para cobrir o raio de sol.

— E esta? — Abaixo o rosto e beijo a tatuagem.

— Luz, verdade. Foi ideia de Emma.

— Ah, é? Por que ela sugeriu isso?

— Ela disse que sou assim. Que sempre fui extrovertido, direto, sempre franco.



Sorriso.

— É o seu jeito.

— Veio de uma citação que ela encontrou quando estudava religiões na faculdade, no currículo básico. “Três coisas não podem ficar escondidas por muito tempo: o sol, a lua e a verdade.” Buda disse isso, e ela compartilhou comigo. Eu gostei.

— E essa última?

Meus dedos viajam até seu peito, onde a pele tem uma inscrição do lado esquerdo, abaixo do peitoral. É pequena e simples, apenas duas palavras.

— Sem arrependimentos.

— É assim que tento viver. É um bom mantra — diz.

— Não dá para discordar. Gosto disso. Eu gosto de todas elas. Gosto de olhar para elas em você. Tanto que não me importo de esfregar o chão ou lavar os banheiros.

Fitz passa a mão em torno do meu corpo, aperta minha bunda.

— Você vai ter que cumprir muitas tarefas, depois das coisas que estou planejando fazer com você.

— Nesse ritmo, acho que posso acabar construindo um bar novo.

Ele balança as sobrancelhas.

— Eu deveria me sentir culpado, mas não me sinto. — E faz uma pausa breve. — Mas você quer ajuda?

Dou risada.

— Você não vai ajudar a limpar o chão. Eu banco minhas escolhas.

— Eu faria isso por você. Se quisesse. — A seriedade de sua oferta é quase demais.

A doçura em sua voz deixa meu coração apertado. Acredito que ele realmente pegaria um pincel ou um martelo e pagaria minha dívida comigo feliz.

— Tenho certeza de que você ficaria fantástico com um cinto de ferramentas, mas vamos nos concentrar nessas ferramentas — digo, deslizando a mão para baixo das cobertas e apertando seu pau.

— Pode usar essa para o que quiser.

— E pretendo. Já que, evidentemente, você precisa dar um jeito em todos esses pinguins cheios de tesão antes de dar umas tacadas, ou sei lá como chama o que faz no gelo.

Ele ri quando o solto.

— Vou fazer você gostar de hóquei, juro.

— Nem que seja a última coisa que vai fazer — debocho, sacudindo o punho.

— Vou fazer você adorar. Escreve o que estou dizendo, Dean.

— E imagino que é bom eu fazer você gostar de Londres. Então, já que falamos nisso, melhor eu tomar um banho e trocar de roupa. — Olho para o relógio na mesa de cabeceira. — Encontro você na *Tower Bridge* às 12h30.

— Isso fica a duas horas daqui. Como vou conseguir chegar lá? Eu sou praticamente um pinguim, e no tempo do pinguim, isso equivale a anos.

Rindo, eu jogo as cobertas para o lado.

— Então bate uma no chuveiro. Isso vai te ajudar por algumas horas.

Ele faz beicinho, agarra minha coxa.

— Você bate uma para mim agora — diz, segurando minha mão e a colocando em seu pau.

Que está pronto para tudo. E incrível.

Esse é o problema. Ele é muito gostoso, me excita demais. Estou ficando viciado nessa droga que é Fitz.

Mesmo que eu saiba que não é bom para mim. Sentimentos de dependência levam a escolhas que têm consequências em longo prazo, como deixar a família, deixar seu mundo. Coisas que eu nunca faria. Mas não vou me abrir à tentação. Porque não é essa a proposta de um lance.

Ele não acena para você com a possibilidade de sair da cidade.

Eles não te incentivam a dizer tchau para tudo que importa.

Um lance tem começo, meio e, mais importante, fim. Você pode aproveitar tudo que tem de melhor neles por causa dessa característica imutável e infalível conhecida como data de validade.

Um lance é o cenário perfeito para esses sentimentos confusos que Fitz provoca. Lances devem ser descontroladamente inebriantes. Devem te consumir por alguns dias, como uma estrela que brilha duas vezes mais, mas metade do tempo. Você pode mergulhar nessa intensidade por alguns dias, afundar nela, rolar nela.

Você pode beber e engolir, saborear cada gota, sabendo que logo vai acabar.

Fitz é a sobremesa, todos os bolos de chocolate decadentes da cidade, e vou devorá-lo por dias.

Depois, vou voltar à minha dieta normal. Sem bolo, sem ele.

Então, melhor comer meu bolo enquanto posso.

Volto para a cama, pego um lubrificante para facilitar a coisa e deslizo a palma da mão ao longo de sua ereção, amando senti-lo quente e duro, sentir a pele macia aveludada, o comprimento de aço e, acima de tudo, os ruídos que ele faz.

Isso. Isso, porra.

Adoro desse jeito.

Adoro isso duro, apertado, e sim... Desse jeito.

Deslizo a outra mão mais para baixo, segurando suas bolas, brincando com elas, aproximo a boca da dele e chupo seu lábio inferior, puxando, sabendo que o beijo vai levar Fitz ao limite.

E acontece.

Ele está gozando na minha mão, se movendo, empurrando e gemendo meu nome.

Depois de lavar as mãos, me visto, me despeço e digo que a gente se vê em breve.

Quando saio do hotel e ando pelas ruas da minha cidade natal, prometo usar essas horas longe dele para lembrar quanto gosto de estar longe dele.

Já que é onde estarei em três dias. Não consigo me acostumar com ele por perto. Por mais que goste disso.

Ou dele, na verdade.

Só há uma coisa a fazer: esquecê-lo pelas próximas duas horas.

Entro no *Coffee O'clock* e peço o de sempre.

— E um para o seu pai também? — Penny pergunta.

Toco o queixo.

— Hm. Será que ele merece um chá? Ele foi bastante atrevido comigo ontem à noite.

— Nada que me surpreenda.

— Verdade, verdade. Acho que não vou castigá-lo, ainda não.

— Muito bem. Não é à toa que você é o filho favorito.

Eu pisco para ela.

— Exatamente.

Com os copos na mão, agradeço a Penny e sigo para o

apartamento do meu pai, onde o encontro trancando a porta da frente.

— O serviço pessoal de delivery de chá é uma das características de que mais gosto nos filhos adultos — ele diz ele com um sorriso de lado, aceitando o copo.

— Aonde vai, velho?

— À loja de móveis. Taron tem uma cadeira nova da qual acha que vou gostar. Ou antiga, devo dizer. Quer trabalhar comigo nisso no fim de semana?

Eu tomo um gole do meu chá.

— Parece a maneira perfeita de passar uma tarde de sábado ou domingo.

Afinal, não tenho planos além de trabalhar, não vai ter ninguém exigindo nada de mim depois de quinta-feira. Minha agenda vai estar limpa.

Não vou ter ninguém para guiar pela cidade durante o dia ou para pegar à noite. Só um monte de tempo para as minhas coisas favoritas.

Quando chegamos à loja, Taron nos cumprimenta com um enorme sorriso e aplausos. Sua camisa vermelha tremula à brisa do verão.

— Você vai morrer quando vir essa peça. Ela me lembra de todas as cadeiras que tivemos quando éramos pequenos em Joanesburgo.

— Você tinha muitas cadeiras da era vitoriana na África do Sul — meu pai brinca.

— Estávamos cheios delas. Trabalhar aqui é como estar novamente em casa — diz Taron, e quando meu pai vai direto para os fundos da loja, meu amigo me puxa de lado. — Ouvi dizer que você está a fim de alguém.

Fico sério.

— Do que você está falando?

— Naveen e Anya me contaram sobre o americano. Parece que vocês dois estavam bem íntimos.

Endireito os ombros.

— Foi um encontro, só isso.

— Continua dizendo isso a si mesmo, mas um dia você vai quebrar a cara, e vai ser espetacular. Confie em mim, eu sei.

— Confie em mim. Não vai ser dessa vez. Ele mora do outro lado

do oceano.

Taron gesticula com desdém.

— Detalhes.

Olho para ele com uma expressão dura.

— Um detalhe de cinco ou seis mil quilômetros. Um detalhe transatlântico. Além disso, ele não está interessado em nada sério, nem eu. Mas estou muito interessado nessa cadeira.

Desvio sua atenção do assunto Fitz. Qualquer conversa sobre ele não levaria a lugar nenhum, que é precisamente para onde Fitz e eu vamos depois de quinta-feira. E isso é bom para mim.



# Capítulo 18

## Fitz

Sexo queima calorias, mas são só as extras, para mim.

Calorias extras.

É para isso que vou à academia do hotel, levanto pesos por uma hora e falo bobagem com Ransom por mensagem de texto entre uma série e outra. Envio para ele uma foto do bar.

**Fitz:** Você queria levantar tudo isso.

**Ransom:** Era o que eu levantava quando tinha cinco anos, idiota.

**Fitz:** Você queria ter minhas marcas.

**Ransom:** Eu tinha suas marcas quando estava na liga infantil, babaca.

**Fitz:** Eu nunca estive na liga infantil. Passei direito. Sou bom demais para isso.

Como era de se esperar, encerro o assunto com um GIF do Coiote jogando uma bigorna no Ligeirinho, porque temos toda essa maturidade.

Ele responde segundos depois.

**Ransom:** E a Emma? Ela ainda tem aquele tesão por mim, como quando a conheci?

**Fitz:** Seu cu.

**Ransom:** Queimado.

É nesse clima que saio da academia, tomo banho e me preparo para ir encontrar meu guia turístico. Ponho os óculos escuros e, no

caminho para a *Tower Bridge*, envio uma mensagem para Emma.

**Fitz:** Você está se orientando?

**Emma:** Sim, consigo apontar para o norte agora. Ah, espera, quer saber se estou na orientação.

**Fitz:** Na próxima a gente inscreve você no curso de leitura de mapa.

**Emma:** Mas dominei o Metrô. Daqui a pouco vou ser especialista em andar embaixo da terra.

**Fitz:** E o apartamento? Ontem parecia tudo certo.

**Emma:** Apartamentos mobiliados com vista para ruas tranquilas e livrarias antigas são um sonho que se torna realidade. E por falar em sonhos realizados...

**Fitz:** Emma, a Copa Stanley é em junho.

**Emma:** Até parece que estou falando de esportes. Como vai seu gato?

**Fitz:** Ele não é meu gato. É só um cara com quem estou passando um tempo.

**Emma:** Ah, legal. Então pode me encontrar em trinta minutos para uma visita rápida ao Palácio de Kensington, depois que eu terminar a próxima sessão? Meu dia acabou cedo.

**Fitz:** Hm... não. Eu tenho planos.

**Emma:** Porque vai sair com ele. :)

**Fitz:** É, eu vou. Vamos à *Tower Bridge*.

**Emma:** Sabia. Eu falei. Achei vocês dois muito fofos ontem.



**Fitz:** Nós NÃO somos fofos.

**Emma:** Tanto faz. Você parece apaixonado por Dean, e ele parece muito apaixonado por você.

**Fitz:** É?

**Emma:** É, mas que diferença faz? Ele é só um cara com quem você está passando um tempo. 😊

**Fitz:** Exatamente. Foi o que eu disse. Não me meto em relacionamentos. Não namoro. Somos só dois adultos curtindo a companhia um do outro.

**Emma:** Isso, aproveita a companhia dele na *Tower Bridge*. Isso é beeem alguma coisa que você faria com alguém que é só um lance.

**Fitz:** Emma... eu sei que você tem corações e flechinhas nos seus olhos, mas é isso, é só um momento legal. Mais nada.

**Emma:** Ok... e na verdade, tenho a orientação a tarde toda. Não vai terminar em meia hora. Foi só uma pegadinha, e você contou que vai passar um tempo com Dean. Ah!

**Fitz:** Continua maquiavélica. Tchau, Emma. Te vejo na hora do jantar. Ah, mais uma coisa, você não está a fim do Ransom, está?

**Emma:** O atacante do seu time, o cara grandão de olhos quentes, corpo forte e rosto esculpido por anjos?

**Fitz:** \*facepalm\*

**Emma:** Não faça uma pergunta se não quiser saber a resposta. E divirta-se com seu novo gato.

Fecho o aplicativo de mensagem e aproveito o passeio pelas ruas, saboreando a atmosfera movimentada desta cidade.

Meu gato.

Fala sério.

Ninguém é meu gato há anos, desde a faculdade. Desde Marcus, e isso nem conta. Quero dizer, sim, doeu para caramba, na época – ele foi meu primeiro namorado de verdade.

Mas tanto faz. Ele não gostava de mim como eu gostava dele, e essa experiência me ensinou que é melhor focar apenas nas coisas que importam – trabalho e família.

Desde então, tenho mantido o foco nesses dois pilares da minha vida. Minha mãe trabalhava em muitos empregos quando eu era criança. Agora, preciso cuidar da família, e não vou ignorar esse dever por um homem. Nenhum homem.

É por isso que gosto de ficar na pista. Gosto de ter uns lances. Nenhum compromisso. Dean é um lance. Mais nada.

Um arranjo sem compromisso que pretendo curtir muito até o dia de ir embora.

Quando a quinta-feira chegar, essa experiência em Londres vai ficar para trás, e a temporada e meu time estarão na minha frente. Isso é tudo.

Enquanto caminho ao longo do rio, verifico a hora do meu voo na quinta-feira. Duas da tarde. Em seguida, olho as horas no telefone. Quase meio-dia e meia. Faltam setenta e quatro horas. Tudo bem, são setenta e três horas e meia até eu ir embora.

Meus músculos ficam um pouco tensos. Mas não sei por que sentiria qualquer tipo de frustração. Giro os ombros para liberar um pouco da estranha tensão em mim. Não preciso ficar tenso, se estou fazendo tudo que pretendia quando entrei no bar do Dean na sexta à noite. Pegando ele. Quando levanto a cabeça, vejo o cara em pessoa com os antebraços apoiados no parapeito da ponte, óculos escuros, olhando para o Tâmis. Esperando por mim. Minha pele arrepiada quando me aproximo dele.

Ele parece ótimo – todo descolado e relaxado em jeans e uma camiseta que se ajusta perfeitamente, os olhos voltados para a água.

Ele está com os *AirPods* e, quando me vê, vira, tira os fones das orelhas e toca a tela do celular. Seu sorriso anuncia que ele conhece meu corpo nu e gosta muito do visual.

— E aí? — digo.

Minha mão se contrai e, num reflexo, procura a dele. Que porra é essa? Não vou ficar de mãos dadas.

Encaixo os polegares nos bolsos do jeans.

Não ficamos de mãos dadas. Não é isso que rola com a gente. Nós trepamos, nos divertimos, nada mais.

Só para provar que não somos um casal melado e pegajoso, nem beijo aquela boca gostosa.

Ele não parece ignorar minha reação, porque sorri quando diz:

— Boa tarde, James.

Sorrio curioso.

— Agora está usando meu primeiro nome?

— Pensei em experimentar.

— E o que achou dele na sua língua?

Ele contrai um canto dos lábios como se pensasse um pouco.

— Acho que vou usar James quando estiver bravo com você.

Eu rio.

— Você nunca vai conseguir ficar bravo comigo.

— Por que não?

— Eu faço você rir e sou bom de cama.

Ele joga a cabeça para trás e ri.

— E isso basta para evitar que alguém fique bravo com você?

— O que mais pode haver? — pergunto com um sorriso malicioso.

Essas brincadeiras são legais, mais parecidas com o que Dean e eu somos, parceiros de cama que se divertem muito juntos. Nada mais.

— Não consigo pensar em nada — diz ele.

Interpreto essa resposta como prova de que ele concorda comigo, de que estamos na mesma frequência de ontem, quando combinamos nosso acordo no chá mais sexy do mundo. Estabelecemos as regras e delimitamos todas as expectativas para essa aventura que termina em setenta e três horas e meia. Ou, na verdade, setenta e três horas e quinze minutos.

Ignoro o lembrete do tique-taque do relógio, porque ninguém liga. Os relógios não param, e vou ficar muito feliz quando pegar aquele avião para a concentração e o treinamento. Todo o sexo quente do hotel vai ter me saciado, e minha única fome vai ser pelo tempo no

gelo.

Piso fundo no acelerador desse arranjo sem compromisso.

— Já que não está bravo comigo, e não vai ficar bravo comigo, já que eu pretendo continuar fazendo você rir e se sentir bem, devia me chamar de Fitz. Gosto mais quando me chama assim.

— Por quê?

— Porque meus companheiros de equipe me chamam de Fitzgerald. Bom, eles dizem: “E aí, Fitzgerald”.

— Algo que nunca vai me ouvir dizer.

— Além disso, eu gosto do jeito como você diz Fitz.

— Por quê?

Sussurro a resposta.

— É sexy, o jeito como você fala no calor do momento. É como se meu nome tivesse um gosto bom na sua língua.

Dean solta um grunhido baixo, inclina o corpo para mais perto de mim enquanto a multidão de turistas e londrinos passa por nós.

— Você tem um gosto bom na minha língua, Fitz.

Um raio de desejo explode no meu peito, me aquecendo. É disso que estou falando – luxúria, desejo, prazer.

— É recíproco, Dean.

E passo um braço sobre seus ombros. Isso não é ficar de mãos dadas. Não é tão íntimo. É só uma coisa normal que fazemos enquanto andamos ao longo do rio e depois viramos na ponte.

Examino o Tâmis de onde estamos, apreciando a vista da faixa de água deslizando pela cidade. Paramos no meio da ponte. Estudo a paisagem, gosto de tudo nele. As torres de pedra cinza, como algo que saiu da história da Cinderela, são ladeadas por uma passarela azul e grades de suspensão.

— É, você estava certo. Isso é o inferno de bonito.

— O inferno... — ele diz, balançando a cabeça debochado. — Seus americanismos me matam.

— Babaca da porra. É recíproco, mano.

Dean revira os olhos.

— Mano. Que morte lenta.

— Alguém já te disse que é fácil te irritar?

— Não. Ninguém. Talvez porque ninguém goste tanto de fazer isso quanto você.

— Verdade. Adoro. Te encher o saco é meu novo hobby favorito.  
— Paro, apoio os cotovelos no parapeito e absorvo a paisagem. — É, dá para entender porque gosta daqui.

— É adorável, não é? Como um conto de fadas.

— Sim, tem um clima de livro de histórias. — Soco de leve o braço dele, um daqueles gestos de amigos. — Boa, cara.

Ele olha para mim com um sorriso divertido.

— Ah, é assim que vai ser? Com mano e soco no braço?

Meu rosto esquenta quando ele desmascara minha tentativa de ser casual demais. De tratar Dean como um dos caras da equipe, como Ransom, atacando um ao outro com ofensas para mostrar que nos importamos.

— Sim? Por que não? — pergunto com um movimento de ombros, sustentando a atitude porque parece ser necessário.

— Beleza, babaca — diz ele, olhando para a água e sorrindo. — Vaza daqui — acrescenta, pontuando as palavras, se divertindo com elas.

— Aaah. Agora vai me chamar de James? Está bravo comigo?

Dou risada e balanço a cabeça.

— Não disse que era impossível ficar bravo com você?

— E não é?

Ele olha para mim.

— Não. Aposto que você consegue me irritar. — Dean fala em voz baixa, meio rouca, temperada por uma pitada de desafio.

— Por quê?

— Só acho que consegue.

O comentário é feito de um jeito natural, neutro, mas não sei o que deduzir dele.

Eu estreito meus olhos.

— Está dizendo que sou um babaca?

Ele balança a cabeça e adota um tom mais sério do que eu esperava.

— Não. Estou sendo realista, só isso. Acho que nós, como seres humanos, temos a capacidade de irritar um ao outro. Mesmo que você seja engraçado e me faça gozar muito gostoso, ainda consegue me deixar bravo.

— Por isso acho inteligente definirmos regras para o que temos aqui — falo, e é um lembrete que vale para nós dois.

Eu preciso fazer aquela parte da minha cabeça que está contando as horas calar a boca. Estabelecer a regra vai acalmar essa parte irritante do meu cérebro.

— É saudável determinar limites. Assim, todo mundo sabe o que esperar — acrescento por garantia.

Dean se encolhe quase imperceptivelmente, mas dá para perceber sua reação.

— Claro, especialmente quando estamos — ele para, parece quase deixar as palavras dançarem na língua — curtindo a paisagem.

Concordo com um movimento de cabeça, garantindo que tudo está esclarecido.

— Gosto de paisagens. Gosto de apreciar a paisagem. Mas também gosto de ter certeza de que todo mundo sabe o que esperar do cenário. Entende?

Ele olha para mim, e sua expressão parece dizer: “Ah, não, você não fez isso”.

— Como é que é?

Ih. Talvez eu tenha exagerado.

— Só estou dizendo que sou ocupado, como você sabe — respondo, escolhendo a diplomacia antes de acrescentar rapidamente: — E você também.

— Muito ocupado. Então, isso aqui é muito temporário. — As palavras saem duras.

E parece que essa conversa está saindo do campo da provocação debochada e seguindo diretamente para o da irritação declarada. Mas não tento impedir que ele siga nessa direção.

Em vez disso, toco no meu peito.

— Não se preocupa. Eu não namoro sério.

— Eu também não — diz Dean, endireitando a coluna.

— Então, tudo certo — rebato com a mandíbula tensa, porque ele concordou depressa demais, e isso é bom, mas também me irrita, por algum motivo estúpido.

— Certíssimo — ele confirma rapidamente.

Ergo os ombros, incapaz de encerrar a discussão.

— Só para constar, não estou interessado em relacionamentos. E não estou interessado em nada além do que temos aqui — digo, apontando de Dean para mim e de volta.

A mandíbula dele se contrai.

— É só isso que temos, Fitz. Mais nada. — Seus olhos escuros se estreitam, como se eu tivesse ido longe demais e ele precisasse me corrigir. — Você não tem que agir como se eu fosse um desses garotinhos que conhece em suas viagens e não sabem nada da vida. Que acham que podem transar com um atleta e ficar com ele depois disso.

— Não é isso que estou fazendo — protesto indignado, segurando a grade da ponte.

Dean dá de ombros indiferente, mas suas palavras não são casuais.

— É mais ou menos isso, sim. Por algum motivo totalmente absurdo, está se comportando como se eu fosse algum tipo carentinho tentando colar em você.

Ele não levanta a voz, não grita. Apenas fala com um tom frio e calmo ali na *Tower Bridge*. E continua:

— Eu tenho uma vida aqui, uma vida que eu amo — Dean tira os óculos escuros, e seus olhos não são quentes como me habituei a ver. Estão gelados e gelando meu sangue. — Eu tenho meu bar, o lugar que é meu. Tenho meu pai e as coisas que fazemos juntos. Vou jantar com ele amanhã à noite, e neste fim de semana vamos restaurar uma cadeira. E eu tenho Sam, Naveen e Anya e Taron. E Maeve, acima de tudo. Você não precisa ficar me lembrando que isso é só uma aventura. Eu estava lá ontem quando estabelecemos as regras. E não vou deixar de segui-las — respira fundo, baixa mais a voz e conclui: — James.

A maneira como Dean diz meu nome me corta por dentro. É como ser atacado por um picador de gelo no peito.

Esfriou, e eu mereço.

Porque o irritei. Eu comecei tudo isso. Eu provoquei uma discussão desenhando repentinamente uma linha na areia e dizendo: não passa por ela, não, sério, não passa por cima dessa linha. Deveria ter me apegado ao sexo e ao riso, ao que sou bom. Eu sou uma merda em qualquer outra coisa, porque não faço mais nada, com ninguém.

Mas também sei que não quero ser esse cara que coloca aquela expressão no rosto de Dean. Porque ele está olhando para mim como se eu fosse um idiota.

E tenho certeza de que só me comportei como um.

Meu peito aperta, e o arrependimento cresce dentro de mim.

Mesmo que nunca sejamos mais nada, quero que o nosso agora seja tão bom quanto foi ontem à noite, hoje de manhã e entre os dois.

Falo com ele na única língua em que sou mais fluente – a física.

Seguro seu rosto e olho dentro de seus olhos.

— Desculpa — murmuro, e beijo seus lábios deliciosos, tentando dizer também dessa forma que lamento o que fiz.

Quando o beijo termina, ele ainda parece irritado, mas não tanto.

— Só quero me divertir com você. Não quis exagerar nas regras. Eu sei que você entendeu. Às vezes eu me preocupo porque...

— Porque os outros esperam mais de você? — ele pergunta gentilmente.

Assinto, pensando nas vezes que um ficante pediu para ir para casa comigo, ficar para o café da manhã, ir ao cinema ou a um brunch.

— Isso. Mas aposto que isso acontece com você também. Você é um cara incrível, Dean. Tenho certeza de que todos te querem.

— Tenho certeza de que todos querem você — ele repete, e o gelo começa a derreter.

Passo a mão na cabeça, procurando a melhor maneira de deixar claro que estou feliz com a situação, e que aposto que ele também está.

— Não quero dar a impressão de que você é como eles. Eu entendo. Entendo você. Você e eu — digo, dando um tapinha em seu peito, depois no meu. — Nós somos iguais. Estamos felizes com a vida que temos. Não precisamos mudar as coisas, certo?

Um sorrisinho distende seus lábios.

— Estamos na mesma. Sem amarras, sem expectativas. Vamos aproveitar os próximos dias. Não vou te chamar de James novamente.

Eu ofereço um punho para bater.

— Toca aqui, mano.

Ele cruza os braços sobre o peito, mas sorri.

— Não. Não vai ter “mano”, nem “toca aqui”.

— Ei! Acabei de perceber que nem sei seu sobrenome.

Seus olhos castanhos brilham.

— Ah, talvez seja melhor assim. Não poder me rastrear, depois que nosso caso terminar.

Reviro os olhos, suspiro.

— Tudo bem. Como quiser. Você sabe que não vou te rastrear.

— Collins. Dean Collins — diz ele. E estende a mão. — Vamos



fazer um acordo. Não uso James quando ficar bravo, porque você não vai me deixar bravo, e você não precisará usar Collins. Porque nenhum de nós vai fazer nada para irritar o outro nas próximas setenta e duas horas.

Eu controlo um sorriso que ameaça ficar maior que meu rosto. Ele tem tanta consciência de quantas horas nos restam quanto eu.

Aperto a mão dele.

— Não vou usar com raiva. Mas acho sexy demais. Muito parecido com você. — Saboreio a sensação de deixar seu nome completo passar por meus lábios. — Dean Collins.

Não solto a mão dele. Em vez disso, eu o puxo para mim, seu peito a centímetros do meu, a pélvis bem perto.

— Dean Collins — repito, e sinto o nome dele me aquecer. — Vou te comer gostoso essa noite.

Em um piscar de olhos, ele está de volta. O calor em seus olhos. A boca entreaberta. Os sinais de que ele me quer.

— Mostra — diz naquele tom desafiador que ele usa. — Me beija agora do jeito que vai me comer mais tarde.

— Com prazer. — Seguro a parte de trás de sua cabeça e planto um beijo gostoso e feroz em seus lábios, na *Tower Bridge*, na frente de todos que passam, sem me importar nem um pouco.

Quando nos afastamos, levanto as sobrancelhas.

— E aí, pronto para tirar uma foto minha?

Ele ri.

— Sim, quero estar completamente excitado quando tirar sua foto.

Bato nas costas dele.

— É só pensar em bolos, chá ou na rainha, parceiro — provoco.

Mais risadas. Dean fica sério, muda de expressão, pigarreja e murmura:

— Deus salve a rainha. — Ele aponta a própria virilha. — *Voilà*. Feito.

— Muito impressionante, essa sua técnica de deflação.

— Muito obrigado.

Tiro uma selfie rápida no meio da ponte para mostrar a *London Bridge* – que não caiu – rio acima. Em seguida, caminhamos para o outro lado da ponte.

— Mais fotos. Amelia vai gostar mais desta, de qualquer

maneira, porque é mais parecida com a de um livro, e ela adora ler. Eu praticamente li para ela um livro inteiro de Calvin e Hobbes em um jogo de softball no início deste verão, quando estávamos sentados nas arquibancadas enquanto todo mundo estava jogando.

— Porque ela também não gosta de softball? — Dean provoca.

— Ha. Não. Porque eu sou um cara legal e estava olhando a filha do meu amigo.

Ele sorri.

— Ela gosta de você. Que fofo.

— Agora ela também gosta de Calvin e Hobbes. E de hóquei. Eu treino essa garota para gostar de hóquei desde que ela era muito pequena.

— E você conseguiu?

Sorrio, e é meu melhor sorriso arrogante.

— Consegui. Não se preocupe. — Apoio a mão sobre seu ombro.

— O próximo a ser convertido é você.

Ele sorri.

— Coisas estranhas acontecem. Tudo bem. Vamos nessa.

Em pé na passarela, alinho o foco com a ponte atrás de nós, a água também. A foto é boa, mas ficaria melhor com nós dois nela.

— Vem cá, entra na foto comigo.

Ele balança a cabeça.

— Não acho que a filha do seu amigo quer me ver.

— Vem — repito, acenando para ele se aproximar. — Ela vai ficar impressionada por eu estar na ponte com um londrino de verdade.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Quer mesmo que eu apareça na foto com você?

— É uma foto. Não é um anel de compromisso.

— Seu cu — ele murmura baixinho, mas está sorrindo novamente, e somos nós de novo, nos divertindo, irritando um ao outro.

Dean se aproxima de mim. Inclino o celular para poder ver nós dois perfeitamente posicionados em frente ao famoso marco. E ficamos bem juntos. Muito bem.

Por um segundo, antes de tirar a foto, uma série de imagens piscam diante dos meus olhos.

Invasivas.

Do nada.

Eu não as convido, mas elas chegam bem claras, e posso nos ver assim. Conhecendo o mundo. Indo para Amsterdã. Para Copenhague. Para Paris. Tirando fotos na frente de ícones turísticos.

Fotos para minhas irmãs, para Amelia, para minha mãe. E para mim. Acima de tudo, para mim.

É por isso que eu quero essa foto.

Amélia nem liga. Essa foi uma meia verdade. Eu queria ver como ficava aqui com ele, com esse homem de que não me canso.

Algo sobre a forma como ficamos juntos me faz sentir como se pudéssemos ter essa vida. Esse tempo. Esses dias e noites. Ele poderia ser meu gato. Então pisco, afasto o pensamento insano. Porque, que diabos? Esse não sou eu. Não é isso que eu quero. Não vai acontecer.

E assim que tomo plena consciência desse pensamento, eu o esmago, jogo longe, muito longe. Eu tiro algumas fotos.

— Pronto. Feito — aviso, e guardo o telefone antes mesmo de olhar para elas. — Estou morrendo de fome. Quer almoçar?

Ele diz que sim, e me concentro na comida, não nos pensamentos descontrolados que brevemente, muito brevemente, invadiram meu cérebro.

Eles voltaram mais tarde naquele dia, e eu faço o melhor que posso para sufocá-los, para manter tudo leve e arejado. Mas não é tão fácil quanto foi algumas horas atrás.



# Capítulo 19

## Dean

Depois de comer, vamos passear pela cidade. Eu pergunto a ele sobre hóquei. Mesmo que eu não me veja me tornando fã, estou genuinamente curioso sobre como o jogo funciona, quais são as melhores estratégias. Gosto de aprender coisas novas, e Fitz é um excelente professor no que diz respeito ao esporte.

Enquanto caminhamos, ele compartilha os prós e contras comigo, e posso começar a entender sua paixão pelo jogo.

Ele pergunta sobre meu pai e as coisas que fazemos juntos. Digo a ele que vejo meu pai com frequência e que jantamos uma vez por semana, às vezes mais. Menciono Penny do café e como acho que ela está de olho nele.

— Seu pai gosta dela?

— Eu não sei. Eu adoraria vê-lo namorar novamente.

— Ele não namorou desde que sua mãe foi embora?

— Sim, mas nada muito sério. Algumas namoradas de vez em quando. Seria bom vê-lo se apaixonar.

— Entendo. Fiquei muito feliz quando minha mãe conheceu o novo marido há alguns anos. Ele é um cara bom e a trata como uma rainha.

— O selo de aprovação Fitz.

— É bom vê-la feliz. Espero que seu pai encontre isso.

— Eu também.

Pergunto sobre seus amigos em Nova York, e ele fala sobre alguns caras da equipe, depois me conta sobre Summer e Logan.

— Ele é um cara legal. Muito intenso e motivado, mas com um grande senso de humor. Ele conheceu uma mulher há alguns meses, Bryn, e está apaixonado por ela. E a irmã dele, Summer, é hilária. Ela está envolvida com Oliver, outro amigo meu. Ele também é inglês — acrescenta Fitz.

— Ah, você conhece outro inglês? — Caminhamos por uma rua

lateral, passando por uma banca de jornais.

— Sim, temos britânicos em Nova York. Ele mora lá desde os treze ou quatorze anos.

— Um imigrante.

— Vale como britânico no seu livro?

— Claro. Desde que ele seja leal a... futebol de verdade — provoço, e inclino a cabeça para outra rua lateral.

Fitz debocha.

— Tarde demais. Eu treinei o cara para amar o hóquei, como tem que ser.

— Claro que tem.

Descemos a rua e chegamos ao *Leadenhall Market*, um mercado coberto com um telhado ornamentado.

— Chegamos. Este é o Caldeirão Furado.

Seus olhos azuis se abrem, brilhando de alegria.

— Beco Diagonal. — Ele balança o dedo para mim. — Eu sabia que você nunca conseguiria ficar bravo comigo.

Eu não estava bravo com ele.

Apenas irritado por ele se achar o mais descolado e casual do mundo. Sou tão descolado e casual quanto ele. Por isso me mantive firme durante aquela conversa. Porque eu estou tão envolvido nesse fim quanto ele, e ele precisa saber disso. Não sou pegajoso, não sou de correr atrás de ninguém e não sou do tipo que curte ir para a cama com gente famosa. Melhor termos redefinido as regras.

Se você não estipula regras, é aí que se depara com problemas.

— Eu não estou nem um pouco bravo — digo.

Mostro o mercado, e ele insiste em tirar mais fotos, e me junto a ele em algumas.

— Você parece um adolescente com esse seu vício em selfies.

— As fotos são mais divertidas quando as pessoas estão nelas — diz Fitz. — Agora sorri para o meu celular, barman sexy.

— Pronto, atleta arrogante — e sorrio para a câmera.

Ele tira a foto e guarda o telefone.

Ao longo do caminho para a Ponte do Milênio, ele exige mais fotos à beira do rio. Fotos de nós dois.

Eu o envolvo com um braço.

— Está começando uma coleção? Criando um álbum de fotos da

viagem?

— Sim. Vou colar adesivos de unicórnios do seu lado. — Ele beija meu rosto e tira a foto. Depois olha para a tela. — Ah, você parece muito irritado por ter sido forçado a posar para uma selfie.

— Por favor, me diz que essa não é para a filha do seu amigo.

Ele olha para mim com um ar insinuante.

— Essa é para o banco de imagens para punheta.

Reviro os olhos novamente.

— Duvido muito que você vai bater uma com uma foto minha revirando os olhos.

— Mas captura sua essência perfeitamente.

Eu rio quando chegamos à Ponte do Milênio.

— Chegamos.

Ele olha para tudo com interesse, com um deleite de turista, e é muito divertido vê-lo visitar pela primeira vez os locais que conheço tão bem.

— O que você acha? — Eu pergunto.

Espero que ele goste, que goste de toda Londres.

— Adorei. — Ele olha para mim. — Londres é ótima. Entendo por que ama isso aqui.

— Eu amo mesmo — confirmo com um sorriso, me sentindo compreendido. — Me sinto em casa. É meu lar.

— É uma sensação boa.

Atravessamos a ponte e logo os longos raios de sol vespertino brilham nas vidraças da cabine telefônica vermelha ao lado da estação de metrô à nossa frente.

— Preciso ir encontrar Emma — diz ele com alguma relutância, e acrescenta rapidamente, como se precisasse esclarecer: — Eu quero ir encontrar Emma.

— É claro — respondo sem deixar de registrar a distinção.

Eu adoraria passear um pouco mais com ele, andando pelo entardecer que vai se tornando noite. Mas o tempo de distanciamento é bom. É sábio. E é inevitável.

Afinal, temos menos de setenta e duas horas restantes. Espera. Não. São sessenta e oito ou sessenta e sete, já que acabamos de passar várias horas juntos. Num piscar de olhos.

Meu peito aperta quando ouço o relógio e seu tique taque a caminho do amanhã, e do dia seguinte, e do próximo.

Fitz passa a mão na barba. Fica em silêncio por um instante.

— Dean.

— Sim?

— Vem hoje à noite.

Não é uma ordem. É uma pergunta. Como se Fitz pensasse que existe uma chance de eu dizer não.

Não tem a menor possibilidade de eu dizer qualquer coisa que não seja sim.

— Vou.

— Que horas? — Ele parece aliviado, mas também ansioso. — Quando você vai estar livre?

— Às nove. Consigo escapar às nove.

Sorrio da brincadeira mantendo o clima leve, já que essa é a ordem do dia. Já que essas são as regras.

— Tão longe.

Ele inspira profundamente, passa a mão na nuca e olha para frente e para trás, como se estivesse pensando. Por alguns segundos, parece distraído, ou talvez indeciso. Mas então seus olhos se iluminam, e ele segura minha mão e me puxa contra ele na rua.

— Quero muito te ver hoje à noite.

— Vai ver. Estarei lá — digo, tranquilizando-o.

— Eu sei — ele sussurra, mas sua voz não é arrogante desta vez.

Há uma nota de urgência nisso. Ele pressiona a testa na minha, a voz fica rouca, sussurrante.

— Transar com você foi incrível... foi melhor que nunca.

As palavras saem como uma confissão intensa.

Como se fossem a mais pura verdade.

Eu sinto o mesmo, e a memória do nosso tempo na cama cintila diante de mim em uma explosão de calor e desejo.

— Igualmente — murmuro. — Foi a mesma coisa para mim.

A mão dele aperta a minha, meus dedos.

— Você e eu. Na cama. É intenso, cara. Não é?

— É, Fitz. — Sinto-me tonto, atordoado com esta conversa.

Ele se afasta um pouco, olha nos meus olhos.

— Você sente isso também? — Seus olhos estão vulneráveis, como se ele precisasse desesperadamente dessa confirmação.

E eu quero dar isso a ele, porque posso, porque é seguro.



Admitir a verdade da nossa química não pode me machucar.

— Sim. Eu sinto.

A respiração de Fitz falha.

— É meio incompreensível.

— É um pouco louco.

— Ou talvez muito — diz ele, e solta minha mão. — Tenho que ir, ou nunca vou chegar na hora marcada com Emma. Vou acabar entrando com você em um táxi preto, e vou ficar muito excitado.

Ele fala isso como se fosse uma piada, e provavelmente é, mas há algo em sua voz que faz parecer que ele precisa ficar longe de mim. Talvez para recalibrar. Não é uma ideia tão ruim.

Quando você quer tanto alguém, passar todo o tempo juntos chega a ser perigoso.

E com ele, estou me sentindo bem perigoso.

Ele vira para entrar na estação, recua, segura meu antebraço e me puxa de frente para ele.

— Vai passar a noite de novo?

— Eu vou. — Uma pequena parte de mim está comemorando, feliz por ele ter perguntado agora, feliz por não ter que presumir.

— Você vai trabalhar amanhã?

— No final da tarde. Depois de jantar cedo com meu pai.

Fitz passa a mão no meu braço.

— Passa a manhã comigo também.

— Passo.

E eu quero. E isso parece ser um novo tipo de perigo.

Mas é um risco em que estou mergulhando de cabeça, sem paraquedas.

Às nove horas, bato na porta do quarto do hotel. Trouxe a mochila da academia com uma muda de roupa para amanhã. Minha aventura temporária abre a porta, e fico chocado.

Fitz veste apenas o jeans. Está descalço e sem camisa, com todos aqueles músculos esculpidos e todas aquelas tatuagens à mostra. Ele segura um copo que contém um líquido cor de âmbar.

Ele levanta uma sobrancelha, segurando o copo.

— Quer beber alguma cosia?

— Quero, sim.

Entro, deixo a mochila no canto e vou até o bar, onde ele abriu uma garrafa de uísque.

— Está tentando me irritar? Acha que sou previsível? — Pergunto enquanto sirvo o uísque.

Ele para atrás de mim, cola o corpo ao meu, sua ereção já evidente quando a pressiona na minha bunda.

— Quero provar o uísque na sua boca.

Minha pele queima. Levanto o copo, bebo um gole e o deixo sobre o bar. Com minhas costas coladas em seu peito, Fitz levanta um braço, segura meu queixo e vira meu rosto para beijar minha boca, um beijo inebriante e elétrico.

Isso faz minha cabeça girar e minha pele parecer menor que o corpo. Incendeia meu sangue.

Meu Deus, como um beijo pode fazer isso comigo? Eu quero muito mais. Eu quero tudo dele dentro de mim, e ainda assim não quero parar de beijá-lo.

Eu me viro e estou em seus braços, minhas mãos enlaçando seu pescoço, as dele em volta do meu quadril. Braços e mãos se movem por toda parte, agarrando, apalpando, sentindo.

Eu gemo quando o puxo para mais perto, precisando do contato, precisando sentir seu corpo firme contra o meu.

Nós nos beijamos como se não tivéssemos pensado em outra coisa desde que nos separamos, algumas horas atrás.

Seus lábios são famintos, e ele chupa, morde e atormenta. Depois enfia sua língua em minha boca, e eu gemo com o prazer perverso do contato, com o corpo esfregando no meu, o contorno do pau junto do meu. E minha cabeça viaja em uma névoa alimentada pela paixão.

O desejo percorre minhas costas, ecoando por todo o corpo. E eu quero.

Eu quero tanto Fitz que posso senti-lo em meus pulmões. Eu o quero com violência, com um desespero que não conheço há séculos.

Ou talvez eu nunca tenha sabido que poderia ser assim. Tão intenso. Tão... devorador. E meu Deus, eu quero devorá-lo.

Eu quero jogá-lo na cama, deixá-lo nu e me apoderar dele, trepar com ele. Fazer tudo que quiser com ele.

Mas sei que ele precisa de nós de uma certa maneira, e posso fazer isso por ele. Eu posso dar, e eu posso aceitar. O que eu não posso

fazer, porém, é esperar.

Interrompo o beijo ofegante, certo de que meu olhar é selvagem. Seguro seu rosto e digo:

— Você precisa me foder agora.

Ele grunhe. Só isso. Apenas um rosnado carnal que me aquece ainda mais.

Fitz puxa minha camisa, a tira pela minha cabeça.

— Preciso de você nu. Preciso agora.

— Eu também — digo, minha respiração arfante enquanto agarro o cós de sua calça jeans, desabotoo, abro o zíper, empurro para baixo.

Lambo os lábios no segundo em que vejo seu pau duro, pronto para mim, uma gota brilhante de líquido na coroa. Deslizo o polegar sobre ele, o levo à boca, lambo e saboreio seu gosto.

— Você tem um gosto tão bom — digo, e noto que Fitz tem os olhos vidrados, como se ele mal pudesse lidar com a imagem da minha boca sugando todo seu sabor.

— Me toca de novo — ele geme.

— Como se eu quisesse fazer outra coisa — respondo, e seguro seu membro.

Ele o empurra para dentro do meu punho.

— Caramba, você está me deixando louco, Dean. Estou muito louco por você — ele fala, e segura minha mão no seu pau, e nós dois o acariciamos. — É isso que você faz comigo. Você faz isso comigo.

Antecipação passa pelo meu corpo como uma corrente enquanto eu me entrego a várias carícias longas e tentadoras. Tocar Fitz, deixá-lo nesse estado frenético é como uma droga. Não quero parar de jeito nenhum.

Mas logo ele afasta minha mão com um grunhido feroz, tira minhas roupas e me deixa sem nada também.

Depois dá dois passos para trás e se senta na beirada da cama. Sua mão vai direto para o pênis, e ele o agarra com força, selvagem.

— Senta em mim. Monta e cavalga forte. Por favor.

Meu pau se contrai com a ordem sacana que é quase uma súplica. Fitz pega o lubrificante que deixou na cama, ao lado de uma camisinha. Enquanto eu monto nele, ele abre a embalagem, enfia dois dedos rápidos e ansiosos em mim. Eu me acaricio enquanto ele me prepara, e é tudo tão intenso que não sei como vou aguentar. Mas estou disposto a descobrir. Inferno, eu estou sempre disposto.

Por alguns segundos, me perco nas sensações provocadas pelo que seus dedos estão fazendo, mas sei que algo muito melhor está por vir, e me concentro no que vem a seguir, pego a camisinha e a deslizo por seu membro grosso.

Levanto o corpo, mantendo os joelhos um de cada lado de suas coxas enquanto Fitz segura seu pau, segura a base, esfregando a ponta contra minha bunda.

Minha cabeça pende para trás quando o prazer profano começa.

— Isso, porra, isso — gemo enquanto meu corpo o procura, o absorve pouco a pouco, permitindo a penetração.

No segundo em que ele me penetra, um desejo selvagem me domina. E com um movimento rápido, abaixo em seu pau. O mundo se transforma em um borrão escaldante.

— Ah, cacete — Fitz grunhe agarra minha bunda com força, me mantém no lugar, só me segura para poder entrar ainda mais fundo em mim.

— Ah, isso é bom. Isso é bom pra caralho — eu digo, me ajustando à deliciosa queimação que vem primeiro, depois à sensação de como ele me preenche.

Minhas mãos tocam seu peito esculpido. Tudo nele é duro, áspero e musculoso, e eu adoro isso.

Meu pau se projeta entre nós, e quando ele desliza a mão para baixo e me agarra, eu balanço minha cabeça.

— Não. Vou gozar cedo demais — aviso.

— Ninguém quer isso.

Fitz agarra minha bunda novamente, enquanto eu levanto, giro o quadril e abaixo de novo. Cada centímetro do meu corpo está fervendo, faiscando. A luxúria percorre minhas células enquanto eu mostro a Fitz como eu gosto, como pretendo cavalgar nele até nosso próximo alívio.

Os olhos dele encontram os meus por um segundo quente. Nesse flash, vejo muita necessidade, muita urgência em seus olhos. Esse olhar me faz querer me dar mais forte, mais quente, mais profundo.

Deixo ele saber disso com meu corpo, com os movimentos, esfregando e pressionando enquanto monto seu pau.

Ele lambe os lábios, respira fundo e olha para nós, para onde nos conectamos.

— Porra, Dean. Estou morrendo aqui. Você é gostoso demais.

Suas palavras me alimentam, me fazem girar o quadril com mais

habilidade para levá-lo mais fundo, depois deslizar para cima até ele quase sair de mim.

Ele fecha os olhos com força, e um gemido parece sair de sua garganta. Quando os abre, ele me agarra com mais força.

— Eu quero ver. Quero ver meu pau entrar e sair da sua bunda.

Olho para o espelho na parede.

— Acho que dá para dar um jeito.



# Capítulo 20

## Fitz

Estou em combustão.

Eu sou um fogo na floresta que não mostra sinais de apagar. As chamas lambem minha pele, e eu as abano.

— Vira. Assim eu posso ver pelo espelho — falo para o meu britânico sexy.

Nós nos movemos para o outro lado da cama, seu corpo lindo em mim, meu pau aninhado em seu lugar favorito. Dentro deste homem.

Quando encontramos a posição perfeita, seus braços envolvem meu pescoço e ele sussurra em meu ouvido:

— Agora olha, Fitz. Olha enquanto eu fodo seu pau.

Estremeço, agarro suas costas e olho por cima de seu ombro, gravando em meu cérebro a imagem mais erótica que já vi.

Dean Collins montando em mim, me dando a visão que eu quero, sem pressa.

— Ah, isso — gemo quando o vejo subindo, meu pau quase deslizando para fora de sua bunda fantástica.

Então, em câmera lenta, ele desce, e eu mal posso respirar vendo sua bunda me puxar para dentro.

— Nada — ofego, tentando formar as palavras. — Nada é mais sexy que isso.

— Então, é melhor não parar de olhar.

— Não consigo parar de olhar.

Esquece o incêndio na floresta. A selva inteira está queimando por causa do show de Dean, de como ele se esfrega e desce, como sobe e desce, como ele enfia meu pau dentro dele.

E como ele me mostra, garantindo que consigo ver pelo espelho o que estamos fazendo. O que eu vejo me enlouquece.

Minhas mãos estão sobre Dean, deslizando para cima e para baixo em suas costas musculosas, agarrando sua bunda perfeita e

deliciosa.

— Você me mata quando faz isso. Simplesmente me mata, porra — eu digo.

— Não morre antes de gozar, Fitz — ele provoca, e como consegue me provocar quando estou balançando na beira do penhasco é um mistério para mim, mas não preciso resolvê-lo, não quero resolvê-lo.

Só quero olhar para nós dois fodendo, para o corpo dele me engolindo mais e mais.

— Dean, gato. A gente é gostoso demais juntos. Quase não aguento...

Colo a boca na dele, precisando beijá-lo, precisando sentir sua boca na minha. Ele me beija de volta com força, feroz. Ele é todo dentes e lábios e fogo.

Quando encerramos o beijo, estou ainda mais bêbado dele do que estava antes. Eu estou chapado, chapado demais quando olho novamente para o espelho.

— Quero assistir a essa sacanagem a noite toda, você montando no meu pau.

— Então olha — ele diz, e se move mais devagar, transformando o ritmo no de um strip-tease sensual, um banquete visual.

Minha pele está formigando em todos os lugares. Gotas de suor deslizam por meu peito. E minhas mãos adoram a sensação de segurar aquela bunda, apertar aquelas bochechas fortes e firmes enquanto olho para nós dois. Este homem é dono do meu prazer. E está determinado a arrancar cada gota de mim.

Isso é tudo o que eu quero. Ser consumido pelo que ele está fazendo comigo. Porque ele está fazendo tudo. Ele está dando e tomando e fodendo meu pau tão bem que não dá mais para segurar.

— Dean — aviso. — Preciso gozar logo. Vem comigo?

— Estou a segundos — ele diz.

— Deixa eu te foder com força agora — digo, e bato em sua bunda. — Fica de quatro.

— Só porque você pediu com jeitinho.

Mantendo o preservativo no lugar, eu puxo meu pau para fora e gemo com a perda momentânea de contato.

Então, depois que Dean está na posição perfeita para a conclusão, fico atrás dele, penetro de novo e sei — eu simplesmente sei — que é assim que o sexo deve ser. Deve ser sempre intenso assim.



Elétrico assim.

De outro mundo.

Porque estou fora de mim de desejo, devorado vivo por ele enquanto fico ali ajoelhado, penetrando seu corpo, segurando seu pau.

E olho para nós dois no espelho, meu corpo debruçado sobre o dele.

Mas então, tenho a brilhante ideia de puxá-lo para cima, para ficarmos os dois ajoelhados, as costas dele pressionadas contra meu peito, um dos meus braços embaixo do dele. Minha outra mão no pau dele, meu pau enterrado profundamente, muito profundamente em seu corpo enquanto fodo esse homem sexy, sacana e fantástico até o clímax. E gozo muito forte dentro dele. E ele goza na minha mão gemendo meu nome.

O prazer simplesmente me engole, ondas e mais ondas de êxtase sem fim.

Caímos juntos sobre a cama em uma confusão quente e pegajosa, e eu não ligo, não ligo, não ligo.

Deslizo o pau para fora mantendo a camisinha, mas não quero soltá-lo enquanto ofegamos, arfamos e gememos.

E digo a mim mesmo que é só do sexo que vou sentir falta. É só o sexo mais quente da minha vida que vai me fazer falta. E quase acredito. Quase. Mas não completamente.



# Capítulo 21

## Dean

Um pouco mais tarde, bebo uma dose uísque, saboreando até a última gota satisfatória.

— Uma transa, um uísque. O que poderia ser melhor?

Fitz abandona o copo vazio, pega o controle remoto e liga a TV.

— *SportsCenter*?

Deito na cama, cubro os olhos com uma das mãos.

— Meu Deus. Não. Só não.

Fitz dá risada.

— Eu não sou tão idiota. Não vou te sujeitar ao *SportsCenter*. — Ele joga o controle remoto no chão. — Você realmente odeia esportes?

Tiro a mão de cima dos olhos.

— Esporte é ótimo. Só não quero assistir às notícias esportivas quando estou na cama com você.

Ele mexe uma sobrancelha.

— Entendo. Tem coisas melhores para fazer.

— Isso. E tenho certeza de que logo vamos estar com a bateria recarregada.

— Então, o que quer fazer na cama comigo?

Olho para o copo.

— Beber uísque é divertido. Mas se você realmente quer ver televisão, prefiro uma comédia na Netflix ou alguma coisa assim.

Seus olhos azuis brilham.

— Comédia dark?

— Adoro.

— Comédia britânica?

— É claro.

— Série?

— Sem trilha de risadas.

Sorrindo, ele levanta a mão para o *high-five*, e eu bato.

— Trilha de risadas é uma droga — diz ele.

Depois Fitz se debruça sobre mim, pega o celular, clica no ícone da Netflix e percorre as comédias mais recentes. Encontramos uma que interessa a nós dois, um programa sobre um grupo de amigos muito enredados na vida um do outro.

Fitz dá play e se acomoda ao meu lado, com a cabeça no travesseiro do lado do meu. Seu corpo se encaixa confortavelmente em mim, o braço está sobre meus ombros.

Tudo nesse momento grita o contrário de lance, mas essa agenda avançando sem dó me lembra que é seguro aproveitar este momento, já que isso vai acabar em breve.

Mesmo assim, não consigo resistir a uma provocação.

— Você percebe que nós dois temos mais de um metro e oitenta e estamos nesse pedacinho da cama — aponto, olhando para o outro lado da cama *king-size*, vazio.

Ele sorri e se aproxima de mim.

— Está dizendo que não quer se aconchegar comigo depois de eu ter fodido até seus miolos? Ou está tentando me dizer diplomaticamente que eu sou péssimo nessa coisa de aconchego?

Dou risada.

— E isso seria um insulto para você? Ser ruim de aconchego?

— Eu não sou ruim de aconchegar, e você sabe disso. Eu sou um aconchegador incrível — e me aperta mais forte.

— Você não é tão ruim.

— Você odeia aconchego. Admita — ele diz, mergulhando a cabeça na curva do meu pescoço e me dando um beijo alto e exagerado, enquanto minha mente registra um tranco suave.

— É, detesto. Por favor, pare — e me aproximo ainda mais dele.

— Eu não consigo parar. Não posso evitar — Fitz debocha, e me agarra com força, me puxa para seus braços.

— Ok, agora você está sendo ridículo — reclamo, mas estou rindo, mesmo que o empurre com delicadeza, ouvindo um pouco mais longe o som da série na TV.

Ele levanta a cabeça, franze a testa.

— O que aconteceu com meu telefone?

— Acho que caiu no chão. — Espio pela lateral da cama e me abaixo para pegar o telefone do tapete. Entrego o aparelho para ele, e

a série continua.

— Então, boa essa comédia, hein? — ele pergunta com tom seco.

— É fantástica. Eu poderia escrever um artigo sobre ela.

— Nós poderíamos fazer uma noite de curiosidades sobre a série.

— Sim, eu sei muito sobre isso. Vamos encontrar um pub e fazer um quiz, e a gente arrasa.

Fitz ri e interrompe a série. Uma notificação aparece em seu telefone—uma nova mensagem de texto.

Eu desvio o olhar, não quero ser invasivo.

— Pode responder às suas mensagens. Não me incomode com isso.

— É do Logan. Ele agradeceu pela foto — e me mostra a mensagem.

**Logan:** Amelia amou a foto. Obrigado, cara. Qualquer um que faça minha filha tão feliz é bom.

Fitz sorri e passa para a próxima mensagem.

— E essa é da irmã dele, Summer. Ela também é uma das minhas amigas em Nova York.

— Eles são aqueles que têm um primo de quem eu certamente seria amigo por causa do nosso hobby de renovar móveis?

— Sim, são eles — ele confirma rindo, e abre a mensagem de Summer.

Eu não olho para o telefone, mas não posso deixar de notar a forma como seus olhos se iluminam, como um sorriso parece levantar o canto dos lábios enquanto ele lê o texto.

Mas não digo nada. Não tenho esse direito, mesmo que esteja curioso sobre o que provoca essa reação, o que um amigo pode dizer para colocar essa felicidade em seu rosto. Claro, não parece difícil deixar Fitz feliz. Ele está pronto para isso, como um golden retriever. A felicidade parece ser o estado natural para o qual ele gravita, mais uma coisa para gostar nele.

A lista está ficando comprida demais para o meu bem.

— Summer diz que você é puro fogo — ele fala me cutucando, rompendo meu torpor momentâneo.

— Ah, é? Por que ela diria isso?

— Mostrei sua foto para ela. Uma diferente da que enviei para Amelia. A que mandei para Summer é uma em que você está uma

delícia.

Sento na cama com as costas mais eretas, intrigado, talvez até um pouco encantado.

— Você fez isso?

Ele parece acanhado ao confessar:

— Ela queria saber o que eu estava aprontando, então enviei algumas fotos para ela.

— Ah, e disse: “É isso que estou aprontando, transando com esse inglês gostoso”?

— Mais ou menos isso — diz ele, ainda segurando o telefone. O olhar, o som de sua voz quase me fazem pensar que ele quer que eu cave mais, que pergunte o que ele disse sobre mim.

Não sei bem se quero seguir esse caminho, mas também não quero me afastar dele. Então, um pouco nervoso, pergunto:

— O que você disse?

Ele me mostra o celular para eu poder ler sua resposta.

**Fitz:** Isso foi o que eu fiz hoje. Foi incrível.

Três fotos anexadas à mensagem — uma nossa na *Millennium Bridge*, outra na *Tower Bridge* e mais uma no Caldeirão Furado. Parecemos felizes juntos, como um casal. É difícil parar de olhar para as imagens.

Releio a resposta dele algumas vezes, e cada vez meu peito aquece um pouco mais, e as palavras ficam presas na minha garganta. Palavras que quero dizer. Palavras que tenho pavor de dizer.

Eu o encaro. Ele parece estar esperando alguma coisa. Uma confirmação. Uma partida. Alguma coisa. E nada disso parece se encaixar na nossa conversa anterior na ponte, mas tudo parece necessário.

Como se estivéssemos ultrapassando aquelas linhas que traçamos novamente com tanta firmeza hoje à tarde.

Especialmente quando digo as palavras que me assustam e me eletrificam ao mesmo tempo.

— Eu também achei incrível.

Seus ombros relaxam e o sorriso se ilumina.

— Então, Summer disse que você é gostoso demais. E eu respondi: “Pode acreditar, eu sei disso. Ele é o cara mais gostoso que eu já conheci”.

Eu rio, balanço a cabeça, embora por dentro esteja vaidoso com o elogio.

— Aposto que você diz isso para todos os caras.

Fitz deita de lado, com a cabeça apoiada na mão. Fica sério.

— Não falo, não. Seria mentira.

Reviro os olhos, porque é mais fácil que aceitar que ele está falando sério. Além disso, que diferença faz, se ele se sente mais atraído por mim do que por qualquer outra pessoa? Nenhuma – não no nosso esquema.

— Eu estava falando sério.

— Na ponte?

— Perto da estação de metrô — ele me corrige com uma voz intensa. — Era tudo sério. E sim, também era sério mais cedo, na ponte. — Ele para, senta, passa a mão na cabeça. — Merda — murmura.

Eu também sento, ouvindo a voz da autopreservação me dizendo que talvez seja hora de ir. Meu impulso de luta ou fuga.

— Não vai. — Ele lê minha mente, segura meu braço.

— Não vou embora — minto.

— Eu falei sério na ponte, Dean. Não me envolvo em relacionamentos. — Ele exala demoradamente. — Mas também falei sério do lado de fora da estação de metrô, sobre querer te ver. E falei sério sobre o que disse a Summer. Foi tudo sério. — Ele solta meu braço, segura minha mão e entrelaça os dedos nos meus. — Mas é que... — Suspira. — Eu gosto de você de verdade.

Fitz dá de ombros, um pouco impotente. Um pouco sem rumo. E muito carinhoso.

E muito fofo.

Esse é o problema. Quando ele fala essas coisas, meu coração bate um pouco mais forte. Eu gostaria de poder dizer que foi pelo esforço, pelo sexo, mas já faz um tempo. Isso é resultado só da conversa.

É por isso que meu coração está disparado – porque eu sinto a mesma coisa. E não tem espaço na minha vida para isso.

Mas eu não tenho que reorganizar minha vida por ele. Só preciso reorganizar as próximas três noites e os próximos dois dias.

Aperto a mão dele com mais força. Não consigo acreditar que estou prestes a dizer isso, mas não consigo acreditar que sinto isso em tão pouco tempo. Ou que sinto isso.

— Eu também gosto de você — confesso.

Minha recompensa vem na forma de um ataque. Ele pula em cima de mim, me joga na cama e sufoca com beijos e risos, depois rola de costas, respira profundamente e diz:

— Sinto como se tivesse corrido uma maratona.

— Por quê?

— Eu não falo essas coisas. Não, Dean. Não falava. Mas acho que isso não importa. Tudo vai acabar quando eu for embora, não preciso fingir que você é como todo mundo. Não é — ele diz, e deita de lado de novo para olhar para mim, a mão deslizando por minha cintura, pelo quadril. — Você não é como nenhum outro cara. E posso dizer isso porque vai acabar em mais dois dias e meio. E quero aproveitar completamente esse tempo com você. Mas não sou só um jogador. Quer dizer, eu sou, eu tenho sido, embora haja uma razão pela qual eu tenho evitado qualquer coisa séria.

— Que razão?

— Olha, sou assumido. Saí do armário quando tinha quinze anos. Não é nenhum segredo. Mas por causa disso, porque sempre fui assumido, foi assim que as pessoas me viram por muito tempo. O jogador de hóquei que é gay. O astro da primeira divisão abertamente gay. O recrutado na primeira rodada do *draft* é declaradamente gay. O novato abertamente gay.

— Não tem nenhum outro jogador de hóquei declaradamente gay?

— Tem, e eu nem fui o primeiro. Mas sou o melhor.

Balanço a cabeça e rio.

— Olha aí aquele lado arrogante que eu adoro.

Ele também ri, e continua.

— E isso também significa que fui visto assim por mais tempo. Não pelas minhas estatísticas ou pelo meu desempenho no gelo, mas pela minha identidade.

Não é difícil assumir quem você é na minha profissão. Mas para Fitz, deve ter sido difícil.

— Isso deve ser complicado. Não consigo imaginar, porque minha vida é muito diferente. Há muitos bartenders gays. Não é nada que cause comoção. Não sou o herói de ninguém.

— Olha, não é como se eu fosse o herói de alguém. Só não queria ser identificado por de quem eu gosto, e sim por como eu jogo. É por isso que eu só tenho casos. Porque evito complicações. Não



quero que a mídia fale sobre isso. Não quero ser visto em um relacionamento com esse ou aquele. Ah, esse é o homem da defesa do New York, James Fitzgerald, e seu namorado. Eu quero que seja, *Ah, esse é um dos melhores jogadores da liga, jogando paintball com os amigos, ou em um show com os companheiros.* É por isso que não me envolvo com ninguém de maneira séria.

— Autoproteção — resumo, e o entendo melhor.

— Exatamente. Só quero ser o melhor homem de defesa da NHL.

— Bom — digo com um sorriso irônico — não sei se ajuda eu ainda mal saber o que é isso.

— Você vai entender todas as nuances em breve.

— E você vai saber preparar um martini perfeito.

— Um que suba para a cabeça? Como você disse na noite em que entrei no seu bar? — ele pergunta, me lembrando da conversa que tivemos apenas três noites atrás.

— Exatamente. Vou te ensinar meus segredos.

Ele sorri, mas o sorriso desaparece, e ele me encara com aquele olhar faminto. Mas é um olhar carente também. Quase desesperado, mas de um jeito muito sexy – não de um jeito pegajoso. Não de um jeito que me assuste.

Fitz passa o polegar pelo queixo.

— Você me sobe à cabeça.

Abaixo a cabeça, e meu peito dá um salto mortal. Um calor incontrollável se espalha por mim perigosamente, como uma onda. E isso é quase tão bom quanto transar com ele. Ou talvez tão bom.

E acho, não, tenho certeza, que ele também está me subindo à cabeça.

Levanto o olhar, respiro fundo e digo:

— O sentimento é mútuo.

Seu sorriso é enorme, e ele suspira, aliviado.

— Obrigado por entender porque eu sou um idiota.

— Você não é — respondo rindo.

— E você, qual sua história? Por que evita relacionamentos? Gosta só de experimentar?

— Ah, a pergunta de um milhão de dólares.

— Não tem uma resposta fácil, então?

— E alguma vez tem? — Devolvo, dançando em torno da verdade. — Quase nunca.

Respiro para ganhar força. Responder a essa pergunta não é o que mais gosto de fazer, mas ele se abriu para mim. Eu posso fazer o mesmo.

— Acho que é por causa do último cara com quem me envolvi. Ele queria muito, cedo demais, e eu não tinha como corresponder. Eu queria focar no meu futuro, no bar, no que eu queria construir com Maeve — digo. — Percebi que minha atenção estava dividida e nem gostava tanto assim dele. Assim que terminei, consegui me concentrar nisso, no que eu quero. Minha vida, meus sonhos, provincianos como são. Quero dizer, tenho certeza de que eles parecem pequenos, comparados aos seus. Série Global e reconhecimento mundial.

— Para com isso. Não é essa a questão. A questão é que são seus sonhos. São importantes para você.

— Sim, são, e isso estava no caminho. Não quero coisas que me atrapalhem. Foi isso que minha mãe fez. Ela deixou o amor atrapalhar. Foi embora para a Austrália com um cara, e nem está mais com ele.

— Não deu certo?

Balanço a cabeça.

— Ela está casada com outra pessoa agora. O quarto casamento. Escolhas dela, certo? Só não quero fazer as mesmas.

— Eu entendo — diz Fitz, recostando-se no travesseiro. — Mas é por isso que é bom a gente se sentir da mesma maneira. Gostamos um do outro, mas também sabemos que isso termina em breve. Podemos nos divertir. Podemos ter momentos legais juntos.

Eu cutuco a cintura dele.

— “Legais”? Só “legais”? Não disse que tinham sido os melhores momentos que você já teve?

Ele sorri e me puxa.

— Sabe o que realmente seria o melhor momento?

Sorrio malicioso, sabendo que ele vai falar alguma sacanagem.

— Espera. Me deixe adivinhar. Tem dois números?

Seus olhos brilham intensamente.

— É como se você me conhecesse.

E talvez conheça. Gosto de conhecê-lo. E de tocá-lo.

E eu gosto muito de chupar Fitz enquanto ele faz a mesma coisa comigo, já que os números são sessenta e nove. É assim que terminamos uma noite praticamente perfeita – mais ainda porque encerra um dia perfeito com ele.

Com esse cara que não tem nada de parecido com o Dylan. Nem com qualquer pessoa com quem já estive.

Mas se ele morasse aqui, acho que a gente não ia parar na quinta-feira. Acho que não ia parar em uma semana ou um mês. Eu ia querer mais dele. Seria capaz de ver isso virando alguma coisa. Uma coisa de verdade.

E é por isso que tem que ser bom ele ir embora. Ele tem que ir, só isso. Não há outra maneira de ver nós dois.

# TERÇA-FEIRA

**Também conhecido como o dia em  
que eu sei.**



# Capítulo 22

## Dean

Pelo segundo dia consecutivo, acordo ao lado de Fitz.

Pelo segundo dia consecutivo, parece totalmente natural.

E pela primeira vez, estou ciente da necessidade de aproveitar cada momento.

Mas ele ainda está dormindo, então faço algo arriscado. Envio uma mensagem para Maeve.

E peço o maior favor que já pedi.

**Dean:** Linda, maravilhosa, gentil e onisciente melhor amiga minha...

**Maeve:** Você quer alguma coisa, é óbvio.

**Dean:** Quero. Preciso de sua ajuda.

**Maeve:** Ah. Você não está brincando. É sério. Fala, o que é?

**Dean:** Quais são as chances de você cobrir meu horário nos próximos dias? Chamar um de nossos reforços?

**Maeve:** ISSO É O QUE EU ACHO QUE É?

**Dean:** O que você acha que é?

**Maeve:** Você. Caiu. De cara.

Rio baixinho. Depois olho para o homem ao meu lado. As tatuagens subindo por seus braços, pelas costas. A barba no rosto. A maneira como o cabelo espeta quando ele dorme.

Uma espécie de tempestade se forma em meu peito enquanto o

observo, e amaldiçoio silenciosamente minha melhor amiga por estar certa.

**Dean:** Só estou dizendo que adoraria alguns dias de folga. Faço qualquer tarefa no universo. Compro sua *jukebox*.

**Maeve:** Ai meu Deus! Você não tem ideia do quanto eu quero dizer que eu avisei, mas nem meu coração frio e negro permite isso. Só consigo ficar feliz por você gostar tanto dele. (É por isso que quer folga? Quer ter todo o tempo para o gostoso do hóquei?)

**Dean:** Sim. É isso.

**Maeve:** Eu topo, com uma condição.

**Dean:** Fala.

**Maeve:** Quero conhecer seu gato.

**Dean:** Ele não é meu gato.

**Maeve:** Nem tenta essa comigo. Ele é, sim. Traz ele aqui. E sim, vai se divertir. Estou feliz por você.

**Dean:** É divertido. É só um lance. Mas estou gostando. E quero aproveitar cada segundo disso.

**Maeve:** Às vezes, uma aventura é tudo de que precisamos.

**Maeve:** Para conseguir uma *jukebox*!!! Ah, eu avisei!

**Dean:** Avisou. E estou muito feliz.

Quando deixo o celular de lado, Fitz está se espreguiçando, abrindo os olhos.

— Bom dia, sol — ele diz todo sexy e sonolento.

Sinto uma pontada no meu peito, porque quero esse “bom dia,

sol” de novo, de novo e de novo.

— Bom dia.

Ele aperta minha cintura, me envolve com um braço e murmura:

— Não vai.

— Eu não vou — digo, e rio. — Você sempre acha que eu vou embora.

— Talvez porque sempre quero que você fique.

E a pontada se torna uma dor. Mas eu tenho um bálsamo temporário.

— Falando em não ir... — Respiro fundo, porque isso é enorme para mim.

Não é algo que já me vi fazendo. Parece ser o passo mais arriscado de todos, e não quero que ele reaja como fez ontem. Mas eu entendo Fitz um pouco melhor agora. E hoje já parece um jogo totalmente novo. Ele boceja, espera.

O nervosismo me deixa com a garganta apertada, mas isso não parece ser uma coisa para ficar nervoso. Ele quer isso. Eu quero isso.

E sou eu quem pode fazer isso acontecer – dois dias inteiros juntos.

— Espero não ser presunçoso, mas consegui tirar os próximos dois dias de folga.

E o sorriso que toma conta de seu rosto é a maior recompensa de todos os tempos.

— Para passar comigo.

— É claro, Fitz.

Um pouco mais tarde, entro no chuveiro e abro a torneira no mais quente possível.

Pego o sabonete e ensaboo o peito. O vapor se espalha e eu respiro.

Segundos depois, o homem que eu quero abre a porta do chuveiro.

— Se importa se eu me juntar a você? — pergunta Fitz.

— Eu me importaria se você não viesse.

Ele entra, oferecendo aquela imagem incrível em que já estou viciado. Faço mais do que admirar. Eu toco.

Passo o sabonete nele – primeiro no peito, depois naquele



abdômen perfeito. Eu traço os sulcos, meus dedos viajando sobre cada plano firme.

Ele geme expressando apreciação, e eu movo minhas mãos para os ombros largos, abaixo dos seus bíceps firmes, depois pelos antebraços fortes. Mapeio seu corpo, seus músculos, sua força.

Fitz pega o sabonete da minha mão e faz o mesmo por mim, e me delicio com o tratamento, a atenção de suas mãos talentosas. Ele coloca o sabonete na saboneteira enquanto o vapor nos envolve. Suas mãos viajam pelo meu peito novamente, traçando preguiçosamente meu ventre, e ele se aproxima, segura meu membro, os dedos envolvendo e apertando. Eu retribuo o favor e dou ao homem o que ele quer. Contato. Comigo. Toque. O meu.

Ele estremece no segundo em que seguro sua ereção, depois solta um longo e satisfeito gemido. Enquanto a água corre sobre nós, ficamos assim por um minuto ou dois, sem pressa, brincando e acariciando. Curtindo um ao outro.

Prolongo a sensação, enquanto minha mente se adianta em direção ao que pode vir a seguir. Oral? Penetração? Mais do que quer que seja isso? Então, percebo alguma coisa com o canto do meu olho.

No nicho do chuveiro, entre as amostras de xampu e condicionador, tem outro frasco de lubrificante. Inclino a cabeça em direção à embalagem, enquanto diminuo o ritmo da mão em seu membro.

— Você está sempre preparado.

— Estava esperando você entrar no chuveiro em algum momento. Para fazer o que quero com você.

— Você não faz sempre?

Fitz ri — um som grandioso e estrondoso. Depois se inclina e morde o lóbulo da minha orelha.

— Eu gosto, e acho que você gosta. Estou certo?

Ele se afasta, esperando uma resposta, e vejo uma vulnerabilidade desconhecida cintilando em seus olhos azuis.

Se gosto quando ele faz o que quer comigo? Existe alguma dúvida?

Não sobre isso, mas tenho uma pergunta. Algo que quero saber sobre ele.

Solto seu pau e respondo primeiro.

— Sim. Eu gosto muito do que você faz comigo. Mas acho que a questão mais importante é essa...

Seguro sua mão e a tiro do meu pau para poder virá-lo. Empurro suas costas contra a parede de azulejos para que ele fique de frente para mim, e o prendo ali enquanto a água cai sobre nós.

Pego o lubrificante, tiro a tampa da embalagem e despejo um pouco no meu dedo.

— Você ia gostar, se eu fizesse o que quero com você?

Seus olhos azuis se abrem, e vejo o desejo passar por eles. Viro o jogo, quero ser quem está no controle, quem comanda a ação. Não vou exagerar na pressão. Mas tem coisas que posso fazer com ele.

Sussurro em seu ouvido, dizendo exatamente que coisas são essas.

Torcendo muito para ele ser capaz de lidar com isso. Que ele se sinta capaz de *receber*. Porque eu quero dar.

Fitz estremece com um arrepio.

— Experimenta — ele ordena.

Essa palavra me deixa doido. Minha mão desliza entre suas pernas, viajando até suas bolas, apertando primeiro para depois subir devagar. Meus dedos provocam, pressionam, massageiam.

Instantaneamente, ele deixa escapar um gemido estrangulado, ajustando a posição, me oferecendo acesso para onde quero estar. Para onde ele claramente me quer.

Então, meus dedos vão mais longe, e eu empurro. Um pouco no início, enquanto ele sibila, depois um pouco mais, mais fundo, e ele solta um gemido selvagem.

— Sim. Isso. Ai, porra, isso.

O prazer se contorce dentro de mim provocado por sua reação irrestrita. Depois de alguns minutos, adiciono mais lubrificante, outro dedo, e os enfio nele enquanto o acaricio com o polegar. Bem ali. Onde a magia acontece.

— Adoro isso — Fitz geme. — Adoro.

Ele se move contra meus dedos, e é muito sexy, muito devasso o jeito como ele se mexe, como me procura. Meu corpo inteiro vibra. É totalmente louco esse prazer viciante e inebriante que tenho com dele.

Com destreza e usando só uma das mãos, despejo lubrificante na minha mão livre, solto a embalagem no chão de ladrilhos e, em seguida, envolvo seu membro com a mão escorregadia. Firme, brusco, do jeito que ele gosta. Do jeito que eu também gosto de tocá-lo. Mas eu gosto de tudo com ele.

— Tão bom — ele resmunga, se movendo comigo. — Bom para

cacete. — E aproxima os lábios do meu ouvido, respirando com força.  
— Você me deixa insaciável.

— Insaciável é seu estado natural.

Seus olhos passeiam entre nós, e os meus também, admirando a vista, a imagem erótica de dois paus duros e grossos pulsando um ao lado do outro.

Sim, a insaciabilidade e a nota dominante do dia.

— Meu estado natural é estar faminto e com tesão por você. Só você — ele diz, e de alguma forma, o fogo em mim esquenta mais mil graus.

— Acaba com a gente, Fitz — digo com a voz rouca, enquanto o prazer ricocheteia por meu corpo.

— Porra, sim. — Ele masturba nossos paus juntos, enquanto eu o fodo com os dedos.

E enquanto ele acaricia, mais forte, mais depressa, sua cabeça pende para frente, descansa no meu ombro, e suas palavras penetram no meu ouvido.

— Você é uma delícia. Não para, não para de jeito nenhum.

Como se eu pudesse.

Não consigo parar de tocá-lo, como ele não consegue parar de falar.

Acho que nunca estive com alguém tão expressivo, que apenas expõe tudo e expressa tão livremente todos os seus desejos e vontades. Não só as necessidades físicas, mas também seu desejo geral de me ver, de me ter, de estar comigo. É muito inebriante. Mais do que eu jamais soube que poderia ser.

— Não vou parar. Não consigo parar — digo, e estou falando sobre isso — mãos, dedos, punhos — mas também estou falando sobre isso.

O que quer que seja isso entre nós dois.

Essa aventura temporária com meu amante americano. Uma aventura que vai me consumir. Já posso sentir isso crescendo. Posso dizer para onde está indo e o que vai fazer comigo.

Meu orgasmo se aproxima, e sou esmagado pelo desejo, pela pressão e a agonia do prazer enquanto ele nos leva ao limite, à explosão em estarmos gemendo e gemendo e gozando mais uma vez. Seja o que for, não quero que pare.



# Capítulo 23

## Dean

Mais tarde, no Coffee O'clock, Fitz sorri enquanto listo todas as tarefas que terei que fazer para Maeve. Ela não precisa saber os detalhes de como cheguei a dever tanto, mas Fitz está a par da taxa de câmbio, da proporção entre sacanagem feita e tarefa a cumprir. E cada uma delas vale a pena.

Mostro a ele no meu celular a *jukebox* que estou comprando para ela.

— Assim que dormi com você, passei a ter essa dívida com ela.

— Amo essa *jukebox* — diz ele com um sorriso maroto.

Enquanto toma um café da manhã muito tardio com iogurte e mirtilos, ele aponta para a lista de tarefas que só aumenta na folha de papel.

— Ah! Eu sei de outra coisa que vocês têm que fazer lá. Adiciona aí, “higienizar a câmara fria” — diz ele com uma alegria perversa.

Arqueio uma sobrancelha.

— E por que tenho que adicionar isso?

Ele se inclina sobre a mesa, sorri meio de lado.

— Para poder pagar pelo que vou fazer com você hoje à noite.

Reviro os olhos, depois mexo os dedos.

— Pode ir contando.

— É bem sujo.

— E acha que não consigo lidar com isso?

— Não sei se você quer que eu diga isso em voz alta.

— Pode apostar que sim. Seja um menino crescidinho. Fala, só isso.

— Tem certeza?

— Se você não pode dizer, não pode fazer — desafio.

Fitz geme baixinho, puxa a cadeira para mais perto de mim, depois aproxima o queixo barbudo do meu ouvido. Seu bigode roça

minha bochecha, espalhando faíscas pela minha pele enquanto ele sussurra palavras roucas e quentes detalhando seus planos, depois passa a língua pelo lóbulo da minha orelha, uma promessa de como vai ser bom.

Fecho os olhos, deixando a imagem cintilar em minha mente antes de abri-los novamente, já um pouco tonto.

— Ah, sim, acho que vai valer a pena limpar a câmara fria.

— Mal posso esperar.

Damos tchau para a Penny e saímos, vamos encontrar Maeve em seu parque favorito. Ela está descansando em um banco, com um enorme par de óculos escuros, um rabo de cavalo saltitante e um sorriso de gato que comeu o canário.

Ela abre um livro de bolso, mas não está lendo. Está se regozijando enquanto nos observa caminhando em sua direção. Decido deixá-la aproveitar o momento. É o mínimo que posso fazer por ela.

Seguro a mão de Fitz e entrelaço os dedos nos dele. Ele olha para mim surpreso, mas completamente encantado, e aperta minha mão de volta.

Os olhos castanhos de Maeve se abrem, e o sorriso é digno de um GIF. Largando o livro, ela levanta do banco e olha para Fitz e para mim, para nossas mãos.

— Só vou dizer uma coisa. Emma, eu e a exposição, vocês dois são bem-vindos.

Sim. Ela hoje é um gato se banquetear com canários.

— Qualquer coisa de que precisar — diz Fitz —, sempre. É só me avisar. — E beija a bochecha dela. — Eu devo muito a você.

Ela levanta um punho cerrado.

— Sabia. Eu sabia. E também... — Ela aponta de Fitz para mim e vice-versa. — Vocês dois são muito fofos.

— Não somos fofos, mas obrigado.

Fitz sussurra:

— Somos fofos. Admite.

— Não somos fofos. Enfim, Maeve, este é James Fitzgerald. Mas pode chamá-lo de Fitz. — Olho diretamente para ele. — Ou é melhor ela falar “E aí, Fitzgerald”?

— Fitz é suficiente, engraçadinho — diz ele sorrindo.

Maeve assobia sua apreciação.

— Ai, meu Deus, chega, vocês dois. Parem com o sorrisinho e o flerte.

Tudo o que posso fazer é rir.

— Obrigado novamente por cobrir minha folga. — Solto a mão de Fitz, ponho a mão no bolso e pego um pedaço de papel, que entrego a ela.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— O que é isto?

Fitz me dá um tapinha nas costas, parecendo orgulhoso demais para expressar o sentimento com palavras.

— Eu me ofereci para ajudar nas tarefas, mas ele recusou.

— É a minha lista de tarefas. São as tarefas que eu te devo.

Seus olhos brilham de prazer enquanto ela desdobra a folha e lê em voz alta.

— Esfregar o balcão do bar, limpar o sistema de lavagem de copos, higienizar a câmara fria, limpar as garrafas nas prateleiras mais baixas, aplicar uma nova camada de tinta de quadro-negro na lousa do cardápio do dia, pendurar a arte de Maeve que eu continuo jurando que vou pendurar um dia e instalar o novo sistema de som. — Ela aperta o papel contra o peito e olha para cima com olhos grandes como os de um personagem de desenho animado. — Aquele que é compatível com uma certa *jukebox*?

Gesticulo como se isso não fosse importante.

— Sim. Nesse ritmo, vou ficar te devendo umas dez.

Fitz debocha, murmura baixinho:

— Está mais para cinquenta.

Maeve bate palmas devagar.

— Muito bem, senhores. Bom trabalho. Ou devo chamá-los, como dizem os americanos, de cachorros no cio?

— Pinguins — diz Fitz. — Pode chamar a gente de pinguins.

Maeve adota uma expressão confusa.

Eu balanço a cabeça.

— Piada interna. Deixa para lá. Quer passear pelo parque e interrogar Fitz, como eu sei que está morrendo de vontade de fazer?

— Quero — diz ela sorrindo.

Mas ela não o interroga enquanto andamos entre árvores verdejantes e lírios alaranjados. Ela faz perguntas sobre Nova York, Soho e *East Village*, onde ele gosta de ir ver música ao vivo. Pergunta

em que região da cidade ele mora, e ele responde que o lugar chama *Gramercy Park*. Suas coisas favoritas em Nova York são todos os amigos, e ele tenta vê-los o máximo que pode.

Ele pergunta a ela sobre mim, há quanto tempo nos conhecemos e se ela consegue aguentar meu sarcasmo.

— Eu administro muito bem — ela responde. — E você?

Fitz olha para mim e pisca.

— Sim, consigo lidar com ele também.

Eu reviro os olhos, e Maeve desvia o olhar quando murmuro:

— *Manipulador*.

Ele responde baixinho:

— *Vou manipular mesmo, e logo*.

— E quando você vai embora, mesmo? — ela pergunta.

— Quinta-feira no voo das duas — diz ele, e sua voz fica dez toneladas mais pesada que três segundos atrás.

Maeve franze a testa.

— Isso é daqui a pouco.

Fitz dá de ombros, infeliz.

— Sim, em mais ou menos quarenta e oito horas.

Meu peito aperta, o lembrete cria um nó desconfortável dentro de mim. Não quero que ele vá.

— Queria poder desacelerar o tempo para vocês — Maeve comenta um pouco melancólica.

— Eu também — Fitz concorda, e olha na minha direção enquanto passa a mão nas minhas costas, massageando. — Eu também — ele repete, e meu coração aperta inundado pelo mesmo desejo — aquele que não vai se tornar realidade.

Quando nos aproximamos da saída do parque, o telefone de Fitz toca.

— É meu agente. Com licença, só um segundo.

Ele se afasta alguns metros para atender a ligação, e Maeve olha para mim com aquela cara de “e agora”.

— Que foi? — pergunto.

— Dean... — Tem uma nota de preocupação na voz dela.

— Qual é o problema?

Ela vai direto ao ponto.

— Isso é mais do que uma aventura.



Olho para o homem com quem vou passar as próximas quarenta e oito horas, e a dor volta, ardendo um pouco mais desta vez.

— Sim, eu sei. Gostaria de poder dizer o contrário. Mas seria mentira.

Ela segura meu braço com força.

— Você não me deve nada.

— Ah, para com isso, mulher. Cometi o crime. Vou cumprir a pena.

Ela balança a cabeça.

— É sério. Não quero que você pague. Mas o que vai fazer quando ele for embora?

Eu engulo em seco, levanto o queixo.

— A mesma coisa que sempre faço. Levantar, ir trabalhar, viver minha vida. Eu vou ficar bem.

— Você não precisa fingir que vai ser fácil. Isso é sério. E tudo bem.

Mas não pode ser sério. Ele está voltando para os Estados Unidos. Sim, parece que poderia ser alguma coisa. Mas não vai ser. A vida dele está lá. A minha está aqui. Não há meio-termo. Isso nem está em discussão.

Suspiro e passo a mão no queixo, olhando para Fitz antes de voltar minha atenção para Maeve.

— O que se pode fazer? Você conhece alguém. Ele vive do outro lado do oceano. Você mora aqui. E nada vai mudar isso.

Ela sorri com doçura, sabendo que estou certo, que isso vai acabar.

— Eu sei — sussurra, sua voz está embargada, ela já está triste por mim.

Não vou dar corda para nada disso. Balanço a mão, recusando o clima de melancolia.

— Não fica triste. Estou vivendo o melhor momento da minha vida.

Ela assente, passa a mão no rosto, depois sorri.

Fitz retorna aplaudindo, endireitando os ombros.

— Meu novo contrato de patrocínio foi firmado. Meu agente disse que a empresa tem grandes planos para quando eu voltar.

— Isso é ótimo — digo, e enquanto nós três caminhamos pelo parque, faço o melhor que posso para saborear cada segundo disso.



# Capítulo 24

## Fitz

Dean e eu esperamos no rio por minha irmã, com a London Eye girando atrás de nós. Emma costuma chegar antes da hora marcada, mas são quase duas horas, hora do passeio de barco, e ela não está aqui.

— Onde está Emma? — Procuro sua cabeça loira, os olhos azuis.

— Tem certeza de que quer que eu vá com vocês? — Dean pergunta enquanto eu inspeciono a multidão novamente. — Se quiser ir só com a Emma, eu entendo.

Olho rapidamente para ele.

— Sim. Simplesmente sim. Já comprei sua passagem. Não pergunta de novo.

— Que sensível — ele brinca.

Eu me viro para encará-lo.

— Você não entendeu, cara? Eu quero você tanto quanto puder ter.

— Eu sei, mas não quero invadir o tempo que você tem com sua família.

Seguro seu rosto, cravo os olhos nele.

— Invada, Dean. Invada quanto quiser.

— Isso parece sujo e elegante ao mesmo tempo.

— Ei — falo sorrindo. — Isso é a cara de um gostoso que eu conheço.

Dean bufa, mas não está bravo. Solto seu rosto e viro quando alguém bate no meu ombro. É Emma. Sorrindo e um pouco sem fôlego.

— Onde você estava? — pergunto aliviado.

Ela aponta para a bilheteria do passeio de barco.

— Fui devolver minha passagem.

— O quê? Pensei que quisesse fazer esse passeio.

Ela balança a cabeça.

— Não. Eu quero que vocês dois façam o passeio. Vocês não precisam de mim.

— Emma...

Ela olha para Dean e acena.

— Oi. Bom te ver de novo. — E aponta para mim. — Ele gosta muito de você.

Eu gemo baixinho, porque ela é um demônio.

— Ele já sabe.

Dean sorri para Emma.

— É bom te ver de novo, Emma. E em relação a Fitz, o sentimento é mútuo.

Emma grita, quase pulando de alegria. Quero dar uma chave de braço nela. Em vez disso, dou um cascudo em sua cabeça.

— Você gosta de uma encrenca.

— Não. Gosto de unir pessoas, sempre gostei. — E começa a se afastar. — E olha, obrigada por me convidar. Obrigada por me dar a passagem. Em outras circunstâncias, eu sairia com vocês dois, mas acho que devem realmente aproveitar o dia juntos.

Suspiro, mas não estou infeliz. Estou incrivelmente, ridiculamente feliz. Amo minha irmã, mas vou vê-la pelo resto da minha vida. O tempo com Dean é finito, e assim que eu entrar naquele avião, nunca mais o verei.

— Eu te amo, Ems — falo, e a abraço com força.

— Te amo, James.

Eu a aperto com mais força, depois a solto. Ela abraça Dean imediatamente, e é muito cativante ver os dois se abraçando como se tivessem feito isso muitas vezes antes.

Quando encerra o abraço, ela se despede com um aceno.

— Aproveitem o passeio de barco — diz, e acrescenta como a engraçadinha que é —, pombinhos.

— Nós não somos pombinhos — digo quando ela vai embora.

— Então, não mesmo — diz Dean.

Para provar, não seguro sua mão quando entramos no barco. Em vez disso, coloco o braço sobre seus ombros.

Bem, isso me dá mais espaço do corpo de Dean para chegar perto.

Dean se debruça sobre a grade, olha para a água enquanto o barco desliza ao longo do Tâmisia.

— Então, em uma escala de um a dez, quanto acha que um passeio de barco por um rio londrino é turístico, brega ou motivo para revirar os olhos? — pergunto.

Ele acaricia o queixo como se estivesse refletindo.

— Vamos ver. Me deixa pensar em todos os passeios de barco que fiz. — E me olha de lado. — Um.

— Você fez um passeio?

Ele ri, une o polegar e o indicador em um círculo.

— Zero. Um foi minha classificação na escala de turístico brega que você mencionou. Nem um pouco brega.

— Uau. — Cambaleio para trás de um jeito dramático, como se estivesse chocado, depois me aproximo novamente. — Sério? Você nunca fez um passeio de barco por um rio daqui?

— Nunca.

— Porque é turístico e brega?

— Você já subiu ao topo do *Empire State Building*?

Balanço a cabeça.

— Estátua da Liberdade?

Balanço a cabeça novamente, depois levanto um dedo.

— Mas já fui inúmeras vezes ao Museu de História Natural. Porque... dinossauros.

— Bom, é claro. Os dinossauros são legais. E eu provavelmente iria lá também. Mas olha só, se eu visitasse Nova York, iria a esses outros lugares também. *Empire State Building* e tudo. É exatamente o que você faz quando visita um lugar que não conhecia.

— Eu te levaria lá. — Bato em seu ombro, saboreando a ideia de mostrar Nova York para Dean, levando-o aonde ele quisesse ir e aos meus lugares favoritos também.

— Sim, espero que retribua o favor do guia turístico — ele diz, e me sinto tentado a fazer o teste, investigar se ele iria me ver, talvez passar um fim de semana comigo na minha cidade. Mas isso seria uma verdadeira insanidade.

De jeito nenhum, não vou tentar manter um relacionamento a distância com esse cara. Inferno, um relacionamento não faz parte dos meus planos, por todas as razões que expus ontem à noite.

Além disso, tem o pacto, o maldito pacto que começa em breve.

Eu não serei o único a quebrá-lo. Eu fiz esse acordo com meus amigos/colegas de time, e vou mantê-lo.

Afasto os pensamentos perigosos.

— Então, está gostando do passeio? — pergunto enquanto o agente de turismo fala no microfone sobre os pontos pelos quais passamos, prédios históricos ao lado de modernos arranha-céus.

Dean olha nos meus olhos.

— Sim. Sinto que estou vendo Londres de um ponto de vista diferente. É um ótimo ponto de vista.

E meu estômago revira. Porque ele não está olhando para a cidade. Ele está olhando para mim. O jeito como ele olha é diferente de antes. Mais profundo. Mais importante.

Tem mais conexão, mais proximidade, e isso está mexendo com a minha cabeça.

Ainda bem que tem a porra do pacto. Ainda bem que tem a concentração e o começo dos treinos. Se eu não tivesse esses obstáculos naturais, estaria caindo de bunda.

Mas tenho, e eles vão amortecer a queda. Vão facilitar meu embarque naquele avião na quinta-feira. Mas até lá, tem isso.

Essa energia viva, sexual, vibrando entre mim e o britânico sexy.

— Sim, a vista é fantástica — eu digo, sem desviar o olhar.

Por alguns segundos, nos encaramos como se fôssemos atacar, como se ele quisesse arrancar minhas roupas e cair de boca em cima de mim. É uma possibilidade incrível.

Mas estamos cercados de pessoas, água e pontos de referência, e tudo isso atrapalha o que eu quero – um tempo a sós com este homem.

Dean desvia o olhar e passa um braço pela minha cintura.

— Agora, antes que a gente se jogue em cima um do outro neste barco, me fala alguma coisa inofensiva. Por que quis fazer esse passeio?

Eu rio.

— Sempre gostei de barcos. Meu pai trabalhava no transporte. Talvez esteja no meu sangue.

— Aposto que sim. É uma conexão com ele.

— Sim. Acho que sim. — Paro por um instante. — Minha vez. Por que gosta tanto de Londres?

Ele dá de ombros e sorri.

— É minha casa. Parece ideal. O lugar ao qual eu pertenço.

Nova York é assim para você?

— Acho que vou ser sempre um cara da Califórnia, mas Nova York combina comigo agora. Eu amo a energia, o ritmo, as pessoas. É barulhento, confuso e incrível, e você pode encontrar qualquer coisa e fazer qualquer coisa. — Olho para a cidade que se descortina na minha frente, o Big Ben, o icônico horizonte da cidade. — É muito parecido com Londres, acho. E gosto daqui. Gosto muito.

— É o efeito de um sexo bom.

Balanço a cabeça.

— Fala direito, cara. É o efeito de um sexo maravilhoso.

— Desculpa. É o efeito da hashtag Melhor sexo de todos os tempos.

— Isso. Obrigado pelo esclarecimento. — Bato de leve na grade do barco. — Parece que nós dois tiramos o passeio de barco pelo Tâmbisa da lista de coisas para fazer — digo, e ponho a língua para fora como um cachorro.

— Não somos mais virgens de passeios de barco no rio.

O que levanta um tópico interessante.

— Falando nisso, quando você...?

Dean sorri para mim com ironia.

— Eu tinha dezoito anos. Tinha acabado de me formar no ensino médio. E você?

— Também. No verão antes de ir para a faculdade.

— Foi bom?

— Hm. — Dou de ombros. — Foi necessário.

— É um jeito bem claro de se colocar.

— Eu sei onde eu gostaria de colocar agora — sussurro.

Ele olha para mim com cara de “ah, não, você não disse isso”.

— Você escolheu um passeio de uma hora. Não vai me comer em um barco.

Deslizo a mão pelas costas dele.

— Eu sei. Só quero. Lembra? — Com a outra mão, bato no peito. — Insaciável.

— Sim. Eu sei. E sim, eu gosto. Agora, aproveita o passeio, porque antes que você perceba, ele acaba. — Os lábios de Dean se distendem em um sorriso enquanto ele faz uma pausa deliberada, depois acrescenta: — E a gente sai daqui.

Uma hora depois, atracamos, pegamos um táxi e voltamos para

o meu hotel, onde ficamos nus tão depressa que deve ser um recorde.

Então ele está debruçado sobre a cama, eu estou dentro dele, e me sinto tão feliz e tão excitado que decido que é oficial — estou vivendo o melhor momento da minha vida.

Quando terminamos e nos recuperamos do efeito #MelhorSexodeTodososTempos, o telefone de Dean toca.

Preguiçoso, ele estende a mão e, quando vê quem está ligando, senta-se rapidamente.

— Merda, quase esqueci. — E atende: — Oi, pai.

Escuto enquanto ele ri com o pai, apoia o rosto na mão, cobre o telefone e olha para mim.

— Vamos comprar comida e levar para o meu apartamento. Ele quer que você jante com a gente.

— Oba — respondo, e depois de um banho, saio do hotel com meu amante para conhecer o pai dele.

É completamente surreal e completamente real ao mesmo tempo.





# Capítulo 25

## Fitz

Não vou mentir. Sinto como se tivesse acabado de entrar em uma terra secreta. Um lugar especial.

É incrível. Quando Dean destranca a porta verde do prédio, quero comemorar porque consigo ver o interior.

Em vez disso, viro, observo a vista da rua tranquila onde ele mora, depois o sigo para o saguão.

— Parece *Notting Hill* — comento.

— Mas é *Bankside*. E não vivo com um maluco que usa óculos de proteção e come damascos vencidos.

Cutuco sua cintura.

— Dean. Você é um fã enrustido de comédias românticas?

Ele vira, para na escada, arqueia uma sobrancelha.

— Enrustido? Ah, não, de jeito nenhum. Sou totalmente assumido nisso e em todo o resto.

Eu rio.

— Sim, *Notting Hill* é simplesmente um bom filme.

— É isso.

Eu o sigo pela escada até o terceiro andar, e ele abre a porta do apartamento. A porta range baixinho, e eu catalogo esse som.

É como a música tema de um filme e, à medida que os créditos rolam, entro no mundo do homem com quem quero passar todo o meu tempo.

— É pequeno, mas é minha casa — diz ele, quase como se estivesse se desculpendo por isso.

E é minúsculo.

Uma cozinha que é só uma fatia de espaço que se abre diretamente para uma sala de estar com paredes de tijolos aparentes.

De olhos bem abertos, registro tudo, como se pudesse aprender ainda mais sobre ele no lugar onde ele mora. É limpo, arrumado. O

sofá é cinza-escuro, e há livros na mesa de centro — não-ficção, pelo que parece, títulos atuais sobre escândalos e negócios. As paredes são minimalistas, mas decoradas com gravuras de arte — uma delas parece um Rothko e outra um Vermeer — e eu sorrio discretamente, sabendo de onde vem isso. A mãe dele. Mesmo que não estejam próximos, ela deixou uma marca nele, em algo que ele ama.

Quando viro, Dean está olhando para mim com alguma expectativa. Como se estivesse esperando meu veredicto para sua casa.

— Adorei — digo, e noto algumas prateleiras de livros.

Fotos emolduradas enfileiradas na prateleira de cima. Eu me aproximo e pego uma.

— Esses são você, Naveen e Anya — digo, estudando a foto deles todos em algum tipo de feira de rua.

Uma foto comum de Dean com os amigos, rindo e despreocupado.

— Sim.

— De quando é?

— Há dois anos, eu acho.

Devolvo à prateleira esse pedaço da história de Dean.

Vejo uma foto de Dean e Sam cruzando a linha de chegada em uma corrida. Parece uma prova de 10K, e a data é de um ano atrás. Eles estão com os braços levantados. No banner da corrida, vejo que é uma prova para arrecadar fundos para um hospital infantil local, e isso deixa meu coração ainda mais apertado, outro pedaço de seu passado. Estou vendo a vida dele através de uma janela, e quero saber tudo, ver tudo.

A próxima foto é do Dean alinhando um taco de sinuca sobre a mesa. Apontando. O cara com quem ele está jogando tem a pele escura, muito mais escura que a de Dean. Eu meio que amo que ele tenha amigos de tantos lugares e tantas esferas da vida.

— Quem é esse?

Dean se aproxima.

— Taron.

— Ah, aquele que não é o seu tipo.

— Exatamente. Mas é uma boa companhia. Extrovertido, vibrante. Pena que você não o conheceu na outra noite.

— Eu também queria ter conhecido.

Meus olhos percorrem a fileira de fotos, ávidos para ver mais de

sua vida, para devorar todo esse cenário de quem ele é, o que o faz vibrar e seu mundo. Fotos dele e de Maeve no bar, depois uma foto dos dois posando do lado de fora do *The Magpie*, abraçados, sorrindo, e uma placa de ABERTO atrás deles.

— Ano passado?

— Sim.

Pego mais fotos dele e Maeve, incluindo uma dela levantando um travesseiro para bater nele. Ele está levantando as mãos como se quisesse se defender. Eles estão em um quarto minúsculo, e ele parece mais jovem.

Meu coração retumba.

— É você na faculdade, não é?

— Sim.

— Você não dividia alojamento com Maeve, não é?

Ele ri, balançando a cabeça.

— Não. Mas passávamos muito tempo juntos.

— Vocês são muito próximos — digo, afirmando o óbvio enquanto olho para a foto de Dean e a melhor amiga dele.

— Somos — ele confirma, e para atrás de mim, passa os braços em volta da minha cintura e dá um beijo suave no meu pescoço.

Largo a foto, fecho os olhos e me permito desfrutar da sensação de estar em seu abraço, sentindo seus lábios, seu toque, sua força.

Seguro as mãos dele na minha barriga e as aperto para que ele não me solte. Mas não é só ele que eu estou segurando. É meu último fragmento de resistência. Está esgarçando. Não sei se vou aguentar por muito tempo.

Ficamos assim por um minuto ou dois, quietos enquanto os lábios viajam pela minha nuca, e eu tento — eu tento mesmo — não dizer tudo que estou sentindo por ele. *Fica no momento*, digo a mim mesmo.

É o que faço, apenas saboreando os beijos ternos de Dean no meu pescoço, seus braços em volta do meu corpo e o jeito que ele parece saber do que eu preciso agora. *Dele*. Só dele.

Este momento é mais próximo da perfeição do que qualquer outro. Não quero que acabe. Não quero que nada acabe. Mas tudo isso tem que acabar.

Cada momento, cada segundo vai terminar em menos de dois dias.

Logo ele me solta.

— Meu pai vai chegar a qualquer minuto com a comida. E por mais legal que ele seja, não quero que ele me veja assim, com essa cara de quem está prestes a te levar para a cama.

Dou risada, viro e passo os dedos pelo cabelo, improvisando um pente. Respiro fundo e me controlo.

— Tem razão. — Então franzo a testa, foco na prática. — Quer que eu pegue um vinho ou algo assim? Posso dar uma corrida ao mercado. Pegar uma garrafa.

Dean acena mão, descartando a oferta.

— A única coisa que tenho de sobra é bebida. Você pode me ajudar a encontrar uma garrafa, se quiser. Ele gosta de vinho tinto.

Vou com ele até a cozinha, esfregando as palmas das mãos.

— Vamos encontrar um bom vinho tinto para o pai do Dean.

Isso me distrai por um tempinho desse trem que sacode os trilhos.

Um trem que está ganhando velocidade, e acho que não posso pará-lo.

Mas também não quero freá-lo. Há uma parte de mim que quer ser carregada por ele. Sentir isso. Sentir tudo o que está vindo em minha direção.

O pai do Dean distribui as últimas cartas. Embalagens vazias de comida e os restos do jantar – ele trouxe um curry do restaurante de Naveen, e estava incrível — estão espalhados sobre o balcão da cozinha, mas minha atenção permanece no jogo de pôquer. Pego as cartas, estudo meu jogo. Que merda.

Talvez eu possa blefar. Sim, eu faço isso no gelo. Eu posso fazer isso aqui. Quero impressionar o pai de Dean. Deslizo outra ficha para o centro da mesa, em vez de sair da rodada.

O pai dele levanta uma sobrancelha, depois empurra mais duas fichas para juntar às minhas.

— Você está blefando.

Eu pisco e tento manter meu tom neutro.

— Não é blefe.

Dean cobre a boca para segurar o riso.

— Você acha que estou blefando? — pergunto para ele.

Dean encolhe os ombros e sorri.

— Acho que vamos descobrir — concluo com arrogância.

O pai dele olha para mim com ar cético.

— Tudo bem. O que você tem, ianque?

Sorrindo, baixo as cartas, adorando ouvir o pai dele me chamar de ianque. Apelidos são uma coisa boa, na minha opinião.

O homem dá uma gargalhada, se recosta no sofá, bate no ombro de Dean.

— Seu amigo é muito ruim de blefe.

— Não, pai. É que você sempre sabe quando alguém está blefando.

Seu pai assente com uma expressão solene.

— Isso é verdade. Muito verdadeiro.

— Bom, talvez eu seja péssimo no pôquer — admito.

— Não, você só precisa treinar melhor a cara de jogador de pôquer — o pai dele me corrige, e aperta o ombro de Dean. — Este aqui? Tem uma ótima cara de jogador de pôquer. Eu ensinei bem.

— Essas são as lições importantes na vida, senhor — respondo.

Os dois riem.

— Qual é a graça?

— Esse “senhor” é desnecessário — diz Dean.

— Só meu nome basta. É Martin.

— Ok, Martin — concordo, mas ainda é estranho.

Talvez seja só porque ele é o primeiro pai de amante que conheço.

— Ou me chama de “velho”, como o Dean.

— Eu chamo como te vejo, velho — diz Dean.

— Sim, imagino que sim. E eu estava querendo perguntar, acha que é legal eu contar ao seu amigo umas histórias constrangedoras da sua juventude?

Arregalo os olhos.

— Conta todas.

Dean balança a cabeça, olha para o pai como se o fuzilasse com os olhos.

— Não conta nada, ou amanhã vou entrar no *Coffee O'clock* e falar para a Penny que você está maluco por ela.

Martin ri alto.

— Dean, ela já sabe. Saímos ontem à noite.

— Seu canalha.

Ele balança as sobrancelhas e olha para o relógio.

— Falando nisso, preciso ir. Vamos sair de novo.

— Duas vezes canalha.

— Só um para reconhecer o outro — o pai dele responde, depois levanta e se encaminha para a porta.

— Vou querer um relatório completo amanhã — diz Dean.

— Talvez eu te conte. Talvez não.

— Não me provoca — diz Dean.

Eu os sigo, pigarreio.

— Foi ótimo conhecê-lo, Sr. Collins.

Outra gargalhada.

— Você é bom com as formalidades. Eu não esperava isso.

— Bom, minha mãe e três irmãs sempre deixaram claro que boas maneiras são importantes.

— Elas te ensinaram bem. — O homem dá um tapinha no meu ombro. — Prazer em conhecê-lo, James. Talvez a gente se veja mais vezes.

*Queria*, gostaria de dizer. Mas em vez disso, agradeço.

Quando ele sai, Dean olha para mim com um sorriso cheio de gratidão.

— Obrigado.

— Por quê?

— Por ser ótimo com meu pai.

— Foi fácil. — Isso é verdade para quase tudo que envolve o Dean.

Exceto estar com ele do jeito que eu quero. O que está começando a parecer... *todo dia*. É assim que eu quero estar com ele, e isso torna as coisas bem difíceis. Pensar nisso me apavora. E meio que não, ao mesmo tempo.

Quando fecha a porta, o olhar de Dean encontra um livro que o pai dele esqueceu. Ele o pega e diz que já volta.

— Estarei aqui.

Quando escuto os passos dele nos degraus, repito essas palavras para o apartamento de Dean ao meu redor. *Estarei aqui*. Querendo que houvesse um jeito, mas sabendo que não há.

Vou aproveitar cada minuto com ele. Isso é tudo que posso fazer.





# Capítulo 26

## Dean

Encontro meu pai na rua e entrego o livro.

— Tenho certeza de que você vai estar muito ocupado com Penny para ler, mas nunca se sabe.

— Vale para você também — meu pai diz. Ele inclina a cabeça em direção à porta, olhando para cima. — Eu gostei dele.

Três palavras, isso é tudo, mas fazem meu coração palpitar. Eu não tinha percebido até agora que queria tanto ouvir isso do meu pai. Precisava disso – seu selo de aprovação.

— Eu também — respondo.

— Eu sei.

— Sabe?

— Sim, e isso é uma coisa boa.

— A sensação é boa. — Ah, sim, muito boa.

Ele desce a rua, e volto ao meu apartamento, onde Fitz limpou a mesa e já está lavando a louça.

Eu sorrio, ridiculamente feliz por ele ter pensado nisso. Pego um pano e começo a secar os pratos que ele já lavou e enxaguou, e trabalhamos sem pressa.

— Gosto do seu pai — diz Fitz, olhando para mim.

— Obrigado. Eu também.

— Dá para perceber. Vocês têm um ótimo relacionamento.

— Tive sorte. Somos muito parecidos e, honestamente, também somos bons amigos. — Faço uma pausa enquanto guardo um prato na prateleira. — Meu pai disse que gostou de você.

Assim que falo as palavras, elas parecem significativas. Mais do que eu esperava, como se estivesse me abrindo para Fitz de uma maneira totalmente nova. Engulo em seco e espero.

Ele me olha de canto do olho enquanto lava o último prato, coloca no escorredor e enxuga as mãos. Está quieto, o que não é comum, e preencho o silêncio com outra pergunta.

— Você é próximo da sua mãe assim?

— Não exatamente da mesma maneira. Mas somos abertos e conversamos. Eu ligo para ela toda semana. Ela me manda uma mensagem antes de cada jogo e me deseja sorte. Ela me manda uma mensagem depois de cada jogo para dizer “Parabéns” ou “Você vai acabar com eles na próxima”.

— Ela parece incrível — digo, e tento pensar em algo mais, algo para preencher esse vazio de conversação. — E você falou...?

Ele passa a mão no meu braço e finalmente responde à pergunta que não fiz.

— Ela gostaria de você também, Dean. Minha mãe gostaria de você.

Faíscas percorrem minha pele. Só que desta vez, não é pelo contato — é pela declaração equivalente à minha.

— É mesmo? — Largo o pano de pratos.

— E, sim — diz ele, me imitando.

— E por que está debochando de mim por isso?

— Porque é fácil. E porque você fala de um jeito engraçadinho, às vezes, e não posso evitar. Como quando: “É mesmo?”, como se duvidasse de tudo que alguém diz.

— Talvez duvide. Talvez eu goste de fatos. Então me conta. Por que sua mãe gostaria de mim? — eu pergunto, e estamos pisando perigosamente perto do fundo do poço novamente. Ultimamente, parece que é isso que fazemos um com o outro. Como se estivéssemos mergulhando os dedos dos pés na água o tempo todo. Talvez em breve, um de nós pule.

Ou talvez não. Talvez seja mais seguro manter tudo isso em um terreno seguro, seco e *limitado*, onde é seu lugar.

Ele dá de ombros.

— Porque eu gosto.

— É simples assim?

Fitz sorri antes de se inclinar e beijar meu rosto.

— E porque você é adorável.

Levanto o queixo.

— Eu não sou adorável.

— Um pouco. Você é um pouco adorável — ele brinca com seu sotaque de Harry Potter.

— Está debochando de mim de novo.

— Estou, mas você pediu, cara — ele balança a cabeça, se divertindo.

— Você realmente gosta de me irritar, não é?

— Eu realmente, realmente gosto — ele admite. — Mas... depois de conhecer seu pai, também consigo entender por que resistiu a mim no início.

Eu rio e pego os pratos secos para guardar.

— O que isso tem a ver com meu pai?

— Ele é cético... como você.

O argumento de Fitz faz sentido.

— É o lado repórter dele — digo. — Ele olha para tudo a partir de todos os pontos de vista.

— Você também. Foi assim que olhou para mim.

E ele acertou em cheio.

— Sim. Eu não confio facilmente. Não cedo facilmente. — Guardo o último prato no armário e fecho a porta.

— Por causa da sua mãe?

Apoio-me no balcão.

— Por causa da minha mãe. Por causa do meu pai. Por causa de tudo. É melhor ser cético, ter certeza de onde está se metendo.

— Entendi. E respeito isso. Você gosta de examinar todos os ângulos.

— Exatamente. Saber quais são. Onde estou entrando.

Ele passa a mão no meu braço novamente, depois no abdômen, brinca com o cós da minha calça jeans, me puxa para mais perto.

— Então me conta. Por que cedeu comigo? Só porque vou embora?

Seu tom é mais sério do que jamais ouvi. Mas não consigo me concentrar com as mãos dele em mim.

— O que você acha? — pergunto, apertando sua bunda enquanto me aproximo para dizer a ele por que cedi.

Fitz balança a cabeça.

— Acho que esse é o motivo para ter começado, mas não é por isso que estamos aqui agora.

Eu sei onde ele quer chegar. E deveria levar essa conversa para uma direção mais segura, mas não consigo resistir a esse caminho. Quero que nossos motivos fiquem claros.

— Qual é a razão para você estar aqui, então? — pergunto enquanto beijo seu pescoço, lambendo e mordendo.

Fitz inspira profundamente, projeta o quadril na minha direção. Geme mais alto quando beijo seu queixo, a bochecha, mordo o lóbulo da orelha, tentando dizer a ele com meu corpo, com os lábios, com o jeito como o beijo que existem outras razões.

— Qual é o motivo? — Pergunto baixinho novamente. E mordo sua pele. — Um pacto?

Fitz balança a cabeça.

— Última chance de extravasar?

— Seu cu — ele rosna.

Dou risada.

— Você ama meu cu.

— Amo. De verdade, amo. Mas não é por isso que estou aqui.

Estamos nos aproximando cada vez mais do limite perigoso ao qual temos resistido. Eu poderia fazer outra piada sobre essa química maluca, e parte de mim quer brincar, porque estou me divertindo muito com ele. Mas não brinco. Isso não é mais uma aventura. Nós dois sabemos disso.

O homem com quem passei as últimas noites me olha intensamente, como se este momento pudesse se transformar em algo muito mais do que um interlúdio ou um caso. Talvez já tenha se transformado.

E porque ele deu tantos passos por mim, dou este para ele.

— Por que você está na minha casa? Por que veio jantar com meu pai? Por que quer conhecer meus amigos?

Mas não são perguntas. São declarações sobre onde nos encontramos. Seus olhos nunca se desviam dos meus enquanto deslizo o polegar por seu queixo, pronto para ser completamente honesto.

— Talvez seja porque tem muito mais que química aqui. Mais que a hashtag MelhorSexodeTodososTempos.

Fitz solta um suspiro como se eu o tivesse libertado, como se tivesse dado a ele tudo de que ele precisa.

— Muito mais — ele ecoa, os ombros relaxam, os braços enlaçam meu pescoço, e os lábios encontram os meus quando ele repete: — Você é muito mais — dentro da minha boca, me beijando.

Fecho os olhos enquanto essas palavras reverberam na minha cabeça. *Você é muito mais.*

Eles são o refrão de uma música, e não param de tocar, e não paramos de nos beijar por muito tempo.

Quando ele interrompe o beijo, diz:

— Sabe, às vezes falar com você é como levar um cavalo para a água.

— Você vai me fazer beber?

— Queria fazer você pegar meu pau.

— Como você sabe? Eu quero.

— Ponho a mão onde ele está duro e pronto para mim.

— Porque eu gosto muito de você e do seu pau.

— O sentimento é recíproco — diz ele, repetindo minha frase.

À medida que voltamos aos nossos jogos, às provocações, ao flerte sem fim, as palavras sujas também parecem maiores. Mais necessárias.

Elas encobrem o que está fervendo abaixo da superfície, todos os próximos passos e possibilidades que não podemos ter. A única coisa que podemos ter é o *agora*.

E no *agora*, eu quero contato. Eu quero desesperadamente, e preciso do sexo para abafar o refrão na minha cabeça. *Você é muito mais*.

Mas o botão de volume está quebrado e essas palavras não calam, mesmo quando o pego pela mão, levo para o meu quarto e o deixo sem roupa. Mas eu me esforço. Eu me esforço muito para me concentrar no sexo.

Eu o prendo na cama, minhas mãos em seus ombros, nossos corpos alinhados.

— Você percebe que eu não tive você na minha boca nem perto de todas as vezes que queria ter?

— Está com medo de esquecer meu gosto?

— Muito medo.

Seus olhos brilham cheios de malícia.

— Isso seria uma pena.

Eu me esfrego nele. Ainda estou vestido e, por algum motivo, gosto dessa desigualdade. Isso me dá a chance de estar totalmente no comando, controlando seu prazer.

Seus olhos se fecham e os lábios se abrem quando ele arfa.

— Você deveria dar um jeito nisso agora.

— Deveria. E vou. Mas vou te dar um aviso.

— Que aviso?

Eu me inclino ainda mais, aproximo a boca de sua orelha.

— Vou te provocar para caralho.

Fitz geme.

— Eu não esperava nada menos.

Deslizo para baixo em seu corpo lentamente, sem pressa e beijando-o enquanto escorrego. Um roçar dos meus lábios em seu ombro. Um beijo no pescoço que o faz gemer. Um movimento da minha língua em seu peito. Uma mordida no mamilo direito, depois no esquerdo, depois uma lambida nas palavras *sem arrependimentos*.

— Acho que essa eu vou contornar letra por letra — digo.

— Por favor.

Minha língua desliza pela tatuagem, depois para seu abdômen, onde saboreio a paisagem de seu corpo, os sulcos entre todos aqueles músculos duros, lambendo e beijando sem querer parar nunca.

— Você está me matando, gato. O que está fazendo comigo?

É uma pergunta válida. E eu respondo na minha cabeça.  
*Gravando você na minha cabeça para não esquecer.*

Enquanto meus lábios deslizam por sua pele, digo:

— Apenas tomando providências para você não me esquecer.

— Como se eu pudesse.

Alcanço o V de seu abdômen, e ele já está balançando os quadris, me procurando, implorando por minha atenção.

Minha cabeça fica atordoada com o desejo dele, e com o meu também, enquanto me aproximo cada vez mais de onde quero estar.

Quando minha boca encontra seu mastro, ele está pulsando, e tem uma gota de líquido na ponta, esperando por mim. Eu a lambo.

— Caralho — ele geme, e as mãos encontram minha cabeça, a seguram com força.

Sei que ele quer que eu cuide dele imediatamente, que o leve ao orgasmo depressa, mas também sei que vai ser muito melhor se eu deixá-lo louco, por isso estendo a mão para me soltar das mãos dele.

— Deixa — falo baixinho. — Deixa eu fazer isso devagar. Deixa eu aproveitar cada segundo de você na minha boca.

Ele bufa, mas relaxa, as mãos ainda seguram minha cabeça.

— Tudo bem. Faz o que quiser comigo, gato.

Olho para ele. Seus olhos estão turvos, desesperados.

— Vou fazer.

E volto a beijar seu falo. Não. Estou *adorando* seu membro. Lambo como se ele fosse a coisa mais deliciosa que já provei, porque ele é.

Com uma mão em volta da base, desço até as bolas, chupando até ele estar se contorcendo contra mim.

Quando Fitz fica ofegante e selvagem, volto ao seu pau, passo a língua sobre a cabeça e o levo até o fundo da minha garganta.

— Isso — ele geme, e dura para sempre, o som de seu alívio se torna o som de seu prazer quando o engulo bem fundo. — Deus, sua boca. Sua boca perfeita.

As palavras dele vão ser a minha morte. Uma morte sensual e alucinante. Abro as mãos sobre suas coxas, pressionando e apertando suas pernas enquanto continuo chupando.

— Você é bom para caralho — ele diz e estoca na minha boca.

Minha pele se cobre de desejo enquanto sinto seu gosto.

Desta vez, quando os dedos seguram minha cabeça, eu não resisto. Ele me segura com força, enquanto minha cabeça sobe e desce em seu pau, e eu deslizo a língua nele e chupo com força, do jeito que ele gosta, do jeito que eu gosto quando ele faz isso comigo. Quero que ele sinta um prazer extraordinário, que volte para Nova York e nunca esqueça o que eu o fiz sentir.

Eu me deleito em cada momento com seu gosto, seu cheiro, sua felicidade. A cada movimento que ele faz, fico mais excitado. Parece impossível, mas meu corpo diz que não é.

Suas mãos me apertam com mais força, e ele está fodendo minha boca.

— Dean, gato. O que você está fazendo comigo? Que porra você está fazendo comigo?

Suas palavras saem estranguladas. Eu sei que ele está perto, e caramba, eu me sinto perto também. Na verdade, estou balançando o quadril contra a cama, buscando desesperadamente meu prazer. Mas o dele primeiro. Eu quero o dele primeiro. E quero as palavras dele. As coisas que ele me diz na cama. As coisas que ele está dizendo agora.

— Você — ele rosna em um impulso selvagem. — Você é bom demais comigo. — E de repente ele grunhe e grita: — Vou gozar.

Segundos depois, eu o estou saboreando, bebendo e enlouquecendo de desejo, desejo e algo completamente diferente.

Algo que eu nunca quis sentir quando começamos. Mas algo que



não posso evitar agora. A sensação de que ele pertence a mim. Só a mim.

Quando escalo seu corpo, eu o beijo profundamente e com paixão. Sei que ele gosta disso depois de um boquete, e eu também. Fazemos isso como se não cansássemos dos lábios um do outro. Seguimos como se o tempo estivesse acabando. É como se tentássemos trocar todos os beijos do mundo, para não esquecermos o gosto um do outro. Ou talvez seja só eu.

Talvez esteja tudo na minha cabeça, essa onda de emoção que me atinge, esses pensamentos impossíveis correndo soltos.

Quando paramos, com os lábios sensíveis e o queixo esfolado pela barba, ele acaricia meu rosto, os olhos fixos nos meus.

Por um segundo, talvez mais, vejo tudo refletido nesse olhar, e é aterrorizante. Mas é empolgante também.

— Estou obcecado por como você me toca — ele diz com voz baixa e rouca. — Juro, parece que você ama me chupar. Como se nunca se cansasse disso. De mim.

Acertou em cheio.

— É mais ou menos isso.

— É?

O peso que ele coloca na pergunta diz que é mais do que bocas em partes do corpo. É sobre essa obsessão que temos um pelo outro. Esse vício compartilhado.

Então eu respondo sem provocação, apenas com a verdade.

— Sim.

Não sei o que fazer com essa corrente de sentimentos. Luto contra a vontade de dizer algo que revelaria tudo. Dizer porque amo isso agora, como tudo mudou do puro desejo de alguns dias atrás para algo mais rico e profundo.

Mas é difícil guardar segredo quando Fitz repete o que disse quando estava dentro da minha boca.

— Dean, o que está fazendo comigo?

Ele acaricia meu queixo e olha para mim, e não se trata do calor do momento. Ele se refere ao *depois*.

Engulo e tento desviar o olhar, mas não consigo deixar de olhar para ele.

— O que estou fazendo com você, Fitz?

Seus dedos acariciam meu rosto.

— Essa é a pergunta, não é?

— Essa é definitivamente a questão.

Por alguns segundos, um peso cai sobre nós, mas não quero a pressão – não quando o tempo está acabando.

Talvez ele também não queira, porque o que diz em seguida é leve e fácil.

— Eu poderia fazer isso com você todas as noites. Todas as noites.

— Um boquete? — pergunto, um pouco aliviado por estarmos retornando ao território familiar.

Ele relaxa no travesseiro para aquela conversa de sexo pós-orgasmo.

— Sim. Mas vale para os dois lados, gato — diz ele. — Você. Eu. Toda noite. Um boquete, uma punheta, dedos, línguas, paus. Tudo. Eu quero tudo todas as noites com você.

Ou talvez esse seja o jeito como tornamos a conversa gerenciável. Ele está falando sobre sexo, mas também não está falando sobre sexo. Ele está falando sobre todas as noites. Como quer isso, nós, eu. Fitz passa um braço em volta do meu corpo e beija meu ombro. Tudo que ele faz é de um jeito possessivo. Todo seu corpo parece estar programado para tomar posse.

Levanto uma sobancelha e disparo.

— Toda noite? Tem certeza?

Ele assente, e sinto o movimento vigoroso de sua cabeça apoiada em mim, a barba arranhando meu pescoço.

— Toda noite. Toda manhã. Você não?

— Isso é muita coisa. Você ia querer todas as noites e todas as manhãs?

Provocar é mais fácil do que lidar com essa tempestade cada vez mais forte no meu peito. E porque é claro que eu poderia repetir todas as noites e todas as manhãs. Claro que gostaria disso com ele.

— Sim — ele afirma com certeza, depois muda de posição, olha nos meus olhos. — Com você, sem dúvida nenhuma. Eu transaria com você todas as noites e transaria com você todas as manhãs.

Não posso fugir de uma pergunta que se apresenta. Passo a mão pelo peito rígido, descendo em direção ao V do abdômen.

— Mas e se eu quisesse foder você, Fitz? O que faria sobre isso?

Seus olhos escurecem, e o som que escapa de seu peito é quase

animal. Ele aproxima o rosto no meu pescoço e lambe uma linha até a minha orelha, me fazendo estremecer.

— Eu deixaria, de vez em quando — ele murmura.

Eu quero rir, arquear uma sobrancelha e dizer: *Deixaria? Você me deixaria?*

Mas ele se apoia sobre um cotovelo, e vejo sua expressão séria. Isso importa para ele. É algo grande, importante.

Posso ver pela tensão em sua mandíbula, pela vulnerabilidade em seus olhos.

Então, em vez de brincar, já que quero entender o que isso significa para ele, digo com tom neutro:

— É mesmo?

— Sim, é mesmo. Eu não deixaria mais ninguém fazer isso. Não deixo há anos. Mas com você eu faria.

Sento e trato o assunto com seriedade.

— Por que comigo?

Fitz solta um suspiro profundo.

— Sempre gostei de controlar, até precisava disso. Mas com você, Dean, já me sinto descuidado.

— Você parece bem controlado.

Ele balança a cabeça.

— Dificilmente estou no controle com você.

— Então, quando me segura e faz o que quer comigo, isso não é controle?

— Não. De jeito nenhum. Porque tudo é diferente com você. E não estou falando só sobre quanto o sexo é bom.

Ele me enlaça com um braço, me puxa para perto. Fitz é a pessoa mais tátil que já conheci, parece precisar de contato constante.

— Como? Como é diferente? — Insisto. Isso revela muito sobre Fitz. — Por que mudaria por mim?

— Dean, acho que você não está entendendo. — Seu tom não admite discussão. — Eu faria isso com você. Porque você é você. — E me puxa para outro beijo possessivo. — Você — ele me beija com força — me faz — suga meu lábio inferior — sentir — puxa meu corpo contra o dele — muita — me encara com um olhar intenso — coisa.

Meu coração bate um pouco mais forte, um pouco mais rápido. E isso me irrita. Minha reação a ele é altamente inconveniente.

Sei que ele só está dizendo isso porque pode. Ele está dizendo isso porque é fácil. Ele está indo embora, e eu sou sua última aventura. Isso é tudo que é e tudo que vai ser. O que sabe um coração idiota?

Digo ao meu para se acalmar, que não importa que eu sinta o mesmo por ele, que não consiga tirá-lo da cabeça. Isso não importa, já que isso – nós – é apenas um jogo. Só conversa de travesseiro e encenação. Isso é fantasia. Nada mais.

E nada dessa conversa importa porque ele está indo embora, então decido dar um pouco do que ele quer. Ele quer a fantasia de nós dois, e eu também quero. Hora de falar o que ele quer ouvir, enquanto deslizo a mão por seu peito, vou descendo em direção ao estômago.

— Nós poderíamos fazer isso, então. Todas as noites, todas as manhãs. E eu iria assistir aos seus jogos. Torceria por você marcar, ou não deixar marcar, seja lá o que você faz.

Seu sorriso se ilumina.

— Eu evito os gols. Esmago o outro time.

— Isso. Eu torceria para você fazer essa coisa de impedir os gols. Seus olhos azuis parecem se deliciar com esse cenário.

— E antes dos jogos, eu me ajoelharia para você. Te enfiaria inteiro na boca e te chuparia.

Eu sorrio.

— Excelente. Eu ganho boquetes antes dos *seus* jogos. Sorte minha. Pode me inscrever nessa.

Fitz arqueia uma sobrancelha.

— Parceiro. Seria uma via de mão dupla. Eu te chupo, você me chupa.

— Ah, o velho jogo da troca. Tudo bem, eu consigo viver com isso. Já que você é espetacular nesse negócio.

Seu sorriso é magnético.

— Você também. Vamos chamar a prática de amuleto da sorte.

Eu levanto um dedo.

— Eu só tenho um problema com esse cenário.

— Qual?

Aproximo a boca de sua orelha, mordo a ponta.

— Não me chama de “parceiro”. Essa palavra é horrível.

Ele ri, uma risada alta, quente e muito própria dele, e meu coração palpita de novo quando ele me prende, segura meus pulsos,

olha para mim e diz:

— Eu gosto tanto de você que não vou falar “parceiro”.

Quando ele me beija, eu lembro do quanto estou ferrado.

Especialmente quando ele interrompe o beijo e acrescenta:

— Na verdade, é mais que gostar, Dean. Você sabe disso, não sabe? — Ele me encara de um jeito que me impede de desviar o olhar.  
— Diz que sabe disso.

E eu não sei se ainda estamos jogando, se estamos criando essa nossa fantasia, ou se estamos pulando no fundo da dura realidade.

Mas não posso mentir. Não quando ele olha para mim desse jeito, como se estivesse falando com sinceridade.

Engulo e assinto.

— Eu sei, Fitz. Eu sei.

Quando nos beijamos novamente, o beijo é temperado mais uma vez pelo desespero. Tanto que não me importo se ele me chama de parceiro. Só quero que ele me chame. Que me queira. Que me envolva. Quero tudo que eu puder ter.

— Agora, sobre o assunto que discutimos antes — ele fala com um tom safado.

Fitz parece decidido a cumprir sua lista de sacanagens.

Especialmente quando faz comigo o que tem vontade de fazer alguns minutos depois, me fazendo projetar o quadril, encurvar as costas e dizer seu nome com a voz entrecortada e rouca, porque o que ele está fazendo comigo é selvagem e carnal e compensa pena limpar todas as câmaras frias da cidade.

O problema é que isso vale muito mais. Porque acho que estou me apaixonando por ele.

Quando o sol entra pela janela na manhã seguinte, me aquecendo, me acordando, eu me espreguiço, bocejo e sorrio. Temos mais um dia.

Estendo o braço para tocá-lo, pronto para começar as últimas vinte e quatro horas. Mas ele se foi.

# QUARTA-FEIRA

**Também conhecido como o dia em  
que dói, e dói muito.**



# Capítulo 27

## Fitz

São cinco da manhã e não consigo respirar. Passo a mão no rosto e tento puxar o ar.

Mas meus pulmões não encham, porque o coração está batendo contra o peito, e não tenho ideia do que está acontecendo comigo.

Sento na cama enquanto a escuridão entra pelas persianas abertas.

Dean está dormindo de bruços ao meu lado, suas costas à mostra. E ainda não consigo respirar. Estar perto dele é demais agora. É muito difícil. Não consigo pensar direito com ele tão perto.

Eu tenho planos. Tantos planos para minha família. Para o meu time. Para mim. E não consigo dormir. Nunca tenho problemas para dormir. Eu durmo como os mortos. Como um gato.

Mas eu tenho acordado a cada vinte minutos. Não consigo pensar direito, e tudo o que posso fazer é *sentir*.

Eu cerro os dentes e passo a mão na cabeça, desejando que isso pare. Essa pulsação incessante no peito. Essa pulsação muito rápida e muito forte.

E o zumbido nos ouvidos. Alto e inevitável, sem ter como diminuir o volume. Mas o barulho e a palpitação não vão embora.

Eu olho para a janela, a mandíbula contraída, tentando descobrir o que fazer. Então olho para Dean. Dormindo tão tranquilamente.

Levanto a mão, querendo deslizá-la por suas costas, pelo braço. Esse é o problema. Tudo que eu quero é tocá-lo, estar com ele. E não consigo lidar com essa intensidade. Está me sufocando. Está roubando meu sangue e meu ar. Não era isso que eu queria. Não foi para isso que vim para a Inglaterra. Eu não vim aqui para sentir. Eu vim aqui por Emma. E talvez, só talvez, para foder. E agora estou fodido. Porque me envolvi. E não posso lidar com isso.

Jogo as pernas para fora da cama, encontro minha cueca boxer e a coloco. Se ele acordar, direi que vou correr.

Mas ele está quieto, ainda dormindo enquanto visto o jeans, a



camisa, as meias. Enfio o telefone no bolso.

Pressiono os dedos contra os cantos dos olhos, belisco a ponta do nariz, tentando decidir. Devo ficar ou devo ir?

Mas meus pés escolhem. Eles me levam até a porta, onde pego meus sapatos. Vou mandar uma mensagem para ele mais tarde. Dizer que estou treinando. Isso é plausível. Parece razoável.

Mesmo assim, quando abro a porta silenciosamente e a deixo fechar atrás de mim antes de colocar os sapatos, sei que o que estou fazendo é algo completamente diferente. Estou fugindo.



# Capítulo 28

## Dean

A princípio, parece uma falha de comunicação.

Eu acordo. O outro lado da cama está vazio. Assim como a sala de estar, a cozinha, o banheiro.

Fitz sumiu, e as roupas dele também. Seus sapatos não estão perto da porta. O telefone não está na mesa de cabeceira.

Bem, bem. Ele pode ter ido correr ou talvez tivesse que ir a algum lugar. Ele não quis me acordar, mas mandou uma mensagem com uma explicação. Se eu pegar meu celular, vou encontrar uma mensagem dizendo que ele teve uma reunião, um treino, um café da manhã com a irmã.

Então é isso que eu faço. Pego meu telefone e ignoro a sensação de desgraça iminente pairando sobre mim.

Abro a tela querendo uma mensagem, precisando de uma. Quando clico no meu aplicativo de texto, a sensação de angústia retorna como um peso no estômago. Não há novas mensagens. Ele foi embora. Fugiu. Passo a mão no queixo, deixo escapar um suspiro.

Eu quero acreditar que isso é um mal-entendido. Que há uma explicação fácil. Que sua ausência faz todo o sentido.

Então clico no aplicativo novamente, abro a última mensagem que ele me enviou – antes de eu chegar ao hotel dele na noite de segunda-feira. Eu avisei que estava a caminho, e ele respondeu que mal podia esperar.

Sem mensagens depois disso, porque passamos as trinta e seis horas seguintes juntos.

Trinta e seis horas, durante as quais me apaixonei pelo idiota. E agora? Eu poderia iniciar uma conversa. Poderia dizer, *Oi, cadê você?* Ou *Tudo bem?* Ou *Onde você foi?*

Mas a questão é que, se ele quisesse que eu soubesse, ele teria me contado. Cerrando os dentes, olho para a tela novamente.

*Dá um tempo.* Talvez ele tenha acabado de sair. Talvez tenha corrido até algum lugar para me surpreender com um chá. Isso seria

ótimo.

Desligo o telefone, vou ao banheiro, escovo os dentes, faço a barba e tomo um banho. Certamente ele terá retornado quando eu sair. Ele definitivamente vai mandar uma mensagem. Mas meu telefone continua inerte.

— Seu idiota do caralho — murmuro.

Uma pequena parte de mim acha que eu deveria entrar em contato, verificar se ele está bem, mas eu sei que ele está bem. Não aconteceu nada com ele no meio da noite no meu apartamento. Não aconteceu nada com ele esta manhã. A única coisa que aconteceu é que ele foi embora. E eu não vou correr atrás dele. De jeito nenhum.

Eu me visto, colocando uma camiseta e jeans, depois olho para a cama. Está uma bagunça, lençóis emaranhados, travesseiros amassados. Todas as evidências de nós dois. Como estivemos. Desprezo isso. Odeio isso.

Pego os lençóis, jogo no cesto de roupa suja e arrumo a cama com lençóis limpos.

Tiro as fronhas, jogo-as no cesto também e coloco outras limpas. Ponho a coberta, endireito os cantos. É como se ele nunca houvesse estado aqui.

Deslizo a mão sobre a cama.

— Pronto.

Respiro fundo. É mais difícil do que eu gostaria. Então vou até a cozinha e saio. A porta range quando a fecho. Não quero ficar aqui.

Não quero ficar na porra da minha casa, porque foi o último lugar em que vi Fitz, e agora ela me faz lembrar dele.

Desço a escada como se fosse correr uma prova e, quando chego ao térreo, cerro os dentes, resmungo um *foda-se* e abro a porta. A pior parte?

Meu coração estúpido espera que ele esteja do outro lado.

Esperando por mim. Caminhando pela rua. Levando o café da manhã. Sorridente. Ele vai me dar um beijo, vai entrar e me dizer que só saiu rapidinho.

Mas examino a rua em busca de sinais dele, e não há nenhum.

— Desgraçado — resmungo. — Você é um desgraçado, James. — Viro e começo a andar, sem saber para onde estou indo. Tudo o que sei é que quero fugir. Talvez ele tenha sentido a mesma coisa.

Mas é muito pior ser quem ficou, em vez de ser quem está indo embora.



# Capítulo 29

## Fitz

Atende.

*Vai, atende.*

Toco o interfone da porta de Emma mais uma vez. Um som metálico ecoa pela caixa.

— Oi?

— Liguei para você três vezes. Por favor, posso entrar?

— Ah, que bom ver você também.

Eu bufo.

— Bom, você não atendeu, então eu vim.

— James, são oito da manhã.

— Você acorda cedo. — Olho para a rua de Emma e vejo um táxi preto passar depressa. — Vai me deixar subir?

— Sim. É claro. — Ela aperta o botão do interfone e abre a porta. Subo os degraus de dois em dois até chegar ao quarto andar. Bato na porta e ela abre, ainda de pijama.

— Você pode se vestir depressa? Estou com fome.

Ela pisca.

— Vamos tomar café da manhã juntos? Pensei que estivesse com Dean.

Seu nome é como um soco no estômago. Mas absorvo como se fosse uma pancada no gelo, e continuo patinando, focado na porra do meu trabalho – sem sentir.

— Não.

Ela olha para mim com cara de interrogação.

— Você não vai tomar café com Dean? Você não vai passar o dia com Dean? O cara de quem realmente gosta e com quem foi fazer um passeio de barco? O cara que tirou dois dias de folga para ficar com você?

Apunhala meu coração, por que não?

— Eu queria te ver antes de ir embora amanhã. Estou morrendo de fome. Podemos ir? — Aponto para o relógio na parede atrás dela.

Ela esfrega os olhos, depois balança a cabeça.

— Vou me vestir. Só porque sei que você estragou alguma coisa, se está tentando me convencer de que combinamos um café da manhã, quando sei que o que realmente quer é estar com o cara por quem está se apaixonando.

Eu me irrita com o que ela diz, por isso tento ignorar.

— O tempo está passando, quero *scones*, Ems.

Estamos sentados para tomar café em um lugar perto do apartamento dela, e abro o cardápio. Examino as opções, lendo cada uma cuidadosamente, deixando ovos, torradas, linguiças, chá e Emma me distraírem do homem em quem não posso me permitir pensar. Seus olhos, seu sarcasmo, sua risada...

*Supere.*

Estudo o menu novamente, como se pudesse memorizá-lo. Pronto. Ovos. Perfeito. Levanto a cabeça.

Emma abre a boca, prestes a dizer alguma coisa, quando o garçom chega. Fazemos nossos pedidos, depois faço perguntas para Emma.

— Então, pronta para começar a faculdade? E o apartamento? Precisa de alguma coisa? Quer dar uma passadinha na loja? — Estalo os dedos. — Ei, vamos à Torre de Londres hoje?

Ela levanta a mão para me fazer parar.

— James.

— Tudo bem. Podemos ir à Galeria Nacional. — Dou a ela meu melhor sorriso de irmão que apoia suas escolhas. — Que tal o Tate também?

Inflexível, ela balança a cabeça.

— Que tal começarmos essa experiência de intimidade inesperada com você me dizendo por que está se escondendo do fato de que está se apaixonando?

Meu coração quase para. Ele esperneia e grita. Ele se joga no chão em uma birra épica.

Depois se acalma, fica quieto, enquanto a emoção bloqueia minha garganta. Engulo, passo a mão na cabeça e cubro o rosto.

— Estou fodido, Ems. Muito fodido.

Ela senta ao meu lado, coloca a mão nas minhas costas e descansa o rosto no meu ombro.

— Por que está fugindo? É o que você está fazendo, James. Sabe disso, não sabe? Você não precisa de mim. Precisa descobrir o que está acontecendo aqui. — Ela toca meu coração.

Levanto a cabeça, sentindo só infelicidade sem tentar esconder isso dela.

— Porque ele mora aqui e eu moro lá, e isso não vai mudar. Tenho um emprego na NHL. Não posso e não vou desistir. E ele tem uma vida aqui, uma família, um negócio, amigos, um empréstimo. Tudo. Esta é a casa dele. — Gesticulo loucamente na direção de onde Dean mora. — Não funciona. Não podemos dar certo. Não é possível.

Ela assente, sorrindo com tristeza.

— Vocês não podem tentar um relacionamento à distância?

Balanço a cabeça.

— Não. Não posso. Quase não tenho folga durante a temporada. São três jogos por semana. Viajamos constantemente. Ele trabalha nos fins de semana. Inferno, ele trabalha seis dias por semana. Esses dois dias para ficar comigo foram uma grande exceção.

Ela ri.

— Por que está aqui comigo, então?

Seguro seu braço, o desespero destruindo meu corpo.

— Porque eu não sei o que fazer. Eu não sei como estar com ele e não dizer que sou completamente louco por ele.

Ela me puxa para outro abraço e despenteia meu cabelo.

— Você é um tremendo idiota. Ele é louco por você também, é óbvio.

Meu coração dispara.

— É?

— Sim, e você é estúpido, se não consegue ver.

Por alguns segundos, um filete de felicidade se esgueira sob minha pele. Não pensava estar sozinho nessa ladeira escorregadia. Tinha a forte sensação de que ele deslizava junto comigo. Mas mesmo que ele sinta o mesmo que eu, isso não muda os quase seis mil quilômetros que nos separam.

— Eu não quero uma coisa à distância. Eu quero vê-lo e tocá-lo e estar com ele. Isso é confuso nesse nível.



Ela demora um instante para responder.

— Eu também não sei como você resolve isso. Mas sei como *não* vai resolver.

— Como?

— Estando aqui comigo. Você deveria estar com ele. Fala com ele. Diz a ele o que você me disse.

— Não quero assustá-lo.

— Você já fugiu, James. Vai ver seu gato.

Meu estômago ronca.

— Mas estou com um pouco de fome.

Ela revira os olhos.

— Você não merece café da manhã. Vai consertar isso. Agora. Você tem mais um dia com Dean.

Eu me levanto, abro a carteira, entrego a ela algumas notas e beijo sua testa.

— Te amo.

— Eu sei. E eu te amo um pouco mais do que antes, porque agora tenho café da manhã para o almoço.

No segundo que saio do café, ligo para Dean. Mas ele não atende.



# Capítulo 30

## Dean

— É louco, se você pensar em todas as pessoas que a empresa enganou. — Faço uma pausa no discurso para dar uma mordida no meu café da manhã.

— Sim, maluco — Anya diz, levantando as sobrancelhas.

— Quero dizer, quem acha que está tudo bem? Não está. Não está tudo bem — acrescento, depois termino meus ovos e tomo um gole de chá.

— Absolutamente — Naveen diz, mas depois pigarreia e olha para a esposa. — Então, Dean. Você queria tomar café da manhã conosco para reclamar de alguma empresa do Vale do Silício que enganou todos os seus investidores?

Eu franzo a testa, confuso.

— Você gostou do livro também. Certo? Quer dizer, é cativante. Foi uma exposição brilhante.

Anya ri levemente.

— Conversamos sobre isso há duas semanas.

— Certo. — Passo a mão na nuca, depois balanço a cabeça. — Acho que isso prova meu ponto de vista. Ficou gravado em mim.

— Você está bem, companheiro? — Naveen pergunta.

— Está todo agitado. Ansioso — acrescenta Anya.

Eu levanto o copo.

— Muito chá.

O rosto de Naveen é marcado pelo ceticismo, sua voz é inexpressiva.

— Sim, chá que você bebeu a vida toda. Sério, não é o chá te deixa com esse humor.

Olho para o relógio.

— Tenho que ir. É quarta-feira. Tem um...

Começo a falar, e paro, tentando me lembrar do que

normalmente faço às quartas-feiras. Executar tarefas no bar. Comprar os suprimentos de que precisamos.

— Tem uma encomenda que preciso ir buscar. — Verifico o relógio. — Preciso ir.

— Dean.

A voz de Naveen chama minha atenção. Eu olho para ele.

— Sim?

— Se você precisar conversar...

— Estamos aqui — Anya termina.

Sinto aversão por mim mesmo. Não quero falar. Já me sinto idiota o suficiente. Contar para eles não vai ajudar. Ouvir meu instinto cinco dias atrás teria ajudado. Mas ainda assim, eles são meus amigos. Eles vão estar aqui. Inferno, eles estão aqui. E ele foi embora.

Bato na mesa.

— Obrigado. Olha só, sou muito grato por isso. Só preciso resolver algumas coisas na minha cabeça. Eu vou ficar bem.

— E se não ficar, ainda estamos aqui — diz Anya novamente.

— E se ficar, estamos aqui também — acrescenta Naveen.

Isso se tornou um refrão.

Dou um meio sorriso, que é tudo que consigo oferecer.

— Eu sei. É recíproco.

Abro a carteira para pagar, quando Naveen acena para mim.

— Seu dinheiro não vale nada aqui.

Eu me levanto, agradeço a eles e vou embora.

Atravesso a rua e desço a escada para o metrô. Gostaria de poder dizer que me sinto melhor do que quando liguei para eles há pouco tempo, antes de tomarmos o café da manhã juntos. Mas não me sinto.

Mas pelo menos sinto que vou superar isso, certo de que tenho aqui tudo de que preciso.

Quando desembarco algumas estações depois, entro em um fornecedor, cumprimento todo mundo, pego uma caixa de amostras de vodka, volto ao metrô e vou para casa. Vou deixar isso lá para levar ao *The Magpie* hoje à noite. Porque estarei de volta ao bar.

Vou fazer o que costumo fazer às quartas-feiras. Exercício de manhã. Comer alguma coisa no Taron. Trabalhar na contabilidade, depois preparar bebidas e conversar com os clientes. Tudo o que eu deveria estar fazendo.

Quando desço do metrô novamente no meu bairro, meu telefone

vibra uma vez, como se tivesse acabado de recuperar o sinal, depois de morrer no metrô.

E por alguns segundos fantásticos, meu cérebro me faz pensar que é Fitz. Que ele ligou a manhã toda.

Que a ligação caiu na caixa postal enquanto eu estava no metrô, onde não tem sinal de celular.

Que talvez ele saiba como eu me senti quando ele foi embora.

Mas não pego o celular a tempo, e ele para de tocar no meu bolso. Verificar a ligação perdida é muito difícil, enquanto equilíbrio a caixa e subo a escada. A chamada perdida vai estar lá quando eu chegar em casa e, além disso, não deve ser ele.

Tomei um *ghosting* e mal posso esperar até amanhã às duas, quando sei que ele vai embora do meu país e da minha vida para sempre, e vou poder realmente apagá-lo da minha cabeça e do meu coração.

Desço a rua, passo pelas lojas que conheço, cumprimento alguns vizinhos, depois entro na minha rua. E paro.

Ele está sentado na escada do meu prédio, inclinado para a frente, cotovelos sobre os joelhos, olhando para o telefone. Uma mão coça o queixo, aquela coisa que ele faz quando está pensando, tentando descobrir o que dizer, o que fazer.

Mesmo a tantos metros de distância, posso dizer o que ele está sentindo.

Está na tensão da mandíbula, no ângulo dos ombros, na linguagem corporal. *Ele está sofrendo*. Como eu estive a manhã toda.

Então, ele levanta o rosto e me vê, e algo parecido com esperança cintila em seus olhos. Mas eu me preparo para não sentir absolutamente nada.



# Capítulo 31

## Fitz

No segundo em que vejo Dean estou de pé, descendo a rua em direção a ele. Eu preciso me desculpar. Eu não acho que vai ser fácil.

Seu rosto é a definição de implacável, e ele carrega uma caixa debaixo do braço direito.

Eu corro até ele – não corro exatamente, mas me movo mais rápido do que quando caminho. Quando o alcanço e ele continua andando, viro e o acompanho em direção ao seu apartamento.

— Oi — digo, o estômago revirando de nervoso, de medo e outra coisa também – essa louca esperança de que ele possa sentir o mesmo que eu.

— Oi.

Ele é mais frio do que foi na ponte.

Eu mereço. Eu limpo minha garganta, tentando descobrir o que dizer. Passei vinte minutos sentado na escada do prédio dele, e ainda não pensei em nada, por isso começo pelo óbvio.

— Eu saí de manhã. Às cinco ou algo assim.

— Percebi. — Seu tom é inexpressivo.

— Desculpa.

Mas isso não é suficiente. O problema é que dizer mais pode piorar as coisas. Eu poderia arriscar o que quer que isso seja agora. Mas tenho que dizer algo além de um simples pedido de desculpas pelo que fiz.

Sua expressão não revela nada enquanto caminhamos.

— Não precisa se desculpar — diz ele. — Eu entendi.

— Dean.

Chegamos à porta, e ele mal olha na minha direção.

— Está tudo bem. Você não é obrigado a ficar. Você não é obrigado a fazer absolutamente nada. Está tudo bem.

Seu tom é frio. Ele poderia estar falando comigo sobre um contrato para limpar os tapetes.

Mas nada está bem. Bem é como me sinto em relação a um sanduíche de peru, ou um móvel, ou um corte de cabelo, ou o novo cobertor que Carrie comprou para mim. Mas *bem* não é como me sinto sobre Dean.

Nunca foi, e agora, é a coisa mais distante do que eu sinto.

E tenho que dizer isso a ele.

— Eu simplesmente me assustei. Eu não conseguia dormir, surtei — digo, começando a chegar ao cerne das coisas.

Ele enfia a mão no bolso da calça jeans.

— Não sei por que isso. — Sua voz é distante, e eu sou um idiota por ter ido embora.

— Porque tudo está acontecendo muito tão rápido — eu digo, testando o território enquanto ele encontra as chaves no bolso e olha rapidamente para mim.

— E tudo está terminando muito rápido, Fitz — diz ele com naturalidade, enquanto estamos na frente do prédio.

Meu coração bate implacavelmente, sua velocidade vertiginosa é um lembrete de que tenho que fazer isso. Eu tenho que encontrar coragem para falar para ele.

Mas como?

Como posso expressar essa emoção quando mal a entendo? Isso tudo é novo pra mim. A última pessoa por quem tive sentimentos foi meu namorado da faculdade, e isso foi há mais de seis anos. Agora é totalmente diferente. Somos adultos. Estamos ocupados com nossas carreiras. Temos uma vida, emprego, família e responsabilidades. Isso é voar às cegas.

— Por isso saí. Porque está acabando. E isso é uma merda — eu digo, dando mais um passo.

A expressão de Dean permanece impassível. Ele está mais inescrutável do que nunca.

— Tudo bem. Ia terminar de qualquer jeito. Você encerrou mais cedo. Isso realmente não importa, não é?

Passo a mão na cabeça, desejando poder dizer todas as palavras, mas estou apavorado, com medo de ele se assustar.

Comprimo os lábios procurando as frases certas, quando Dean faz algo inesperado. Ele preenche o silêncio. Ele nunca faz isso. Ele sempre espera.

— Olha, Fitz. Relacionamentos terminam. Acontece. É normal. Eles não duram. Eu nunca esperei nada. Para de agir como se eu



estivesse te cobrando. — Seu tom é firme, mas os olhos parecem magoados.

Eu conheço esse olhar. Eu sinto isso no fundo dos meus ossos. Eu entendo exatamente o que ele não está dizendo, o que ele talvez não se deixe dizer.

Mas eu tenho que dizer alguma coisa. Eu sou o único que surtou, aquele que foi embora. Sou eu quem o quer de volta, mesmo que apenas por um dia. E eu tenho que contar o que ele fez comigo.

Aqui na porta, na frente de sua casa, removo uma camada de cima da verdade, e é assustador demais, mas totalmente necessário.

— E se eu quiser mais?

Dessa vez Dean me encara. Seus olhos castanhos brilham com a possibilidade, mas com tristeza também. Ele desvia o olhar, depois volta para mim, balançando a cabeça.

— Você não pode ter isso.

— Mas ainda quero. — Pareço desesperado. Eu me sinto desesperado. Bato no meu peito. — Você acha que eu vim aqui para me sentir assim? Acha que vim a Londres para sentir alguma coisa?

— Não. Você veio aqui para transar, e foi o que fez. Claro e simples.

— Não é por isso que você está bravo.

— Por que estou bravo, então?

Tento pegar a caixa das mãos dele para colocá-la na escada, mas ele não a solta. Tudo bem, vou continuar com uma barreira física entre nós. Eu limpo minha garganta.

— Porque nas últimas quarenta e oito horas, tornou-se mais do que isso, e você sabe disso. Que merda, foi mais do que isso na primeira vez que dormimos juntos, e você sabe disso também.

Ele respira fundo, lambe os lábios e, em uma voz calma que me dá esperança, pergunta:

— O que se tornou?

Seguro seus ombros para trazê-lo para perto.

— Você sabe o que se tornou.

Eu me aproximo como se estivesse prestes a beijá-lo. Para dizer a ele com meus lábios o que é isso.

Ele levanta a mão e a coloca em meu peito, um poderoso sinal de pare.

— Você não vai sair dessa com um beijo, James. Não vai sair

dessa com uma trepada. Eu tenho trinta e um anos. Essas coisas não me comovem mais. Se tem alguma coisa para me dizer, diga. Não me beije. Fale com sinceridade.

Suas palavras são fogo, e elas me inflamam. São a gota d'água entre minhas ações hoje cedo e o que espero que minhas ações sejam pelas próximas vinte e quatro horas. Minha mandíbula está contraída; o peito está pesado.

Levanto as mãos e arranco as camadas que ainda restam sobre a verdade.

— Você quer saber o que eu vim dizer?

— Quero.

Balanço a cabeça, chateado, triste e frustrado ao mesmo tempo.

— Eu sou louco por você, Dean Collins. Completamente louco por você. Eu não planejei isso. Não esperava. Mas aconteceu. Acontecemos — digo, e é mais fácil e mais difícil agora que disse isso.

Mais fácil porque sinto que posso respirar novamente. Sinto que posso caber dentro do meu corpo sem tentar rastejar para fora da minha pele. Mais difícil porque ele continua inexpressivo. Agarro minha camisa, meu peito, para mostrar meu ponto de vista.

— Sinto tanta coisa por você, que isso me assusta. Eu não sei o que fazer com isso, e gostaria que essa coisa entre nós pudesse durar muito além de amanhã. Gostaria de não ter que ir embora. Porque só quero te ver e te beijar e te tocar e estar com você, e isso está me deixando louco. Porque você não é uma aventura, não mesmo. Você é o oposto, e eu não sei o que fazer sobre isso.

Por vários segundos angustiantes, ele continua inflexível. Seus lábios mal se contraem. O rosto permanece impassível. Então ele respira fundo, coloca a caixa e suas chaves no chão, me empurra para o outro lado da porta e me beija. Meu Deus, como ele nunca me beijou. Ele me beija como se sentisse exatamente a mesma coisa.

Suas mãos seguram meu rosto, o corpo encontra o meu e ele esmaga meus lábios com um beijo quente, derretendo os ossos, deixando todos os meus sentidos fora de controle.

Seus lábios devoram os meus – francos e exigentes, como se ele estivesse me dizendo as mesmas coisas com o beijo mais feroz e apaixonado já registrado na história. Uma mão desliza pelo meu corpo, pela cintura, viaja para o quadril. A outra segura meu cabelo. E ele está me puxando para mais perto, ainda mais perto, e caramba, acho que não estraguei tudo.

Se eu conseguir tê-lo por mais um dia, serei o homem mais feliz

do mundo.

Porque Dean está me beijando como se fosse louco por mim também, e eu consigo respirar, me sinto iluminado, elétrico e vivo novamente.

Quando ele encerra o beijo, ainda me segura. A mão toca meu rosto; os lábios comandam.

— Não faz isso de novo, James.

— Não vou fazer — respondo balançando a cabeça, invadido por um alívio profundo.

— É sério. Não faz mais isso. Eu não gosto de *ghosting*. Eu não gosto da ideia de você ir embora sem falar comigo. Nós dois sabemos o que vai acontecer amanhã. Nós dois sabíamos desde o início. Eu sei em que me meti e posso lidar com isso. Mas se você quiser ficar comigo até lá, tem que estar aqui. Sem fugir.

— Estou completamente aqui. Estou totalmente com você.

Um esboço de sorriso distende seus lábios, e ele inclina a testa para a porta.

— Legal. Entra.

— E posso te mostrar como pretendo fazer as pazes com você?

Isso me rende um sorriso diabólico.

— É bom mostrar, mesmo. — Ele se abaixa, pega a caixa, as chaves e destranca a porta.

Dean abre a porta e eu o sigo, aliviado de uma maneira totalmente nova. Emocionado por não ter estragado a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Subo a escada atrás dele, a felicidade tomando conta de mim porque tenho esse tempo com ele. Um pouco mais de vinte e quatro horas, e pretendo tirar o melhor proveito delas.

Assim que entramos no apartamento, ele deixa a caixa no chão, puxa a barra da minha camisa e me puxa contra ele.

— Agora escuta, Fitz — diz, e não consigo parar de sorrir porque sou Fitz novamente. Saí do cantinho do castigo.

— Estou ouvindo — digo.

Seus olhos brilham, e ele volta a ser o Dean safado e autoritário de sempre.

— Temos um dia. Eu prefiro transar e me divertir. E quer saber o que isso significa? — Ele lambe os lábios enquanto desliza a mão por baixo da minha camiseta, subindo pelo abdômen, me fazendo

estremecer.

— Fala o que isso significa — murmuro.

Sua mão se abre em meu peito.

— Significa que quero que você me mostre como é ser devidamente compensado pelo homem por quem sou maluco.

Ai, meu Deus. Cacete. Esquece tudo.

Estou tão apaixonado por ele que é insano. Isso vai me devorar por dentro. E eu vou deixar. Vou deixar esse sentimento tomar conta do meu corpo e da minha mente.

Seguro seu rosto.

— Estou muito feliz por você sentir a mesma coisa por mim.

— Eu sinto. Sinto o mesmo — diz ele, e meu coração dispara.

Ele me mantém perto, com as mãos no meu rosto também, enquanto tira os sapatos. Depois me solta e caminha até o sofá, tira a camisa e a joga no chão. Senta no sofá, estica os braços sobre o encosto e abre as pernas para mim. Está vestido com o jeans e nada mais. E está esperando que eu cuide dele.

Ah, e é o que eu quero. Quero mostrar ao Dean quanto estou arrependido pelo que fiz.

Tiro os sapatos. Minha boca se enche de água enquanto ando na direção do meu homem e tiro a camisa.

Subo em seu colo, apoio as mãos em seus ombros, depois as deslizo pelos braços firmes e musculosos.

— Deixa eu te paparicar. Deixa eu te mostrar quanto estou arrependido — sussurro, e inclino a cabeça para beijar o pescoço dele do jeito que o deixa doido.

— Hmm. Isso ajuda. Isso ajuda muito — Dean diz, afundando mais nas almofadas enquanto passo a língua e meus lábios em seu pescoço, do jeito que fiz na primeira vez que o toquei.

Seus dedos seguram meu cabelo, e ele empurra, me levando para baixo. Deixando suas intenções bem claras.

Eu sorrio contra seu corpo e sigo sua liderança, escorregando a boca por seu peito enquanto desenho uma trilha de beijos quentes do peito até a barriga.

— E agora? Isso também ajuda? — Eu lambo uma linha ao longo dos sulcos de seu abdômen, atravessando, descendo, viajando para mais perto de sua ereção.

— Isso é muito bom — ele arfa. — Mas pode ficar um pouco

melhor assim...

Suas mãos se movem para o jeans, desabotoando o botão de cima. Escorrego para o chão, me ajoelho entre suas pernas e desço o zíper.

— Com certeza posso ajudar.

Ele levanta a bunda e empurra o jeans até as coxas, e seu pênis fantástico se liberta e me cumprimenta com um oi muito feliz.

Dean passa a mão pelo ventre, segura o pau e esfrega a coroa em minha boca. Reviro os lábios quando o lambo.

— Mostra como vai me paparicar, Fitz — diz ele todo autoritário, enquanto sua outra mão segura minha cabeça, me puxa para perto de seu pau.

— Com prazer. Com todo prazer. — Abro a boca e capturo a cabeça, e gemo ao abocanhar o comprimento, porque ele tem um gosto muito bom.

Quero ele inteiro na minha boca, quero que ele me preencha. Quero mostrar que ele merece todo o prazer do mundo comigo, só comigo. Vou enfiando ele na boca centímetro por centímetro, passando a língua em torno do membro enquanto o levo cada vez mais fundo.

— Porra, isso é bom — ele murmura enquanto escorrega para o fundo da minha garganta. E é onde Dean quer estar, a julgar pelos sons que ele faz. — Mostra o quanto você ama chupar meu pau — diz, e meu pau pulsa dentro da calça jeans quando ouço isso. Eu amo chupar seu pau. Muito.

E mostro para ele. Chupando forte, fundo e com vontade. Deixo ele segurar minha cabeça, me puxar para baixo em seu pau e projetar o quadril na minha direção. Deixo ele foder minha boca, meu rosto, minha garganta.

Eu o chupo forte e fundo porque é muito bom, porque o deixa louco e porque eu quero que ele saiba o que vou fazer por ele. Que se for preciso, vou ficar de joelhos por ele. Não. Não só porque é preciso. Porque eu quero. Porque esse cara – meu Deus, esse cara é meu, e eu quero que Dean sinta cada segundo de prazer do mundo comigo.

Enquanto eu devoro seu pau, ele arqueia as costas para mim e fala umas coisas sacanas.

— Isso, porra, sim. Adoro isso. — Depois um longo e sufocado: — Vou gozar.

Ele jorra na minha garganta, salgado e inebriante, e eu saboreio cada gota dele.

Quando solto seu pau, olho para cima e vejo um homem muito satisfeito.

Ele está extremamente contente, os lábios entreabertos, a respiração acelerada. Ele toca meu rosto, passa o polegar no meu queixo e diz:

— Tire o pau da calça. Eu quero ver você se soltar.

O fogo me queima. Levanto e tiro o jeans em segundos, enquanto ele se deita no sofá, cruza as mãos embaixo da cabeça, e eu monto nele.

Meu pau está doendo pela necessidade de alívio, pesa na minha mão quando o seguro. Já estou perto do limite por ter chupado Dean, por ele gozar na minha língua. No segundo em que escorrego a mão pelo meu comprimento, estremeço.

Nunca gostei mais de me masturbar do que agora, olhando para Dean, a mão se movendo em um ritmo febril para cima e para baixo.

Seus olhos estão fixos no meu pau. Ele olha enquanto eu me acaricio, enquanto o prazer estala em minhas veias, enquanto se espalha implacavelmente por todo o meu corpo.

— Goza no meu peito — ele ordena. — Jorra em cima de mim.

— Ah, sim. Eu quero gozar em cima de você.

Meu orgasmo desce pelas costas, as bolas se contraem e eu mexo a mão mais depressa, mais forte, até gozar forte em seu peito.

Então, quando estou ofegante e gemendo, ele estende os braços para mim, me puxa para perto, para ele. Meu alívio se espalha entre nossos corpos, e nenhum de nós se importa.

Tudo que eu quero é estar perto dele. E é isso que eu faço quando ele me abraça, me puxa para seu peito e me beija. Um beijo suave. Macio. Gentil. Estou perdoado.

Quando ele interrompe o beijo, sussurra:

— Obrigado por voltar para mim.

— Estou muito feliz por ter voltado — respondo. Então eu me levanto e pego sua mão. — Vem, vamos limpar tudo isso.

Ele levanta a calça jeans e vamos para o banheiro, onde ele pega uma toalha e limpa meu peito, e eu faço o mesmo com ele.

Eu entro em seu quarto, caio na cama e aceno para ele.

— Você está pronto para mais uma? — ele pergunta, e sobe em cima de mim.

— Logo — digo, e o acomodo em cima de mim, passando as

pernas em volta de suas coxas. — Eu te disse.

— Insaciável — ele balança a cabeça.

— E você adora.

— Eu amo.

Enlaço seu pescoço e o aperto entre as pernas, amando o contato depois da intimidade.

— Mas principalmente, só quero ficar perto de você.

— Assim? — ele pergunta, inclinando-se para mais perto e roçando os lábios nos meus, me fazendo arrepiar.

Arrepio. Meu Deus. Eu me arrepio quando ele me beija. Cheguei tão longe que é insano.

— Sim — confirmo com um gemido, e o puxo para mais perto.

Quando coloco meus lábios nos dele, tento transmitir tudo o que estou morrendo de vontade de dizer. Tudo que descobri hoje. Digo da maneira suave, mas urgente com o beijo que o quero de novo e de novo. Enquanto aperto minhas pernas ao redor de seu corpo, tento dizer sem palavras que estou apaixonado por ele. E espero que ele esteja me beijando de volta da mesma maneira.





# Capítulo 32

## Dean

Passa um pouco do meio-dia e faço o almoço. É estranhamente doméstico, mas eu gosto. Cozinho um refogado de frango e legumes, já que sei que Fitz tenta comer o mais saudável possível, assim como eu.

Fitz está na cozinha, encostado no balcão, bebendo um chá gelado e me observando.

— Eu poderia me acostumar com isso — diz ele.

Olho para seu jeans, o peito nu e musculoso.

— É, eu também. Por favor, ande sem camisa, literalmente, o tempo todo — peço ao desligar a chama sob a panela.

— Eu topo, se você topa. Falando nisso, por que está de camisa?

— Ah, sabe como é, essa coisa chamada cozinhar. Achei que seria melhor de roupa.

— Eu peço desculpas, mas não concordo.

Balanço a cabeça enquanto sirvo a comida.

— Senta. Vamos almoçar.

Fitz dá um tapinha na barriga.

— Que bom. Estou morrendo de fome.

— Você não está morrendo de fome. Faltam vários dias e muitas refeições pra você morrer de fome. Você só está com fome.

Ele encontra guardanapos de pano no armário e utensílios na gaveta e os coloca à mesa.

— Não. Estou definitivamente morrendo de fome. Não tomei café da manhã. Deixei Emma sozinha com a comida quando percebi quanto fui idiota e vim direto para cá.

Ponho a comida na mesa.

— Que sirva de lição, então. Nunca fuja antes de o cozinheiro acordar — digo, sentando e pegando um garfo. — Sou um excelente cozinheiro.

Fitz come, e suspira ao provar a comida.

— Caramba. É mesmo. Isso é incrível.

— Que bom que gostou.

— Acho que seu clube de culinária é útil.

— Curso de culinária — corrijo.

— Seja o que for, está funcionando. Pode preparar o café para mim amanhã — ele diz, e põe mais comida na boca.

— Opa, valeu. Estava mesmo esperando que me autorizasse.

Ele abaixa o garfo e se inclina sobre a mesa para me dar um beijo. Depois continua comendo, e pergunta:

— Então, o que quer fazer hoje? Além de foder?

— Bem, isso. É claro.

— É claro — ele repete.

— Acho que a pergunta mais importante é: o que você quer fazer? Quer conhecer algum lugar? Torre de Londres, Catedral de St. Paul, *Borough Market*?

Ele aperta o canto dos lábios, pensando, e encolhe os ombros.

— O que você faria?

— Se eu fosse você?

— Sim. Se você fosse eu e tivesse mais um dia para passar aqui.

— Eu só andaria pela cidade — respondo.

— Então vamos fazer isso.

Nós nos arrumamos e saímos, e quando chegamos à rua, seguro a mão dele. Fitz olha para nossas mãos, depois para mim, e sorri. Meu coração tropeça nele mesmo de felicidade. E tristeza também, já que tudo isso acaba amanhã.

O tempo assume uma qualidade surreal enquanto caminhamos ao longo do rio.

O relógio bate mais alto a cada passo, mas também não consigo escapar da sensação de que estou vivendo em um casulo de tempo. Que estou vagando por um estado de sonho de como é viver um dia perfeito.

O céu azul sobre nós, o rio correndo ao nosso lado e o sol aquecendo minha pele. É como se isso pudesse durar, como se isso pudesse ser a minha vida. Aqui com ele.

Quero muito acreditar nessa ilusão enquanto passamos pela *Tate* e pelo *Globe* e conto a ele sobre crescer aqui, enquanto ele me conta sobre a Califórnia e Nova York. Quando paramos no parapeito, cotovelos apoiados sobre a pedra, observando os barcos que passam, a ilusão parece totalmente real.

Ele me envolve com um braço, me puxa um pouco mais para perto dele enquanto olhamos para a água.

— Você já se cansou dessa vista? — ele pergunta, gesticulando para o Tâmisa.

É um marrom escuro, mas isso não vem ao caso. Não é a cor da água que importa. É a maneira como ela flui e desliza pela cidade, como é a estrada da cidade, trazendo fama, fortuna, descanso e segurança.

Balanço a cabeça.

— Não. Mas acho que às vezes não dou a devida importância. Ando de cabeça baixa, perdido em meu próprio mundo, e nem me preocupo em olhar para cima, porque é muito familiar.

Fitz assente enquanto olha para a água.

— Você tem que lembrar de olhar para cima. Ver o que está à sua volta. Eu tento fazer isso em Nova York.

— É? Como assim?

— Só procuro não desperdiçar todo o meu tempo no celular enquanto ando por aí. Olho os restaurantes e as lojas, as pessoas, os prédios, os parques. Presto atenção, sabe?

— Eu sei o que você quer dizer. — Olho em volta. Ninguém nota a estrela do hóquei, ou nós. Somos anônimos. — Você é reconhecido lá?

— Às vezes. As pessoas me abordam na rua, de vez em quando.

— Isso te incomoda?

Ele balança a cabeça.

— Não. É legal, na verdade – meio que um sonho. Toda a minha vida eu quis ser um atleta profissional, e agora sou. Ter fãs é um presente. Então, quando alguém para e diz oi ou pergunta se sou eu, tento conversar por um minuto. A menos que haja alguma razão para eu não poder, tipo ter uma ereção furiosa, como aconteceu naquele lugar de softball com você.

— Motivo justo. E consigo imaginar isso. Você interagindo, sem ereção. Então, se algum fã te abordasse agora, você conversaria um pouco?

Fitz olha em volta para a multidão de pessoas passando, para as famílias, os pais carregando crianças pequenas nos ombros, para os homens e mulheres bem vestidos que passam por nós, para os casais – homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens – caminhando ao longo do rio.

— Com toda certeza — diz. — Mas antes ia verificar se ninguém estava olhando para você com interesse. Se acontecesse, seria todo possessivo, meu, meu e meu.

Dou risada.

— Sim, é claro. Sem dúvida, muitos gays estão te dando mole, te olhando de um jeito sensual. — Levanto a mão. — Espera. Não responde. Não quero pensar em todos os caras que vão dar em cima de você literalmente em um dia, quando voltar para os Estados Unidos.

Ele aperta minha cintura.

— Ciumento demais?

Eu reviro os olhos.

— Muito — murmuro, mas não digo o que está na ponta da língua.

O que acontece quando você conhecer outra pessoa? O que acontece quando quiser ir para casa com outra pessoa? Esses pensamentos embrulham meu estômago. Eu estremeço.

— Ei, o que foi? Parece que acabou de engolir uma *jalapeño*.

— Eu gosto de *jalapeños*.

— Sim, eu também. Analogia errada, então. Parece que você engoliu uma barata.

Eu finjo vomitar.

— Exatamente — diz ele. — Que foi?

— Nada.

Fitz aperta minha cintura.

— Não mesmo? O que foi? Fala comigo, gato.

Suspiro, passo a mão pela nuca.

— É bobagem.

— Não é bobagem. O que foi?

Eu dou de ombros, depois digo a mim mesmo, por que não?

— Eu estava pensando em quando alguém quiser te levar para casa em uma semana, ou um mês, ou qualquer outra coisa.

Seu sorriso diminui e desaparece.

— Não vai acontecer.

— Por favor. É claro que vai acontecer.

— Primeiro, eu tenho o pacto com os caras do time, e vou cumprir o que combinamos, então, não vai acontecer.

— Mas o pacto acaba, em algum momento. Em um mês ou algo assim, certo?

— Cerca de uma semana ou mais depois do início da temporada regular.

— Então, essa é a única razão?

— Idiota. A razão é você. Porra, eu quero você. Eu não quero mais ninguém.

Fitz se vira para mim, enlaça minha cintura com os dois braços e me puxa contra ele. Passo os braços em torno de seu pescoço.

— Sim, eu entendo, Fitz. É que, na estrada...

Ele se inclina para perto, acariciando meu pescoço.

— Não consigo pensar em mais ninguém. Nem agora, nem amanhã. — E beija meu pescoço, depois recua e olha para mim. — Dean, você quer conversar...

— Sim — eu digo, e meu coração dispara porque acho que sei o que está por vir.

*A conversa.*

*A conversa sobre isso é possível para nós?*

E eu quero ter essa conversa, mas tudo aqui é lotado e movimentado.

— Vamos sentar em um banco no parque.

— Isso é tão comédia romântica — ele comenta revirando os olhos.

— Sim, e se fosse um filme, nós dois veríamos.

— Sem dúvida.

Seguro a mão dele e o levo para longe da água, em direção a um parque próximo. Encontramos um banco sossegado, afastado do trânsito de pessoas, entre a relva e as árvores. Fitz fala primeiro.

— O que vamos fazer depois de amanhã?

— Não sei — respondo honestamente.

— Você pensa sobre isso? — pergunta ele.

Deixo escapar uma gargalhada.

— Você está brincando? Eu penso nisso o tempo todo. Se você

estivesse aqui, eu faria de tudo para ninguém te olhar com desejo. — Franzo minha testa e reconsidero. — Bem, não posso garantir que ninguém faria isso, porque você é o cara mais gostoso que já entrou no meu bar, então, tenho certeza de que muitos caras olhariam. Mas faria de tudo para deixar bem claro que você já tem dono.

Seu sorriso é material de contos de fadas. É como se eu tivesse realizado seu maior desejo.

— Você seria todo homem das cavernas comigo?

— Porra, sim.

— O que você faria? — Fitz pergunta em voz baixa e provocante. — Tipo, se estivéssemos em público, o que você faria?

— A mesma coisa que faço agora. Não tiraria as mãos de cima de você. Eu colocaria um braço em volta do seu ombro — eu digo, demonstrando. — Eu me certificaria de que todos os caras soubessem que é comigo que você vai para casa, e que ninguém mais tocaria em você.

Fitz fecha os olhos e geme baixinho, chegando mais perto de mim. Quando os abre, aquelas íris azuis estão cheias de desejo. Como costumam ser.

— Você ser possessivo é minha nova coisa favorita. — Então ele pisca e balança a cabeça. — Mas para de me distrair. — E olha para mim sério. — O que podemos fazer?

— Sinceramente, não sei. Imagino que sua agenda seja ridiculamente cheia. Você sabe que a minha também é.

Ele passa a mão na barba.

— Temos três jogos por semana. Passamos muito tempo na estrada. Você trabalha todos os dias, menos domingo e segunda-feira.

Eu concordo.

— Verdade.

Ele fica quieto por um minuto, os olhos voltados para as pessoas estendidas no gramado, mas sem vê-las. Parece perdido em pensamentos. Depois de um instante, diz:

— Mas, honestamente, Nova York não é tão longe de Londres.

Olho para ele incrédulo.

— Não é tão longe?

— Bem, San Diego não é tão longe de Londres.

— Certo. É verdade. Mas ainda é longe, Fitz.

— Sim, estou apenas tentando pensar em cenários — diz ele,

recostando-se no banco, acariciando meu ombro. — Tipo, se eu tivesse alguns dias de folga e eles combinassem com seus dias de folga, você iria me ver?

Eu iria? Eu sei a resposta, mas também não consigo resistir à chance de brincar com ele.

— Depende...

— Depende do quê? — ele pergunta, indignado.

— Vai me dar uma passagem de primeira classe?

Fitz ri, deslizando a mão por minha coxa.

— Bom, você tem um pau de primeira classe. Vou sentir falta desse pau de primeira classe.

Eu sorrio.

— Entendo. Você estaria disposto a me botar em um avião com meu pau de primeira classe quando estiver com tesão.

Ele sorri, lambendo o canto dos lábios.

— Porra, sim.

Assinto algumas vezes.

— Eu posso viver com isso. Meu pau de primeira classe e eu definitivamente podemos viver com isso.

Ele ergue os dois punhos.

— Problema resolvido pelo poder do pau.

Tudo o que posso fazer é rir. Nós dois rimos. Rimos, e é ótimo rir com ele. Mas logo o riso desaparece e estamos de volta ao mesmo lugar.

O “*Vai rolar? Será que a gente consegue?*”

— Mas sério, Dean? — ele pergunta.

Eu suspiro, desejando que houvesse uma resposta fácil.

— Acho que temos que ver como vai ser. Quero dizer, não sei. Não é o ideal, para ser honesto. Você quer uma relação à distância? Parece meio horrível.

— Sim. Mas também não quero não ter nada com você.

— Eu sinto o mesmo. Mas também não quero dois por cento de você. — Viro e olho para ele. — E olha, eu não posso simplesmente levantar e largar meu mundo. — Antes que Fitz possa dizer uma palavra, porque não vou arriscar que ele surte novamente, levanto as duas mãos. — Sei que não está me pedindo nada disso. Eu não estou dizendo que está. Só quero ser claro. Estou colocando minhas cartas na mesa. Não tem blefe aqui. Minha mãe fez isso, e eu não vou fazer o

mesmo.

Ele segura minha mão, aperta.

— Entendo. Juro que entendo.

Sentamos e olhamos para o parque, procurando respostas e não achando nenhuma.

— Você quer ir? — pergunto depois de alguns minutos.

Ele balança a cabeça.

— Não. Eu quero ficar.

Eu sei o que ele está dizendo, e eu quero isso também. Mas essa não é uma possibilidade. Ainda assim, fico mais um pouco no banco com ele antes de sairmos sem nada decidido, porque esse é um daqueles problemas que não tem solução.





# Capítulo 33

## Fitz

Emma chama isso de hora dourada.

Não é o pôr do sol. É um pouco antes, quando a luz é perfeita, e cada foto tem aquele brilho nebuloso incrível. Claro, tiro várias.

Dean parou de criar dificuldades, e eu parei de fingir que elas são para Amelia. São todas para mim.

Enquanto bebemos a cerveja das cinco, levanto o celular.

— Sorria para a câmera.

— Você quer dizer para o seu banco de punhetas, Fitz.

— Eu chamo isso de banco da palmada. Você chama isso de banco de punheta. Tanto faz. Só vem aqui.

Meu britânico sexy tira seus óculos e me dá o melhor olhar de *me fode* do mundo. Eu tiro essa foto bem rápido.

— Droga — resmungo, olhando para os olhos castanhos na tela.  
— Essa é minha nova foto favorita de nós dois. Vou olhar muito para ela.

— Só não no vestiário, por favor.

Minha testa enruga.

— Cara, esta é a minha visão da hora de dormir. Não estou olhando para isso no vestiário, porque então teria uma ereção na frente dos meus companheiros de equipe. Isso não vai acontecer.

Dean ri.

— Bom. Vamos manter assim.

Enquanto tomo outro gole da minha cerveja, um cara alto passa correndo, fones de ouvido, shorts de ginástica, tênis Nike batendo na calçada.

— Merda — murmuro.

— Que foi?

— Não me exercitei hoje. Nem ontem — falo, meio que desabando na cadeira. — Porra.

— E vai concentrar para treinar em alguns dias.

— Não posso perder um dia de treino.

— Faz diferença? Todos os dias?

— Tão perto da temporada, sim, faz. O cardio, pelo menos.

Dean enfia a mão na carteira, pega algumas notas, joga-as na mesa para pagar as cervejas e diz:

— Vamos dar uma corrida.

— Sério?

— Sim. Eu tento malhar todos os dias também.

— Dá para ver. Mas sério, você quer correr comigo?

— Acha que não consigo acompanhar? Porque eu não acho que isso vai ser um problema. Além disso, peso cerca de dez quilos menos que você, então posso levar alguma vantagem — ele diz, me provocando com uma rápida avaliação do meu corpo mais musculoso.

— Ah, não, você não acabou de me mostrar seu lado competitivo secreto.

Ele levanta uma única sobrancelha:

— Era segredo?

Eu rio, batendo nas costas do meu gato.

— Não, mas o problema é que não tenho short de corrida ou tênis, e não quero voltar para o hotel e pegá-los.

— Bem, você não vai caber no meu short — diz Dean.

Estalo os dedos, tipo, ah, que droga.

— Droga, estava esperando que pudéssemos começar a emprestar roupas um para o outro.

— Mas eu tenho uma ideia. Que número você calça?

Sorriso.

— Grande.

Ele ri.

— Sim. Eu sei. Porque você tem pés grandes. Mas sério. Que número você calça?

— Doze. Tamanho dos EUA.

— Eu também. Tenho alguns pares de tênis de corrida. Pode usar um deles. — E aponta para o fim do quarto. — Loja de artigos esportivos. Vamos comprar uns shorts e vamos correr.

— Você realmente quer passar nossa última tarde juntos correndo?

— É o que você faria se estivesse em casa, certo?

— Verdade. Talvez por isso eu esteja amando tanto, porque parece um dia normal em nossa vida normal, onde fazemos todas as coisas que queremos fazer – comer, foder, andar, correr, brincar, conversar. Tudo que eu quero.

O homem não mentiu. Dean me acompanha na corrida pelo parque. A única diferença é que ele usa uma camiseta. Eu não.

— Você sempre corre sem camisa? — ele pergunta. — Ou só quando deixa as roupas no hotel?

— Isso te incomoda? — pergunto. — Ou só te distrai?

— Sim, me incomoda muito te ver seminú. — Ele desliza os olhos para cima e para baixo no meu corpo enquanto corremos. — Correção: *praticamente nu*.

— E ainda distrai — disparo.

— Sim, exatamente. Não consigo me concentrar, e é por isso que estou acompanhando seu rabo NHL.

— Arrogante — digo. — E eu gosto.

— Eu sabia. Aliás, me conta mais sobre essa coisa de ser defensor no gelo — ele diz quando fazemos a próxima curva.

— O que você quer saber?

— Quero entender melhor o hóquei. De verdade.

E eu suspiro. Depois digo a ele tudo sobre a minha coisa favorita. Exceto que ele pode ser minha coisa favorita agora.

A hora dourada acabou. O crepúsculo chega, e voltamos ao apartamento dele. Estou com uma toalha enrolada na cintura e o cabelo molhado, penteado para trás depois do banho. Dean também está enrolado em uma toalha, e olho para seu reflexo ao lado do meu no espelho do banheiro. Ele passa desodorante, e eu mexo os dedos em um pedido nada sutil.

Ele revira os olhos e joga o desodorante para mim, mesmo que eu esteja a um palmo de distância nesse espaço minúsculo. Ele não precisa dizer uma palavra. Eu sei que estamos pensando a mesma coisa, rindo da mesma coisa. Estamos compartilhando todas as nossas merdas.

Ainda assim, apenas dou de ombros e passo o desodorante.

— Que foi? *TaskRabbit* ainda não chegou com as minhas coisas.

O interfone toca.

— Acho que chegou agora. Vou lá resolver isso.

Dean solta a toalha, a deixa cair no chão de ladrilhos, olha para mim como se me convidasse a apreciar o cenário e vira, exibindo uma imagem perfeita de sua bunda nua ao sair do banheiro. Eu o encaro sem nenhuma vergonha enquanto ele pega uma cueca boxer limpa e a veste, junto com jeans e uma polo. Essa vista. Meu Deus, preciso dessa visão na minha vida. Preciso muito.

Pego a toalha dele, penduro em um gancho e deixo a minha ao lado da dele.

Um minuto depois, ele volta com minha mala, que pedi para o hotel enviar. Ele a coloca no chão.

— Seu portador — ele provoca, e eu abro a mala e pego a cueca e o jeans.

Eu olho para o relógio em cima da mesa de cabeceira. Passa um pouco das sete e meia. O tempo está passando, mas vou aproveitar ao máximo esta noite. E depois de hoje, e depois de ontem à noite, e depois da outra manhã, já tenho algumas ideias. Uma agenda, se preferir.

Ao abotoar uma camisa de manga curta, imagino essas coisas, como podem ser. Coisas de que preciso, coisas que quero. Coisas que, até alguns dias atrás, eu não achava que queria. Mas agora tenho certeza de que quero.

Tenho certeza de que posso vê-las acontecendo esta noite. Quando estou vestido, atraio seu olhar.

— Quer sair e curtir a cidade, barman sexy?

— Vamos lá, atleta arrogante — diz ele, e saímos de sua casa juntos.

Quando olho para trás antes de fechar a porta, tenho uma imagem cristalina do que vou querer quando voltar para cá mais tarde.

Mas antes, comida.



# Capítulo 34

## Dean

Depois do jantar, vamos a uma boate que eu queria conhecer.

— As bebidas aqui devem ser fantásticas — digo enquanto faço o pedido no bar. — Coquetéis clássicos. Bom e forte.

— Então escolha algo que me deixe no clima — diz Fitz com uma piscadela, gesticulando que vai ao banheiro enquanto eu peço.

— Então isso é... qualquer coisa?

Ele acena e se afasta.

— Você me conhece bem.

Peço uma dose de *Snake Bite* para mim, que é uísque canadense e suco de limão, e o *Godfather* para ele – bourbon e amaretto. Escolho porque sei que ele vai gostar do nome.

Levo os copos para uma mesa nos fundos, um reservado circular, enquanto a música pop pulsa na boate escura. Segundos depois, Fitz se aproxima e senta ao meu lado, põe a mão na minha coxa.

— *Godfather* para você — digo, e ele experimenta um pouco.

— Excelente. Não esquece, eu ainda quero o seu martini.

— Você vai ter. Algum dia — eu digo.

Ele toma outro gole, em seguida, beija meu pescoço.

— Eu quero esse algum dia, Dean.

— Eu sei — murmuro enquanto tomo um gole da minha bebida.

Arde, como deveria – um ardor agradável.

Ele termina sua bebida e diz que precisa de outra.

— Espera. Eu quero outra coisa. Outro clássico. Escolha para mim. Vantagens de namorar um barman.

Isso sobe à minha cabeça mais rápido do que qualquer álcool. Porque aconteça o que acontecer amanhã, parece que estamos namorando.

Inferno, parece muito mais do que namoro.

Quando a garçonete passa, eu a chamo.

— Queremos pedir mais bebidas.

Ela abre um sorriso radiante.

— O que posso trazer para vocês, cavalheiros?

— Ele não é um cavalheiro — Fitz murmura baixinho.

Reviro os olhos.

— Ignore-o — digo à ruiva.

Ela é cheia de brilho labial rosa e dentes alinhados.

— Ele é difícil de ignorar. E você também.

— Obrigado. *Rusty Nail* para o meu... — Faço uma pausa, depois olho nos olhos de Fitz, sabendo que o que vou dizer deixará o homem ridiculamente feliz, e é um privilégio poder fazer isso. — *Encontro* insanamente gostoso.

Ela mexe as sobrancelhas.

— Ele é.

— E vou querer um *Irish Threesome*.

Ela coloca a mão no meu ombro.

— Excelente escolha. E você é igualmente gato.

— Obrigado, amor — respondo em seguida, e olho para Fitz quando ela sai.

Ele me encara com os olhos arregalados.

— “Obrigado, amor”?

Dou risada.

— Está com ciúmes de novo?

Ele balança a cabeça.

— Não, mas eu literalmente nunca vi você fazer toda essa coisa britânica – *oi, amor; obrigado, amor* – e agora está distribuindo sem freio?

— Eu falei isso uma vez. Não diria que estou “distribuindo sem freio”.

Ele assente com exagero.

— Isso é sem freio, meu amigo... — E se aproxima de mim, embora quase não haja espaço para se aproximar. — Além disso, você sentiu que ela queria fazer um sanduíche com a gente?

Eu ri novamente.

— Eu tive essa impressão clara.

— Quem acha que ela iria querer em cima? Você ou eu?

— Isso importa? Ela não vai pegar nenhum dos dois. — E paro



por uma fração de segundo, sentindo uma ponta de pânico. — Espera. Você não está dizendo que gostaria disso, né?

Fitz revira os olhos, depois passa a mão na parte de trás da minha cabeça.

— Parceiro. Cala a boca. Eu nem vou me dar o trabalho de responder. Agora bota essa boca em mim, seu gostoso.

Obedeço com um beijo quente e molhado que dura até a ruiva voltar com nossas bebidas.

— Aqui, cavalheiros — ela murmura, deixando os copos sobre a mesa. E abaixa a voz. — E eu sou Vicky. Meu horário termina em uma hora, se vocês dois quiserem tornar a noite mais divertida.

Fitz pigarreia e me envolve em um braço.

— Obrigado, amor — ele diz com seu sotaque de Harry Potter. — Mas vamos passar.

— Talvez outra hora — ela diz.

E quando ela se afasta, ele murmura:

— Talvez outra hora, meu cu.

Levanto o copo.

— Um brinde a isso, com certeza.

Ele aponta para o meu coquetel.

— Acha que essa sua bebida deu a ela a ideia de que a levaríamos para casa? O que tem nessa coisa?

Eu olho para o copo.

— Creme e uísque irlandeses, cerveja preta irlandesa. O único trio que eu quero.

Meu gato bate com o copo no meu, depois bebe e diz novamente com seu sotaque:

— *Obrigado, amor.*

E eu o imito quando digo:

— *Mas vamos passar.*

Terminamos a bebida enquanto a música segue para outra rodada de pop, até que toca “*The Time of My Life*”, e seus olhos azuis brilham com intenções questionáveis.

Fitz acena para o canto da boate. Homens e mulheres se aglomeram na pista de dança, alguns abraçados e outros em grupos, todos ansiosos para entrar no ritmo de uma das músicas mais clichês de todos os tempos.

Fitz balança as sobrancelhas em um convite. Ele espera que eu

seja uma dessas pessoas.

— Sem chance — aviso.

— Você não dança?

— Essa música? Não. E não danço bem.

— Quem liga? Eu não. Para nenhuma das duas coisas.

— Eu ligo. — Mas Fitz começou a fazer círculos na minha coxa, tornando muito difícil a intenção de defender meu ponto de vista.

— Vem — diz ele. — Vamos dançar.

— Deixe-me adivinhar, você é um dançarino espetacular.

Ele dá de ombros com um sorriso arrogante.

— Não sou dos piores.

— Mentiroso — digo. — Você é bom em tudo, com esse seu corpo perfeito.

Ele se inclina e sussurra perto do meu ouvido, ainda fazendo aqueles círculos que se movem perigosamente no alto da minha coxa.

— Olha quem fala, você e seu corpo gostoso — diz ele, e a música muda novamente.

O DJ usou uma isca para atrair mais frequentadores para a pista, mas agora a música muda para uma batida lenta, mas constante. Leon Bridges.

— Agora você não tem desculpa — insiste Fitz, levantando-se. — Até você consegue dançar essa.

— Você sempre consegue o que quer?

— Eu peguei você, não peguei?

— Talvez eu seja fácil — provoco.

— Talvez seja difícil — ele dispara de volta.

— Perto de você, sempre.

Ele olha para baixo, para onde estava traçando aqueles círculos enlouquecedores. E diz imitando meu sotaque:

— Por que não me deixa avaliar agora?

Eu gemo, tentando não rir de seu humor, sua insistência.

— E acha que isso vai me fazer dançar com você?

Ele se inclina e morde minha orelha.

— Eu quero dançar com você, gato — ele sussurra, e desliza a língua por minha pele, gemendo baixinho. — Por favor.

E isso basta. Eu sou evidentemente impotente para resistir a ele.

Pego sua mão e o deixo me levar para a pista de dança. Seus

braços envolvem meu quadril. Os meus pousam em seus ombros e balançamos juntos.

À nossa volta, alguns grupos de amigos se separaram, mas a maioria forma pares. Eles se inclinam um para o outro, alguns mais próximos do que outros.

Fitz acena para os casais ao nosso redor.

— Você se importa se alguém olhar para nós?

Franzo a testa.

— Porque você é famoso?

Ele ri, mas logo fica sério novamente.

— Porque somos homens. Você se importa?

— Nós somos? Isso é novidade pra mim — falo com tom debochado.

— Engraçadinho. Se importa, ou não?

Eu rio, balanço a cabeça, mas estou chocado por ele perguntar algo cuja resposta deveria saber.

— Está perguntando sério? Você me beijou na mesa dez minutos atrás. A garçonete cantou a gente. Você me toca o tempo todo. Tem me beijado em público desde que te conheci. Você me beijou na rua do lado de fora daquele bar de softball, e na *Tower Bridge*. E me abraçou no barco. A gente se beijou na porta do meu prédio. Tudo o que fazemos é nos tocar o tempo todo. Acha que fiquei tímido de repente?

Ele sorri, quase como se estivesse envergonhado.

— Eu sei, gato. E adoro fazer tudo isso. É bom saber que você gosta.

Meu coração palpita.

— De ser quem somos?

— Sim. É um lembrete de porque é bom se assumir. Ser aberto, sabe?

Eu assinto, mais sério agora.

— Eu sei. Eu entendo.

Por um momento, continuamos só dançando, e então Fitz pergunta:

— Quando se assumiu?

— Aos dezesseis anos. E você tinha quinze, não é?

— Sim, e quando eu tinha dezessete anos, fui ao baile com Brian Levine. Um gato, na época.

Eu sorrio, amando saber que ele já se sentia confiante para isso. E que a família o apoiava.

— Sorte do Brian — comento. — Como isso aconteceu?

— Eu convidei com um daqueles sinais cafonas, e ele disse que sim.

— E sua escola não criou problemas?

— Vantagens de crescer em San Diego, acho. Quando eu disse à minha mãe que eu era gay, ela me abraçou e disse: “Estou muito feliz por você”, depois me pediu para cortar a grama.

Isso me emociona – a falta de drama, a segurança – e não apenas pelo Fitz de quinze anos. Eu fui o primeiro para alguns caras. O experimento. Isso é perigoso e sexy. É intoxicante para o ego, mas um inferno para o coração.

— Perfeito. E parecido com meu pai. Ele disse algo como “Ótimo, já terminou sua redação?”, e perguntou se eu estava a fim de alguém, e tem sido assim desde então.

— Temos sorte — diz Fitz, um eufemismo que não trato com menos respeito e consideração do que isso merece.

— Temos. — Eu inclino a cabeça na direção da ruiva. — Você já esteve com uma garota?

Ele balança a cabeça.

— Não. Nunca beijei uma garota. E você?

— Também não. A menos que a gente conte Louise Abernathy durante Sete Minutos no Céu quando eu tinha quatorze anos.

Ele rosna.

Jogo a cabeça para trás, rindo.

— Você está com ciúmes de uma garota que eu nem gostei de beijar, uma experiência que me ajudou a perceber que eu era e sou muito, muito gay?

— Tudo bem, vendo por esse ângulo — ele resmunga.

— Não se preocupe. Ficou bem claro que ela não era meu tipo.

Fitz faz uma careta.

— E qual é seu tipo?

— Esse jogador de hóquei tatuado, barbudo, arrogante, charmoso e viciante.

Ele sorri, um sorriso torto e delicioso que faz meu coração pular.

— Bom. Porque acontece que eu tenho uma queda por esse barman britânico sexy, sarcástico, forte e teimoso. Mas estou

realmente feliz por você não saber nada sobre hóquei.

Seu tom é vulnerável, e eu me apeguei a isso quando pergunto:

— Por quê?

— Porque meu trabalho nunca fez diferença nisso que existe entre nós — diz Fitz.

Seu olhar me diz que ele precisa ouvir alguma coisa de mim. Precisa da resposta para a pergunta que não fez. Porque esse fato, esse elemento da noite em que o conheci, é parte do que está acontecendo entre nós. Isso é parte do porquê isso estar acontecendo.

Meus dedos brincam com as pontas de seu cabelo.

— Essa coisa entre nós nunca teve a ver com isso. Nunca teve a ver com um nome ou um número na camisa. Eu nem sei qual é o seu número e nunca assisti a um jogo de hóquei. Você poderia administrar uma lanchonete, e eu ainda gostaria de estar com você. Poderia ser coletor de lixo. Chefe de uma empresa ou carteiro. Não me importo. — É uma onda inesperada de palavras saindo dos meus lábios, mas parece importante dizê-las, dizer a ele essa verdade. — Nada disso tem a ver com o que você faz. Tudo isso tem a ver com você.

Pela primeira vez desde que o conheci, o homem está sem palavras. Talvez eu o tenha atordoado. Talvez eu tenha falado demais. Mas ele nunca fica quieto por muito tempo, mesmo que esteja falando com o corpo.

Fitz me abraça com mais força, e o suspiro que escapa de seu peito parece expressar gratidão sem precisar de palavras.

Ele está muito perto de mim agora, insuportavelmente perto, e ainda assim eu o quero mais perto. Não quero que este momento acabe. Não quero que nada disso acabe.

Ele me beija, e é inebriante e selvagem, e precisamos sair daqui logo.

Fitz interrompe o beijo, pigarreia.

— Eu estive pensando em algo a noite toda — começa com uma voz rouca e decidida.

— Ah, é?

— Estive pensando nisso desde o banho de ontem de manhã. O que você fez comigo.

O momento desacelera. A música distorce. Tudo para com este homem e suas mãos em mim e as palavras que ele está dizendo. O que podem significar.

— É? — Minha mente está zumbindo.

— E em ontem à noite também. Sobre o que conversamos — ele continua um pouco sem fôlego, meio febril e incomodado.

Seus olhos azuis estão cravados em mim. A mão envolve meu quadril com mais firmeza. Minha pele arrepia.

— Fala — eu peço, desesperado para saber.

Ele respira, como se isso o alimentasse.

— Lembra o que eu disse sobre como deixaria você me foder?

Todas as minhas terminações nervosas ganham vida, cintilando com a possibilidade, e a promessa de prazer correndo por meu corpo.

— Eu me lembro perfeitamente.

Sua mão desliza por minhas costas até o pescoço, me segurando.

— Eu quero aquilo.

Minha boca está seca. Minha cabeça gira. Todo o meu corpo é uma rede elétrica ligada.

A perspectiva de foder Fitz vai me fazer perder a cabeça.

— Eu quero isso agora. Hoje à noite — diz ele.

Segundos depois, vamos embora.



# Capítulo 35

## Dean

A porta do meu apartamento mal tem tempo de fechar antes de arrancarmos as roupas. Nós tropeçamos a caminho da cama.

Fitz tira a cueca boxer, a última peça de roupa. Eu o observo avidamente enquanto ele deita na minha cama, como se aquele fosse seu lugar.

Sem pressa, ele acaricia o pau enquanto eu tiro a cueca e pego o lubrificante e um preservativo, deixando-os ao lado dele.

Monto nele e me inclino mais perto para perguntar algo importante.

— Quando foi a última vez para você? Assim?

— Faculdade.

Eu pisco, respiro fundo. Isso é quase demais. O que ele está me dando é um presente, e quero que seja extraordinário para ele. Minha mão desliza sobre sua ereção. — Então eu vou precisar de tempo muito, muito tempo preparando você.

Ele empurra o pau na minha mão.

— Não vou me incomodar com isso.

Saboreando a sensação dele em minha mão, me ajoelho entre suas pernas, seu corpo nu em plena exibição para mim. Meus olhos o devoram, desde o abdômen até os músculos das coxas, depois até os braços poderosos. As tatuagens enfeitam os bíceps, todas aquelas braçadeiras e raios de sol, as bordas visíveis quando ele cruza as mãos atrás da cabeça. Ele abre um pouco as pernas, e eu quase desmorono de desejo. Ele me consome, mesmo enquanto preenche todas as células do meu corpo. Sinto que este homem é meu. Inferno, não sinto. Nesse momento, Fitz é meu.

Seguro seu membro, e senti-lo quente e duro provoca um arrepio em minhas costas. Seus gemidos e sussurros acendem uma dúzia de fogos dentro de mim. Depois de mais alguns momentos alucinantes de carícias, eu o solto para poder lubrificar meus dedos e escorregá-los para dentro dele. Ele geme antecipando o que está por vir, enquanto



minha outra mão se concentra em seu pau.

— Isso — ele geme, enquanto esfrega o polegar nele como sei que é maravilhoso.

Depois de apenas alguns segundos, seu quadril sobe, e ele me procura, seu corpo pedindo mais, mais, mais. Empurro um pouco mais.

Ele é apertado e quente, e eu aprecio cada arrepio e gemido enquanto observo a onda de prazer em seu corpo perfeito. Meu pau dói, duro e pesado entre as pernas, mas meu pau pode esperar.

Eu quero ter certeza de que ele está pronto.

— Mais — Fitz sussurra, um apelo choroso.

Eu adiciono mais lubrificante, depois coloco outro dedo. Sua mandíbula se contrai, os olhos se fecham. Seu pau se contrai na minha mão, e vejo na ponta a evidência de seu desejo.

Seus lábios se abrem e ele está ofegante.

— Isso é muito bom. Eu quero você, quero muito.

Eu me curvo e beijo a ponta de seu pau, saboreando o gosto dele.

— Também te quero.

Fitz balança a bunda contra meus dedos.

— Me dá mais.

— Mais boca, mais dedos? Seja específico — provoco, lambendo seu mastro.

— Safado — ele geme.

— Do jeito que você gosta. — Eu puxo a cabeça entre os lábios para uma deliciosa chupada antes de adicionar ainda mais lubrificante e dar a ele o tratamento dos três dedos.

Ele se contorce, soltando um longo:

— Ah, porraaa.

Os gemidos que ele solta quando o penetro – obscenos, carnavais, os sons mais quentes que já ouvi na minha vida – deixam minha cabeça atordoada, a pele em brasa. Estou queimando por esse homem em todos os lugares.

Ele empurra o quadril contra mim com abandono, com necessidade selvagem.

— Dean — geme, seu corpo inteiro implorando. — Preciso do seu pau. Por favor, me fode. Entra em mim, amor. Entra em mim agora.

Entro em combustão, um fogo que deve ser suficiente para acionar o alarme de incêndio.

Retiro os dedos enquanto ele empurra o preservativo para mim, desesperado, mais excitado do que consegue expressar com palavras, e que visão!

Ponho o preservativo, adiciono mais lubrificante por cima da camisinha e me acomodo entre suas pernas novamente, afastando-as mais.

Por um segundo, me pergunto se o que vejo cintilando em seus olhos é nervosismo. Mas não, o que vejo é desejo. Vontade. Luxúria. E muita necessidade. Tanto quanto eu tenho. Tanto quanto eu sinto.

— Se doer, me avisa — falo com tom suave. — Promete?

Fitz desliza as mãos sobre meu peito.

— Prometo. Mas não vai doer. Vai ser incrível.

Deslizo a mão por seu membro enquanto pressiono a cabeça do meu pau contra sua bunda e empurro um pouco. Por um momento, juro, tudo fica parado. Mal entrei nele, e seus olhos estão arregalados, quase chocados.

— Respira — sussurro enquanto movo o corpo para frente, minha mão livre apoiada na cama ao lado de seu peito.

Ele assente, respira fundo e exala. Seus olhos mergulham nos meus, as mãos encontram meu abdômen, os dedos se abrindo sobre meus flancos enquanto entro um pouco mais.

— Ai, Deus — Fitz geme, e eu o acaricio novamente e afundo um pouco mais, sua bunda me agarrando com tanta força, tão intensamente, que eu tremo da cabeça aos pés. Solto seu pau e apoio as duas mãos na cama.

Os dedos dele apertam meu quadril e ele segura firme, dividido entre o prazer e a dor.

— É só falar, e eu paro — lembro tranquilo, com suavidade, deixando claro que vou ouvir suas necessidades, o que ele pode aguentar, o que não pode.

— Não para — ele murmura. — Só me dá um segundo.

Inclino a cabeça, beijo seu queixo. Ele solta um suspiro profundo. Em seguida, outro suspiro quando beijo sua orelha.

— Eu não vou a lugar nenhum — sussurro.

Eu posso senti-lo relaxando debaixo de mim um pouco mais a cada respiração. Meu corpo esquenta, e estou morrendo de vontade de me mexer dentro dele, mas vou esperar até que ele me dê autorização.

Levanto a cabeça e espero por ele. Até que ele esteja pronto.

Fitz solta um gemido baixo, me aproxima com as mãos.

— Preciso muito de você — diz, me respondendo com palavras e depois com atos.

Em uma fração de segundo, suas mãos assumem o controle total dos meus quadris, e ele me puxa para dentro, me leva mais fundo nele. Mais da metade agora.

— Ai, porra. Isso é bom pra caralho — ele grunhe.

Não consigo nem falar. É mais do que bom. E algo do outro mundo. Estou em outro sistema solar, enquanto sua bunda aperta meu pau e provoca a sensação mais intensa de todas.

O prazer faz minha pele arrepiar, e eu sou um fio exposto, queimando e faiscando.

Fitz respira com força, olho nos meus olhos, afasta os lábios.

— Tudo. Quero você inteiro.

Enquanto afundo dentro dele, suas pernas me envolvem. Eu me abaixo para estar a centímetros de seu peito enquanto o penetro. Não existe nada além dele e de mim, de nós. E *isto*.

Essa intoxicação de um longo e lento deslizar para dentro dele e olhar em seus olhos quando ele finalmente me leva até o fim. O som em seus lábios... *Sim*.

Seu corpo levanta, rola e arqueia contra mim. Ele é tão sexy, tão bonito, com aquele pau grosso e longo se projetando entre nós.

Abaixo um braço, puxo sua perna direita e a acomodo mais para cima em meu corpo.

Quando começo a me mover dentro dele, a realidade se impõe: não vou durar muito. Parece bom demais, perfeito demais. Ele é muito do que eu quero. Ele é tudo que eu quero. Ele é *isso*.

A verdade devastadora disso tudo me atropela. Não tem mais “me envolvendo”. Já me envolvi, e estou aqui.

Estou apaixonado por James Fitzgerald, esse homem que eu nem conhecia há uma semana. E agora ele é o único que eu quero.

Desesperadamente. Em todos os lugares. No meu corpo, na minha mente e, inconvenientemente, no meu coração.

*Foca no físico*, digo a mim mesmo enquanto deslizo para dentro e para fora. Tento falar coisas sexuais, para não deixar escapar um “estou apaixonado por você” no meio da transa. Minha voz sai rouca, grave.

— Tudo bem pra você?

— Você é bom pra mim — ele murmura, agora aberto, vulnerável, e algo se quebra dentro de mim, um pedaço do meu coração que não posso perder para ele.

Mas eu perdi a batalha. Dias atrás.

Eu não queria sentir isso, mas não deu para evitar. Eu sinto. Sinto tudo, mesmo tentando ao máximo focar o físico.

O calor. O ardor. No aperto dos músculos fortes de suas coxas à minha volta. Eu me concentro nos gomos duros de seu abdômen, no peito, na espessura de seu pau entre nossos corpos. A maneira como seu corpo me procura. Pede mais.

E nas mãos dele também, agarrando minha bunda enquanto entro e saio dele, apertando como se precisasse de mim mais fundo, muito mais fundo. Eu me levanto um pouco, deslizando a mão entre nós para segurar seu mastro. No segundo em que o toco, ele está gemendo e gemendo, mas balançando a cabeça também.

— Você ainda não pode fazer isso. Eu vou gozar muito forte, se você me tocar. Quero que isso dure. — Fitz afasta minha mão dele e se apoia nos cotovelos, se aproximando de mim. — Preciso te beijar. Me beija enquanto me fode.

O fogo se espalha em mim com a intensidade de suas palavras, de seu olhar. Como posso resistir a ele? Nunca consegui. Mesmo quando tentei, não consegui. Não consigo resistir a nada com ele, com esse homem que entrou na minha vida e insistiu em mim. Que me perseguiu, me desafiou, me encontrou. E encontrou meu coração também.

Enquanto movo o quadril, meu pau pulsa dentro dele, ansiando por alívio, mas eu luto contra isso quando ele segura minha cabeça e me puxa. Ele ataca minha boca ferozmente, me fodendo com a língua enquanto eu o fodo com o pau.

Seu mastro pulsa quente e duro, gotículas escorrem entre nós. Sentir ele assim, no limite, provoca arrepios de tesão em minhas costas.

Fitz diminui a intensidade do beijo por um segundo, murmurando contra meus lábios:

— Eu amo tanto te beijar. Vou sentir muita falta, gato.

— Eu também — sussurro, sentindo muito, querendo muito.

Agora estou no limite. Meu corpo não é nada além de prazer, nada além de felicidade. Minha mente mergulha em uma névoa maravilhosa e extática enquanto me movo dentro dele, balanço o

quadril, acarício mais fundo.

— Eu amo te foder — diz Fitz com outro beijo exigente. — Mas eu amo isso também. Você me fodendo. Quero de novo e de novo. — Suas mãos me agarram com mais força, enquanto as pernas me apertam. — Adoro tudo isso — ele sussurra entre mordidas e beijos profundos.

Ele não está dizendo certas palavras exatamente.

Mas pouco importa. Eu as sinto no fundo a alma e no coração, sei o que está acontecendo. Odeio isso, e também amo isso. Amo muito.

Essa conexão.

Essa intimidade incrível e intensa que é física e muito mais — mais do que dois corpos se encontrando. Vai muito além da química, de moléculas e órgãos. Estamos nisso. E não sei como recuamos. Seu rosto muda com o prazer, como se ele estivesse se fragmentando.

— Gato — ele resmunga. — Preciso gozar.

Ele solta minha cabeça, segura seu pau. O momento volta o plano físico quando afasto sua mão.

— Eu vou te levar lá — digo, me sentindo possessivo, precisando levá-lo ao limite.

Querendo ser o único a fazer isso com ele, para ele, por ele. E faço. Eu o acarício enquanto a agonia modifica suas feições — as minhas também, enquanto tento evitar meu alívio. Mas é inútil porque ele está gemendo e grunhindo, e os sons provocam minha explosão.

— Sim. Vou gozar — ele diz, e eu o vejo explodir de desejo, o veio transbordar em jatos sobre seu ventre, no peito.

Essa imagem me leva além do limite. Meu prazer explode, queima no sangue, incendiando minhas veias e tomando conta de todo o meu ser.

Eu gemo, enquanto meu clímax me cega com uma névoa de neon eletrizante, até nós dois estarmos sem fôlego. Afundo nele, e ele me beija.

— Amo te beijar — ele sussurra de novo e de novo, como se não pudesse deixar de dizer isso, como se não pudesse parar de fazer isso. — Amo muito.

É só o que ele está dizendo, mas sei o que ele não está dizendo. Sei o que ele está sentindo, porque eu também estou sentindo.

— Eu também amo muito — digo, e ele me abraça.

E nós sabemos.

Nós dois sabemos o que aconteceu em tão pouco tempo em Londres depois da noite em que ele entrou no meu bar.

O problema é que não faço ideia do que vai acontecer amanhã quando ele entrar naquele avião.

Mas eu tenho que descobrir isso.

No meio da noite, enquanto Fitz está dormindo profundamente e não consigo nem cochilar, procuro voos. Procuro detalhes. Estudo cenários.

Persigo todas as combinações possíveis e faço uma lista na minha cabeça de prós e contras. Sinto-me esperançoso e ridiculamente tolo. E, em seguida, esperançoso novamente quando olho para Fitz, seu peito subindo e descendo, sua respiração entrando naquele ritmo constante e pacífico.

Suavemente, sem acordá-lo, passo a mão em seu cabelo, relembrando os últimos dias, lembrando de domingo na *Fortnum & Mason* quando estabelecemos as regras. *Isso é só um lance. Nada mais*, eu disse a ele.

Acreditava fervorosamente nisso naquela tarde. Parecia um fato, como se nada fosse mudar isso. Poderíamos policiar nossas emoções. Poderíamos fazer as regras e nunca deixar de cumpri-las.

Balanço a cabeça, silenciosamente rindo de nós dois. Foi preciso tão pouco para nos fazer ceder! Largo o celular e tento dormir mais uma vez.

Mas então me lembro do que ele disse naquele dia. E isso me atinge com a força de um furacão.

*Meu trabalho é tudo para mim, porque significa que posso cuidar da minha família. Facilitar a vida da minha mãe. Dar a ela todas as coisas que ela nunca teve quando éramos crianças.*

Esse é o xis do problema. Eu me importo demais com ele para atrapalhar tudo.

# QUINTA-FEIRA

**Também conhecido como o dia em  
que nos despedimos.**





# Capítulo 36

## Fitz

Dean mantém sua palavra.

Ele faz o café na manhã seguinte – uma omelete de cogumelos acompanhada por morangos cortados – e meu estômago está no paraíso.

— Nunca mais vou debochar de você por causa do clube de culinária — digo ao me sentar, deixando a xícara de café sobre a mesa.

E faço uma careta.

Dean levanta uma sobrancelha sobre a xícara de chá.

— Um pouco dolorido?

Rio baixinho.

— Sim. Alguém que eu conheço é meio bem-dotado.

Ele se senta na minha frente, sorrindo.

— Desculpa. Mas não me arrependo.

Toco o peito do lado esquerdo.

— Sem arrependimentos, gato. Sem arrependimentos. É uma dor boa.

Ele começa a comer, leva um bocado à boca, mastiga e engole antes de acrescentar:

— Sabe, tem uma maneira infalível de lidar com essa situação.

Torço o nariz. Não quero ouvir nada sobre remédios estranhos. Pode me chamar de desconfiado.

— Qual?

Dean chega um pouco mais perto.

— Fazer isso de novo. — Ele come mais um pouco. — E de novo. — Mais um pouco. — E de novo.

Eu toparia.

— Só tem um pequeno problema nesse tratamento.

— Sua necessidade incessante de ficar por cima? — ele pergunta

com um olhar irônico.

— Não — protesto enfático.

— E qual é? Não é nada incessante. Eu lembro do seu pau na minha bunda ontem à noite, viu?

Dean finge considerar isso profundamente.

— O que você lembra sobre isso?

Eu me aproximo de Dean.

— Lembro de amar cada segundo — digo, e seus olhos escurecem, mergulham nos meus.

— Cada segundo?

— Cada segundo — repito, um pouco surpreso com a força da minha reação a ele em cima de mim, com a vontade de tentar de novo, de explorar essa possibilidade com ele na cama, algo que eu sinceramente nunca quis com mais ninguém. — Amei.

Eu deslizo minha mão sobre a dele, correndo meu dedo sobre as veias, uma onda de nervosismo reaparecendo brevemente em meu peito. Mas dane-se isso. Dane-se o nervosismo. Acabo com ele como faço nos jogos – não tem lugar para nervosismo no meu mundo.

— Eu quero de novo.

— Você quer? — Sua voz soa rouca.

Engulo em seco e assinto.

— Quero. Com você. Só com você. Foi incrível. — Deslizo o polegar ao longo de seus dedos. — Mas não acho que foi apenas o físico.

— Não foi... — ele diz.

Tenho que concluir o pensamento. Fui eu quem estabeleceu essa regra – de como seríamos no quarto. Eu precisava de controle.

Precisava de controle no quarto porque isso me dava controle sobre minha identidade, controle sobre como eu era visto, algum tipo de controle sobre minha carreira.

Mas não preciso controlar tudo com Dean, e tem um motivo para isso.

— Não. Não foi só físico. É... — Eu paro, inspiro, mergulho fundo em meus medos, mas os enfrento de qualquer maneira, falando com o coração. — É porque eu confio em você.

Ele vira a mão e segura a minha.

— Você pode e deve confiar em mim.

Confio. Mais do que esperava. E isso é muito bom.

— Então, o que vamos fazer com isso?

Os lábios de Dean se curvam.

— Com seu interesse recém-descoberto em mudar? — Ele sorri malicioso. — Vamos explorar essa porra toda.

Eu rio, balançando a cabeça.

— Babaca.

— Você é tão fofo, Fitz. Não deixa ninguém dizer que você não é fofo. Porque você é o mais fofo.

— Mudar é fácil. Estou falando sobre o *grande* problema. — Eu gesticulo amplamente, como se isso pudesse abranger as intermináveis milhas entre Londres e Nova York. — A coisa de quase seis mil quilômetros. Porque esse é o verdadeiro problema da sua sugestão de tratamento para o meu novo interesse pela mudança — digo, e como um pouco da refeição maravilhosa. — Além disso, cara, você cozinha muito bem.

— Obrigado. — Dean também come um pouco e engole antes de acrescentar: — E são cinco mil, seiscentos e quinze quilômetros. Para ser mais preciso.

Murmuro meu apreço por sua diligência, depois faço minha imitação favorita dele.

— É mesmo?

— E cerca de seis horas e cinquenta minutos de voo — acrescenta.

Largo o garfo, pego a xícara de café e bebo um longo gole, depois assobio baixinho em sinal de apreciação.

— Alguém andou pesquisando.

— Você mesmo disse. Eu sou o pensador.

— Você fez uma lista de prós e contras também?

Volto ao meu café da manhã, mas quando pego uma garfada de morangos, tenho a sensação mais estranha, meio como um déjà vu, mas não exatamente. Parece que estou me lembrando de algo que vai acontecer. Ou melhor, que posso começar a ver mais adiante, como quando imagino a trajetória dos discos no gelo.

— Às vezes faço listas de prós e contras — responde Dean.

Sua voz é distante enquanto minha mente se prende a essa imagem. É difícil de entender, uma imagem de contornos nebulosos, parece algo que eu quero.

Balanço a cabeça, tentando entender meu cérebro.

— Você já teve visão adiantada?

— Como é que é?

Faço um gesto de “segue meu raciocínio”.

— É como um déjà vu, mas para algo que vai acontecer.

Ele franze a testa.

— Isso é uma premonição. Você está tendo premonições? — Ele parece preocupado.

Balanço a cabeça com firmeza. Devo parecer meio doido.

— Não. Foi mais como um sentimento, uma sensação de algo que poderia acontecer.

Sua voz fica séria.

— E sentiu isso agora?

— Isso.

Ele simplesmente balança a cabeça e come mais um pouco.

— Interessante.

— Por que é interessante? — A pergunta soa mais defensiva do que eu pretendia.

Ele ri e abaixa o garfo.

— Fitz, você trouxe assunto à tona. Estou apenas comentando que é interessante.

Coço o queixo, tento resolver essas ideias rudimentares, esses esboços de bonequinhos de palitos na minha cabeça.

— Sim, desculpa, gato. Acho que estou distraído, só isso. O voo e tudo mais... Minha mente é como uma estação de trem agora.

— Compreensível.

Volto à questão importante, pois quero um pouco de clareza antes de ir. Eu preciso disso.

— Você fez uma lista de prós e contras para nós? — pergunto, e meu estômago revira um pouco com o nervosismo.

Porque quero que ele tenha encontrado todos os prós. Quero que ele me diga que vai encarar essa coisa de relacionamento à distância, mesmo que eu não queira isso com ele. Essa é a ironia dessa situação impraticável com Dean.

Eu quero tudo dele, e não sei como me contentar com os fragmentos que posso ter. Eu sou um cara que vai fundo. Um cara que não gosta de meios-termos.

*Não faça nada pela metade quando puder dar 110%. É assim que*

tenho sido durante toda a minha vida. Foi o que eu tive que fazer por minha mãe quando meu pai morreu. Talvez não imediatamente, talvez não por alguns anos. Mas quando eu era adolescente, depois que ouvi de muitos treinadores que eu tinha uma chance na NHL, soube que tinha que dar cada gota de sangue, suor, lágrimas, sorte e talento ao hóquei. E foi o que eu fiz.

Essa determinação me trouxe onde estou hoje, um lugar onde posso finalmente fazer a diferença para minha mãe. Onde posso ser o homem da família.

Eu sei como fazer isso. Treinei minha vida inteira para dar tudo de mim.

Mas para dar só uma parte? Dar um pouco de mim quando conseguirmos alinhar nossas agendas? Não sei como fazer isso. Mas tenho que descobrir. Por Dean, vale a pena.

Talvez prós e contras sejam o caminho para começar. Quando me levanto e limpo os pratos, digo:

— Fala sobre sua lista, gato.

— Vou dar uma dica. — Seu sotaque inglês soa um pouco melancólico quando ele se junta a mim na cozinha. — São todos contra, exceto uma coisa.

Meu estômago se contrai de medo enquanto me preparo para os contra.

— Começa pelas más notícias. — Coloco os pratos na pia e viro para encará-lo.

Dean se aproxima de mim, me puxa para perto.

— É muito mais fácil se eu disser o pró.

O *pró*. Só um. Tenho a sensação de que sei para onde essa conversa está indo.

Não estamos indo a lugar nenhum.

Eu me preparo para a rejeição.

— Qual é?

Ele enlaça minha cintura com os braços, provavelmente para diminuir o impacto, e diz:

— Você.

Isso deveria me deixar feliz, mas não deixa.

— Dean — falo, e odeio essa voz apaixonada por ele. Eu pareço um cara com uma paixão não correspondida.

— Fitz...

— Você está...?

Nem sei como dizer. *Acabando tudo?* Porque as coisas estavam sempre acabando, e eu tenho que me lembrar disso.

Mas ontem, ontem à noite parecia um novo começo, outra chance de descobrir como fazer isso.

Ele beija minha boca com ternura.

— Não. Não vou terminar — diz, seguindo meus pensamentos. E me puxa de volta. — Mas eu estive pensando.

Meu estômago revira novamente, e preciso me controlar, porque me sentir assim é tolice. Eu sabia que haveria uma separação. Sabia que meu tempo com ele estava acabando. Mas no fim, dói demais. Cerro os dentes. Vou segurar minha onda.

— Acho que você precisa se concentrar nos treinos — diz ele, calmo, mas não clínico.

Parece que estive pensando nisso por um tempo, revirando isso em sua cabeça.

— Eu sei. E vou. Mas onde você quer chegar?

Dean limpa a garganta.

— No domingo, você me disse que seu trabalho era a coisa mais importante para você. A última coisa que quero é que vá para casa e perca isso de vista. Você disse que tinha esse pacto com seus companheiros porque chegaram perto no ano passado, mas não conseguiram. Disse que seus companheiros de equipe contam com você.

— Sim. Isso é tudo verdade.

Dean passa a mão no meu rosto, e eu a acompanho, como um gato procurando carinho. Uma porcaria de gato desesperado. Esse é o meu destino. Deus me ajude.

— Então deixe que eles contem com você. — Sua voz é gentil, amorosa, até. — Acho que você precisa se concentrar nisso quando voltar para casa, e não em mim. Você e eu, não sabemos fazer as coisas pela metade. Se começarmos a ligar, mandar mensagens de texto ou conversar todos os dias, isso vai acabar com seu controle.

Eu franzo a testa.

— Está dizendo isso por mim?

E então consigo identificar o que isso parece. É um discurso de separação.

Mas ele não olha para mim como se estivesse me mandando embora.

— Eu me importo demais com você para ser a razão da sua distração. E acho que isso aconteceria agora.

— Você quer esfriar?

— Não quero — diz ele, segurando meu rosto. — Mas não quero atrapalhar sua carreira. Seu sucesso. — Ele sorri. — Além disso, eu conheço você. Vai me ligar em alguns dias. Vamos conversar, vamos falar sacanagem, vamos conversar por vídeo, e vamos gozar juntos em pouco tempo.

Eu gemo.

— Percebe que isso é uma delícia?

— Eu sei. Essa é a questão. Vamos entrar em combustão. Mas você fez seu pacto por uma razão. Precisa honrá-lo. Eu quero que você o honre. — Sua mão desliza para o meu ombro, pelo braço. — Não vou ficar com mais ninguém. Não posso.

— Eu também não posso.

Dean aperta meu braço.

— Você entendeu? Por que estou dizendo isso?

Engulo em seco, entendendo.

— Sim. Você vai ser a única coisa na minha cabeça, e preciso me concentrar no gelo, no plano de jogo. — Respiro fundo. — Mas e aí? Depois que a temporada começar?

— Talvez quando tiver feito essa coisa, seja qual for esse pacto e como ele funciona, você me liga. Manda uma mensagem. Faz uma chamada de vídeo comigo. Vamos fazer... alguma coisa.

Consigo esboçar um sorriso.

— Alguma coisa?

Meu homem passa a mão sobre o tecido da minha camisa.

— Alguma coisa boa.

Consigo sorrir novamente. A perspectiva de alguma coisa com ele, algum dia é suficiente para me fazer seguir em frente.

— É? Está falando sério?

Dean empurra a pélvis contra a minha.

— Claro que estou falando sério, idiota.

Eu rio e passo a mão na cabeça dele.

— Tem certeza?

— Tenho. E eu não sei o que acontece depois disso, então, não me pergunte agora. Eu não tenho bola de cristal. Tudo o que sei é que me importo com sua carreira, seu trabalho e sua família, e não quero

ser a razão para você não conseguir se concentrar, ou para seus companheiros de equipe colocarem papel higiênico no seu armário, ou sei lá que vocês fazem.

Eu sorrio.

— Você acha que eles mexeriam no meu armário, se eu me distraísse com o barman britânico sexy que deixei para trás? Acha que é isso que eles fariam?

Ele dá de ombros.

— Sinceramente, não faço ideia.

— Talvez joguem ovos no meu carro?

— Você tem um carro?

— Não. Não tenho carro. — Pigarreio. — Eles não vão mexer no meu armário, nem jogar ovos no meu carro, nem colocar cola no meu xampu. Eles fariam outra coisa, se eu estivesse com a cabeça toda ferrada.

— O que eles fariam?

— Meu capitão falaria comigo. Ele me faria sentar, diria para eu recuperar o foco. Tirar a cabeça do rabo. Diria para eu treinar passes. Treinar arremessos. Treinar passes um a um.

— Esse último parece divertido — diz Dean, balançando as sobranças.

— Com você seria, mesmo. — Seguro seu rosto. — Pensei que estivesse terminando tudo.

Dean balança a cabeça.

— Não. Acho que não consigo. — Ele solta um longo suspiro. — Mas, Fitz, ainda não tenho ideia de como fazer funcionar. Não tenho mais respostas hoje do que tinha ontem. Tudo que sei é que você precisa se concentrar em seu trabalho pelos próximos trinta dias ou pelo tempo que for, e acho que você pode fazer um trabalho melhor se não estiver fazendo strip-teases para mim pelo FaceTime.

Puxo o cós de sua calça jeans.

— Deixa eu te mostrar meu strip-tease agora.

E é isso que faço.

Ainda assim, a manhã caminha para um fim cruel.

Arrumo a mala, fecho o zíper e desconecto meu telefone da parede onde ele ficou carregando esta manhã. Tem uma mensagem de



Ransom.

**Ransom:** Você está pronto? É bom que esteja. Nós vamos trazer a taça.

Eu envio uma resposta rápida.

**Fitz:** Vamos.

**Ransom:** Dominação mundial, mano.  
Dominação mundial.

**Fitz:** Nada menos.

Fecho a conversa, mais um lembrete de que Dean está certo. Melhor interromper essa coisa com ele por enquanto. Por um tempo. Quinze minutos antes de eu ter que sair, Emma toca a campainha. Ela sobe, e eu a abraço e digo que espero atualizações regulares.

— Você terá mais do que pode suportar — diz ela.

— Eu sempre posso lidar com suas atualizações — respondo.

Ela fica na ponta dos pés para dar um beijo na bochecha de Dean.

— Eu te vejo por aí.

— Venha quando quiser — diz ele.

— E me avise se quiser ir para a Galeria Nacional.

Eu reviro os olhos, interrompendo.

— Vocês estão tentando me matar? Estão me deixando ridiculamente enciumado.

— Não se preocupe. Vamos transmitir ao vivo os Van Goghs para você — ela brinca.

— Não são os Van Goghs que eu quero ver — digo.

— Eu sei, James. Eu sei.

Saímos juntos, nós três, e enquanto espero o carro de aplicativo para Heathrow, me afasto alguns metros com Emma.

— Obrigado novamente — digo a ela.

Ela sorri.

— Eu tive um pressentimento sobre vocês dois.

— Você estava certa.

— Liga para mim quando descobrir o que vai fazer.

— Não tem nada para fazer.

— Como eu disse. Estarei aqui.

Ela acena e vai embora, e eu volto para Dean e o carro que já chegou.

Aponto o automóvel.

— Vem comigo até o aeroporto.

— Ah, o velho adeus no aeroporto.

— Vem se despedir de mim no aeroporto, gato.

— Como se eu fosse fazer qualquer outra coisa.

Ele tranca o apartamento, e entramos no carro para ir para Heathrow.



# Capítulo 37

## Dean

Ficamos na frente da segurança do aeroporto. O homem com quem passei os seis dias mais fantásticos da minha vida vai embarcar em menos de uma hora. Ele está partindo, e isso está terminando, e meu coração idiota dói. Dói mais do que eu jamais imaginei que doeria. Se isso é coração partido, eu não quero sentir de novo. As despedidas são terríveis.

Ele está a poucos centímetros de mim, parecendo de alguma forma ainda mais bonito do que na noite em que entrou no meu bar. Porque agora eu o conheço. Posso ver além daquele sorriso arrogante. Além da arrogância. Além de todo esse charme. Eu vi dentro do coração dele e sei quanto é grande e incrível. Ele olha para mim, um olhar que parece dizer tudo. *Isso é uma merda, por que estou indo embora, por que você não vem comigo, por que não posso te ver todos os dias?*

Um olhar que diz *O que realmente vai acontecer em um mês? Como serão as coisas depois dessa... pausa?*

Parte de mim pensa que talvez eu esteja lendo demais em sua expressão. Mas parte de mim sabe que é exatamente isso que ele está pensando.

— Acho que é isso — digo.

Fitz segura meu rosto com as duas mãos, me puxa para perto e descansa sua testa contra a minha.

— Você não tem ideia do quanto vou sentir sua falta — sussurra emocionado.

Enlaço seu pescoço e respondo.

— Não, você está errado. Tenho ideia, sim, porque sinto o mesmo.

Ele pressiona os lábios nos meus, um beijo suave e pungente que me arrepia. Tento diminuir a importância disso.

— Tentando me excitar em Heathrow?

Ele sussurra no meu ouvido.

— Isso é muito mais que tesão, e você sabe disso.

Não adianta lutar contra isso. Não adianta negar.

— Eu sei, Fitz. Eu sei.

Ele se afasta para poder me encarar.

— Você sabe o que é isso. — É uma afirmação, não uma pergunta. Seus lábios se curvam em um sorriso impotente, a expressão é triste. — Eu me apaixonei por você.

Fecho os olhos por um segundo, absorvendo a intensidade de suas palavras, o peso, a força delas. Eu as deixo abrir caminho dentro de mim, preenchendo todos os cantos, me fazendo sentir vivo como nunca me senti antes. Nada chegou perto disso. Ninguém. Nunca. E agora eu sinto isso em todos os lugares, e ele está indo embora.

Abro os olhos, afasto os lábios e agarro sua camisa com um gesto frustrado.

— Eu não acredito que você fez isso.

Seus lábios se curvam em um sorriso curioso.

— Fiz o quê? Me apaixonei por você?

Aperto o tecido.

— Entrou no meu bar, entrou na minha vida, entrou na porra do meu coração. Não acredito que você fez isso comigo. E agora você vai embora.

Fitz sorri para mim novamente.

— Por que isso te incomoda tanto, Dean?

Ele sabe o que está fazendo. Ele está me provocando.

Fitz sempre esteve à frente. Fitz sempre foi quem abriu seu grande coração para mim. Desgraçado. Desgraçado por me fazer tão difícil e dizer adeus.

Solto a camisa e seguro a parte de trás de sua cabeça com a mandíbula contraída, o corpo tenso com a horrível realidade de sua partida.

— Porque... — respondo. — Porque você sabe o que aconteceu. Você sabe porque sente isso também.

A intensidade em seu olhar deve ser a que ele leva ao gelo. Ele traz isso para este momento ao exigir:

— Fala.

Fico firme por um momento. Talvez se eu mantiver essa verdade dentro de mim, se guardar meus sentimentos para mim mesmo até ele entrar no avião, eu não tropece e estrague minha maldita vida inteira.

Agora entendo porque tenho evitado o amor.

Eu entendo por que escolhi homens como Dylan, caras que eu sabia que em algum nível eu nunca levaria a sério. Se eu nunca levasse a sério, nunca enfrentaria isso. E agora estou aqui.

Agora estou levando uma tremenda surra, porque me apaixonei, contrariando todo o meu bom senso, meu cérebro, minhas regras. Minha lista de prós e contras.

Assim que eu disser isso, não sei como poderei me impedir de entrar naquele avião com ele, guardar sua bagagem e fazer tudo que for preciso.

Esse é o problema. Eu o quero muito. Muito, demais. Nunca fui capaz de resistir a ele, mesmo que devesse, mesmo sabendo o que poderia acontecer, se cedesse. E agora, acho que não consigo resistir a contar a verdade.

Mais do que isso, não quero. Apesar dos meus medos, quero que ele saiba o que fez comigo.

Deslizo a mão por sua nuca, puxo-o para perto.

— Eu também me apaixonei por você — sussurro.

No segundo em que as palavras saem da minha boca, ele esmaga meus lábios no beijo mais maravilhoso e terrível da minha vida. Maravilhoso porque é com o homem que amo, e terrível porque ele está indo embora.

— Eu tenho que ir — diz ele quando encerra o beijo.

— Eu sei.

— Vou pensar em você o tempo todo.

Eu balanço a cabeça.

— Não pensa em mim. Apenas faça o seu trabalho.

— Não posso evitar. — Ele bate na têmpora. — Você está aqui. — E no peito. — E aqui.

Dou a ele meu sorriso mais irônico.

— É recíproco.

Ele estende as mãos.

— Eu amo você. É isso.

Ele passa pela segurança, olhando para mim quase a cada segundo.

Não me movo. Eu fico de pé, com as mãos nos bolsos da calça jeans, olhos fixos naquele homem enquanto ele coloca sua bagagem de mão na esteira, enquanto ele passa pelo scanner, então ele pega a

bolsa do outro lado. Então, um último aceno. Retribuo.

Eu o vejo virar a esquina e desaparecer, seguir para embarcar em um avião para os Estados Unidos, onde vai voltar à sua vida agitada de três jogos por semana, viagens constantes, a vida na estrada, os companheiros de equipe que precisam dele, a família que depende dele. E eu volto para o meu cantinho dessa cidade que amo. O único lugar onde já vivi. O único lar que já conheci. E que ficou um pouco mais cinza sem ele.

# SEMANA SEGUINTE

**Também conhecida como sofrimento.**





# Capítulo 38

## Fitz

Estou destruído. Oficialmente esgotado. Completamente exausto.

Mas é um tipo bom de cansaço que eu sinto no fundo dos ossos e em cada maldito músculo do meu corpo. É o cansaço que vem de corridas e mais corridas e ainda mais corridas.

De exercícios, de trabalhar com novatos, do tempo na sala de condicionamento fazendo cardio, pesos e mais pesos.

Só paro para as refeições, ver meus companheiros de equipe e conversar com Logan, Summer e Oliver.

Durante toda a semana seguinte, faço de tudo para ficar focado.

Nosso último treino é aberto à torcida e, quando terminamos, as pessoas aplaudem ao sairmos do gelo.

Ransom acena para o pessoal na beira do rink.

— Pronto para autografar algumas camisas e discos?

— Sempre — respondo, batendo os punhos com meu companheiro de equipe.

Alguns jogadores patinam até as arquibancadas, conversam com os superfãs, como chamamos os torcedores que comparecem aos treinos. Uma morena é particularmente tagarela com Ransom, enquanto um cara mais velho que já foi treinador conversa com o goleiro. Um cara da minha idade me pede para assinar sua camisa.

Finalmente, resta apenas uma mãe e seu filho, e eles esperam por mim e Ransom.

— Vocês dois são meus dois jogadores favoritos. — O garoto deve ter uns doze anos e usa aparelho nos dentes.

— Você tem um gosto excelente, então — diz Ransom, assinando um taco de hóquei para ele.

— Gosta de jogar? — pergunto, e dou meu autógrafo também.

O garoto assente.

— Gosto. Mas não consigo decidir se prefiro ser defesa ou atacante.

— Seja atacante — Ransom sussurra teatral. — É o melhor. Você ganha pontos.

Balanço minha cabeça.

— Defesa, cara. Esse é o caminho. Você consegue parar a outra equipe. E olha só, consegue pontuar de vez em quando também.

O garoto dá de ombros e sorri.

— Mas também gosto de basquete. Talvez eu possa praticar os dois esportes. Obrigado, Ransom. Obrigado, James.

Ele se vira para ir embora, e a mãe passa um braço em volta dele enquanto o guia para fora do rinque.

— “Jogar os dois esportes”. Tudo parece tão possível — comento, me distraindo por um momento, pensando em outras possibilidades que nunca saem da minha cabeça.

— Cara, você está ficando todo filosófico agora?

— O quê? — pergunto confuso.

Ransom olha para mim com um ar exagerado e cauteloso.

— Você parece... estranhamente contemplativo.

Dou uma gargalhada e paro. É mais difícil rir hoje em dia. Que diabos? Isso é um subproduto de se apaixonar? Deveria haver um panfleto de advertência para o amor – os efeitos colaterais incluem coração doendo, mente descontrolada e deixar de ver graça em quase tudo.

— Eu me sinto estranhamente contemplativo de vez em quando — admito. — Só existe uma cura para isso.

A cura é churrasco.

É bagunçado, delicioso e uma completa distração.

Até que Ransom termine sua história sobre o que ele fez no verão – tirolesa na Costa Rica, seguido de mergulho de penhascos e, em seguida, paraquedismo.

Levanto o olhar do prato, onde deixo a costela, e limpo a boca com o guardanapo.

— Você fez tirolesa, mergulhou de penhasco e saltou de paraquedas? Isso não é... ah, eu não sei... contra o seu contrato?

— Não. Meu contrato permite isso — ele diz, zombando de mim. Mostro o dedo do meio.

— Idiota.

— Cara, e você? Inven­tei tudo isso para ver se você estava prestando aten­ção. Você vai me contar sobre suas férias de verão e por que está tão distraído o tempo todo?

Eu franzo a testa.

— Não estou distraído. Estou arre­bentando no gelo. Acho que você está com ciúme, só isso.

Mas até essa pequena palavra – ciúme – me lembra Dean. A maneira como nos provocamos por ciúmes. Ele dizendo que ficaria com ciúmes dos caras dando em cima de mim, e eu fazendo cara feia para a garçõ­nete que deu em cima de nós.

— Você está bem no gelo, cara — diz Ransom. — Nem é disso que estou falando.

— Então do que está falando? Tente em inglês. Porque não está fazendo sentido.

Ele arqueia uma sobrancelha, apontando com o polegar para trás na direção do rinque.

— Aquele cara que queria que você assinasse a camisa dele? Antes do garoto?

— Sim?

— Ele estava dando em cima de você. Assim como o garçom da hamburgueria ontem à noite. Você nem percebeu.

Quê? Isso é novidade para mim.

— O garçom também? E o cara hoje?

Ele revira os olhos.

— Como se fosse surpresa. Você é quase tão assediado quanto eu.

— Mais — resmungo.

— Tanto faz. Mas agora está com a cabeça nas nuvens, e sair com você está acabando com meu esquema com as mulheres, já que não está pegando mais ninguém.

— Ah. Lamento se não consegue sair com uma garota. Você já pensou em se olhar no espelho e talvez fazer uma plástica?

Ele balança a cabeça, estala a língua.

— É disso que estou falando. Essa é a primeira piada que você conta em uma semana. Qual é o problema? Você ficou, tipo... sem graça. E ainda por cima, não percebe mais os caras.

— Bom, olha só. O pacto? — Eu digo, apontando para a explicação óbvia, mesmo que não seja esse o motivo.

— Sim. Estou no mesmo pacto, mano, mas ainda noto as gatas. Posso não fazer nada sobre isso, mas com certeza eu noto. Qual é? Você foi para a Inglaterra e se apaixonou?

Eu paraliso. É tão óbvio?

Conto alguma coisa para o meu amigo? Ransom e eu saímos para comer, jogamos pingue-pongue com os caras e falamos besteira no avião da equipe, de vez em quando contamos sobre um lance com alguém, mas não temos conversas profundas sobre relacionamentos. Nunca tivemos. Ele nunca esteve em um relacionamento desde que o conheci. Uma mulher partiu seu coração uma vez, e desde então ele tem sido um solteiro convicto.

Mas agora estamos percorrendo um novo território da amizade, e não sei bem como andar por ele. Só falei sobre Dean com Emma, mas ela está a um continente de distância.

Não tenho certeza do que dizer a Ransom, então tento desviar.

— Por que tantas perguntas?

— Porque você pode ser um mestre Zen focado no ringue, mas fora do gelo, está meio perdido. — Ele apoia os cotovelos na mesa. — Você está bem, cara?

Suspiro. Ele tem razão. Eu sei que ele está certo. Posso estar perfeitamente focado fisicamente, mas mentalmente estou em outro lugar. É assim desde que saí de Londres há seis dias. Mesmo que Ransom e eu não sejamos amigos do tipo *vamos tricotar e bater um papo*, talvez seja apenas porque nunca precisamos.

Tenho certeza de que preciso disso agora.

— Sim, eu me apaixonei — declaro com um tom pesado.

Ele fica de queixo caído. Solta o *uau* mais chocado do universo.

— Tá brincando!

— Não.

— Sério?

Levanto a mão como se estivesse fazendo um juramento.

— É verdade.

Ele oferece um punho para bater.

— Bate aqui, mano.

— Não tenho certeza se isso é uma coisa digna de cumprimentos e comemorações — aviso, mas bato de qualquer maneira, já que não se deixa um companheiro de equipe no vácuo.

— É claro que é. O jogador se apaixona. — Ele se inclina para

trás na cadeira, me convidando a falar. — E aí, como é a história? Vai manter tudo em suspensão até o fim do pacto, e depois...?

— E depois o quê? — pergunto. — Ele mora em Londres. Eu moro aqui. Não há muito o que fazer.

A garçonne passa e pergunta se precisamos de alguma coisa, sorrindo para Ransom. Ele diz que não, mas quando ela se afasta, acena em sua direção.

— E se você não vai ver esse cara novamente, então vai voltar para a pista quando a temporada começar?

Eu me encolho, balançando a cabeça.

— Deus, não.

— Cara, você está mal — ele diz, e o jeito como olha para mim me diz que agora sou um filho da mãe apaixonado.

— Não brinca.

Eu sei cumprir ordens. Eu as levo a sério. Eu as respeito. Então, sou um bom menino e resisto, não falo com Dean. Mas evitar as fotos dele? Nem tanto.

Naquela noite, quando estou sozinho, aumento o volume do som, tomo um banho longo e quente – durante o qual penso muito nele, porque é isso que faço no banho – depois me seco e deito na minha cama. Minha cama grande e vazia.

Olho para o lado desocupado desta vasta *king size*, desejando poder vê-lo escorregando em minha direção.

Ou o cenário mais provável, eu me jogando sobre ele e puxando para mim para uma boa e longa trepada. Um arrepio estremece meu corpo quando penso nisso. Pego meu telefone e clico em uma pasta.

Se o Google pudesse me denunciar por ver fotos, eu já teria sido algemado seis milhões de vezes. E não me arrependo.

Eu clico na minha favorita – a da *Tower Bridge* – primeiro. Sorrio quando a lembrança passa diante dos meus olhos. Esse foi o dia em que eu soube que poderíamos resolver tudo, porque foi o que fizemos em nossa primeira briga.

Em seguida, a foto na Ponte do Milênio. Foi quando eu soube que sempre poderia me divertir com ele, porque nos divertimos muito.

Deslizo meu polegar sobre outra foto. É a que tirei na última noite lá naquele bar, tomando cerveja. Ele olhou para mim com ardor, um olhar que dizia: *te quero muito*.

— Eu também, gato — falo para a imagem. — Eu sinto o mesmo.

Excelente. Isto é o que eu faço agora. Falo com fotos do cara que eu gostaria que fosse meu namorado.

Mas não é esse desejo ardente que me faz folhear as fotos novamente. É a outra parte. A parte que Ransom viu. A parte do *estou mal*. Porque estou mesmo, muito.





# Capítulo 39

## Dean

Meu pai dá um tapinha no encosto da cadeira pronta.

— Admite. Perdi o jeito para restaurar móveis.

— Nunca é tarde para começar uma nova carreira, mesmo na aposentadoria — digo, mas minha voz soa um pouco oca.

Ele gesticula para o lugar da nova cadeira em frente ao sofá.

— Talvez eu pudesse ser designer de interiores. A cadeira parece boa aqui, não é?

Olho em volta, apontando para o canto perto da janela.

— Melhor lá. Vamos mudar.

Movemos a cadeira para perto da janela do apartamento dele, e a luz do sol se derrama sobre seus braços de madeira pintados de branco, o lugar perfeito para se sentar.

É quarta-feira à tarde. Terminamos a cadeira no fim de semana passado. Isso... ajudou a passar o tempo. Foi... até agradável.

Eu só queria que alguém tivesse me enviado o memorando avisando que sentir falta do homem que você ama é uma merda. Mas acho que algumas coisas a gente tem que aprender por conta própria. Olho pela janela, vejo o tráfego se arrastar, examino os transeuntes na calçada abaixo.

Muitos turistas, pelo jeito – tênis brancos e shorts cáqui, alguns com a camisa do time favorito. O que é aquilo? Olho para um grupo de estudantes universitários passando, rindo, tirando selfies. Uma loira no grupo usa uma camisa. Uma camisa de hóquei. Eu quero gritar para ela, ei, conheço alguém desse time. Não grito.

Em vez disso, eu aperto a ponta do meu nariz, surfando uma onda de bronca de mim mesmo pela idiotice de me sentir conectado a uma torcedora aleatória na rua, só porque ela está vestindo uma camisa de algum outro jogador do time de Fitz. É oficial, atingi outro nível de patético.

Ou talvez eu esteja chateado comigo mesmo por reconhecer as

cores do time dele, por tê-las pesquisado online. O que há de errado comigo? Virando-me, passo a mão no rosto.

Meu pai olha para mim, e vejo solidariedade em seus olhos escuros.

— Vamos sair. Tomar uma cerveja.

A especificidade da sugestão da bebida não passa despercebida.

— O quê? Não vai me convidar para tomar chá, velho?

— Você não precisa de chá. Parece que precisa de uma bebida.

— Uma bebida forte.

— Ok, então talvez não seja uma cerveja. Que tal uma dose?

Rio sem alegria.

— Enchendo a cara com meu pai. Então, é assim que vai ser.

— Poderia ser pior.

Eu sei que poderia, mas no momento é difícil ver como. Chegamos a um pub próximo, um lugar antigo que é tão londrino que parece que entrei em um set de filmagem. Tudo é de madeira e escuro, o que parece adequado.

Pedimos uma rodada, e papai levanta o copo para brindar.

— Vamos beber a...

Ele faz uma pausa, olha em volta, e sei que está procurando algum motivo para ter esperança. Algo para animar esse idiota arrependido que sou. Talvez ele encontre.

— Vamos beber a este pub.

E funciona. Eu rio da banalidade do brinde.

— E por que estamos brindando a um pub?

Ele estuda o lugar como se avaliasse todos os ângulos.

— Isto aqui é muito Inglaterra.

— Bem, estamos na Inglaterra. — Essas palavras têm um gosto um pouco amargo, um pouco menos doce do que teriam uma semana atrás.

— E este lugar dá a sensação de estar em casa — diz ele, levantando o copo antes de beber a dose toda.

Eu faço o mesmo, deixo a tequila queimar, como a tequila faz.

Noto a mesa de bilhar no fundo do bar, os jogos e todos os infinitos barris com torneiras. É tão padrão londrino que vai além do padrão.

— Sim, me sinto em casa — digo, ecoando seu sentimento,

desejando que aquela casa pudesse me confortar.

Quando saímos, estou um pouco mais bêbado do que quando entrei. Meu pai também. Ok, estamos muito bêbados. Vamos dizer que enchemos a cara.

— E aí, vai ver sua amiga agora? — pergunto quando a noite cai sobre a cidade.

— Talvez eu vá. Talvez não — ele diz, mas o sorriso o denuncia.

— Você é realmente um canalha. — Eu aperto seu ombro. — O que eu vou fazer com você? Deixando todas as mulheres loucas em uma idade tão avançada.

— É só uma — diz ele.

Sorrio com cara de *te peguei*.

— Então você e Penny estão juntos?

Ele ri.

— Parece que sim.

Aponto um dedo para ele.

— Estava na hora, velho. Já estava na hora.

— É. Estava, sim.

Enquanto andamos pela rua, o telefone dele vibra. Ele o tira do bolso, abre uma mensagem de texto, sorri e digita uma resposta.

O ciúme me toma como um monstro, se debatendo dentro de mim. Estou com inveja do meu próprio pai por mandar uma mensagem para a amiga. Respiro fundo, tentando acalmar o dragão, tentando ficar feliz por meu pai. Porque estou feliz por ele, apenas triste por mim. Ele acena para uma rua lateral.

— Vou nessa.

— Vai ver a Penny — digo, forçando um sorriso, mas sincero.

Seus olhos brilham.

— Vou. Ela me faz feliz. — E me puxa para um abraço rápido.

— Bom te ver. Manda uma mensagem amanhã.

— Mando. — Eu o observo enquanto ele desce a rua. Meu pai está... assobiando?

Ele está assobiando. Meu pai está assobiando uma música alegre, e eu sou um saco de tristeza, chateado em uma noite de quarta-feira e indo para casa sozinho.

Quando entro no meu apartamento, a porta fecha com um rangido e o vazio me abraça.

Procuo uma playlist, mas ao olhar algumas músicas, decido que agora odeio todas.

Acho que odeio tudo, decido ao me jogar no sofá.

Abro meu aplicativo de mensagem e vejo as últimas conversas. Maeve, me contando sobre a *jukebox* em que ela está de olho.

**Maeve:** Vou colocar todas as suas músicas favoritas nela!

Depois Taron me convidando para ir dar uma olhada em uma feira de rua neste fim de semana com ele e o namorado. Eu realmente gemo em voz alta. Não que eu não goste de ficar com ele e o cara. Mas não quero ir a uma porra de uma feira de rua, porque nada pode superar a última. Encontro uma mensagem de Naveen em seguida.

**Naveen:** Isso não é uma simulação. Vamos a um lugar novo no domingo, um grego. Todo mundo. Estou fazendo as reservas. Eu sei que você tem a noite de folga. Você vai estar lá. Sem desculpas.

Sam é o próximo da lista.

**Sam:** Rodada de sinuca amanhã?

Isso é tudo.

Nenhuma mensagem de Fitz – não que eu esperasse alguma. Ainda.

Com o peito vazio e meu apartamento parecendo vazio demais, ponho a mão no fogo. Clico na última mensagem dele, a que ele enviou quando entrou no avião na semana passada.

Uma foto dele sentado.

**Fitz:** Achei que você poderia gostar disso para o seu “banco de punheta”. Sou eu na primeira classe. Você ficaria bem na primeira classe, gato. Além disso, te amo.

Com o peito doendo, deslizo o polegar sobre suas palavras, depois pela imagem. Li dez mil vezes. Vou ler mais dez mil. E a minha resposta.

**Dean:** Vou guardar. Definitivamente, vou guardar. Além disso, também te amo.

Quero responder, adicionar uma nova mensagem, recomeçar. Mas é aqui que o fio termina. Deixo o telefone cair no chão com um baque surdo.

# UMA SEMANA DEPOIS

**Também conhecido como o momento  
em que entendi tudo.**



# Capítulo 40

## Fitz

Quatorze dias.

Eu devo ser feito de ferro. Eu aguentei quatorze dias inteiros sem falar com Dean. Sem mandar mensagens.

Arrebentei na concentração para treinamento. Estou arrasando nos jogos da pré-temporada e estou me sentindo bem. Digo isso a Ransom quando saímos pela porta dos jogadores depois da nossa segunda vitória.

— Acho que está funcionando. Nosso pacto — ele diz.

— Parece que sim — concordo, e digo que a gente se encontra de manhã, já que minha agente está esperando por mim.

Corro para a Haven, beijo seu rosto e dou-lhe um beijo na bochecha e pego um carro de aplicativo para atravessar a cidade com ela.

— Você estava puro fogo esta noite — ela comenta.

— Esse é o meu trabalho — digo a ela.

Ela dá um tapinha na minha coxa.

— Gosto quando você faz seu trabalho.

Eu rio.

— Porque quando faço meu trabalho, eu ganho dinheiro para você.

Ela sorri maliciosa.

— Exatamente. Mas também porque te faz feliz. Você parece feliz.

— O hóquei me deixa feliz — digo, mas não é a única coisa.

Algo mais me faz feliz. Ou melhor, outra pessoa, e eu gostaria de vê-lo esta noite.

Eu tento afastar os pensamentos de Dean para poder me manter presente. Haven merece muito.

O carro de aplicativo nos leva a Chelsea, a um restaurante que



ela escolheu.

— Estou morrendo de vontade de experimentar a comida deste lugar. Ouvi coisas ótimas sobre ele — diz ela quando nos dirigimos ao restaurante chique. — O curry deve ser incrível.

Isso é tudo de que é preciso. Uma lembrança pegajosa de um prato que comi com Dean, e minha mente volta para Londres. Eu o imagino lá, penso se está jantando com amigos em uma noite de quinta-feira, se está rindo, sorrindo, feliz. Espero que sim. Mas uma parte de mim espera que não. O que é horrível, mas honesto.

Isso eu entenderia, porque é minha vida agora. Não muito feliz. Um pouco vazia.

Eu deveria estar me divertindo com Haven. Ela é uma deusa e uma agente brilhante. Mas tudo que consigo ver é o calendário. Tudo que posso sentir é a expectativa e o desejo de que o tempo acelere. Em mais uma semana, a temporada regular começa. Se arrasarmos, vou poder ligar para o Dean. Ver o Dean de algum jeito. Ter alguma coisa.

— E eu pensei que seria perfeito para você. Já que sempre gosta de experimentar comida nova — Haven diz quando chegamos à mesa.

Ela pode ter dito algo no caminho. Eu não tenho ideia do que ela está falando. Depois que fazemos o pedido, faço o meu melhor para me concentrar em Haven e nos detalhes do acordo de patrocínio que ela assinou para mim.

Mas quando Sam Smith entra no sistema de som, não sei se consigo prestar atenção em qualquer coisa com *Dancing with a Stranger* abrindo um buraco na minha mente. Está na minha maldita playlist para Dean, aquela que fiz quando ele foi ao meu hotel naquela primeira noite. E eu posso me lembrar – meu Deus, eu posso ver isso tão claramente – o jeito como o beijei, o jeito como ele disse “faça durar”, o jeito como fizemos. Fizemos tudo durar. E inferno, tem que haver uma maneira de fazer a gente durar.

Passo a mão no cabelo, tentando fechar a porta para todas essas imagens dele. Mas não posso. Eu simplesmente não posso e não quero.

— Você gosta dessa música? — pergunto a Haven, minha voz um pouco rouca.

Ela inclina a cabeça.

— Sim. Gosto. E você?

— É ótima. Adoro. — Deixo escapar um suspiro profundo e, em seguida, estendo as mãos fechadas, admitindo a derrota antes mesmo de começar. — Haven, eu não tenho ideia do que você está falando.

— Não?

Balanço minha cabeça.

— Nenhuma pista. Essa música, esse lugar, tudo aqui. Tudo isso me faz pensar...

Ela balança a cabeça sabiamente e estende a mão, apertando a minha.

— Percebi que você está um pouco distante. E “distante” não é uma palavra que eu usaria para descrever James Fitzgerald. O que está acontecendo? Precisa conversar?

A música flutua pelo restaurante, o refrão sobre não querer ficar sozinho esta noite, e eu juro que ela está debochando de mim. Está me provocando. E está me tentando também.

Então, uma luz, tenho uma ideia que devolve toda minha atenção a ela.

— Você poderia me ajudar com uma coisa?

— Qualquer coisa.

Eu digo a ela de que eu preciso, e ela balança a cabeça em aprovação.

— Tudo em um dia de trabalho como agente.

Ela pega o telefone, traçamos um plano e fazemos um pedido urgente. Será em Londres no sábado à tarde.



# Capítulo 41

## Dean

O restaurante grego é ótimo e totalmente necessário. Passar um tempo com meus amigos me enraíza em Londres quando partes de mim – ou seja, meu coração – estão em outro lugar.

Eu não digo isso a eles, mas tenho certeza de que eles sentem isso.

Depois daquele jantar, Naveen declara que vai fazer uma reserva para um restaurante de sushi no próximo fim de semana. Passo a semana em contagem regressiva, porque me dá algo para fazer. Isso me dá um objetivo.

O tempo com eles me distrai de Fitz. É a única coisa que mantém minha mente longe dele.

Quando chega o sábado, dezesseis dias depois da partida de Fitz, vamos todos almoçar. Nós rimos e conversamos, e o tempo todo eu fico pensando que filho da mãe sortudo eu sou por ter amigos tão bons.

Eu tenho que continuar vivendo. Continuar curtindo minha vida da melhor forma que puder.

Depois que terminamos, Taron bate no meu ombro, e vejo a curiosidade em seus olhos.

— Então, o que aconteceu com aquele cara?

Antes que eu possa responder, ele grita:

— Ai — seu rosto se contorce de dor, como se alguém tivesse acabado de pisar no pé dele.

Rindo, olho para Maeve do outro lado da mesa.

— Você pisou no pé do Taron?

— Mulher má, má — Taron sussurra para ela. — Doe.

Maeve passa uma faca imaginária na própria garganta, olhando fixamente para Taron.

— Não vamos falar sobre isso.

Eu me inclino para trás na cadeira, cruzo os braços e olho para

ela, sorrindo.

— Então, isso — eu digo, gesticulando para mostrar a mesa — é parte de algum plano que você inventou para me causar amnésia?

— Não. Estamos apenas tentando mantê-lo feliz — diz ela, endireitando os ombros.

— Um plano. Como eu suspeitava — digo, pegando-a em flagrante.

— Ele pegou a gente, pessoal — Sam anuncia ao entrar na conversa, e olha para mim curioso. — Mas o mais importante é: está funcionando?

— Fabulosamente — respondo sem entusiasmo. — Obrigado por me transformarem na causa de caridade do grupo. Divirtam-se.

— Ah, para — diz Maeve. — Nós te amamos e queremos que você fique feliz.

— Estou feliz. Juro. E vou ficar feliz enquanto as pessoas não perguntarem constantemente sobre ele.

— Falando em nunca mencionar o astro da NHL — diz Sam —, ele está arrasando na pré-temporada.

— É mesmo? — Pego minha bebida como se fosse a mistura mais fascinante do mundo.

— As estatísticas dele são ótimas. O jogo dele é de primeira — acrescenta meu amigo americano, depois recita números que já sei de cor. Pontos, gols, assistências.

— Por que está sorrindo como se tivesse um segredo? — Maeve me pergunta com os olhos desconfiados.

— Nenhuma razão — digo, tentando conter um sorriso.

— Você é um fã de carteirinha — Sam deduz, balançando um dedo para mim. Depois se inclina em direção a Maeve, um pouco mais perto do que o vi chegar antes. — Acho que seu melhor amigo acabou de se interessar por hóquei.

E ela se aproxima dele também.

— Acho que sim. — O queixo de Taron cai. — Você, logo você, agora entende de hóquei?

— Um pouco.

Sam aponta para mim.

— Você sabe quantas assistências Fitzgerald deu ontem à noite?

Levanto um dedo. Um pouco tímido, mas um pouco orgulhoso também. Estou orgulhoso do meu homem.

— Fitzgerald é muito bom — Sam acrescenta, depois olha para Maeve. — E parece que Collins ainda está bastante interessado em seu gato americano.

Maeve apoia o queixo nas mãos e bate os cílios para mim.

— Sim, parece que está, Dean.

Eu dou de ombros, o que se pode fazer?

— Bem, não é como um resfriado. Não vai embora depois de uma semana. — *Ou algum dia*, acrescento silenciosamente.

Sam balança a cabeça.

— Não. Não vai desaparecer se você pesquisa o cara, Dean. Mas talvez não *devesse*.

— Eu acho que você deveria pegar um avião hoje à noite — Taron sugere.

Balanço a cabeça.

— Isso não vai acontecer. Mas a ideia é incrivelmente tentadora.

— Ele pode ser seu sanduíche de cogumelo portobello — diz Anya.

Maeve bate na mesa.

— Dean, por que você não liga para ele?

— Você sabe porque — respondo. Ela está a par dos detalhes da decisão que eu e Fitz tomamos na manhã em que ele partiu.

Anya revira os olhos.

— Chega dessa bobagem. Basta enviar uma mensagem para o homem lindo. Na noite em que o conhecemos, ele parecia já estar apaixonando por você — ela diz, e tenho que disfarçar um sorriso.

Maeve assente com vigor.

— Manda uma mensagem para ele. Aposto que ele vai ficar muito feliz.

Não tenho dúvida disso. Sei que uma simples mensagem minha o faria feliz. Tenho tanta certeza disso quanto de que o sol nascerá amanhã. Conheço Fitz. Conheço muito bem aquele homem. É inebriante ter o poder de fazer outra pessoa feliz. É um presente, de verdade. Um que deve ser usado com cuidado. Mas não estou fazendo isso apenas por ele. Estou fazendo por mim.

Fazê-lo feliz me faz feliz.

— Tudo bem. — Levanto as mãos em rendição, e talvez eu realmente esteja me rendendo.

Mas talvez seja isso que tenho que fazer – me render ao domínio

que o passado exerce sobre mim, ao medo de cometer os mesmos erros. Depois superar tudo que ficou no passado.

Pego meu telefone, abro a última conversa, leio as palavras dele mais uma vez, e então digito uma mensagem.

**Dean:** Boa assistência no jogo de ontem.

Em segundos, meu telefone vibra.

**Fitz:** Você viu meu jogo? Você não tem ideia de como isso me deixa feliz. Aliás, onde você está? Tem um entregador no seu bar.





# Capítulo 42

## Dean

O sorriso de Maeve talvez nunca desapareça.

— Esta é a melhor *jukebox* de todos os tempos — diz ela, descansando o rosto sobre a *jukebox* novinha no *The Magpie* meia hora depois, acariciando-a. — E isso faz do nosso bar o melhor bar de todos os tempos.

Eu me afasto, examino a cena, ainda maravilhado com o que Fitz fez. Na verdade, ele encontrou a *jukebox* que ela queria – a que eu mostrei a ele no *Coffee O'clock* – comprou e mandou para cá por remessa urgente. Eu ia comprá-la para Maeve, mas ele me superou, fez algo incrível por minha amiga.

— Por que você não está em um avião agora para ir vê-lo? — Sam pergunta, apontando na direção de Heathrow.

— Ele viaja amanhã — explico, ainda atordoado com a enormidade desse gesto. — Devia saber, já que você é fanático por hóquei.

— Tá, tá, tá. Você que é o fanático por hóquei agora. E mais importante, o que vai fazer depois disso, Dean?

— Sim, Dean. E depois disso? — Maeve repete.

— Pessoal, preciso resolver as coisas — respondo, mas estou sorrindo e não consigo parar, de jeito nenhum, nem quando Maeve toca a primeira música na *jukebox*.

A música enche o bar, e tudo parece bem no mundo novamente. Pelo menos por enquanto.

Mas acima de tudo, não consigo parar de sorrir porque sei o que preciso fazer agora, e não é sair com meus amigos.

Eu me afasto e ligo para Fitz. Ele responde em menos de um segundo.

— Oi — diz ele.

O som da voz dele é como chocolate derretendo.

— Oi. A *jukebox* é incrível. Isso é um presente incrível.

— Estou com saudade — ele vai direto ao ponto.

Meu estômago revira e, por um instante, me apoio na parede de tijolos do bar para não cair, derrubado por essa onda de emoções.

— Também sinto saudade.

— Eu sinto muita falta de você. E quando enviou essa mensagem agora, sabe como me senti?

Eu me afasto do bar, desço a rua sorrindo.

— Como?

— Como se eu soubesse ser feliz de novo. — Ele parece aliviado, mas seu tom tem uma nota de tristeza.

— Eu conheço o sentimento — digo, e minha voz também tem uma nota triste.

Não quero que isso atrapalhe o tempo que temos para conversar, então mudo de assunto.

— Você está jogando muito bem.

— Estou.

— O pacto está funcionando.

— Talvez, ou talvez sejamos apenas um bom time. E, ei, desde quando se tornou fã de hóquei?

— Tenho me interessado por isso ultimamente.

— Você se interessar por hóquei é uma delícia, gato.

Eu viro na esquina.

— Sabe o que mais é gostoso?

Fitz geme, todo rouco e sexy.

— Fala.

— Você, eu, conversa por vídeo. Está em casa?

— Sim.

— Chego no meu apartamento em quinze minutos.

— Ok, mas vamos continuar conversando agora — diz Fitz.

— É claro. Não vou te deixar.

— Quando você diz isso...

— Quando eu digo o quê? — provoco.

É muito fácil flertar com ele, é como se nunca tivéssemos interrompido nada.

Sua voz é rouca e carente.

— Você sabe o que faz comigo quando diz isso?

— Por que você não me conta?

Um gemido.

— Tudo. Faz tudo comigo. Me excita, me faz feliz, tudo de uma vez. Mas acho que é assim que eu descreveria você.

Dou risada.

— Eu te excito e te faço feliz?

— Sim. É isso. Agora me chama por vídeo, quero ver o seu rosto enquanto você caminha para casa.

Faço o que ele pede. O que também quero. Eu mudo para uma chamada de vídeo, e lá está Fitz, tão lindo com um...

— Você está de terno?

Fitz mexe as sobrancelhas.

— Estou. A caminho de um jogo de pré-temporada.

Balanço a cabeça admirado.

— Você está incrível — digo, apreciando quanto ele é bonito em um terno azul escuro sob medida, claramente ajustado, camisa engomada e gravata verde-clara. — Mmm. Essa gravata. Se eu estivesse aí, eu a colocaria em você.

Seus lábios se curvam.

— Ah, é?

— Colocaria no seu pescoço, alinharia e... — Estou ficando ridiculamente excitado enquanto ando para casa, dizendo a Fitz que quero dar um nó na gravata dele. Se eu colocasse sua gravata, minhas mãos estariam nele. — Faria a volta com o tecido, daria o nó e a ajustaria em seu pescoço.

Ele inspira com força, seu peito subindo e descendo, os dedos puxando o colarinho.

— Olha o que você está fazendo comigo. Você está me excitando me dizendo como vai colocar acessórios em mim.

— Você não é o único excitado. — Meu corpo inteiro está zumbindo. — Toda Margem Sul deve saber que tenho uma ereção.

— Obrigado por mencionar seu pau. Agora o meu está duro também.

— Você já estava bem duro, eu aposto.

— Eu estava — diz Fitz enquanto afrouxa a gravata.

Eu pisco, processando o que ele está fazendo.

— Você vai se despir agora? Enquanto estou na rua?

— Vou. Estou muito excitado para ficar de roupa.

Eu olho ao redor.

— Estou quase em casa. Espera. Não posso deixar todo mundo te ver.

— Melhor andar rápido, gato.

— Seu idiota — digo, mas estou sorrindo quando acelero o ritmo enquanto ele joga a gravata no chão.

Logo estou no meu prédio, subindo a escada, no apartamento, e batendo a porta, enquanto ele senta no sofá, abre o zíper da calça e tira o pau da calça.

Eu nem sequer consigo chegar ao sofá. Fico em pé contra a porta, uma mão segurando o telefone, a outra abrindo o zíper do jeans. Em segundos, estou acariciando meu pau e vendo Fitz pegar o dele, e tudo parece muito certo. Como se fosse esse o lugar onde tenho que estar. Me reconectando com ele.

— Olha para você — ele rosna enquanto me vê movendo a mão.  
— Deus, que saudade eu sinto disso. Eu sinto sua falta. Quero te tocar agora, quero pôr a boca em todos os lugares.

Eu já estou respirando com dificuldade, perto do limite, prazer explodindo em minhas veias enquanto eu o observo movendo o punho para cima e para baixo no pau, sentado como um rei em seu sofá naquele terno, parecendo tão poderoso.

— Eu quero ficar de joelhos agora. Pôr você na boca — digo a ele com a voz rouca de desejo.

— Isso. Porra, eu quero isso. — Seus olhos se fecham e ele geme ao gozar.

A imagem dele jorrando na própria mão me leva ao limite, e explodo em um orgasmo poderoso. Eu ofego, gemo e caio contra a porta.

Quando abro os olhos, ele está sentado lá, sorrindo.

— Eu vou ligar para você de volta. Preciso trocar de camisa — diz ele.

— Faça isso.

Eu desligo, vou ao banheiro neste estado nebuloso e inebriante, lavo as mãos, me limpo. Volto para a sala, me jogo no sofá e pego o telefone quando ele liga de volta.

Novamente por vídeo.

— Oi — eu digo.

Ele está no quarto, o telefone equilibrado sobre a cômoda, e está vestindo uma camisa engomada.

— Pareço mais civilizado?

— Não sei como eu manteria as mãos longe de você, se te visse pessoalmente de terno.

Ele termina de fechar o colarinho.

— Nunca diga uma coisa dessa. Manter as mãos longe de mim? Isso é conversa de louco.

— Insanidade total. Minhas mãos estariam em cima de você — concordo sorrindo.

Ponho uma das mãos atrás da cabeça, e ele dá o nó na gravata novamente.

Seu olhar se prende no meu.

— Você gosta de ver eu me vestir, não é?

— Gosto.

— Se estivesse aqui, você poria minha gravata?

— Com toda certeza. Embora não possa prometer se a colocaria ou tiraria.

— Gato, eu adoraria se você estivesse aqui — ele diz com ternura.

— Eu também. Mas você está jogando muito bem. Estou orgulhoso de você.

— Obrigado.

— E o pacto? Não está quebrando o acordo falando comigo?

Fitz dá de ombros.

— Pode ser. Não me importo mais. Não me importo mesmo.

— Obrigado pela *jukebox*. Isso foi incrível. — Ele merece um milhão de agradecimentos.

— Ela gostou?

— Adorou. Você fez Maeve muito feliz — digo, enquanto ele termina de ajustar a gravata.

— Estou indo para a arena agora. Vem comigo?

Eu rio.

— Claro, Fitz. Me leva no seu carro.

— Se você estivesse aqui, iria ao meu jogo?

— Eu poderia ir.

Fitz sai de casa, tranca a porta e segue pelo corredor até um

elevador de metal espelhado.

Enquanto ele vai para o jogo, conversamos o tempo todo — sobre Nova York e hóquei e a vida e a saudade que sentimos. Quando chega na arena, ele pergunta:

— Posso te ligar mais tarde?

— É bom ligar.

Ele sai do carro, agradece ao motorista e me diz:

— Dean...

Meu nome soa cheio de calor e necessidade e desejo. Falo o dele do mesmo jeito.

— Fitz.

Ele sorri para mim.

— Eu te amo. Só isso.

— Eu te amo — respondo, e quando desligamos, acho que entendo novamente como é ser feliz. A questão é o que fazer com isso.

Temos uma rotina, como tínhamos quando Fitz estava aqui. Conversamos à noite — fazemos FaceTime, nos masturbamos. Conversamos novamente pela manhã. Trocamos mensagens durante o dia. Ele não se importa mais com o pacto.

Está jogando muito bem e diz que é porque eu dou a ele um amuleto da sorte antes de cada jogo. É assim que ele chama agora quando falamos sacanagens antes de ir para o gelo. É uma coisa nossa, e funciona.

Uma noite, depois de contar sobre um livro que acabei de ler, ele diz que tem novidades especiais para mim. Mostra uma folha de papel.

— Pedi ao médico da equipe para fazer todos os exames.

Isso chama minha atenção, e eu sento, olhando mais de perto o laudo.

— Essa é uma excelente notícia.

— Atestado de saúde limpo, gato.

Estico o braço para a mesa de cabeceira, enfio a mão na gaveta e mostro a ele o meu, pressionando-o na tela.

— Aqui também.

Seus olhos azuis escurecem, brilhando de desejo.

— A gente pode esquecer a proteção quando se vir de novo?

A perspectiva de fazer isso pela primeira vez é insanamente excitante.

— Sim.

— Nunca fiz isso antes. com ninguém.

— Nem eu — digo.

A conversa se torna rapidamente suja quando falo para ele como vai ser bom, e ele me mostra o quanto gosta quando falo assim.

Logo a temporada começa de verdade, e seu time vence o primeiro jogo. Ligo para ele rapidamente do bar para dar os parabéns.

— Ótimo jogo — digo quando ele atende.

— Se você estivesse aqui, sairia com a gente para comemorar, certo?

— Talvez — digo.

— Você não quer sair com meus companheiros de equipe?

Dou risada.

— Sem ofensa aos seus companheiros de equipe, mas é você que eu quero ver.

— Essa é a resposta perfeita — diz Fitz, e beija a tela.

Quando chega em casa, ele me liga novamente. A diferença de horário funciona para nós, já que são três da manhã aqui e estou indo para a cama.

Ele pergunta sobre minha noite no bar, e conto sobre todos os clientes e como a *jukebox* faz sucesso. Fazemos o que fazemos – falamos.

— Tenho três dias de folga — diz ele com a voz cheia de esperança. — A partir da segunda-feira. Daqui a dez.

Eu sei o que ele vai dizer a seguir. Sei que está avançando a toda velocidade. Mas quero ser quem oferece, em vez de ser solicitado.

— Eu vou te ver — digo.

Seu sorriso é mais largo que nunca, os olhos brilham.

— Você vem?

— Vou. Eu quero ir. Mais que qualquer coisa.

— Vou mandar sua passagem agora — diz Fitz, andando pelo apartamento, presumivelmente em busca de seu laptop. — Você se importa com isso? Comigo emitindo a passagem? É melhor não se

importar, porque tenho uma tonelada de milhas e vou gastar todas com você. É só dizer sim.

Eu me lembro dessa palavra. Render-se.

Isso é rendição? Dizer sim mesmo com medo de sucumbir aos erros do passado? Talvez seja. Talvez eu não saiba. Talvez o passado não importe mais.

Tudo o que sei é que é bom dizer sim para ele. Sempre foi.

— Eu já disse que sim. Acho que é tudo que consigo dizer a você.

Ele dá um soco no ar.

— Mal posso esperar. Vou construir uma máquina do tempo para que isso possa acontecer na próxima semana.

— Não seja bobo. Tudo que você precisa fazer é aprender a aparatar. Essa é uma habilidade muito mais útil.

Fitz geme de felicidade.

— Sabe quando comecei a me apaixonar por você?

Eu rio.

— Não, não sei.

— Quando soube que você também gostava de Harry Potter. E agora, sabe o que esse comentário sobre “aparatar” significa?

— O que isso significa?

— Que estou ainda mais apaixonado por você.

Quando ele diz isso, uma sensação quente e nebulosa se espalha pelo meu corpo mais uma vez. Isso é felicidade, e eu quero isso. E estou começando a ver como é possível tê-la. Mas não posso fazer suposições.

Muito em breve, porém, vou precisar descobrir como dar esse passo. Tenho uma pergunta a fazer a ele, e tenho que fazê-la com cuidado, porque qualquer felicidade futura depende de sua resposta.



# O DIA SEGUINTE

**Também conhecido como o dia em  
que faço meus planos.**



# Capítulo 43

## Dean

O rio é uma constante reconfortante em Londres, e é para lá que vou com meu pai no sábado antes de ir para o trabalho.

Caminhamos ao longo da água, papai lembrando, eu fazendo planos.

— Eu costumava trazer você aqui quando você era jovem— , diz ele.

— Então, como alguns anos atrás— , eu provoco.

— Você ainda é quase jovem.

— Eu vou fazer trinta e dois em breve. Muito velho. Isso significa que eu deveria começar a fazer tudo isso é meu vigésimo nono aniversário pelo quarto ano consecutivo?

Ele ri levemente, então suspira satisfeito.

— E você sempre adorou vir ao rio— , diz ele, voltando à nostalgia. — Estávamos aqui todo fim de semana quando você tinha seis, sete, oito anos.

— Ah é? — Eu pergunto, ansioso para ouvir mais.

Eu me lembro disso, mas não do ponto de vista dele.

— Você só queria estar perto dele. Claro, você tinha muita energia. Você estava sempre se movimentando. Eu tive que correr com você como um cachorro pela água.

Revirando os olhos, eu rio.

— Obrigado, pai.

— Sua mãe sempre veio conosco.

— Eu lembro.

Ele para quando nos aproximamos da *London Bridge* e aponta para ela. — Vocês dois ficariam lá na ponte e fariam desejos sobre a água. — Não há recriminação em sua voz, apenas o calor das lembranças.

— Eu me lembro disso também— eu digo, um pouco suavemente, enquanto as imagens daqueles momentos passam diante

dos meus olhos. — Eu me pergunto o que eu desejei.

Ele coloca o braço em volta dos meus ombros, sua voz um pouco mais séria.

— Eu sei o que eu desejei.

Eu olho para ele com curiosidade, um estranho nó se formando na minha garganta.

— O que você desejou?

Ele aperta meu braço.

— Que você fosse feliz.

E esse caroço fica mais apertado, um nó agora entupindo minha garganta, e não sei se posso falar. Ou se eu pudesse, o que eu diria. Eu mordo o interior do meu lábio porque tenho um pressentimento sobre o que está por vir.

Mas ele está implacável, determinado a continuar.

— E tenho a sensação de que esse desejo está se tornando realidade.

Eu franzo minha testa, a cabeça latejando com a curva intensa que ele deu. Não tenho certeza se posso lidar com isso, então tento me esquivar.

— Eu tenho sido feliz.

Ele balança a cabeça.

— Não é disso que estou falando, e acho que você sabe disso.

Olho para a água, pensando em certezas e incertezas, coisas que sabemos, coisas que não sabemos. As chances que corremos. Desta vez, encaro a realidade do que vou fazer de frente.

— Eu sei o que você quer dizer, pai.

— Mas você acha? — ele pergunta.

Esta é uma verdadeira conversa de pai e filho. Não mais bochecha. Chega de sarcasmo. Tudo foi lavado.

Eu expiro profundamente.

— Eu sei.

Ele não deixa ficar assim – típico dele. Ele me fixou com um olhar que não vai deixar ir até que ele tenha certeza de que eu conheço minha mente.

— Então, o que você vai fazer quando o vir na próxima semana?

— Essa é a pergunta, não é? Eu também não serei capaz de enrolá-lo. Vou ter que dizer mais, dizer tudo, quando o vir.

Determinado, papai espera por mim, finalmente perguntando:

— E aí? Você vai atrás da sua felicidade?

Sua boca relaxa em um pequeno sorriso que cresce quando se espalha para seus olhos, onde se torna um vislumbre de possibilidade.

— Você vai fazer esses desejos se tornarem realidade?

Respiro fundo e faço a pergunta mais difícil de todas, a que pesa sobre mim.

— Você vai ficar chateado se eu for?

— Não.

Ele me puxa para um grande abraço.

— E eu ficaria chocado se você não o fizesse.

E então, uma lágrima escorre pelo seu rosto, e de alguma forma isso torna a escolha cristalina.

# ALGUNS DIAS DEPOIS

**Também conhecido como o dia em  
que decido acelerar o tempo.**



# Capítulo 44

## Fitz

Se antes eu pensava que o tempo passava devagar, não é nada comparado ao passo de caracol em que ele se move agora que tenho uma data fixa para esperar. Agora que Dean tem uma passagem para Nova York.

Ligo para ele quando acordo na terça-feira.

— Vou te ver em cinco dias — digo quando ele atende.

Ele está correndo no parque, sexy demais de camiseta, o cós do short de corrida visível na borda da tela.

— Vai, e é bom ir me pegar no aeroporto, porque vou precisar da minha boca na sua assim que pisar em solo americano — brinco.

— Como se eu não fosse te buscar. O que você acha que eu sou? Um cara que não sabe como cortejar o namorado?

É a primeira vez que o chamo assim. Namorado. Mas parece certo.

Dean fica quieto por um momento enquanto corre, olhando para mim no telefone em vez de observar a trilha.

— Eu sou seu namorado?

— Sim — eu digo enfático. — Você é. Nem tente escapar dessa.

— Eu não ousaria.

Eu me estico na cama, o sol entrando pela janela.

— Você quer que eu faça planos para levá-lo a... onde você queria ir? *Empire State Building* e Estátua da Liberdade?

Ele ri.

— Acha mesmo que vamos sair da cama?

Acariciando meu queixo, finjo considerar, e respondo com sinceridade.

— Não.

— Você é muito inteligente, Fitz. — Ele olha um pouco mais de perto para mim pela tela. — O que vai fazer hoje?



— *Paintball* cedo. Sinta-se à vontade para arrepiar de horror.

Dean estremece.

— Depois vou malhar com Ransom, almoçar. Não temos outro jogo até...

— Quinta-feira.

Balanço a cabeça admirado e levanto da cama.

— Daqui a pouco vai ter usar minha camisa.

Dean arregala os olhos e ri. Para de correr, apoia as mãos nas coxas e tenta parar de rir. Quando olha para o telefone novamente, ele arqueia uma sobrancelha.

— No espaço de dois minutos, você me chamou de seu namorado e disse que eu vou usar sua camisa?

Eu dou de ombros esperançoso.

— Vou ter que escolher só um?

— Pode ter o primeiro. Não vou fazer o segundo.

— Tudo bem, que seja — me divirto. — Vai trabalhar hoje?

— Sim, tenho que cuidar da contabilidade à tarde. Depois vou encarar o balcão a noite toda.

— Me liga mais tarde. Vou tomar banho.

— Ah, me leva para o chuveiro — diz Dean enquanto retoma seu ritmo.

— Você diz isso como se eu fosse considerar qualquer outra coisa. — Aceito o desafio e inclino o telefone para ele poder ver que durmo nu.

— Fitz — ele fala como se me desse um aviso.

— O quê? — Finjo inocência ao entrar no banheiro, dando a ele uma visão completa da minha meia ereção matinal.

Dean gira a tela do telefone, mostrando a paisagem atrás e ao lado dele.

— Você não percebe que estou no parque?

Eu dou de ombros, estendo a mão e abro o chuveiro.

— Não me importo.

Ele balança a cabeça.

— Não. Você é meu. Só meu. Ninguém mais pode ver você nu. As regras do namorado.

Essa palavra. Eu amo. É uma ótima palavra, mas não se encaixa totalmente, e não tenho certeza do porquê.

— Justo. Mas você vai comigo para o chuveiro.

Ele pisca para mim.

— Eu sei. — E diminui a velocidade, aproximando o telefone do rosto, talvez para que ninguém possa me ver. — Vejo você em breve. Além disso, te amo.

Digo o mesmo a ele, depois me despeço, desligo o telefone e entro no banho.

Enquanto isso, penso na palavra namorado enquanto minha mente volta para aquela última noite em Londres em seu apartamento, quando dividimos o chuveiro e suas coisas. Meu cérebro salta para a manhã seguinte em sua mesa, quando ele me fez o café da manhã. E como eu senti algo como déjà vu, mas para o futuro. Visão adiantada. Só que então a imagem ficou nebulosa, incompleta. Agora posso ver aquele café da manhã com mais clareza. Eu vejo isso dia após dia após dia.

E meu coração enlouquece, bate loucamente no peito.

A imagem se completa, e eu entendo o que eu já estava começando a querer antes de sair de Londres, antes mesmo de perceber. Agora sei o que quero desesperadamente, e não é contar os dias até vê-lo. Não é namorar com ele. Não é ligar para ele mais tarde. Deixo o sabonete no nicho, desligo o chuveiro e pego uma toalha. Não é nenhuma dessas coisas. É fazer por Dean o que fiz pela minha família. Porque é isso que você faz quando ama alguém. Você não faz as coisas pela metade. Ou está inteiro em tudo, ou você não está.

Primeiro, entro no site da companhia aérea. Depois, mando uma mensagem para meus amigos e cancelo o *paintball*. Em seguida, ligo para Ransom.

— Não posso malhar hoje.

— Legal. Tudo certo?

— Sim — digo enquanto me visto, puxando as roupas rapidamente. — Preciso resolver uma coisa. E tem que ser agora.

— O que é? — Não tem humor na voz dele, devo parecer tão sério e determinado quanto me sinto.

Conto a ele meu plano, e ele reage com um *uau*. Depois diz:

— O relógio está correndo. É melhor você ir. Precisa de uma carona para o aeroporto?

— Posso chamar um carro de aplicativo, mas agradeço a oferta.

— É que parecia divertido. Tem certeza?

— Você quer ir comigo para o aeroporto?

— Isso é épico, então sim, eu quero. Estou em *Murray Hill*, a caminho daí. Além disso, tem uma pizzaria no LaGuardia que acabou de ser revisada no *Barstool Sports*, e eu queria dar uma olhada.

— É claro que você tem um motivo.

— Tenho, mas o motivo é incrível.

— Me encontra em trinta minutos. Preciso parar em um lugar.

Depois da minha missão, chamo um carro e pegamos Ransom. No caminho, dou a ele o resto dos detalhes.

— Não vou mentir, eu tinha a sensação de que você faria isso — diz ele.

— Tinha?

— Você não é mais feliz como costumava ser. — Quando chegamos ao aeroporto, ele diz: — Vai buscar seu homem.

— Esse é o objetivo.

Ele volta ao carro, dá ao motorista o endereço da pizzaria, e eu vou pegar um avião.



# Capítulo 45

## Fitz

Estou a cinco fusos horários de onde comecei. É quase meia-noite e tenho que voltar para Nova York amanhã, mas esta noite estou na frente do Magpie.

A primeira vez que entrei neste bar, há mais de um mês, mudou minha vida. Espero que entrar aqui esta noite mude tudo de novo.

Respiro fundo, como se estivesse me preparando para entrar no gelo.

Mas isso não é nada como entrar em um jogo. Nada como os *playoffs*. Eu sei como me preparar para um confronto. Eu faço isso desde que amarrei meu primeiro par de patins quando tinha quatro anos. A preparação mental para um jogo de hóquei, onde meu trabalho é parar o adversário, é extenuante de uma maneira totalmente diferente. Nada me preparou para isso.

Nada, exceto as últimas semanas de querer, ter, sentir falta, amar e precisar. Precisar dele mais do que qualquer outra coisa na minha vida.

Deixo o nervosismo de lado e abro a porta. Eu entro e olho ao redor. Música jazzística e sexy flutua no ar, e mulheres em camisas elegantes e homens de jeans estão por toda parte – no balcão, nas mesas, nas cabines.

Meus olhos vão para o bar, procurando o homem mais lindo que já conheci. Ele está do outro lado, preparando uma bebida. Ele é alto, sexy e meu.

Meu coração bate no peito como um cachorro lutando para se libertar. Ele quer pular para chão, correr para ele e enchê-lo de beijos.

Ainda bem que esse órgão está em uma gaiola que é seu lugar.

Dean empurra um copo de cerveja para o cliente na frente dele, depois abre um sorriso e diz algo. Talvez um agradecimento, ou o valor da conta. Talvez uma piada ou um conselho. Não consigo sair daqui, é claro, e ele não me notou. Bom. Isso dá ao meu coração britadeira tempo para se acalmar.

Embora diminuir seu ritmo selvagem pareça impossível, agora que coloquei os olhos nele.

Ver meu homem afirma que ele é tudo de que preciso. Vê-lo é exatamente como eu esperava, e de alguma forma ainda melhor. Porque eu tenho muita certeza disso. Mais do que eu senti sobre qualquer outra coisa em toda a minha vida.

Eu ando até a beirada do bar, e quando ele olha na minha direção e me vê, olha duas vezes, nem tem certeza de que sou eu. Então olha pela terceira vez. Tenta controlar sua expressão, mas falha miseravelmente, um sorriso selvagem se espalha por seu rosto deslumbrante.

Meu inglês se aproxima andando ao longo do balcão, seus olhos em mim o tempo todo enquanto caminho para encontrá-lo do outro lado.

Ele para. Eu paro.

Um balcão está entre nós.

Seus lábios ainda se curvam naquele sorriso, e ele é o primeiro a reagir.

— Então, quando esse cara entra no meu bar...

— Foi isso que eu vim fazer aqui. Vim te contar uma história — digo, tentando acalmar minha pulsação frenética.

Ele está quieto, absorvendo cada palavra como se quisesse ouvir tudo o que tenho a dizer.

— Me conte uma história.

Eu respiro fundo, pronto para isso.

— Então, esse cara entrou em um bar uma noite. Ele foi lá para beber alguma coisa com a irmã, mas ficou completamente deslumbrado com o homem gostoso e sexy atrás do balcão.

Dean abaixa a cabeça, sorrindo, e talvez tentando esconder o tamanho daquele sorriso. Ele levanta o rosto e encontra meus olhos novamente, suas mãos segurando a borda do balcão.

— Continua.

Eu bato no meu peito.

— E esse cara estava completamente determinado a descobrir o nome do outro cara, pegar seu número, levá-lo para casa. Pegar aquele homem. Porque ele tinha que tê-lo.

Dean não consegue parar de sorrir – o sorriso brilha em seus olhos.

— Ele estava muito determinado. Essa foi uma das coisas que o outro cara achou cativante nele — diz.

A esperança quer me apressar, mas continuo a história em um ritmo constante, sem querer acelerar nossa história.

— E esse cara continuou encontrando maneiras de ver o outro cara. Sua irmã até armou uma dessas vezes, e valeu a pena, porque ali aconteceu o melhor primeiro beijo da vida dele.

Seu sorriso cresce mais.

— Como assim? Eu ouvi a mesma coisa. Melhor primeiro beijo da vida do outro cara também.

Suas palavras me encorajam. Eu voaria pelo oceano de novo e de novo para ouvi-las repetidamente.

— E eles passaram uma semana juntos. Eles foram a um bar brega onde deveriam jogar *softball*, mas se distraíram. Eles tomaram chá juntos e passaram muito tempo em um quarto de hotel, na *Tower Bridge*, em um barco no rio, no parque e em um clube. E... eles se apaixonaram completamente.

— É verdade — diz Dean, e o riso das pessoas próximas mal é registrado. Eu só tenho olhos para ele.

Quando olho para Dean Collins, não é desejo que existe por trás desse calor dentro de mim. É amor. É esperança. É a minha certeza absoluta de como me sinto. Nunca me senti assim com mais ninguém. Eu não acho que eu poderia me sentir assim com mais ninguém. Como eu poderia, quando tudo pertence ao homem na minha frente? Cada grama de emoção, confiança, amor e esperança, é tudo dele.

— Mas então esse cara... Ele não podia ficar. Ele teve que ir.

A expressão de Dean muda, mais séria agora.

— Acho que sei como essa história termina. Termina com eles se distanciando. É essa a história que você quer me contar?

Balanço a cabeça sem desviar os olhos dele.

— Há essa outra versão da história. Tem um final diferente.

Na voz mais suave que já ouvi, ele sussurra, parecendo quase desesperado:

— Me conta essa história. Agora.

Eu aceno para onde estou.

— Sai de trás do balcão, e eu conto.

Sem deixar de olhar para mim, ele levanta a porta e dá um passo, parando na minha frente, a trinta centímetros de distância. Nós

não nos tocamos, porém, e eu sei porquê. Assim que o fizermos, vamos dar um show. Eu não sei se eu poderia tocar alguma coisa sem querer tudo, então mantenho as mãos fechadas junto do corpo.

Eu tenho que dizer o que vim fazer aqui antes de tocá-lo. Eu recomeço. Eu começo uma nova história. O próximo capítulo.

— Então, esse cara entra em um bar hoje à noite, e ele tem dois dias de folga antes do jogo de quinta-feira, e o outro cara vai vê-lo na próxima semana, mas esse cara, ele não podia esperar até lá. Ele não podia esperar nem mais um minuto. — Eu me aproximo, precisando estar perto dele, estar em seu espaço enquanto tomo a narrativa para mim.

— Tudo o que eu conseguia pensar – literalmente, a única coisa na minha cabeça esta manhã depois que chamei você de meu namorado – era que eu tinha que vir para a Inglaterra imediatamente. Porque é o seguinte, Dean...

Não consigo me conter. Eu preciso tocá-lo. Seguro seu rosto.

— Eu não consigo parar de pensar em você. Não consigo parar de pensar em nós. Não consigo parar de pensar em como podemos ficar juntos. — Faço uma pausa para encher o peito de ar — É por isso que eu peguei um avião esta manhã, para poder vir aqui esta noite te perguntar uma coisa.





# Capítulo 46

## Dean

Miragem, esse foi meu primeiro pensamento quando vi Fitz no fim do balcão do meu bar. Depois, é um truque da mente. Ver o rosto que você mais quer ver. Aquele com quem você sonha. Aquele que você ama loucamente.

Eu nunca esperei que ele aparecesse assim. Não quando tenho uma passagem de avião para domingo. Não quando eu deveria estar voando para vê-lo em cinco noites. Quando planejei dizer a ele que me mudaria para Nova York por causa dele. Que ficaria com ele, se ele me aceitasse. Que desistiria de tudo isso por ele.

Porque não é desistir, e ficar com ele. E ele é o que eu mais quero no mundo.

Em vez disso, ele está aqui e tem algo para me perguntar. Não sou de tirar conclusões precipitadas, de fazer suposições. Mesmo assim, meu coração está dois passos à frente, batendo descontroladamente, presumindo como louco. Eu tento retardar a debandada de emoções enquanto falo, mas as palavras saem frenéticas de qualquer maneira.

— O que exatamente você está propondo?

Seu sorriso é travesso e satisfeito quando ele diz uma palavra.

— Aquilo.

Eu arqueio uma sobrancelha, mal me permitindo ter esperança. Não me permiti pensar nisso. Seria demais. Bom demais. Muito irreal.

— Aquilo?

Sua expressão é feroz, e seus olhos nunca se desviam dos meus quando ele segura meu rosto.

— Casa comigo.

Por alguns segundos, estou vivendo em um sonho, ou talvez em uma comédia romântica. O bar inteiro fica incrivelmente quieto, um silêncio de biblioteca, e eu estou ciente pelo canto do meu olho que todo mundo está olhando para nós agora. Que o barulho e a agitação diminuíram enquanto meus clientes descobrem o que está

acontecendo neste canto do bar.

Estamos no centro das atenções. E eu deveria me importar. Mas não me importo, porque tudo que importa é ele e as duas palavras que acabou de dizer. E as palavras que ele continua dizendo, porque ele não para de falar, porque Fitz é um falador, e ele não consegue parar de falar, e eu adoro isso, adoro tudo o que ele está dizendo, cada palavra.

— Eu não sei como isso funciona, Dean. Mas eu farei o que for preciso por você. Eu quero que você venha para Nova York comigo e viva comigo e fique comigo. Agora, amanhã, sempre. E vou fazer o que você achar que tenho que fazer para isso. O que eu puder fazer para tornar sua vida mais fácil, para que nossa vida juntos aconteça, eu farei. Farei o que for preciso para que você venha para Nova York e seja meu marido.

O ar sai dos meus pulmões. Tento formar palavras, mas não consigo pensar. Eu só posso sentir... sentir essa intensidade, essa paixão, esse amor selvagem e maravilhoso.

E quando penso que não posso sentir mais nada, ele se ajoelha, tornando tudo tão real. Fitz enfia a mão no bolso, pega uma caixa de veludo e a abre. Uma aliança de platina. É simples, elegante.

Para mim.

Estou sem chão.

Totalmente chocado e ainda sem palavras.

Eu tento dizer alguma coisa, dizer sim, dizer Deus, eu te amo tanto, mas minha garganta está bloqueada pela emoção – pela felicidade e tanto amor que eu não sei como contê-lo, ou se eu consigo

.

Ele olha para mim, seus olhos azuis vulneráveis e cheios de esperança.

— Eu não tenho ideia se você vai sequer considerar isso, mas eu vou me arrepender pelo resto da minha vida se eu não perguntar, porque eu quero passar o resto da minha vida com você. Eu te amo muito. Eu te amo mais do que qualquer coisa. Mais do que ninguém. E estou triste sem você.

Meu coração fica dez vezes maior. Ele bate fora do meu peito, e eu não posso contê-lo. Porque meu coração começa e termina com ele.

Há um milhão de perguntas, mil coisas que preciso descobrir, mas há apenas uma resposta no mundo inteiro. O que eu tenho dito a ele o tempo todo. O lugar a que sabia que iria com ele.

— Sim.

Mas isso não é tudo o que tenho a dizer. Essa palavra abre tudo dentro de mim, todas as coisas que sinto a cada segundo. Liberta a coisa mais verdadeira que já conheci.

— Você é o amor da minha vida, James Fitzgerald. Você é o amor da minha vida.

Seu sorriso se espalha lento e fácil, como se ele estivesse absorvendo a informação, como se não tivesse certeza de que eu disse isso. Como se ele acabasse de descobrir o fogo ou a magia, e esse amor é igualmente maravilhoso. É como ele parece para mim.

Fitz põe a aliança no meu dedo, segura minha mão. Eu o puxo para cima, o trago para mim, seguro seu rosto e beijo aqueles lábios de que senti falta todas as noites e todas as manhãs. Eu o beijo muito. Eu o beijo como se fosse a única coisa que eu queria fazer desde que ele foi embora. Como se ele fosse o único que eu quisesse beijar novamente. Como se ele fosse o único homem para mim.

Porque ele é, e eu o amo demais. Só isso.

Quando encerramos o beijo, estamos cara a cara, e ele parece bêbado de felicidade.

— Sim? É isso que você quer dizer? Você aceita? — ele pergunta novamente, talvez precisando ter certeza. — Você vai se casar comigo?

— Isso. Cada palavra.

Olho em volta, vejo o bar, esse pequeno pedaço da minha vida aqui. O lugar que tem sido minha casa. Deslizo a mão pelo queixo barbudo de Fitz, e ele me acompanha, como sempre, inclinando o rosto na palma da minha mão.

— Eu vivi aqui toda a minha vida. E tem sido uma vida incrível. Uma vida que era perfeitamente boa, até aquele dia em que você entrou nela e virou tudo de cabeça para baixo. Você mudou tudo. Você tomou conta do meu coração, mente e corpo. Então a resposta é sim. Eu vou a qualquer lugar com você. Você é a minha casa.

O bar explode em uma cacofonia selvagem de aplausos, palmas e risos. Agora eu sei como é viver em uma comédia romântica, e é incrível.

Eu o beijo novamente. Beijo o homem com quem quero passar o resto da minha vida. E esse beijo agora? Este é o melhor beijo da minha vida.

Quando nos separamos, ele está radiante como o sol. Isso é quem ele é. Segurando meus ombros, diz:

— Estou tão feliz... você me faz muito feliz. Mais do que

qualquer coisa já fez. Você. Só você.

— O sentimento é completamente recíproco.

E porque somos nós, fazemos isso de novo. Nós nos beijamos várias vezes, e definitivamente estamos dando um show, e eu não me importo, porque ele está onde eu quero estar.

Então Maeve grita:

— Vão para o quarto, vão para o quarto.

E finalmente interrompemos o beijo.

Fitz mexe as sobranceiras para a minha amiga, que agora está a alguns metros de distância.

— Não é uma má ideia — diz ele.

Eu gesticulo para o balcão.

— Eu não deveria sair. É o meu turno.

Maeve ri de mim, coloca as mãos em meus ombros, e faz o seu melhor para me empurrar para fora da porta.

— Vai. Daisy está aqui para me ajudar — diz ela, apontando para uma de nossas bartenders. — Vai ficar com o seu homem.

Eu me viro para ela.

— Eu te ligo amanhã. Vamos resolver tudo.

— Vamos resolver tudo — ela repete, então me enxota.

Eu saio, pego a mão de Fitz e digo:

— Então, você já ouviu aquela sobre um cara que sai de um bar? Do bar e para o resto de sua história com o amor de sua vida.

— Parece uma boa história.

— É ótima. E nossa.



# Capítulo 47

## Dean

Quando viramos na minha rua, puxo sua mão para fazê-lo parar.

— O que foi, gato?

— Tem uma coisa que eu preciso te dizer — digo, e quando seus olhos brilham preocupados, balanço a cabeça e sorrio para tranquilizá-lo. — É bom. Eu prometo.

Fitz segura minhas duas mãos.

— Fala.

Fico nervoso, mas encontro coragem para dizer o que preciso dizer.

— Na próxima semana, quando eu for te visitar... Ainda vou te visitar?

— É claro que vai.

Eu engulo, então termino minha confissão.

— Eu estava pensando em perguntar se você queria que eu me mudasse para lá. Para ficar com você.

Ele pisca.

— Mentira — diz, me puxando para mais perto.

— É verdade. Eu ia.

— Ia? — Sua voz é emocionada.

— Sim.

— Você ia fazer isso por mim? Por nós? — Fitz pergunta, como se eu tivesse dito que ele ganhou na loteria.

— Conversei com meu pai ontem, e ficou claro, claro como cristal. Eu soube que tinha que fazer isso. Perguntar se você quer que eu me mude para perto de você.

Não sei por que ainda estou nervoso dizendo isso a ele. Ele acabou de me pedir em casamento. Mas estou. Talvez porque é assim que abro meu coração e deixo que ele o veja por dentro, como ele fez comigo.

Uma coisa é dizer sim. Outra coisa é perguntar. E eu quero que ele saiba o que eu faria por ele. Que eu também teria pedido a ele para ficar comigo.

Fitz balança a cabeça em uma espécie de descrença selvagem. Ele solta minhas mãos e desliza as palmas pelo meu peito aqui na rua.

— Você continua fazendo isso, Dean — diz, e sua voz vai para aquela zona quente e rouca que eu amo.

— Fazendo o quê?

— Você me faz me apaixonar mais por você a cada dia. — E me beija de um jeito que me deixa tonto. — Só para constar, adorei saber que ia sugerir se mudar para Nova York por nós e, presumivelmente, morar comigo, porque não vou deixar você morar em outro lugar. Mas preciso que você saiba que eu quero me casar com você, mais do que só te querer no mesmo espaço, morar juntos. Eu quero acordar com você e ir para a cama com você e tomar banho com você e fazer a barba com você. Eu quero tudo isso. Mas eu não quero só isso. Eu quero estar com você pelo resto da minha vida, e o fato de você estar disposto a se mudar por mim só me faz te amar ainda mais.

— Eu também te amo muito. Tanto que é até duro...

— Falando em coisas duras... — Ele levanta uma sobrelanceira enquanto retomamos a caminhada para o meu apartamento.

— Sim, isso mesmo. Vamos falar de coisas muito duras.

Quando chegamos à porta e eu a destranco, Fitz passa a mão pelas minhas costas e aproxima a boca do meu ouvido.

— Troca. Esta noite, eu te fodo. Amanhã de manhã, você me fode.

Eu rio.

— Eu aceito. Aceito com muito prazer.

Tanto prazer que, minutos depois, estamos nus na minha cama, e ele está em cima de mim, segurando meus pulsos, os lábios devorando os meus, o pau esfregando no meu, me deixando totalmente louco de vontade.

Quando ele interrompe o beijo, olho para suas mãos.

— Vejo que você ainda gosta de estar no controle.

— Não. Eu realmente quero foder meu homem.

— É recíproco.

Fitz pega o lubrificante na mesa de cabeceira e faz sua magia em mim com os dedos, me fazendo gemer e gemer e praticamente implorar.



— Preparado? — Ele pergunta.

— Você sabe que eu estou pronto demais. Entra logo em mim — peço, e ele sorri, mais sexy do que as palavras podem descrever.

Estou muito acostumado com essa parte do sexo – a preparação, os preservativos, o processo – que demoro alguns segundos para registrar o que ele está fazendo. E o que ele não está fazendo também. Ele está derramando o lubrificante na mão, alisando seu pau.

E é a coisa mais sexy que eu já vi, porque é novo. Por causa do que significa. Porque é parte dessa promessa entre nós. Somente nós. Ele e eu. Não há barreiras, apenas confiança. E quando está pronto, ele move a mão escorregadia para o meu pau, acaricia e se encaixa em mim. Aperta meu membro com força enquanto entra em meu corpo.

E é como fogos de artifício.

É extraordinário.

— Puta merda — eu gemo.

Fitz grunhe enquanto me preenche, deslizando mais fundo, penetrando, indo gozando deliciosamente, torturantemente mais fundo dentro de mim.

— Isso é... — Ele está sobre mim, apoiado nos antebraços, paralisado por alguns segundos. — Dean — murmura.

— Sim?

— Isso é bom demais.

Eu balanço o quadril contra ele e dobro os joelhos, puxando-os contra o corpo, dando a ele mais espaço para me foder com vontade.

— Melhor do que bom.

Ele estremece quando eu me movo embaixo dele, estremece inteiro, e fala alguns palavrões.

— Gato. Você está me matando. Acho que vou durar, tipo, dois segundos.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Eu aposto que você pode fazer isso durar. Aposto que você quer.

E isso é tudo de que ele precisa. Um pequeno desafio. Um comando. Ele faz a mágica. Isso atíça todo o fogo competitivo nele, e ele cerra os dentes, luta contra a perspectiva de um clímax prematuro, então entra mais fundo em mim, sua mão no meu pau o tempo todo.

— Senti sua falta, gato — diz enquanto acaricia profundamente.

— Senti muito sua falta — murmuro.

E paramos de falar. Só fazemos. Estamos trepando, suando e gemendo e agarrando. E é intenso, poderoso e elétrico. É tudo como sempre foi conosco, e é muito mais. Porque agora é isso – o começo de uma vida totalmente nova juntos.



# Capítulo 48

## Fitz

Acontece que sexo sem camisinha é muito confuso. Bem pegajoso. Mas é para isso que servem os chuveiros. Tomo banho com meu noivo, vou para a cama com meu noivo e acordo com ele também.

Bom, eu acordo com seu pau duro pressionado contra um lado da minha bunda, já que Dean está abraçado a mim de conchinha. Mas essa é uma maneira muito boa de acordar.

— Hmm. Que tal alguns centímetros mais abaixo? — eu sugiro, já que sou um cara útil assim.

— Bom dia para mim — diz ele com uma voz rouca que me deixa ainda mais excitado.

— Disse que eu poderia fazer isso todas as noites e todas as manhãs — lembro, empurrando minha bunda contra sua ereção.

Ele pega o lubrificante.

— Eu nunca duvidei de você, Fitz. Mas é sempre bom demonstrar.

Seguro sua mão e a ponho no meu pau.

— Aqui estão suas provas concretas.

Dean ri alto, e eu também, então meu riso cessa quando seu dedo desliza para dentro de mim. Fecho os olhos e gemo. Ele geme também. Os sons que ele faz vão direto para o meu pau, e eu juro que sou de aço agora, e ele não me solta.

E logo ele me deixa pronto, e com a mão na parte favorita do meu corpo, ele me penetra.

Dean não tem pressa, deixa eu me adaptar, me deixa guiar o ritmo.

— Você é muito quente e apertado — ele murmura, e vai mais fundo.

Respiro fundo, me acostumando com as novas sensações. As sensações incríveis. Sinceramente, nunca pensei que estaria nesse vai e vem de papéis, em revezamento. Mas nunca pensei que estaria na cama com um homem com quem me casaria.

Dean ajusta minha perna, abrindo acesso para onde ele quer estar, onde eu quero que ele esteja também. Bem dentro de mim. Sua mão aperta meu pau, e o desejo selvagem consome meu corpo.

— Você é meu — ele sussurra em meu ouvido enquanto eu me mexo em sua mão, e ele entra no meu corpo, seu outro braço envolvendo meu peito, me puxando contra ele.

Eu aqueço como o sol enquanto ele me fode assim, nossos corpos entrelaçados. Não demoro muito. Estou perto, muito perto, e ainda mais perto quando seus lábios percorrem minha nuca. Meu corpo inteiro, minha mente, minha alma, tudo está encharcado de felicidade, luxúria, desejo.

— Nada é tão bom quanto isso — murmura Dean, mordendo minha orelha.

— Nada — repito, e pareço tão perdido de prazer quanto ele.

Mas também me encontrei. Estou onde quero estar.

E depois de fazermos outra bagunça quente, pegajosa e perfeitamente sexy, nos limpamos e voltamos para a cama, onde ele segura minha mão e entrelaça os dedos nos meus.

Olho para a aliança em seu dedo, admirando-o.

— Isso é lindo, Dean.

— Sim, e eu acho que você precisa de uma também. — Ele levanta minha mão, mostrando nossos dedos entrelaçados. — Não posso deixar você andando por aí assim. Todos esses dedos nus. Eu preciso que todos saibam que você está comprometido.

E eu sorrio. Sim, definitivamente estou comprometido.

— Sinta-se livre para colocar uma aliança no meu dedo, gato. Conte ao mundo que vou me casar com o amor da minha vida.

Ele aperta minha mão.

— Eu te amo muito. Só isso. — E *isso* é tudo.

# OS POUCOS DIAS SEGUINTEs

**Também conhecidos como o começo  
de uma nova contagem regressiva.**



# Capítulo 49

## Dean

Quando entro no The Magpie antes de abrirmos na noite seguinte, um grito e um berro me recebem.

— Garotão apaixonado! — Maeve sai correndo de trás do balcão e vem até mim, pulando em meus braços.

Eu a seguro antes de cairmos.

— Adorável ver você também.

— Conta tudo, seu cachorro — ela diz quando a coloco no chão.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Tudo?

Ela revira os olhos.

— Ótimo sexo, blá, blá, química perfeita, blá, blá, felizes para sempre, blá, blá.

— É isso — eu digo, rindo enquanto entro e sento em uma banqueta no balcão.

Ela senta ao meu lado, apoia o queixo na mão e pisca.

— Então, quando é o casamento? Posso ser sua madrinha? E você está feliz demais?

— Ano que vem. É claro. E mais do que jamais pensei ser possível.

Ela coloca a mão no coração e suspira.

— Eu queria dizer que eu avisei, mas estou animada demais por você para me vangloriar.

— Vai em frente. Você merece.

Ela endireita os ombros, se empertiga toda e me cutuca no peito.

— Lembra daquela noite em que eu disse que ia rir muito quando o amor te desse um tapa na cara e te derrubasse de bunda?

Olho para o teto como se estivesse imerso em pensamentos.

— Como assim? Lembro perfeitamente.

— Eu estava certa — diz ela, balançando os ombros.



— Você estava — concordo, e uma vez encerrada a recapitulação necessária, eu respiro e abordo o assunto que precisamos discutir. — Então, eu vou embora em breve.

— Eu sei.

— Vou sentir saudade de você.

— Eu vou sentir sua falta também — diz ela, passando a mão pelo rosto enquanto seus olhos brilham com lágrimas. — Muito — acrescenta, e sua voz falha enquanto as lágrimas escorrem pelas faces.

Eu a abraço.

Ela chora baixinho por um minuto, depois se afasta, bate de leve com a mão no rosto e compõe a expressão.

— Está tudo bem. Chega de lágrimas.

— Precisamos falar sobre esse lugar e o que isso significa. Especialmente porque o empréstimo está quase liquidado.

— Certo. Como resolvemos isso? Quero dizer, eu compro sua parte, é claro.

Balanço a cabeça.

— Não.

— O quê? — Ela reflete, e logo uma alternativa lhe ocorre. — Ah, você quer ser um sócio silencioso nos EUA? Tenho certeza de que podemos resolver isso.

Seguro a mão dela.

— Escuta, eu conversei com Fitz sobre isso. E espero que não pareça presunçoso. Mas nós realmente queremos fazer isso por você. Porque é o seguinte — tudo está mudando para mim, e ele quer facilitar para nós dois, para mim e para você. Então, pensa um pouco nisso, se você precisar — faço uma pausa breve — mas eu quero te dar minha metade.

Ela abre a boca.

— O quê? — Parece um personagem de desenho animado atingido por um raio. — D... dar para mim? — pergunta, tropeçando nas palavras.

— Sim.

— Ah, hm, como assim?

— Bem, não posso mais administrar o bar. E eu comprei meu apartamento por um preço baixo, e ele valorizou, então, quando eu o vender, terei o suficiente para alugar um bar novo em Nova York. E eu quero que você fique com este aqui.

— Mas Nova York não é barata.

— Nem Londres, como nós dois sabemos.

Passo a mão no queixo. Assuntos de dinheiro podem ser delicados para discutir, mas Maeve e eu conversamos sobre tudo, inclusive finanças.

— Olha, vou ser direto. Meu noivo ganha bem. E eu não pretendo criar problemas e dificuldades, ser teimoso sobre todas as coisas. Isso seria inútil. Ele cuida das pessoas que ama. É um privilégio ser uma dessas pessoas – ser a pessoa dele. Quando estiver em Nova York, o bar que vou abrir será meu e serei responsável por ele. Mas não terei que me preocupar com aluguel ou hipoteca, ou coisas assim. Então sim. Eu... — Paro, porque não tomei essa decisão sozinho. Fiz isso com Fitz hoje de manhã antes de ele voltar para Nova York. — Ele e eu, nós... nós queremos fazer isso por você. — Corações parecem flutuar sobre sua cabeça. — Ele quer que você tenha tudo que quiser. De verdade.

Maeve pega meu braço e o aperta.

— Porque você é o que ele mais quer.

Tudo o que posso fazer é sorrir, porque é verdade.

No domingo à noite, depois de seis horas e cinquenta minutos na primeira classe, vejo Fitz esperando por mim do outro lado da segurança. No segundo em que o alcanço, ele me abraça e nos beijamos.

Entramos no carro que ele pediu e, enquanto o motorista nos leva para a cidade, Fitz me enche de perguntas sobre o voo, *The Magpie* e meu apartamento. Todas as coisas que falamos ao telefone, mas ele gosta de saber onde está e como os detalhes estão se encaixando. Quer fazer parte dessa mudança, estar comigo enquanto transfiro minha vida na Inglaterra para uma vida nova aqui.

Assim que atravessamos para Manhattan, ele estende o braço, mostrando a cidade além das janelas.

— Então, esta é a *Big Apple*, e os nova-iorquinos nunca a chamam desse jeito. O que você acha?

Rindo, eu olho em volta, absorvendo a vista.

— Estou vendo tudo pela primeira vez. Ainda não formei opinião.

Ele me cutuca com o cotovelo.

— Vamos lá. Quais são seus prós e contras?

Eu toco meu queixo.

— Ouvi dizer que não chove muito.

— Definitivamente um pró.

— Além disso, dizem que Nova York tem uma ótima pizza.

— Mais um benefício.

— E meu sotaque vai se destacar e fazer todos os meus novos clientes desmaiarem. Então, prevejo grandes gorjetas.

Fitz passa a mão na minha nuca.

— Eu disse que você ia gostar daqui.

— Acho que a única coisa que resta é ver a vista da sua casa.

— A vista é épica.

E ele não está exagerando. Ele mora no vigésimo quinto andar de um prédio lindo com vista para o *Gramercy Park*. A cidade se estende lá embaixo.

Mais tarde naquela noite, depois de nos reconectarmos da nossa maneira favorita, olho pelas janelas panorâmicas, admirando as luzes dançantes, os arranha-céus, todas as pessoas andando nas ruas lá embaixo.

— Você tem uma ótima vista.

Fitz para atrás de mim, balançando a cabeça e envolvendo minha cintura com os braços.

— Não. Nós temos — ele diz, e beija meu pescoço, roçando a barba em mim de uma forma perturbadora.

Eu não digo nada porque ainda parece surreal, essa mistura de tudo. Também porque... aquela barba.

Ele segura meu queixo e vira meu rosto para ele, seus olhos intensos.

— É nosso, Dean. Você sabe disso, certo? Tudo que tenho é seu.

Reviro os olhos, não porque duvide dele, mas porque não sei o que dizer. Sua generosidade é maravilhosa e assombrosa às vezes.

— É sério — ele insiste. — E é melhor você se acostumar com isso. Porque eu vou cobrir meu marido de tudo.

Ele se move para um beijo. Eu o beijo de volta, e quando o beijo termina, olho pela janela novamente, saboreando a vista da minha nova cidade.

Em breve, vou vender meu apartamento. Vou arrumar minhas coisas.

Vou me despedir dos meus amigos e da minha família. Eu vou voltar para cá para sempre.

Olho para Fitz, sentindo ainda mais certeza dessa escolha.

— Eu gosto daqui.

Ele bate um punho.

— Você vai adorar em breve.

— Eu não tenho dúvida. — Sorrio. — É a nossa casa.

Seus olhos brilham.

— Isso. É nossa. Sua e minha.

Na manhã seguinte, compro uma aliança para ele e o beijo na Quinta Avenida com uma multidão de nova-iorquinos passando por nós, a cidade ao nosso redor e nossa vida pela frente.

# ANO SEGUINTE

**Também conhecido como... e vivemos  
felizes para sempre.**



# Capítulo 50

## Fitz

Melhor mês da minha vida.

É fevereiro, meu time está arrasando, estou tendo uma temporada matadora e meu noivo está prestes a abrir seu novo bar aqui em Nova York. Claro, o mês anterior foi muito bom também, porque... Dean. Eu poderia dizer o mesmo para o anterior. Inferno, todo dia tem sido épico desde que ele chegou à cidade. Hoje é mais um dia épico.

Depois de um treino à tarde, paro no local que ele alugou a dez quarteirões de onde moramos e examino o bar.

— É tão Londres — digo, observando a madeira escura, as mesas de sinuca, os jogos e as telas de TV que certamente vão transmitir sua versão de futebol.

— Não é muito pobre? — Dean pergunta enquanto me serve uma cerveja, assim como fez na noite em que nos conhecemos.

— É incrível — eu digo, pegando um banquinho no bar e tomando a bebida.

Tudo sobre o lugar parece com Dean, desde os padrões tocando nos alto-falantes até o nome do lugar—*The Pub*.

— Foi ideia do meu pai. — Dean havia contado quando decidi o nome. — Alguns dias depois que você partiu pela primeira vez, eu estava me sentindo particularmente uma merda, e ele me levou para um lugar como este. Olhou em volta, disse que se sentia em casa. Decidi que era isso que eu queria aqui em Nova York.

E foi isso que ele fez acontecer. Este fim de semana ele inaugura, e mal posso esperar para estar aqui com ele quando isso acontecer.

— Isso faz você sentir falta de Londres? — pergunto, com um pouco de receio de ouvir um sim. Que ele vai sentir saudade do que deixou para trás.

Dean balança a cabeça.

— Não. Tenho tudo o que quero aqui.

Lá vai ele, me fazendo apaixonar mais a cada dia.

— Bom. Vamos manter assim.

— Funciona para mim.

Aponto para a tela da TV pendurada no canto.

— Você vai passar hóquei quando eu jogar, certo?

— Talvez — meu gato diz com um encolher de ombros, colocando os cotovelos no balcão e me olhando daquele jeito que acaba comigo. — Depende de você fazer valer a pena.

— Eu sempre faço — digo, e o chamo para o lado de cá do balcão, porque preciso de uma foto nossa.

Dean se junta a mim para uma selfie e me dá um sorriso sexy enquanto tiro uma foto nossa em seu bar.

— E você vai usar isso na sua próxima viagem? — ele pergunta quando eu mostro a imagem.

Meus olhos viajam para cima e para baixo em seu corpo.

— Não se você conversar por vídeo comigo como eu quero que faça.

— Insaciável — ele brinca, e desliza a mão por minha coxa antes de retornar ao bar.

— Assim como você — falo alto.

— Com certeza, Fitzgerald.

— Você agora está me chamando pelo meu sobrenome completo?

Dean inclina a cabeça como se tivesse acabado de perceber o que disse.

— Hm. Acho que ouço isso o tempo todo durante seus jogos. Talvez eu chame você de Fitzgerald na frente de todo mundo e Fitz no quarto.

— Faça isso, gato. Quer saber por quê?

— Diz porquê.

— Porque Fitzgerald soa quase como um pecado com esse seu sotaque, e Fitz é puro sexo em seus lábios.

Dean bate no queixo.

— Então, basicamente, eu te excito, não importa qual variação do seu nome eu use?

Eu rio.

— Acho que é isso.



— Funciona para mim, então... Fitzgerald.

Um pouco mais tarde, saímos juntos, vamos encontrar alguns dos nossos amigos em Nova York. Nossos amigos. Porque isso é outra coisa que eu amo no meu homem. Ele é tão charmoso que se dá bem com todo mundo.

Seguimos para um restaurante no *Upper East Side*. Logan nos vê primeiro e nos chama para o bar, onde ele mantém um braço em volta de sua nova mulher, Bryn, uma morena que mantém meu amigo na linha.

— *Laser tag*. O que acha? Estou procurando uma liga de verão — ele diz, e acena para Dean. — Quer jogar *laser tag* com a gente?

Dean acaricia seu queixo.

— Deixa eu pensar sobre isso. Espera. Já tenho uma resposta. Obrigado, mas não, obrigado.

Eu dou de ombros.

— Ele é um esnobe esportivo. O que posso dizer?

— Você pode dizer que vai jogar — diz Logan, batendo no meu ombro e cantando: — Joga. Joga. Joga.

— Você sabe que eu sempre topo uma partida.

Bryn aperta o braço de Logan.

— Mas olha, querido, se não conseguir organizar o *laser tag*, pode simplesmente se juntar à aula de bambolê que Amelia e eu estamos fazendo.

Logan balança a cabeça, mas está sorrindo, e tenho certeza de que está contente porque sua nova mulher adora praticar esportes com sua filha.

Summer chega em seguida com o marido, Oliver. Dean e Oliver conversam sobre todas as coisas britânicas, trocando ideias sobre Londres e o que está acontecendo lá, enquanto Summer e eu conversamos sobre como está indo sua nova academia de ginástica.

Logo, Leo se junta ao grupo tripulação e, depois de cumprimentos rápidos, dá um tapinha nas costas de Dean.

— Dá uma olhada nisso — diz, e pega seu telefone para mostrar uma foto para Dean. — Esta mesa é da idade das trevas, dos anos cinquenta. Eu a comprei no fim de semana passado em uma venda de garagem.

— Essa precisa de muito trabalho — diz Dean, estudando a foto.

— Eu sei! — diz Leo parecendo ridiculamente animado. — Estou pensando em lixadeiras elétricas, óculos de proteção, serviço

completo. Você concorda com isso?

— As lixadeiras elétricas me deixam muito empolgado, então sim. Conte comigo. Seu espaço no armazém? — Dean pergunta, e eu tento conter um sorriso enquanto eles conversam, mas é difícil pra caramba, já que eu amo que esses dois tenham se unido nessa coisa de restauração de móveis, e agora são bons amigos.

— Este fim de semana. Sábado. Esteja lá cedo — diz Leo.

Dean estremece.

— Não consigo acordar cedo. É contra a minha natureza. Mas meio-dia parece ótimo.

Leo ri.

— Vejo você ao meio-dia.

Quando a hostess aparece para nos dizer que a mesa está pronta, todo mundo se afasta do balcão do bar.

Seguro a mão de Dean.

— Eu disse que você e Leo se dariam bem.

— Você estava certo — diz ele.

— Estou feliz. Estou feliz por você gostar daqui.

Dean desliza a mão pelas minhas costas.

— Ah, mas é aí que você está enganado. Não gosto daqui.

Eu congelo.

— O quê?

Ele se aproxima e sussurra no meu ouvido:

— Eu amo isso aqui.

Isso me deixa muito feliz. Ele tem os próprios amigos, o próprio negócio e a própria vida. Mas a minha parte favorita da vida dele é que ele a compartilha comigo.



# Capítulo 51

## Dean

Aquele terno.

Meu noivo está fantástico em seu terno algumas semanas depois. É cinza escuro, abraça sua estrutura musculosa e me faz querer despi-lo.

Mas eu me comporto. Eu já tive ele sem roupa quando dei a ele seu amuleto da sorte antes do jogo, e peguei o meu também. Rituais pré-jogo são muito importantes.

Agora ajudo Fitz a abotoar a camisa, depois pego uma gravata roxa para ele no armário. Ponho a gravata no pescoço dele, ajustando o comprimento e depois dando um nó.

— Mais tarde, se você for particularmente bom nessa coisa de defender que você faz no gelo, talvez ganhe outra recompensa.

Seus olhos azuis brilham de desejo.

— Talvez? Você nunca me negaria, gato.

— Verdade. — Eu bato na bunda dele. — Vá para a arena. Os *playoffs* começam em breve, e você precisa continuar acertando suas tacadas até lá. Vejo você lá hoje à noite.

Fitz ri quando o acompanho até a porta. Antes de sair, porém, ele agarra o cós da minha calça jeans, me puxando para ele.

— Você ir aos meus jogos é uma coisa que nunca deixa de me surpreender.

— Eu sei. — Sorrio. — Mas você precisa ir, ou vai se atrasar para a tacada inicial.

Ele revira os olhos.

— Eu te amo. E é isso.

— É recíproco.

Um pouco mais tarde, paro no *The Pub* para ver se meus funcionários têm tudo sob controle para hoje à noite, depois vou encontrar Leo

para irmos à arena.

— Eu tenho um livro novo para você. É sobre um esquema Ponzi em Wall Street. Totalmente brilhante — digo, e enquanto atravessamos a cidade, ofereço minha sinopse da história de ganância e excesso que acabei de ler, porque temos gostos semelhantes em livros.

— Vou verificar — diz ele, mas soa um pouco distraído.

Ele fica assim no jogo também. Normalmente, ele é todo, *vai, time, vai*, mas quando os mocinhos marcam, ele nem comemora.

Sento, tomo um gole da minha cerveja e levanto uma sobrancelha.

— Qual é o problema? Você está um pouco estranho.

Ele passa a mão na cabeça.

— É Lulu.

Eu pisco, surpreso ao ouvir esse nome dito dessa forma.

— Lulu? A esposa do seu melhor amigo?

— Sim.

— Ah — eu digo, e tenho a sensação de que essa conversa está prestes a se tornar mais intensa do que o jogo. — Está acontecendo alguma coisa entre você e ela?

Leo balança a cabeça como se não pudesse parar de sacudi-la.

— Não, só não. Não, não, não.

— Então o que é?

Ele toma um gole de cerveja e suspira.

— Você tem ideia da sorte que tem por não estar loucamente apaixonado pela esposa do seu melhor amigo? Há anos?

A lógica não fica muito clara para mim, mas agora não é a hora de discutir isso.

— Você está apaixonado por Lulu desde que ela se casou com Tripp há vários anos?

— Desde antes de ela se casar com ele. E não há nada que eu possa fazer sobre isso.

— Bem, sim. Já que ela é casada e tudo mais.

— Eu sei. Eu sei.

Então ele continua falando. Ele não se cala. Ele me conta sobre o dia em que conheceu Lulu. Ele me conta sobre como Tripp se apaixonou por ela também. Ele me conta sobre as batalhas de Tripp com o álcool, e como ele e Lulu estão tentando ajudá-lo a ir para a

reabilitação, e é tudo muito intenso, já que ele é louco por ela também.

— Mas não há nada que eu possa fazer.

Concordo com a cabeça, desejando poder revirar a caixa secreta de conselhos de barman e dar a ele a solução perfeita para estar apaixonado pela esposa do melhor amigo.

— Tudo o que você pode fazer é ser amigo dele. E dela. Isso é tudo que você pode fazer — eu digo.

— Sim. É — ele ecoa.

Mais tarde, depois que Fitz vence, dando uma tacada épica que comemoro mais alto que todo mundo, meu noivo se enrosca em mim na cama.

— Você se divertiu no jogo?

— Sempre.

— E como está Léo?

Balanço a cabeça.

— Você não tem ideia do tormento que o amor significa para ele agora.

— É?

Não entro em detalhes. Não é minha história para contar.

Em vez disso, resumo a situação em uma frase.

— Faz o que passamos para chegar até aqui parecer moleza.

Fitz arqueia uma sobrancelha.

— Mas foi duro?

— Eu não sei. Foi?

— Está duro agora. — Ele me cutuca com a pélvis.

Eu rio, sentindo a evidência.

— Você tem a mente muito focada.

— Eu sei, mas algumas coisas são sempre duras, gato. Não posso fazer nada. Estou na cama com você. Sempre vai ser duro.

— Bota essa boca na minha.

Quando ele me beija, todos os pensamentos sobre a vida amorosa de outras pessoas saem da minha cabeça, porque a minha é muito boa. E não é porque temos sorte. É porque nós acontecemos. E neste verão, vou me casar com ele.



# Primeiro Epílogo

## Fitz

Eu tinha razão. Minha mãe ama Dean.

Todas as minhas irmãs também. Emma, Carrie e Sarah. Estão todos aqui em Nova York para o casamento em junho. Nós as encontraremos no *Central Park* mais tarde. Por enquanto, estou me arrumando em nossa casa com meu homem. Meu noivo. O outro noivo.

Nós não estamos fazendo a coisa toda de não nos vermos antes da cerimônia. Esse não é o nosso estilo. Nosso estilo é esse: ele usa um terno azul-escuro sob medida. O meu é azul mais claro. Eu aperto sua gravata. Ele dá um nó na minha.

E depois recuo um passo e dou uma olhada no homem que vai ser meu marido.

— Você fica lindo quando se arruma, Dean Collins.

— Você também, James Fitzgerald.

— Hora da foto — eu digo, segurando meu telefone na sala e tirando uma selfie no dia do nosso casamento. Eu mostro para ele.

— Guarda essa. Definitivamente, guarda — diz ele.

E vamos juntos ao parque em uma limusine. Entramos juntos. E encontramos nossas famílias juntos. É assim que caminhamos pelo corredor, que é realmente a passarela de pedra no *Bethesda Terrace*. De mãos dadas, minha mãe de um lado, o pai dele do outro, e depois somos só nós na frente de um juiz de paz.

Todo mundo com quem me importo está aqui. Todo mundo com quem ele se importa está aqui também. Todos os seus amigos de Londres, Naveen e Anya, Taron e sua noiva, Maeve e Sam, e o pai de Dean e a namorada, Penny.

Meus amigos de Nova York, que agora são nossos amigos. A maioria dos meus companheiros de time também. Todos que amamos. Mas eu só tenho olhos para uma pessoa.



— Você, James Fitzgerald, aceita este homem como seu marido?  
— o juiz de paz pergunta em um dia quente de verão, com o sol brilhando sobre nós.

Eu digo as palavras mais fáceis de todas.

— Aceito.

— E você, Dean Collins, aceita este homem como seu marido?

O cara que eu amo loucamente, além de qualquer coisa, mais do que qualquer outra pessoa em todo o universo, olha nos meus olhos e me faz o homem mais feliz do mundo quando diz:

— Aceito.

E então eu beijo o noivo. Algo que pretendo fazer todos os dias para o resto da minha vida.



# Epílogo da Maeve

## Algumas semanas antes

Depois de fechar em uma noite de maio, examino a mesa de sinuca em um canto do *The Magpie*, aquela que decidi comprar porque me lembra Dean, como se um pedacinho do meu amigo ainda estivesse aqui.

Eu posso ouvi-lo na minha cabeça, avaliando os caras, decidindo qual deles vai me tentar esta noite.

Um dos benefícios do jogo que Dean e eu jogamos foi que ele me impediu de fazer uma má escolha. E eu fiz algumas. Muitos caras parecem bons e acabam sendo uma total perda de tempo.

Tome Jeremy, o melhor e o pior deles. Foi para Cambridge, conseguiu um diploma de direito chique, vestido como James Bond. Ele escrevia poesia e lia para mim enquanto estávamos sentados na varanda. Era perfeito. Exceto, é claro, por ele estar lendo poesia para outra mulher ao mesmo tempo.

Mas isso é tudo passado, porque eu encontrei o relacionamento perfeito. Eu coloco minha alma nele e, em troca, ele fica cada vez melhor. É muito trabalho, mas *The Magpie* nunca vai me decepcionar.

Encontro o panfleto do evento de degustação na minha mesa. Degustação dos Bares e Vinícolas de Londres amanhã. Enquanto estiver lá, terei a chance de falar sobre o que amo. A saudade do meu melhor amigo vai amenizar um pouco.

Na manhã seguinte, sou uma das primeiras a chegar ao hotel do evento, vestida com legging e top casual, com o vestido e os sapatos de salto embalados em uma bolsa.

Começo a pendurar as flores artificiais e as luzes que escolhi para o estande, e depois pego os copos e as garrafas de bebida as nossas amostras de coquetel.

— Olha quem não me disse que estaria aqui.

A voz profunda de barítono faz minha pele arrepiar. Viro e encontro os olhos escuros de Sam brilhando para mim, combinados com seu sorriso sexy e torto, como gim e vermute.

— Sam, seu sorrateiro. Eu poderia dizer o mesmo. Por que você não me disse que estaria aqui? Eu te vi algumas semanas atrás, e você nem mencionou isso.

— Um homem tem que ter algum mistério.

— Bem, seu segredo agora foi revelado. Bom te ver.

É verdade. Não é difícil olhar para seu rosto fabuloso. Com uma mandíbula forte, olhos ardentes e a quantidade certa de barba, ele sempre foi agradável aos olhos. Além disso, seu sotaque americano e sexy me encanta.

Não que eu tenha pensado nele duas vezes até recentemente. Quando o conheci há alguns anos, ele era casado, o que o colocou firmemente na coluna “apenas amigos”. Como ele é amigo de Dean, sempre nos encontrávamos nas mesmas festas e eventos, e passei a conhecê-lo melhor depois de sua separação, e ele se tornou meu amigo também.

— E você? Parece que tive sorte com a vizinha de estande — Sam diz, me puxando para um abraço.

Seu corpo é forte, e ele cheira a sândalo limpo. Eu me pego respirando fundo e dou um passo para trás.

— Como vai o *Sticks and Stones*?

— Sem reclamações. A grande questão é como você está sem o Dean?

— Sinto muita falta dele, especialmente quando preciso de alguém para levantar coisas pesadas ou alcançar prateleiras altas. Falando nisso, eu tenho que encontrar uma escada para pendurar essas decorações.

Mostro as faixas douradas e prateadas que trouxe para enfeitar o alto do estande.

— Ele não é o único cara alto por aí, você sabe. Eu posso te dar uma mão.

— Ah, tudo bem — digo. Eu me acostumei a fazer as coisas sozinha. — Só preciso me esticar.

Sam ri, uma risada baixa e quente.

— Que tipo de amigo eu seria, se não ajudasse?

Olho para o espaço atrás de mim. Por outro lado, a ajuda seria

bem-vinda.

— Eu preciso trocar de roupa. Você estaria disposto a pendurar algumas coisas enquanto eu vou ao banheiro?

Sam franze a testa.

— Espere um minuto. Você não vai usar essas leggings incríveis?

Oh, ele acabou de elogiar minhas pernas? Acho que sim, e eu gostei.

— Infelizmente não. Preciso parecer um profissional. Logo, nada de calças de ioga.

Sam suspira.

— Que pena. Mas acho que vou ajudar de qualquer maneira.

Eu rio e pego minha bolsa de roupas. Uma onda de calor percorre minha nuca ao sentir os olhos de Sam em mim. Digo a mim mesma para não ler muito em Sam e seus flertes, e vou para o banheiro, onde troco as roupas de ginástica pelo vestido vermelho que escolhi para a ocasião. Calço os sapatos de salto e volto para o estande.

Meu queixo cai quando vejo que Sam não apenas terminou de pendurar os enfeites, como também colocou meus panfletos do *The Magpie* à vista.

— Decorador de estande extraordinário.

— Na verdade, eu sou — diz ele, e quando se vira, seus olhos fazem um passeio óbvio pelo meu corpo. — E com esse vestido, não sei se vou conseguir prestar atenção no meu estande.

Reviro os olhos, embora goste do elogio.

— Por favor. Vai ser fácil. Você vai ter muitas mulheres disputando sua atenção. Como sempre.

— Elas disputam minha atenção? Eu não tinha notado.

Eu rio.

— Ah, não, você não vai me fazer admitir isso.

Mas é difícil desviar o olhar do homem bonito que caminha para sua mesa ao lado da minha.

Opa.

Eu conheço essa sensação. Esse sentimento só pode levar a problemas.

É o mesmo que me levou a pensar que Jeremy era um cara legal.

Gostar de Sam seria ainda mais arriscado. A inevitável queda doeria mais, porque ele não seria um cara aleatório. Eu perderia um

amigo.

Então, preciso me recompor e ignorar o resquício de calor se espalhando por minha nuca. Mesmo que seja tão bom.

No momento em que o evento acaba, conversei mais do que jamais pensei ser possível – o que, como bartender experiente, significa muito – e esgotei as maneiras de descrever a “energia moderna e inventiva” do *The Magpie*. Também servi centenas de coquetéis clássicos e antiquados e tenho certeza de que cheiro a laranja e uísque.

Enquanto recolho os copos e as decorações, Sam para, sorri e começa a tirar minhas decorações mais altas.

— Você lê minha mente — digo, colocando a mão brevemente em seu ombro. Seu ombro forte e firme. — Dean costumava me ajudar com coisas assim. Pena que o idiota teve que ir e se apaixonar.

Sam ri.

— Pelo que ouvi dizer, alguém deu uma mãozinha nisso.

Dou de ombros, pegando alguns panfletos e colocando-os em uma caixa.

— Quem sou eu para ficar no caminho do amor verdadeiro?

— Você realmente soube imediatamente que eles seriam bons um para o outro?

Eu sorrio, assentindo.

— Com aqueles dois? Com certeza. Ou pelo menos eu sabia que eles tinham uma química incrivelmente quente.

— E isso se traduz em amor?

— Acho que o amor verdadeiro precisa de química verdadeira.

— Agora você está filosofando, Maeve.

— É preciso mais do que isso, obviamente — digo. — Você precisa de confiança, compromisso e honestidade. Mas para decolar, talvez, o amor precise de química. Você precisa estar com alguém que te entenda.

— Parece que está falando por experiência — diz Sam pensativo.

A conversa está se aproximando demais do tema história romântica, e não estou propensa a mergulhar no meu passado desastroso. Não com Sam.

Então eu respondo:

— Só porque parece que todo mundo que eu conheço está se

apaixonando hoje em dia.

— Nem me fala — diz Sam com tom de lamento. — Eu tenho a festa de noivado do meu amigo Tom para ir no próximo fim de semana. Já sei que vou ter que responder a toneladas de perguntas do tipo “E a Emily?” de pessoas que não sabem sobre o divórcio.

— Isso deve ser difícil.

Agora não estamos mais girando em torno do tema corações partidos. Pousamos nele.

— Então... você namorou? — pergunto. — Desde o...

— Eu meio que dei uma pausa. Não tenho pressa de passar por tudo isso de novo.

Meu coração dá um pulinho.

— Eu sei o que você quer dizer. — E porque eu entendo, e por ele ser um amigo, parece justo oferecer ajuda.

— E uma amiga? Ajudaria ir à festa com alguém de quem você é apenas amigo?

— Você está oferecendo seus serviços?

— Isso faz parecer muito impróprio — eu digo.

— Às vezes, o impróprio é uma coisa muito boa.

— De fato é.

— E impróprio ou não, seria bom ir com uma amiga. Posso retribuir o favor a qualquer momento.

— Eu tenho um evento de caridade em algumas semanas. Dean sempre foi comigo, mas como ele foi embora, seria ótimo ter um amigo ao meu lado.

É mais do que isso, mas não estou pronta para dar a ele todos os detalhes. Se ele disser que sim, posso explicar tudo mais tarde.

— Eu ficaria feliz em oferecer meus serviços como voluntário.

— Próprios e impróprios? — Eu pergunto, fazendo um charminho. Tudo bem, muito charme.

— Tudo que faz parte do pacote.

Finjo com todas as minhas forças que isso não é nada. Apenas um amigo paquerador, apenas dois eventos. O que poderia dar errado?

No dia da festa de noivado, Sam manda uma mensagem dizendo que vai me pegar no meu apartamento. Como é uma festa diurna, escolho um vestido justo com saia ampla, rosa claro, com uma estampa

simples de tulipas na saia, e faço um penteado francês no cabelo. Minha foto poderia estar na wiki sob o verbete “ocasião social diurna”.

Quando abro a porta, os olhos de Sam se abrem lentamente. Ele engole um pouco ruidosamente e pigarreja.

— Uau. Você está... esplêndida.

Esplêndida não soa apenas amigável, mas eu gosto.

— Só estou tentando te ajudar a causar uma boa impressão.

— Ah, você definitivamente vai causar uma boa impressão. Em mim — ele diz, e aí meu Deus, ele acabou mesmo de fazer isso?

Eu não me importo por ele ter feito.

Mas também não tenho certeza se deveríamos estar fazendo esses jogos de flerte, então, quando estamos no carro de aplicativo, pergunto sobre Tom, seu amigo noivo.

— Nós nos tornamos bons amigos no nosso grupo de corrida — diz ele quando passamos pelo parque. — É meu hobby relativamente novo.

— Novo, tipo, pós-divórcio?

— Sim. Tente não se impressionar com a frieza disso. Mas sim. Eu precisava fazer alguma coisa para sair de casa.

Eu acaricio sua mão.

— Parece que você estava tentando fazer o melhor com o que tinha.

Não insisto no assunto, mas estou aprendendo que gosto que Sam seja capaz de falar sobre isso. Ele não esconde o que passou. Ele falou mais abertamente do que eu sobre o fim do meu relacionamento. Talvez não fosse tão ruim me abrir.

— Essas coisas são sempre difíceis, não é? — Eu pergunto, um pouco melancólica, enquanto o carro diminui a velocidade em um semáforo. — Festas de noivado e casamentos. Depois que você... passou por uma separação. Foram difíceis para mim logo depois do rompimento. Você está bem? Por ir?

Por um momento, Sam olha pela janela. Eu me pergunto se fui longe demais, mas então ele sorri.

— Sim, estou bem. Estou melhor, agora que você está aqui.

Ele estende a mão para apertar a minha. Apenas um aperto amigável, mas provoca arrepios por todo o meu corpo. Os sinos de alarme disparam novamente, avisando-me para preservar essa amizade. Mas não é fácil. E eu não quero ouvir o alarme.



Especialmente quando olho para ele. O maxilar esculpido, recém-barbeado. A maneira como ele passa as mãos pelo cabelo escuro. A maneira como seus olhos se iluminam quando ele fala. A maneira como ele me faz sentir segura.

E, é claro, tem o fato da mão dele ainda estar segurando a minha.

Ele olha para baixo e depois para mim. Por um momento, tudo o que posso fazer é olhar em seus olhos. Os olhos de um homem atencioso, divertido e solteiro.

O carro para no *Roehampton Club*, e o momento chega ao fim.

No evento, cumprimentamos os convidados de honra e depois vagamos pela multidão, mordiscando os cogumelos recheados com caranguejo e os rolinhos primavera. Sam me faz rir com piadas e histórias de sua infância americana. Bebemos pinot grigio enquanto ele me conta sobre as principais diferenças entre Los Angeles e Nova York, dizendo que Los Angeles tem melhores vistas, mas Nova York tem pessoas mais honestas, e depois dizendo que Londres é uma mistura perfeita dos dois.

Logo, o DJ começa com brindes ao feliz casal. Depois chama todos para a pista de dança, e Sam se levanta e estende a mão para mim.

— Vamos dançar?

A perspectiva causa arrepios na minha espinha, e são os arrepios que fazem soar os sinos de alerta novamente. Rir é uma coisa. Arrepios são outra. Arrepios levam a mais, e mais leva a desgosto.

Correção: formigamento e calafrios podem levar a mais, mas não necessariamente. Só estou concordando com uma dança. Nada de errado com isso.

Penso em Dean e Fitz, avançando juntos rumo ao desconhecido. Isso é assustador. Isso é apenas uma dança. Sam me leva para a pista pela mão, mas a música é rápida tocando, o que é perfeito. É tudo diversão, brincadeiras, piruetas e risadas. Dançamos assim mais duas músicas, até que o DJ muda o clima com uma música mais lenta. A melodia de um casal.

Sinto mais do que vejo no olhar questionador de Sam. Sem pressão, apenas imaginando. Não tenho certeza se estou pronta para sentir seus braços em volta de mim, mesmo em público. Eu adoro flertar com ele. Então, por que recusar uma dança lenta?

Mas a questão não é tanto posso confiar nele, mas posso confiar em mim mesma? Não tenho certeza, então, digo que quero beber

alguma coisa. Mais tarde, ele me leva para casa e é bastante correto ao se despedir.

Uma pontinha – mais do que uma pontinha, para ser honesta – de decepção me surpreende. Eu não me importaria com um adeus impróprio.

Alguns dias depois da festa de noivado, chega um buquê de flores ao *The Magpie*. Olho para elas com curiosidade, e para o cartão também.

Maeve,

Obrigado por enfrentar isso comigo.  
Acho que nunca me diverti tanto em uma  
reunião social obrigatória.

Com amor, Sam

Como ele sabia sobre os girassóis? Não falei que são meus favoritos. Como ele poderia saber que me lembram dias de verão e recomeços?

Mando uma mensagem para Dean imediatamente. Ele é o único a quem eu contei sobre meu amor por girassóis – eu me empolguei com ele por ter conseguido algumas dúzias para a inauguração do *The Magpie*.

**Maeve:** Você contou para ele?

**Dean:** Contei o que para quem?

Aposto que posso imaginar o rosto dele agora. Inferno, eu não preciso imaginar. Abro o FaceTime com ele, e imediatamente um Dean muito satisfeito aparece na minha tela. Parece que ele está em seu novo bar – *The Pub*.

— Você contou para ele, não foi? Sobre isto aqui?

Viro a tela para que ele possa ver os girassóis e depois viro de volta para mim. Dean se atreve a parecer inocente. Não só aquela cara de quem finge que é inocente. Cara de quem realmente é inocente.

— Eu, honestamente, não sei do que você está falando. Mas foi um homem que mandou? Você está namorando?

— Sam mandou. Como agradecimento por ir com ele à festa de

um amigo.

Dean ri.

— Então você está namorando.

Eu reviro os olhos.

— Esquece. Mas você não contou a ele sobre as flores?

— Juro que não. Eu não tenho essa coisa de cupido. Além disso, alguns homens, você sabe, lembram de coisas sobre as pessoas de quem gostam.

Assinto meio desconfiada e desligo.

Ando pelo *Magpie*, depois pego o celular, tiro uma foto e envio para Sam.

**Maeve:** Obrigada. Como você sabia que são minhas flores favoritas?

**Sam:** Que bom! Eu esperava que isso não tivesse mudado. Você mencionou um tempo atrás. Algo sobre a maneira como eles fazem tudo parecer um pouco mais leve, certo?

A memória volta para mim de repente. Sam, Naveen, Anya, Dean — todos nós caminhando ao longo do Tâmisia no verão passado. Conversamos sobre nosso domingo perfeito, e eu mencionei casualmente que todo domingo deveria começar com flores frescas. Girassóis, em particular. Exatamente pela razão que ele disse.

Mas isso foi há quase um ano. Como ele se lembrava?

**Sam:** Isso ficou na minha cabeça. Agora, não consigo ver um girassol sem pensar em você.

**Maeve:** Essa é a coisa mais fofa que alguém já me disse. Sério! De verdade, obrigada. Não sei como vou compensar você depois do evento de caridade.

Por um minuto, os pontos saltitantes continuam aparecendo e desaparecendo na minha tela. Então, finalmente, uma mensagem aparece.

**Sam:** Você poderia usar a calça de ioga de novo.

**Maeve:** A calça de ioga realmente faz isso por você, hein?

**Sam:** Ou jeans. Ou qualquer coisa, na verdade. Eu não sou muito detalhista. Você fica bem em tudo, Maeve.

**Maeve:** Você também.

Eu quero continuar flertando. Mas ainda estou muito cautelosa. E se não gostarmos de namorar tanto quanto gostamos de ser amigos? Não tem botão de *reset*. Eu me debruço sobre isso por um dia, e depois dois.

Mas certamente se eu posso ser amiga de um homem lindo, doce e gentil que de alguma forma se lembrou da minha flor favorita, então ser mais do que amigos não deveria me intimidar.

Finalmente, decido que é hora. Se meu melhor amigo pode atravessar um oceano, posso deixar de lado meus traumas e mágoas. E dar uma chance real a um encontro real.

Na Noite das Estrelas Perdidas eu prendo meu cabelo em um coque e escolho alguns brincos de pingente que roçam meu pescoço. Depois de alguma consideração, escolho um vestido violeta com uma fenda lateral. Eu passo um pouco de batom, me preparando para as emoções que inevitavelmente surgem neste evento a cada ano. Respiro fundo ao ouvir a campainha.

Calço os sapatos de salto e pego a bolsa. Na saída, olho para mim mesma no espelho. Mechas de cabelo emolduram meu rosto, e nem mesmo um cílio está fora do lugar. Estou pronta.

Sam me espera na porta, incrivelmente sexy em um terno ajustado. Ele me vê e assobia.

— Uau — diz ele. — É assim que você deve se vestir o tempo todo.

Eu rio.

— Vale para você também. Não sei se já te vi de terno.

— Vai se acostumando. Se eu tenho que usar isto para você usar aquilo, então, ternos são meu novo guarda-roupa.

Sam já chamou um táxi para nós, e ele para quando chegamos à calçada. Ele abre a porta de trás para mim, e nós entramos.

Ele pigarreia.

— Então, sobre o que é esse evento hoje à noite? O que vamos salvar? Animais? Bebês?

Não respondo de imediato. Respiro primeiro, desejando que não houvesse outra pessoa aqui. Ainda assim, nosso motorista não olhou para trás desde que entramos, então, não devo usá-lo como desculpa.

Hora da honestidade. De ser direta.

— É para apoiar a pesquisa de ELA, na verdade — digo, soando um pouco frágil. — Que... causou a morte do meu pai.

— Ah — seus profundos olhos castanhos se tornam suaves e sinceros. — Maeve, sinto muito. Eu não sabia.

— Está tudo bem — eu digo. — Foi há sete anos. Mas minha mãe e eu costumávamos ir sempre juntas a esse evento. E depois, Dean costumava ir comigo, mas agora...

— Agora estou aqui — diz ele. — E já fiz uma piada sobre isso.

— Não — digo. — Estou feliz por você estar aqui. Honestamente, não sei se já contei a alguém sobre meu pai sem chorar. E agora, olhe. O rímel ainda está firme no lugar.

Eu rio, e Sam ri comigo.

Eu me sinto mais leve sobre isso do que eu esperava.

— Bem, então, vamos arrecadar o máximo de dinheiro que pudermos em homenagem ao seu pai — diz ele quando entramos no evento. — Posso tentar um barco? Eu sempre quis dar lances em um barco.

Balanço a cabeça.

— Meninos e seus brinquedos.

Logo Sam está segurando minha mão e me levando ao *Novotel London West*. Entramos no espaço do evento, passando por pessoas que parecem feitas de dinheiro. Verificamos os itens do leilão, passando por pôsteres de filmes autografados e camisas de futebol e, finalmente, uma guitarra autografada por Ed Sheeran. É branca e brilhante com uma assinatura dourada na frente.

— Minha mãe diz que as músicas dele a lembram do meu pai.

— Então, vamos dar um lance.

Sam olha para o cartão de licitação.

— Mil libras. Eu divido com você. Temos que entrar nisso.

Olho para ele desconfiada.

— Sam, você gosta de Ed Sheeran?

— Não importa — diz ele, totalmente seguro. — Vamos tentar.

— Como vamos dividir uma guitarra ao meio?

— Teremos a guarda conjunta. Metade do tempo na minha casa, metade do tempo na sua.

— Ridículo — eu digo, mas estou rindo, e isso é bom também.

— Isso vai te dar um motivo pra ir me visitar — diz ele em um tom sedutor.

Enquanto hesito um pouco diante da ideia de ir para a casa de Sam, ele está fazendo uma oferta pela guitarra. Somos superados no leilão antes de nos afastarmos dez passos, mas tudo bem, porque estamos nos divertindo.

À medida que a noite se aproxima do fim, Sam e eu chamamos outro carro. Continuamos rindo de tudo e de nada. Paramos no meu apartamento, e não há dúvida – eu nunca terminei esta noite me sentindo tão leve ou tão bem.

Sam fez isso. Sam manteve meu ânimo durante o evento. Sam, que se lembrava dos girassóis. Sam, que é gentil, engraçado e atencioso.

Ele me acompanha até a escada e segura minha mão para beijar meus dedos.

— Nós vamos ter que fazer isso de novo em algum momento — diz ele, seus lábios se distendendo em um sorriso. — Sabe, eu tenho um casamento para ir. Não sei bem se vai se interessar. É do outro lado do Atlântico.

— Não sabe?

Ele ri, e eu decido que é hora de me divertir. De arriscar. Fazer escolhas.

Eu mordo o lábio, olho nos olhos dele e vou em frente.

— Você quer me beijar? Porque eu quero muito te beijar.

— Eu adoraria te beijar.

Ele segura meu rosto, aproxima os lábios dos meus e beija minha boca de leve. Sinto um arrepio. O beijo se torna mais intenso. Eu o beijo de volta com mais urgência, e ele me puxa para mais perto, e logo estamos nos beijando como se não quiséssemos respirar.

Entramos no meu apartamento, tirando os sapatos e nos perdemos um no outro. Vejo de relance a mesa onde os girassóis duraram notavelmente bem em seu vaso, e sorrio, mais certa que nunca de uma decisão na minha vida.

Depois de uma linda cerimônia de casamento, Sam segura minha mão enquanto assistimos Dean e Fitz dançarem pela primeira vez como marido e marido no meio da pista de dança do *Loeb Boathouse*. Quando eles terminam, Sam dá um beijo na minha têmpora, e o calor me invade.

Como eu poderia ter pensado em dizer não a isso?

Eu rio e me inclino para ele. Ele está passando a mão no meu joelho, quando o DJ muda a música para *Thinking Out Loud*.

— Ai, meu Deus — eu digo. — Essa é a guitarra!

— O que? — Sam estranha, e então ele ouve. — Esse é o Ed... Qual é o nome dele? O cara da guitarra que tentamos arrematar?

Eu aceno e rio.

— A guitarra que roubaram de nós.

— É um sinal. — Ele se levanta ao meu lado e estende a mão. — Nós não tivemos a chance de dançar uma música lenta antes — diz com um sorriso. — Que tal consertarmos isso?

Minha mão segura a dele, e vamos para a pista de dança. Eu vejo Dean e Fitz dançando também, e meu coração dá um pulinho.

“*Lembra quando prometemos que não seríamos nós?*” Eu penso. E como se ele pudesse me ouvir, Dean olha na minha direção. Ele sorri e balança a cabeça antes de se voltar para Fitz, parecendo um cara que não consegue acreditar em sua sorte.

Eu rio quando Sam me gira, e quando ele me pega, estamos mais perto do que nunca. Eu olho em seus olhos e os dele mergulham nos meus.

— Então, o que vamos fazer, agora que estamos sem festas e eventos para ir? — Sam pergunta.

Eu finjo pensar sobre isso.

— Hmm, acho que vamos ter que continuar fazendo sexo alucinante o tempo todo.

— Ai, puxa. Não sei se consigo fazer isso dar certo.

— Não?

— Eu teria que tornar isso oficial primeiro. Uma data. E você vai ter que conhecer meus amigos.

Eu rio, e ele me beija. É um arrepio que não passa, se espalha a partir de onde seus lábios tocam os meus. Isso é algo que eu poderia fazer para sempre. E talvez, apenas talvez, eu faça.

# Naquela noite e nos próximos anos

**Também conhecido como, o que  
acontece depois que você muda sua  
vida por amor...**





# Um último epílogo

## Dean

Depois que danço com a mãe do meu marido e todas as irmãs dele, e depois que ele dança com Maeve e Anya e Summer e Bryn, jogo meu paletó nas costas de uma cadeira. Ansioso para roubá-lo por um momento de todos os outros, eu caminho em direção ao terraço com vista para o lago no *Central Park*, lançando um olhar para o homem com quem acabei de me casar.

Eu inclino a cabeça na direção que estou indo, meus olhos dizendo: vem comigo. Porque gostaria de um momento a sós com ele, e eu mal tive isso a noite toda. Com um aceno de cabeça, ele também deixa o paletó em uma cadeira e me segue para fora.

Descansando meus cotovelos no parapeito, olho para as luzes de Nova York enquanto Fitz desliza a mão pelas minhas costas, passando o braço em volta do meu ombro.

— Oi.

— Oi.

É tão simples, só essas palavras de cada um de nós. Nada especial. Mas é como nos cumprimentamos quando somos apenas nós. É a nossa linguagem, é como nos reconectamos.

Olhando ao redor do terraço tranquilo, ele aperta meu ombro.

— Você está querendo uma rapidinha aqui?

Eu reviro os olhos.

— Não. Desculpa se parto seu coração.

Ele franze a testa, estalando os dedos.

— Droga.

Faço um gesto como se o enxotasse.

— Se é assim, pode voltar lá para dentro.

Ele ri, me apertando mais forte.

— Tudo bem, então você só precisava de um momento a sós

comigo para um beijo gostoso. Eu vou me contentar com isso, contanto que admita que não consegue resistir a mim.

Eu coloco um braço em volta de sua cintura.

— Acho que já estabelecemos isso há muito, muito tempo, Fitz.

— Estou feliz por continuar estabelecendo esse fato todos os dias.

— Então, e aquele beijo quente?

— Ah, agora você quer?

— Não quero sempre?

Ele assente, me dá um beijo ardente aqui no pátio com todos os nossos convidados lá dentro.

— Isso é só um aperitivo para mais tarde.

Eu levanto um dedo para esclarecer:

— E não vai ser uma rapidinha.

— De jeito nenhum, gato. Vamos fazer isso durar por toda nossa noite de núpcias.

— Como sempre fazemos — digo sorrindo, e volto a olhar para o horizonte.

Ele também olha para a cidade, respira fundo, suspira, parece ridiculamente contente.

— Senhor Collins.

Ele diz meu nome como se o estivesse saboreando, como se o sentisse na língua.

— Senhor Fitzgerald — respondo.

Ele olha para mim e adota um tom menos brincalhão, mais sério.

— Você parece bem-casado.

Uma sensação quente e turbulenta percorre meu corpo, e não acho que seja do champanhe que bebi esta noite.

— E por que isso?

Ele roça os dedos no meu queixo.

— Porque parece feliz.

— Claro que estou.

— É? — Tem um pouco de nervosismo em sua voz, como naquela noite na boate em Londres, quando dançamos e ele perguntou se eu me importava de dançar em público.

— Por que a pergunta? Tem alguma dúvida de que estou feliz?

Ele beija meu pescoço rapidamente e se afasta.

— Só gosto de ter certeza.

Enlaço seu pescoço e passo as mãos em seu cabelo.

— Eu estou muito, muito feliz.

— E isso faz um bem incrível para sua aparência — diz Fitz.

— Continue colocando isso aí — digo, antes de perceber o duplo sentido. Mas aposto que ele vai perceber isso em três, dois, um...

— Eu vou. Eu prometo. Sempre. — E aproxima a boca da minha orelha. — Além disso, vou continuar colocando em todos os lugares. — E ele empurra a pélvis contra mim.

Dou risada.

— Eu sabia. Eu estava contando na minha cabeça. Porra, eu sabia que você seria incapaz de resistir a isso.

— Como posso resistir quando você torna isso tão fácil? — Ele me abraça, me puxa para perto. Nós dois, nunca fomos bons em manter as mãos longe um do outro. — Falando em fácil...

— Está tentando provocar sensações de novo?

Fitz balança a cabeça.

— Apenas tentando beijar o noivo mais uma vez.

— Vou te ajudar, então.

Seguro seu rosto e puxo a boca contra a minha, beijando-o pela centésima vez hoje. Fecho os olhos e saboreio cada segundo da minha boca na dele. Minha língua deslizando entre seus lábios, a fome em nosso beijo, o jeito que deixa minha cabeça tonta e meu peito quente. Principalmente, como nunca envelhece. É por isso que eu deveria parar. Eu coloco a mão em seu peito, interrompendo gentilmente o contato.

Ele faz beicinho.

— Estou muito triste. Por que parou um beijo de núpcias tão gostoso, gato?

— Porque eu gosto muito. Sempre gostei demais.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

— É uma coisa boa. É uma coisa ótima. — Eu inclino a cabeça para as janelas panorâmicas que oferecem uma visão perfeita a todos os nossos convidados dentro da casa de barcos. — Mas também é uma coisa perigosa, já que suspeito que teremos que voltar lá, e não quero ficar descontroladamente excitado pelo resto da noite.

Ele olha para baixo em direção a sua virilha.

— Tarde demais para mim.

Olho sério para ele.

— Confio em você. Sei que consegue se segurar.

— Você não deveria ter nenhuma confiança nisso. Nunca. Eu sou praticamente uma causa perdida pelo resto da noite. Poderíamos simplesmente ir embora mais cedo...

— Paciência, Fitz. Paciência. As coisas boas vêm para aqueles que esperam.

Ele rosna.

— Agora piorou. Obrigado. Muito obrigado. — E ele encolhe os ombros largos. — Tanto faz. Não me importo. Como se eles não pudessem descobrir que quero te comer — ele diz, mergulhando no kit de ferramentas do sotaque inglês.

— Classe.

— Vamos, Dean. É obvio. Qualquer um que olha para nós fica com inveja.

— É mesmo? — Eu pergunto, amando sua confiança, amando o jeito como ele fala de nós, como ele nos vê, o que temos. O que temos tanta sorte de ter.

— É claro. Temos tudo. Amor e sexo. Sexo e amor. E tudo que vem no pacote. Felicidade. — Fitz segura minha mão. — Já disse quanto estou feliz por você ter se mudado para cá?

Ele me diz isso todos os dias. E todos os dias eu digo a mesma coisa em troca. Digo isso a ele agora também.

— Melhor decisão que já tomei.

Ele toca o queixo.

— Espera. Tecnicamente, a melhor decisão que você já tomou não seria concordar em ter um lance comigo?

Eu olho para o céu escuro, cheio de estrelas.

— Hm. Verdade. Essa também foi boa. Já que, sem isso, você nunca saberia que eu sacudiria seu mundo.

— Exatamente. Então talvez essa tenha sido sua melhor decisão. Acho que a minha foi entrar no seu bar.

— Obviamente — eu digo, e franzo a testa quando meu cérebro se prende em um detalhe que nunca perguntei a ele.

Engraçado, que depois de quase um ano juntos, eu nunca pensei em perguntar a ele por quê.

— A propósito, por que você foi ao meu bar naquela noite? Foi coincidência?

Fitz sorri.

— Você acha que foi o destino, não é?

Eu rio.

— Não acredito em destino.

— Claro que não.

— E por que você diz isso?

— Porque você acredita em fatos e lógica e prós e contras.

— Então, você fez uma lista de prós e contras de vários bares naquela noite?

— Esse é o seu estilo, gato. Você quer saber por que eu estava lá?

— Sim. Eu quero. Por isso estou perguntando. Acho que foi aleatório. Foi isso? Aleatório?

Ele levanta uma sobancelha como um lobo.

— Ou você está pensando que talvez eu estivesse procurando os bartenders mais gostosos de Londres? Encontrei um site? Tipo, uma lista dos dez britânicos mais sexy. E deslizei o dedo pela lista, parei, apontei para aquele que se parecia com Michael B. Jordan e disse: “Droga, espero que ele goste de pinto”?

Eu pressiono a mão sobre sua boca.

— Quietos. Cala a boca. Você não tem mais permissão para falar.

Ele morde minha palma, e quando a removo, ele está rindo.

— Oliver me contou sobre o *The Magpie* — diz ele, ainda rindo.

— Oliver? Sério?

Fitz assente.

— Mas eu nunca o conheci. Ele ouviu falar do bar?

Fitz acaricia sua barba.

— Se não me engano, no verão passado, quando eu disse a ele e a Logan que eu iria à Inglaterra com Emma, ele disse: “Não se esqueça de conferir *The Magpie*. Alguns dos meus amigos por lá estão delirando com esse lugar. É o bar favorito deles”.

Assinto, entendendo tudo.

— E você pensou, naturalmente, “Espero que o barman gostoso de lá goste de pau”?

— Porra, é isso.

Eu rio.

— Mais uma razão para eu te amar. Totalmente implacável.

— Sou totalmente implacável. E admita — ele diz, me cutucando. — Admita que está feliz por eu ter ido lá. Admita que está muito feliz por eu ter ido ao *The Magpie* para conferir o boato sobre o barman gostoso.

Eu me inclino para perto, roçando os lábios em sua orelha.

— Você sabe o quanto eu gosto de você ter aparecido. Tipo... amo. — Eu me afasto, aprecio a paisagem – seus olhos azuis, sua mandíbula esculpida, sua barba aparada e, acima de tudo, seu sorriso. Ele faz algo comigo toda vez que pisca na minha direção.

— E eu deveria agradecer a Oliver pela dica.

— Espera. Quer saber o que mais os caras me disseram quando mencionaram isso?

— Quero.

A expressão de Fitz suaviza, muda para aquele sorriso que é minha ruína.

— Logan disse: “Talvez você conheça alguém com um sotaque igual ao de Oliver, que vai te tirar do sério”.

— Então, realmente, seus dois companheiros estavam certos. Eu definitivamente devo a eles minha gratidão.

Ele cutuca minha cintura.

— O que vai dizer? Obrigado por enviar aquele deus do sexo irresistível para o meu bar?

— Sim. É isso. Precisamente isso. — Eu olho para longe. — Engraçado. Você passou de deus do sexo a bobo apaixonado em, o que, cinco dias em Londres?

— Precisou de tudo isso? — Fitz pergunta. — Achei que fosse menos.

— Se não me engano.

— Então é isso. Eu assumo. — Ele bate no peito. — Sou culpado. Eu posso fazer várias tarefas.

— Você é definitivamente culpado disso. E isso está na sua lista de prós.

— É melhor não manter uma lista dos meus contras.

— Você não gostaria de saber?

Fitz segura meu braço. Seus olhos suplicam.

— Diz que só tem pró na sua lista.

— Quer ouvir a verdade, ou quer só que eu diga o que quer ouvir?

— Ambos.

Seguro a mão dele, dando a segurança que ele às vezes procura. E ele sempre merece.

— Nunca esqueça que também levei só cinco dias para me apaixonar por você. Então, sim, a lista é toda de prós. Você é todo prós. Agora, vamos ser bons meninos e voltar para os nossos convidados.

Ele agarra minha bunda, apertando.

— Isso. E depois, um pouco mais tarde, vou te despir e fazer tudo que quiser com você. Porque estou pegando fogo pelo meu marido.

— Mais um pró. Eu também, idem. — Passo a mão na minha gravata, depois ajeito a dele. — Pronto. Estamos apresentáveis agora.

— Não estaremos mais tarde.

— Eu sei. Confie em mim, eu sei.

Voltamos para dentro, para os convidados. Summer e Oliver estão dividindo uma fatia de bolo. Logan e Bryn estão dançando. Ransom está no bar, com o cotovelo apoiado no balcão. Ele inclina a cabeça para Fitz, que acena de volta para ele. Seu companheiro de equipe então volta a se concentrar em uma bela ruiva, que está rindo e, ao que parece, fazendo-o rir.

— Ele parece bastante interessado em Teagan — sussurro. Fitz olha para o amigo.

— Sim? Como você sabe?

— Ele olha para ela do jeito que você e eu nos olhamos quando nos conhecemos. Talvez na casa de chá. Espera. Isso foi um pouco arriscado. Possivelmente como nos olhamos no *Sticks and Stones*.

Inclinando a cabeça, Fitz os observa como se estivesse coletando dados.

— Ou talvez como estávamos na ponte de Harry Potter. Ou fora da estação de metrô?

Eu sorrio com sarcasmo.

— Bem, se ele olhar para ela do jeito que fizemos do lado de fora da estação de metrô, toda esta casa de barcos vai pegar fogo. Eu sei que eu peguei fogo. Foi quando você me disse o quanto amava me foder.

Ele ri com vontade, passando o braço sobre meus ombros.

— Vamos pensar no passeio de barco, então. Aquilo até que foi casto para nós. Mas eu também estava bem viciado em você. E isso



significa que ele está ferrado, se ela não sentir a mesma coisa.

— Você acha que ele sabe que está pegando fogo pela melhor amiga da Bryn?

Fitz dá de ombros, abaixando a voz mais um pouco.

— Não sei. Mas ele teve seu coração partido um tempo atrás, e no *laser tag* na outra semana, Bryn e eu estávamos dizendo que ela seria boa para ele. Se ele vai descobrir, isso é uma incógnita, mas ela o ganhou no leilão de caridade.

— Aquele de que você nunca mais vai participar?

Fitz levanta a mão, passando o polegar sobre a aliança de platina.

— Hm, sim. Comprometido. Mas isso desperta uma dúvida. Você teria dado um lance por mim? Tipo, digamos que você nunca me conheceu, hipoteticamente. E você foi ao leilão e me viu no palco. No leilão Ganhe um Encontro com um Jogador.

— Você está assumindo que eu estaria no leilão.

— Me acompanha. Finge que estaria. Finge que estou no palco todo quente e sexy. Você teria dado um lance por mim, certo?

Este homem. Ele sempre me faz rir.

— Não. Claro que não.

— Por que não? Eu sou irresistível. Você mesmo disse.

Eu coloco a mão em suas costas.

— Eu vi o jeito como você me encarava. Eu nunca precisaria dar um lance. Você teria pulado do palco para a plateia só para me convidar para sair.

Fitz finge considerar isso.

— Você é bem arrogante, mas tem razão.

Passamos por Teagan e Ransom, e Fitz murmura para ele: Vai fundo.

Ransom aponta para a orelha dele, murmurando de volta, “não ouvi”, então sorri para Teagan mais uma vez, parecendo interessado no que eles estão dizendo.

— Alguns caras não veem o que está na frente deles — diz Fitz.

Isso é definitivamente verdade, não apenas para os caras, mas para todos. Olho para Maeve e Sam, abraçados na pista de dança. Lembro daquele momento no almoço de sushi no ano passado, quando algo parecia estar se formando. Isso foi há meses, mas Maeve precisava desse tempo, precisava desses meses. Vendo-a agora, ela está

pronta para tudo que o amor tem a oferecer.

Talvez essa seja a verdadeira chave para a felicidade. Ver isso. Reconhecer. Ter coragem para isso. Para saber que você merece. Pego a mão do meu marido, entrelaço os dedos nos dele, olho para nossas mãos unidas, depois para seus olhos.

— Eu não sou um desses caras. Eu sei exatamente o que tenho na minha frente.

Seu sorriso me derrete.

— Tudo.

E eu digo a palavra que ele mais gosta de ouvir de mim.

— Sim.

Em breve, nos despedimos de todos os nossos amigos e familiares e seguimos para o hotel, cumprindo todas as nossas promessas da noite de núpcias.

Na manhã seguinte, pegamos um voo para a Europa e vamos para Copenhague, como falamos que faríamos na manhã em que estávamos enrolados nos lençóis de uma cama de hotel em Londres.

A capital da Dinamarca é pitoresca e cosmopolita, com ruas de paralelepípedos e arranha-céus. Passamos nossos dias vagando pela cidade, fazendo passeios de barco e de bicicleta, e conferindo os pontos turísticos, fazendo o que sempre fizemos juntos.

Conversando, rindo, vivendo os melhores momentos.

Uma noite, paramos em um bar e pegamos cervejas para beber do lado de fora, quando vejo um dinamarquês loiro alto e robusto passando. Fitz se aproxima de mim, acenando para o cara.

— Eu disse que os homens eram gostosos.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Você vai mesmo dar em cima de outro homem na nossa lua de mel?

Lambendo os lábios, ele me dá um sorriso lascivo. Ele ri, balança a cabeça.

— Não. Eu não posso nem fingir. Nem mesmo em uma fantasia. Mas você sabe o que eu quero?

— O que você quer?

— Eu quero suas fantasias, Dean. Diga-me o que você faria comigo agora. Se estivéssemos em nosso quarto? Sussurre no meu

ouvido.

Eu corro minha mão sobre a tatuagem em seu braço musculoso.

— Ah, isso eu posso fazer. Eu definitivamente posso te dizer todas as coisas sujas que eu quero fazer com este corpo. Eu gosto muito mais disso. — Eu me aproximo, passando minha língua sobre o lóbulo de sua orelha. — Morder seu pescoço.

— Faz isso agora.

— Com prazer — eu digo, deslizando os lábios para baixo e mordendo de leve.

Ele estremece, depois fecha os olhos.

— O que você faz comigo... — Sua voz desaparece.

— E o que exatamente eu faço com você, Sr. Fitzgerald?

Ele geme quando eu digo seu nome, já que adora sempre que o uso. Toda e qualquer variação dele.

— Você me excita, Dean.

— Boa resposta.

— Você é o único que eu quero.

Aproximo o rosto do dele novamente, esfregando minha barba de um dia em seu pescoço.

— Bom. Porque todas as minhas fantasias são sobre você também.

— Conta outra — diz ele, se ajeitando na cadeira ainda de olhos fechados, a expressão em seu rosto de pura excitação.

— Algumas são bem simples. Agora, eu te levaria de volta para o quarto. Te jogaria na cama. Beijaria sua barriga, morderia suas coxas. Morderia sua bunda. Te lamperia. Não tocaria no seu pau até você implorar.

Ele abre os olhos.

— Você é cruel.

— Isso pode ser verdade, mas você seria recompensado por suportar minha crueldade.

— Como assim?

— Eu colocaria você de quatro, entraria em você. Cobriria seu corpo com o meu. Te comeria. Te satisfaria. Te foderia. E terminaria o que estou começando aqui.

Fitz se senta ereto, piscando, com sexo escrito nos olhos.

— Agora. Faz isso comigo agora.

Ele enfia a mão na carteira, pega algumas coroas e as joga sobre a mesa. Depois segura minha mão, me puxa.

Eu levanto minha cerveja. Está meio cheia.

— Eu não acabei. Você não quer apreciar a paisagem um pouco mais?

— Quero desfrutar da sua paisagem.

Eu levanto um dedo, fazendo-o esperar enquanto tomo outro gole, mesmo que eu queira essa fantasia tanto quanto ele. Deixo a cerveja sobre a mesa enquanto seus olhos me queimam, como se ele estivesse dizendo que vai me punir por fazê-lo esperar mais um segundo para me entregar.

Se sexo quente, duro e faminto com meu marido é um castigo, então serei mau todos os dias.

E no nosso quarto de hotel, somos tão maus que é muito bom aproveitarmos tanto a paisagem, exatamente como eu disse a ele que faríamos.

Mais tarde naquela noite, quando saímos para jantar em um restaurante novo e elegante que Naveen elogiou, Fitz passa um braço em torno da minha cintura quando alguns caras passam por nós, olhando em nossa direção.

— Eles querem o que nós temos — diz, todo confiante, como sempre.

— Sim? O que é isso? Reservas em um restaurante difícil de entrar? Demorei um pouco para conseguir.

Ele para, segura meu rosto e me olha nos olhos. Fica sério.

— Você tem alguma ideia de como é incrível saber que uma pessoa pode ser tudo para você?

Meu coração bate mais forte. Eu combino com o tom dele quando respondo.

— Tenho.

— É incrível que uma pessoa possa ser isso para você. Pode ser seu grande amor.

E o coração bate mais forte, só para ele. Minha voz se suaviza em um sussurro enquanto olho para o homem que amo.

— Eu sei o que você quer dizer. Eu tenho o meu, e é incrível estar com você.

— Comigo também é assim, gato.

Continuamos andando pela rua abraçados. Isso é felicidade, e eu a tenho. Temos isso um no outro.

No verão seguinte, vamos para a Itália. Temos mais a comemorar. Não apenas um aniversário de um ano. Mas uma Copa Stanley.

Fitz ainda está muito empolgado com a vitória. Compreensível. Embora ele tenha dito que sua parte favorita foi quando usei sua camisa para o jogo da decisão.

Não é verdade. Só usei uma camisa do time.

Mas ele tem uma imaginação ativa e finge que eu usei o número dele. Eu o deixei ter essa fantasia. Eu o deixo ter todas as suas fantasias. Já que espelham a maioria das minhas.

No verão seguinte, voltamos para a Inglaterra por algumas semanas, depois para Praga e Amsterdã. É tudo que um dia imaginamos que seria.

E quando voltamos a Nova York, começa a próxima temporada. Ele está ocupado de novo, e eu também. Mas trocamos mensagens e conversamos, e eu falo com ele por vídeo na manhã em que ele faz trinta anos, já que ele está em Toronto para o último jogo de uma longa viagem.

Ele se espreguiça na cama do hotel.

— Estou muito triste por não poder ter um boquete na manhã do meu aniversário.

— Estou arrasado também. Não consigo pensar em um presente melhor para te dar.

Mas, na verdade, tenho outros presentes para ele. Quando ele voltar na noite seguinte, enquanto eu estiver no *The Pub*, ele o encontrará no balcão da cozinha.

Um bilhete diz: Lembra daquela vez que você entrou no meu bar? Você disse que algumas coisas eram difíceis de resistir. Você também disse que me mostraria, se eu dissesse que horas terminava meu expediente. Esta noite eu saio à uma. Eu vou te mostrar o que é difícil de resistir, depois que eu te fizer um martini que vai subir à sua cabeça. Prós de ser casado com um dono de bar.

Mas primeiro, Leo chega ao *The Pub* no início da noite. Nós conversamos por alguns minutos, enquanto ele me conta tudo sobre o que aconteceu quando Lulu apareceu em algum tipo de evento de

chocolate, e ele a ajudou a conseguir um emprego em sua empresa.

— Seja sincero. Está preparado para trabalhar com ela? — pergunto ao meu amigo.

— Ela é uma empreiteira. Não vamos estar nos mesmos escritórios.

— Você se esquivou completamente da pergunta — aponto, já que as coisas são diferentes agora com ela.

Bem, poderiam ser diferentes, já que seu amigo Tripp morreu há alguns anos, logo depois que me tornei amigo de Leo.

— Vai ficar tudo bem. Somos amigos — diz Leo sobre Lulu. — Já passamos por muita coisa, como você sabe. E muitas pessoas que têm história trabalham juntas.

Rindo, bato a palma da mão no balcão.

— Esse é o melhor eufemismo entre todos os eufemismos na disputa pelo Eufemismo do Século.

Leo sorri, encolhendo os ombros.

— Quem não tem história?

— Vocês dois têm tanta história que poderiam escrever um novo livro didático. — Mas então eu paro de brincar. — Escuta, só estou dizendo que, uma dia, você esteve apaixonado por ela. Agora tudo o que precisa fazer é se controlar enquanto trabalha com ela. Deve ser fácil, certo?

— Moleza.

Mas quando Lulu entra e Leo olha para ela como se fosse a resposta para todas as suas orações, tenho a sensação de que ele estará de volta aqui em alguns dias, precisando de uma bebida muito mais forte. E estarei aqui quando ele precisar de mim.

Mais tarde, depois de fechar o bar e limpar tudo, alguém bate na porta.

Minha reação é pavloviana. Minha pele aquece. Meu pau começa a endurecer enquanto ando até a porta.

Olhos azuis, quentes como o pecado, me cumprimentam quando eu abro.

— Acho que você disse que faria um martini para mim — diz Fitz com voz rouca.

— Você quer o tipo que sobe à cabeça?

— Sim, eu quero — diz ele, e seu olhar já está faminto, depois de uma semana viajando.

Em um instante, o ar entre nós fica elétrico. Cintilando com a excitação. Com a promessa de coisas quentes. Três anos depois, ainda está lá. Ainda está pulsando. Ainda é poderoso.

Esta conexão. Essa intimidade. Este desejo. Ele agarra meu rosto e devora meus lábios. Nós nos beijamos avidamente por alguns minutos, e eu interrompo o beijo e o puxo para o balcão, longe da porta e dos olhos de qualquer pessoa na rua depois da meia-noite.

— Senta. Toma sua bebida.

— Algum dia — diz ele, repetindo as palavras que nós dois dissemos na boate na noite em que eu disse que faria isso por ele.

Nosso desejo de ter todos os nossos alguns dias juntos.

— Você tem todos os seus dias, Fitz. — Sirvo o martini.

Fitz bebe com vontade, enquanto Sam Smith canta no alto-falante.

— Eu quero todos os meus dias — diz ele, a voz tomada pelo desejo quando me entrega o coquetel.

Eu encontro o ponto no copo onde seus lábios estavam e bebo de lá, olhando em seus olhos o tempo todo, enquanto uma pulsação parece crescer entre nós.

Ele geme sua apreciação.

— Já está funcionando.

— É mesmo?

Seus olhos não me deixam. Eles ficam em mim, cheios de calor.

— Você me sobe à cabeça, Dean.

Meu marido se levanta, vai para trás do balcão e agarra o cós do meu jeans. Ele me puxa para ele, nossos corpos se encontram.

— Essa bebida me faz querer você. Ou talvez tenha sido uma semana na estrada. Sete noites solitárias.

— Você sentiu falta do meu pau.

— Muita falta do seu pau. Do seu rosto. Senti falta do seu sarcasmo. — E segura meu queixo. — Deixa eu te foder aqui.

Eu balanço a cabeça.

— Não. Não vamos trepar atrás do balcão. Não posso servir um cliente sabendo que fodemos aqui.

— Eu quero, gato. E se eu pagar com tarefas, como você e Maeve faziam?

Eu rio.

— Espera um segundo. Tem tarefas em jogo? Isso pode mudar tudo.

Seus olhos brilham com malícia.

— Vamos começar um novo jogo. Para cada sacanagem que me deixar fazer com você aqui em seu bar, eu pago uma tarefa. — Ele aproxima a boca do meu ouvido, lambendo e mordendo, me deixando louco. — E você sabe o que vai me fazer higienizar as câmaras frias.

Um gemido escapa do meu peito quando imagino.

— Eu gosto quando você faz sua mágica nesse departamento. Você tem uma língua perversa.

Fitz lambe o lóbulo da minha orelha.

— Você ama todas as coisas que eu faço com a língua.

Minha temperatura sobe cem graus.

— Eu amo todos os seus truques secretos e sujos.

Por alguns segundos, demoro nas imagens, em todas as maneiras que ele me tira da cabeça com prazer. Mas também sinto muito prazer em me divertir com ele, provocá-lo. Afasto-me um pouco para poder inclinar a cabeça para a sala de jogos.

— Mas preciso de alguém para pintar a sala de jogos.

Suas mãos agarram meus quadris agora, e ele me puxa contra ele para que eu possa sentir toda a extensão de sua ereção.

— Deixa eu te foder aqui, e eu pinto no fim de semana.

Mesmo que eu esteja tentado, eu rio.

— Hm. Você parece duro, talvez eu leve vantagem nessa negociação. Que tal um boquete pela pintura?

— Trocas. Eu vou fazer isso.

— Você deve estar com muito tesão, Fitz.

— Tão excitado que você não pode acreditar.

— Por que não me mostra? Então posso decidir se acredito. Fique à vontade para ir para o chão e chupar meu pau. — Eu aponto para baixo. Onde eu o quero.

— Espera. Eu pensei que ia ser chupado.

Eu adoto uma expressão surpresa.

— Ah, você não gosta de me chupar?

— Eu amo. Eu vou te mostrar quanto. Com prazer.

E sorte minha. Na noite do seu aniversário – tudo bem, é um dia



depois, mas estamos comemorando esta noite – meu marido se ajoelha, abre meu jeans e me põe na sua boca faminta.

Meu corpo queima no segundo em que ele faz contato, e eu resmungo um sim.

Passo a mão por sua barba, amando a sensação dela em minhas coxas enquanto ele me chupa com força, como um homem faminto, enquanto encho sua boca.

Faíscas percorrem minha pele, me deixando quente, me deixando louco. Seus olhos brilham, enquanto ele geme no meu pau. Me leva mais fundo, me chupa com tanta vontade que é como se houvesse eletricidade correndo em meu corpo.

— Isso. Vai — eu digo, gemendo enquanto sua língua desenha espirais ao longo do meu comprimento.

Seguro sua cabeça, os dedos passeando por seu cabelo, gemidos escapando dos meus lábios. Balanço em sua boca enquanto o prazer se intensifica, explode, jorra em sua garganta.

Ele se levanta e beija minha boca. Nossos lábios se encontram, e nós nos beijamos, sedentos e quentes. Quando ele se afasta, inspira com força, seus olhos ainda brilhando com desejo.

— Eu amo fazer isso com você. Todas às vezes.

— É recíproco. — Eu deslizo a mão por sua camisa, até o cós da calça jeans, sobre sua ereção. — E agora é minha vez.

— Feliz aniversário para mim — ele murmura quando enfio a mão em sua cueca, o desejo queimando em minha pele quando o acaricio.

— Aqui está outro presente, aniversariante — eu digo ao me ajoelhar, tomando-o na minha boca.

— Este é o meu presente favorito — ele diz, olhando para mim enquanto o chupo profundamente, falando coisas picantes a cada lambida.

Palavras que só atijam meu desejo, pois mostro a ele quanto todos esses sentimentos são mútuos.

E como é o aniversário dele, não paramos por aí.

Sempre nos destacamos em fazer durar. Uma hora depois, em casa, estamos prontos para outra rodada.

— Sexo de aniversário é o melhor — diz Fitz quando caímos na cama. — Vamos fazer sexo de aniversário todos os dias.

Deslizo as mãos pelo seu corpo nu e digo:

— Pode ter certeza disso. Mas já que estamos contando pontos

para este novo jogo do bar, saiba que, se quiser me foder como outro presente de aniversário, também vai ter que esfregar o chão no fim de semana Além do trabalho de pintura.

— Vale a pena. Assim vale a pena.

E sim, vale muito a pena.

Alguns dias depois, dou a ele outro presente quando trago sua família para o fim de semana, surpreendendo-o.

A cara de Fitz quando ele vê todas as pessoas que ama também vale a pena. Ser capaz de fazer isso por ele vale cada decisão que tomei nos últimos anos.

Ele vale tudo para mim.

Especialmente quando ele ajuda a pintar o bar.

Não como pagamento. Só porque é quem ele é. Porque ele gosta de ajudar.

Quando terminamos, ele se vira para mim, me dá aquele sorriso que me derrete.

— Oi.

— Oi. — Eu gesticulo para as novas cores na parede. — Eu te amo. É isso.

— Eu também te amo. Sempre.

— Sempre — repito.

Eu sou muito sortudo por ter isso. Amor e sexo e felicidade e apoio. E família. Acima de tudo, isso. Tudo na mesma pessoa.

Este homem. Essa vida. Este grande e maravilhoso e apaixonado amor. É meu e é dele e é nosso.

**FIM**



**Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:**

**tiktok:** <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>

**facebook:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

**instagram:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>

**twitter:** <https://twitter.com/AllBookEditora>

**Após a leitura, não deixe de avaliá-la.**

**E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.**